

RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR
(ORGANIZADORA)

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA CONSTRUÇÃO DA VELHICE

A representação social na construção da velhice

Raimunda Silva D'Alencar (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

D'ALENCAR, R. S., ed. *A representação social na construção da velhice* [online]. Ilhéus, BA: EDITUS. 2017. ISBN: 978-85-7455-486-0. <https://doi.org/10.7476/9788574554860>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
WALTER PINHEIRO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Evandro Sena Freire
Luciana Sedano de Souza
Eduardo Lopes Piris
Lessí Inês Farias Pinheiro
Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti
Jorge Henrique de Oliveira Sales
Guilhardes de Jesus Júnior
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
Josefa Sônia Pereira da Fonseca
Ricardo Matos Santana
Maria Luiza Silva Santos
Lurdes Bertol Rocha

A representação social na construção da velhice

RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR
(Organizadora)

Ilhéus - Bahia



2017

©2017 by Raimunda SILVA D'ALENCAR

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14
de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Álvaro Coelho

REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R425

A representação social na construção da velhice [livro eletrônico]/ Raimunda Silva d'Alencar (org.) – Ilhéus, BA: Editus, 2017.

1.828 Kb; ePUB.: il.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-7455-486-0

1. Velhice – Aspectos sociais. 2. Interação social na velhice.
3. Idosos – Condições sociais. 4. Idosos – Educação. 5.
Velhice – Pesquisa. I. Título.

CDD 305.26

EDITUS EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 45662-900 Ilhéus, Bahia, Brasil

Tel.: (73) 3680-5028

www.uesc.br/editora

editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Table of Contents / Sumário / Tabla de Contenido

[Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais](#)

[Apresentação](#)

[Semânticas do envelhecimento - modos de envelhecer nos anos](#)

[Representações sociais de idosos sobre a adaptação em uma Instituição de Longa Permanência](#)

[Imagens de si, imagens do outro: construção de identidades e alteridade entre idosas](#)

[Ancoragem das representações sociais: o lugar do velho na percepção de estudantes de enfermagem](#)

[Representação social da pessoa idosa: percepções de jovens-adultos do estado de Goiás](#)

[Representação Social e Terceira Idade: aspectos e \(novas\) perspectivas](#)

[Idosas no contexto da vida cotidiana: como percebem o corpo](#)

[Representações da velhice no olhar dos jovens](#)

[Múltiplos olhares sobre a velhice: representações sociais a partir da percepção de crianças, adultos e idosos](#)

[Relações estabelecidas entre idosos e familiares em estado de coresidência](#)

[Representações sociais da intergeracionalidade no Boi Brilho do SESC de São Luís/MA](#)

[A representação socioeducativa da velhice Precavida](#)

[Sobre os autores](#)

Apresentação

Raimunda Silva d' Alencar

A realidade do crescimento da população idosa, retratada em diferentes projeções demográficas, é inquestionável e vista como resultado de diversos aspectos, desde os avanços sócio sanitários ao desenvolvimento científico.

O investimento nas áreas geronto-geriátricas não só tem potencializado um elevado crescimento da velhice nas últimas décadas, com alterações significativas nos modelos de velhice e modos de envelhecer, como tem colaborado com a formação e visibilidade de inúmeros profissionais, como educadores físicos, fisioterapeutas, engenheiros civis, geriatras, pedagogos, arquitetos, odontólogos, ortopedistas, nutricionistas, assistentes sociais, planejadores, administradores, juristas, psicólogos, neurologistas e outros, preocupados em disponibilizar conhecimentos cada vez mais aprofundados e mecanismos que colaborem, efetivamente, com o envelhecimento, priorizando a manutenção da capacidade funcional e cognitiva.

Parte desse conhecimento geronto-geriátrico já construído e em construção tem ampliado as instâncias de intervenção e de investigação qualitativa em torno do processo de envelhecimento e da velhice propriamente.

Apesar do já inquestionável investimento, ainda é comum a percepção da maior longevidade vinculada a aspectos negativos, tratada como uma realidade homogênea, como se os velhos fossem todos iguais, o que faz com que a compreensão dos problemas enfrentados por eles também sejam vistos, no geral, de forma homogênea.

As transformações próprias do envelhecimento, apesar de importantes mudanças de perspectivas, geram repúdio e inquietação, mas, ao mesmo tempo, geram resignação nas pessoas que 'alcançam' a velhice, porque passam a considerar que já não são vistos com a mesma energia e capacidade para fazer coisas,

participar de concursos públicos, assumir cargos, enfrentam dificuldades com a assistência à saúde, entre outros aspectos geralmente interpretados de forma negativa. Além disso, nem sempre os idosos são levados em conta quando se trata de tomar decisões, inclusive de assuntos que lhes dizem respeito diretamente. Além do descrédito à sua fala, suas atitudes e comportamentos podem passar por censuras inusitadas.

As demandas que a velhice traz, associadas àquelas próprias da sociedade onde essa velhice se desenvolve, crescem na mesma proporção do aumento da longevidade e são, de alguma forma, amparadas por políticas públicas já de amplo conhecimento popular, a exemplo do Estatuto do Idoso. Envolvem condições de protagonismo, amparo e dignidade, que devem ser garantidas aos idosos, independentemente da cor, do gênero ou outra condição. Apesar de envolver protagonismo, a velhice ainda é atravessada por importantes dilemas, entre os quais o caráter não universal a tal protagonismo.

Diariamente confrontados com uma grande massa de informações, as novas questões e os eventos que surgem para enfrentamento por esse segmento exigem uma busca permanente por sua compreensão, aproximando-o daquilo que já conhecem, não apenas através da linguagem que faz parte de seu repertório, mas com o acréscimo de novas linguagens, ainda não plenamente acessíveis a todo esse segmento, além da inserção de novas questões, a exemplo de novos papéis no ambiente familiar, crescimento de doenças antes atribuídas aos jovens, como a AIDS, e usuários de crack, conforme apontado por Trench e Rosa (2011)¹. Nas conversações diárias, em casa, no trabalho, com os amigos, os idosos são instados a se manifestar sobre eles, não só procurando explicações, mas fazendo julgamentos e tomando posições.

Essas interações sociais potencializam situações de consenso no âmbito das quais a população, de um modo geral, e os idosos, em particular, constroem ou se apropriam de representações que passam a fazer parte do seu universo, não mais como simples opiniões, mas como 'verdades' do senso comum; essas construções visam dar conta da complexa realidade em que vivem. Sendo de livre escolha, as interações sociais e as situações de consenso não

apenas facilitam a comunicação, mas orientam atitudes e condutas desses idosos, ajudando a forjar a identidade de grupo e o sentimento de pertencimento ao grupo escolhido.

As representações construídas traduzem seus sistemas de conhecimento, mas também de valores, ideias e práticas que não só orientam os idosos para a convivência no ambiente em que vivem, onde nem sempre recebem o respeito que merecem, como possibilitam a comunicação e troca entre pessoas com as quais convivem, direta ou indiretamente.

Os artigos aqui apresentados tratam de modos de interpretar a realidade cotidiana e de como a sociedade e, particularmente, idosos, crianças e jovens apropriam-se dela, conforme sugerem os conteúdos aqui analisados. O primeiro deles, intitulado [Semânticas do envelhecimento - modos de envelhecer nos anos 70](#), as autoras Monique Borba Cerqueira e Aline Ângela Victoria Ribeiro analisam mudanças na trajetória do envelhecimento no Brasil a partir de matérias publicadas na Revista Veja nos anos 70 e o desdobramento desse período sobre o envelhecimento na atualidade.

Silvia Virginia Coutinho Areosa, Cristiane Redin Freitas e Juliana Eisenhardt analisam, no texto [Representações sociais de idosos sobre a adaptação em uma Instituição de Longa Permanência](#), os motivos do ingresso na instituição e como se dá o processo de adaptação, dificuldades enfrentadas e facilidades disponibilizadas pela mesma, para uma mais adequada permanência, considerando que nem todos os idosos chegam a esses espaços por livre escolha.

Benedita Edina da Silva Lima Cabral e Kátia Ramos Silva apresentam [Imagens de si, imagens do outro: construção de identidades e alteridade entre idosas](#), texto em que discutem como se dá o encontro e/ou embate entre as diferentes velhices, identificando fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice institucionalizada/doente/pobre para perceber como os membros de cada grupo social se reconhecem no outro.

[Ancoragem das representações sociais: o lugar do velho na percepção de estudantes de enfermagem](#) é o artigo apresentado pelas pesquisadoras Raimunda Silva d'Alencar, Andréa Evangelista

Lavinsky, Talita Machado Levi e Ariadne Nascimento Santos com o propósito de compreender como jovens acadêmicos de enfermagem constroem e expressam as representações em torno da velhice e o lugar ocupado por esse segmento em diferentes instâncias como universidade, família, trabalho.

O artigo [Representação social da pessoa idosa: percepções de jovens-adultos do estado de Goiás](#) foi apresentado pelas pesquisadoras *Ivone Félix de Sousa, Marli Bueno de Castro, Wanny Carolie Teixeira Nunes e Larissa Cole*, cujo propósito foi medir prevalências das representações sociais positivas e negativas em relação à pessoa idosa.

Amanda Dias Vieira e Wagner Augusto Hundertmarck Pompéo exploram aspectos da representação social dos idosos em período pretérito e atual, apontando perspectivas de futuro no artigo [Representação Social e Terceira Idade: aspectos e \(novas\) perspectivas](#).

[Idosas no contexto da vida cotidiana: como percebem o corpo](#), apresentado por Raimunda Silva d' Alencar, buscou compreender as representações que as idosas constroem sobre seus próprios corpos, os componentes afetivos e cognitivos ligados à compreensão e percepção do corpo, sobre um corpo ideal, e como os significados que constroem afetam as práticas cotidianas de autocuidado.

Vania Herédia e Josiane Bonvolini disponibilizaram o trabalho [Representações da velhice no olhar dos jovens](#), objetivando apresentar as diversas percepções que os jovens têm sobre o envelhecimento humano, construindo elementos para a discussão sobre o tema, levando em consideração que a caminhada existencial pode ser planejada pelos jovens enquanto jovens.

Rita de Cássia da Silva Oliveira, Paola Andressa Scortegagna e Flávia Oliveira Alves da Silva apresentam o artigo [Múltiplos olhares sobre a velhice: representações sociais a partir da percepção de crianças, adultos e idosos](#), objetivando refletir sobre diferentes representações sociais da velhice a partir da perspectiva de crianças, adultos e idosos.

Talita Santos Oliveira Sampaio, Lucas Silveira Sampaio, Claudia Ribeiro Santos Lopes, Hernane Borges de Barros Pereira e Alba

Benemérita Alves Vilela apresentaram o artigo [Relações estabelecidas entre idosos e familiares em estado de coresidência](#) onde discutiram as significações decorrentes das relações estabelecidas entre idosos cadastrados na área de abrangência de duas Unidades de Saúde (USF) e respectivos familiares coresidentes.

[Representações sociais da intergeracionalidade no boi brilho do SESC de São Luís/MA](#), apresentado por Conceição de Maria Goulart Braga Cuba, aponta o significado da presença das mulheres com 60 anos e mais no Boi Brilho do SESC em São Luís, interagindo com crianças de seis até doze anos incompletos e adolescentes de doze a dezoito anos de idade, revelando novas possibilidades de envelhecer e uma identidade alternativa da velhice.

[A representação socioeducativa da velhice Precavida](#) é o trabalho apresentado pelo Prof. Miguel Arturo Chamorro Vergara propondo a construção de um espaço de sociabilidades, que está chamando Precavida, para que idosos se encontrem e, a partir de vivências conjuntas, ressignifiquem o próprio processo de envelhecimento, buscando alternativas capazes de superar os estereótipos com que ainda são tratados.

O livro *A Representação Social na Construção da Velhice*, ao tratar de diferentes questões a respeito do envelhecimento e da velhice, retirando-lhes a homogeneidade com que ainda são encarados esses processos, dada a sua pluralidade, complexidade e ambiguidade, insere questões que ampliam a discussão a respeito dos lugares socialmente estereotipados que parte da sociedade ainda atribui a uma importante parcela desse segmento.

A partir das representações sociais construídas por crianças, jovens e o próprio idoso, sobre educação, corpo, trabalho, família, coresidência, cultura, identidade, alteridade e as possibilidades de desconstruir a associação linear da velhice com doenças, perdas, fragilidade, o livro acrescenta e estimula o leitor a investigações mais aprofundadas sobre esses temas.

Devo registrar aqui o meu mais sincero agradecimento aos colaboradores desta publicação, por compartilharem suas ideias, e aproveitar para realçar o orgulho de reunir profissionais de elevada

qualificação técnica, pesquisadores envolvidos ativamente na produção de conhecimento em torno de questões da velhice e envelhecimento.

Reitero agradecimentos a todos os autores e potenciais leitores deste livro.

Ilhéus, Bahia, 2017

Artigos

Semânticas do envelhecimento – modos de envelhecer nos anos 70

Monique Borba Cerqueira, Aline Ângela Victoria Ribeiro

Introdução

Este trabalho tematiza mudanças na paisagem do envelhecimento no Brasil, ao longo dos anos 70, a partir do novo contexto social e institucional inscrito na produção de hábitos e valores que transformaram todo um grupo de idade, instaurando novos padrões normativos na rotina dos mais velhos.

Trata-se de analisar notícias no intervalo de tempo de dez anos, fazendo um paralelo entre a trajetória de matérias publicadas nas páginas da Revista Veja e o seu desdobramento futuro, expresso na produção de conhecimento sobre o envelhecimento nos dias atuais. Todas as edições da Veja que tematizaram o envelhecimento no período repercutiram socialmente e remeteram a problematizações, novas perspectivas e visibilidades sobre a velhice e o processo de envelhecer.

Examinar o momento de transição em que os mais velhos ensaiam sua emergência como sujeitos sociais em um cenário de longo assujeitamento na vida nacional, significa verificar as principais mudanças, consequências e agentes sociais envolvidos nesse processo. Importa saber qual o significado das transformações simbólicas sofridas pelos grupos longevos registradas numa mídia escrita de grande apelo popular.

A ideia de representação social aparece aqui não apenas explicitando o real como fato evidenciado na cultura, mas no caso de um veículo de comunicação, como geradora de opiniões, conhecimento e convencimento social.

Com efeito, nas últimas décadas, a noção de representação social toma novo fôlego a partir da necessidade de explicar a crescente importância da dimensão cultural nos fenômenos sociais de toda ordem (JUNQUEIRA, 2005, p. 145).

Nessa direção, nosso interesse é compreender a dinâmica das representações sociais no sentido de “avaliar a realidade social a partir da cultura, suas surpresas e engrenagens” (JUNQUEIRA, 2005, p.146). Uma visão analítica das experiências e trajetórias do envelhecimento contemporâneo é o que propomos fazer como contraponto aos temas publicados pela Revista Veja, estabelecendo uma estratégia prospectiva quanto aos problemas do envelhecer.

Não há dúvida de que a imparcialidade da mídia é um mito desprovido de qualquer sentido nos dias atuais. O debate público sobre temas de extrema importância para a sociedade tem sido objeto de viés jornalístico na abordagem de diferentes temas, obstruindo interesses coletivos e individuais.

Segundo a PubliAbril, as plataformas da Veja têm o alcance de cerca de 20 milhões de pessoas¹. Criada em 1968, Veja é a revista semanal de maior circulação nacional, com uma tiragem superior a um milhão de cópias e uma linha editorial muitas vezes polêmica. Um dos slogans da revista, “Os olhos do Brasil”, reflete a pretensão de expressar o conjunto dos problemas da sociedade brasileira.

Ao examinarmos a mídia impressa produzida pela revista, interrogamos sobre o trânsito, a periodicidade e o conteúdo das matérias sobre envelhecimento no contexto social da década de 70. No entanto, é importante ressaltar que a trajetória temática de notícias sobre o envelhecimento no Brasil nas últimas décadas, sua seleção, repetições e ausências, bem como a manifestação de juízos e impressões difusas e contraditórias geradas no público são um fenômeno que perpassa toda a grande mídia e que será objeto de nossa atenção. Ainda assim, a dimensão discursiva é valiosa, uma vez que disponibiliza ao pesquisador a arquitetura social que

dá a ver a construção de imagens, identidades e inserções sociais dos nossos maiores protagonistas – mulheres e homens idosos.

2 Envelhecer na década de 70²

Na década de 70 tem início a resignificação do discurso sobre o envelhecimento que vai conferir virtude e otimismo a todo o universo do envelhecer – medicina, ciência, indústria estética, produção acadêmica, políticas públicas e muito mais. A velhice, transmutada em terceira idade, que até então se confundia com um período sombrio, associado à debilidade física e ao fim da vida, passou a representar conforto, sociabilidade e autonomia para os idosos, a partir dos anos 70.

Nesse período, o envelhecimento passa a ser representado pela questão dos direitos, da dignidade, expectativas promissoras de felicidade e inserção social, baseadas no surgimento de atividades lúdicas, recreativas e no desenho de novos valores compartilhados pelos idosos. Tudo isso ocorreu paralelamente à inscrição de demandas que ganharam visibilidade e legitimação na arena política. Nesse contexto, a Gerontologia emerge com robustez, prenunciando o enorme apetite segundo o qual o setor saúde e, mais especificamente, a medicina, estabelecerá sobre a velhice e os processos de envelhecimento.

Esse momento de fundação de uma nova ótica sobre a velhice vai apresentar uma interseção com o passado, onde se explicitará situações de extremo conservadorismo e preconceito, emprestando negatividade aos idosos. Só posteriormente, com a consolidação da terceira idade, é possível outorgar, aos poucos, positividade ao envelhecer.

Na edição 185 da Revista Veja, do ano de 1972, a seção “comportamento” traz algumas “pérolas” na redação de uma matéria intitulada “Um mês de verão só para velhos”. No texto pode-se perceber que a narrativa sobre o envelhecimento não registra nenhuma preocupação com uma linguagem politicamente correta em relação à velhice, antes aponta o predomínio de um discurso pejorativo em relação aos mais velhos, típico do período.

Em março, nos últimos dias da temporada, **veranistas que vivem seus últimos verões** tomam conta de Guarapari, a 50 km de Vitória, ES. E a fisionomia da cidade, agitada nos três meses anteriores, se modifica. Em lugar dos rapazes sobre motos e outras máquinas envenenadas, passeiam pacatos velhinhos e velhinhas de bengalas envernizadas. [...] E até as praias mudam de nome. A das Pelotas, quase sem ondas, anunciada no guia turístico como um “cantinho delicioso de mar”, passa a se chamar “**Bidê das Velhas**”. [...] Nenhuma delas, porém, tem o encanto e a variedade de apelidos da praia da Areia Preta, de areia monazídica, reconhecida como efficientíssima no tratamento de artrites, reumatismos e outras **doenças de “velho”**. Repleta principalmente entre 5 e 11 da manhã, horas de sol mais fraco, ela exhibe uma população alegre, apesar das juntas doloridas, e confiante, apesar da idade média estar sempre acima dos cinquenta anos. Seus apelidos são aceitos com bom humor por seus frequentadores de março: Pelanca Beach Show, **praia das Pelancas**, praia dos Coroas (VEJA, 1972, p. 47, grifos nossos).

O trecho citado faz uma referência ultrajante aos velhos, objeto de chacota pública. Fica evidente que, em 1972, era natural que um veículo de comunicação nacional desrespeitasse um segmento da população cujo rebaixamento moral era recebido de forma pacata e recolhida, sem qualquer reação. Tais práticas, no sentido de subestimar os mais velhos, expressam o desrespeito em relação a todos os aspectos do ser — do plano emocional, ao intelectual e material. O pano de fundo desse tipo de abordagem ao velho vai do ato irracional à repulsão, passando pelo questionamento da noção de corpo contemporâneo que nega o tempo e a natureza biológica, não admitindo perdas, fraquezas, mas apostando no reconhecimento do belo e nos padrões de juventude. O poder desse tipo de preconceito dirigido a um grupo etário vulnerável que ocupava um lugar de completa invisibilidade social vem se perpetuando de várias maneiras até os dias de hoje.

O advento do Estatuto do Idoso e o fortalecimento da institucionalidade e da lei tiveram um caráter fundamental e protetivo. Foi o momento em que o estigma e a discriminação sofridos pelos velhos começou a recuar. Mas mesmo que os mais velhos tenham passado a ser respeitados legalmente e socialmente, não se liquida o preconceito que circula pelos poros da cultura. Basta observarmos que a ciência é obsessiva em não aceitar a

velhice, ao tentar manipular os seus genes, prolongar a vida indefinidamente e juvenizar os corpos a qualquer custo (COUTO, 2009, p. 45).

No limiar de um novo processo de envelhecimento, a construção social do sujeito que envelhece vai favorecer a construção de uma outra identidade, condição fundamental para permitir uma nova experiência, visibilidade e conexão com o mundo.

Os estereótipos do abandono e da solidão, que caracterizam a experiência de envelhecimento, são substituídos pela imagem dos idosos como seres ativos, capazes de oferecer respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais que redefinem essa experiência (DEBERT, 1997, p. 8).

À medida que uma nova narrativa sobre a velhice começa a se impor e novas práticas são acionadas, outro repertório de problemas se estabelece.

A terceira idade emerge e se enlaça às demandas por acolhimento. Um mundo sensível e afetos distintos são encampados por um universo de novas sociabilidades. Aquele que envelhece passa a se produzir como sujeito social que vê repercutir as práticas deflagradas pelas políticas públicas. Cria-se o idoso saudável, o idoso ativo e, finalmente, o idoso consciente dos seus direitos, mas cuja autonomia e liberdade ainda são um alvo distante.

No dia 17 de novembro de 1976, a Revista Veja publica uma matéria de três páginas, “Vivendo a terceira idade”:

Desde o dia 3, todas as pessoas com mais de 60 anos, residentes na cidade de Maringá, no norte do Paraná, têm entrada franca em sessões de cinema, jogos de futebol, circos, parques e canchas de bocha. A decisão partiu do prefeito Sílvio Barros e não tem, segundo ele garante, objetivos eleitorais. Sua adesão à causa dos idosos remontaria a um seminário de gerontologia realizado há alguns meses em São Paulo, do qual Barros participou (VEJA, 1976b, p. 93).

Os primeiros sinais da chegada da terceira idade são registrados e divulgados pela Revista Veja, deixando antever a emergência dos valores de liberdade, dignidade e autonomia revisitados, segundo a lógica dos grupos que vão compartilhar e potencializar novas performances e valores etários a partir de então.

Em Recife, uma das integrantes do Programa de Assistência aos Idosos escreveu o trecho do seguinte depoimento:

Aqueles que vivem marginalizados pela sociedade, aqueles que se constituem num peso para a família, podem ainda encontrar seu ponto de apoio moral, espiritual e voltar a se sentirem úteis, valorizados, gente (VEJA, 1976b, p. 96).

Observa-se que, nesse momento, a ideia da existência de uma terceira idade, entendida como fase da vida propícia a redescobertas para o idoso, já constitui um descolamento da percepção de perdas, incapacidades e declínio presentes na topografia de infelicidade prevista na velhice. Assim, uma onda de positividade e esperança ganha espaço no território de cerceamento existente nas poderosas entrelinhas da velhice.

Na matéria “Para maior de 59” (VEJA, 1976a, p. 61), descreve-se assim o clima da nascente terceira idade.

Durante os encontros, num clima frequentemente brincalhão de mútuas provocações, os anciãos dedicam-se a vários campos, que vão desde o artesanato, trabalhos manuais, edição de um jornal — Impacto —, jogos, até o planejamento de excursões e discussão sobre a programação do próprio lazer (VEJA, 1976a, p. 61).

A mudança de status de um grupo etário quantitativamente crescente e cada vez mais expressivo evidencia uma terceira idade promotora de uma fase da vida reservada à satisfação pessoal, ainda que mais tarde essa equação se desdobre com problemas de difícil solução³. Veja acompanha esse momento de implantação de novos padrões que não se instauraram sem conflitos, traumas e novas demandas políticas e sociais, mas representaram a tentativa de desvincular rígidos moldes familiares, afirmando a capacidade intelectual e a autonomia como valores da terceira idade. “Os idosos estão reivindicando uma nova colocação social: o direito de serem eles mesmos” (VEJA, 1976b, p. 93).

3 Sexualidade e envelhecimento: “não se deixa de amar”

A partir dos anos setenta, se evidencia um movimento de inclusão da temática da sexualidade de homens e mulheres idosos nos campos da saúde e, mais discretamente, na mídia. Ressalta-se que a sociedade, de modo geral, ainda “percebe os velhos, particularmente as mulheres, como seres assexuados” (MOTTA, 1998, p. 15). Assim, nota-se a permanência de diversos estereótipos em relação à velhice; entre eles, concebe-se a velhice associada à solidão, na qual idosos e idosas não possuem vida sexual nem podem expressar a sua sexualidade. Segundo Debert e Brigeiro (2012), tal discurso sobre a assexualidade dos velhos também fez parte, durante algum tempo, do repertório de alguns especialistas, enquanto outros buscaram “demonstrar que o curso da vida sexual não se extingue ao longo dos anos” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 39).

Assim, nota-se a existência de discursos em dois âmbitos: um que relega a velhice à assexualidade e outro que busca demonstrar que envelhecer não significa deixar de exercer a sexualidade. De acordo com Motta (1998), no entanto, “caberia pensar em que medida essa “descoberta da sexualidade” dos velhos não implica a constituição de uma “rede de poder sobre a velhice”” (MOTTA, 1998, p. 26), uma vez que o sexo pode passar a ser mais uma forma de assujeitamento e controle sobre os mais velhos, sendo incluído como mais um elemento da promoção da saúde na terceira idade e na construção da imagem de uma velhice ativa e bem-sucedida. Dessa forma, “uma velhice sexualmente ativa vem se estabelecendo como um ideal defendido por gerontólogos e outros especialistas afins ao tema” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 38).

Assim, observa-se o surgimento desse discurso médico que sustenta a continuidade da prática sexual também na fase da velhice. Em uma reportagem da Revista Veja referente a uma pesquisa realizada nos Estados Unidos sobre a sexualidade na vida adulta, uma psicóloga afirma que “não há razão para que homens e

mulheres não possam ter vidas sexuais felizes até muito depois dos oitenta anos, desde que sejam razoavelmente sadios e tenham um parceiro interessado e interessante” (VEJA, 1970, p. 63). O discurso gerontológico afirma que “a sexualidade não se esgota na velhice, mas, pelo contrário, é nesse momento que ela poderia ser vivida em sua plenitude e experimentada de maneira igualitária entre os parceiros” (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 49).

O sexo é posto como um meio, uma oportunidade para “transformar a triste e passiva espera do fim numa conquista saudável e construtiva” (VEJA, 1971, p. 64). Evidencia-se assim o que Debert e Brigeiro (2012) denominam de “processo de erotização da velhice”:

O discurso dos especialistas inclui a sexualidade como um dos pilares do “envelhecimento ativo”, modelo de gestão do envelhecimento mais generalizado no mundo contemporâneo. Além de argumentarem sobre a possibilidade de se praticar o sexo até o fim da vida, gerontólogos e sexólogos descrevem-no como uma atividade benéfica para o envelhecimento bem-sucedido (DEBERT; BRIGEIRO, 2012, p. 37).

O sexo torna-se objeto do saber gerontológico, colocado como uma forma de melhorar os aspectos ou tendências negativas associadas à velhice trazendo, inclusive, bons resultados para a saúde dos idosos. Não é rara a comparação entre velhice e juventude – ou entre velhos e jovens:

Na sua maioria, eles são desempregados, de caráter introspectivo e muitas vezes indiferente. Seus corpos e cérebros vivem um rápido e violento processo de transformação. Suas famílias lhes desaprovam as atitudes menos ousadas – de uma viagem solitária até o casamento. E uns e outros estão, permanentemente, obcecados pelo passar do tempo. Para a sociedade, contudo, os jovens representam engrenagens polidas, prontas para o uso. Os velhos, ao contrário, são tão obsoletos quanto uma caravela na travessia do oceano, tão deslocados nos ambientes sociais como um analfabeto numa reunião de intelectuais (VEJA, 1971, p. 64)

A prática sexual é colocada, portanto, como uma prática rejuvenescedora, uma vez que pode ter como resultados “inclusive, rejuvenescer alguns velhos – porque aumenta o entusiasmo pela

vida, facilita a circulação sanguínea, melhora a produção glandular e reforça o instinto de sobrevivência” (VEJA, 1971, p. 64).

Por fim, nota-se que o sexo é também defendido como um direito dos mais velhos, como um modo de agir contra a solidão, sendo o etarismo uma das causas do preconceito contra a prática sexual nessa fase da vida, principalmente por parte da família (VEJA, 1971).

4 Gerontologia, rejuvenescimento e saúde: a fórmula de uma Nova Velhice

Nos primeiros anos da década de 70 e 80, quando as políticas de integração da velhice passam a se interessar pelo bem-estar do sujeito idoso na área da saúde, gerontologia e geriatria avançam na construção de uma nova velhice. Transformações no corpo, lazer, costumes e novos *looks* voltados para a realização pessoal criam estilos de vida para a população com mais de 60 anos. Nesse contexto, a saúde assistia a uma ampliação de sua interferência sobre o envelhecimento, ao reunir medicina e ciência numa cruzada pelo rejuvenescimento. Debert (1997, p.41-42) destaca que a “promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo”. E, de fato, a faixa etária que mais cresceu na sociedade, os maiores de 60 anos, passou a movimentar cifras impensáveis, não apenas dinheiro, mas desejos, preferências e exigências, até então inexistentes no mercado.

Nesse período, a literatura internacional já apontava para o fato de que tanto a geriatria quanto a gerontologia não dispunham de uma conceituação clara nem de limites capazes de descrever tal campo de saber “como uma ciência do envelhecimento” (PRADO; SAYD, 2006, p. 493).

Tais questões são elucidativas para a compreensão de uma série de matérias publicadas a partir do ano de 1973 pela Revista Veja, nos meses de fevereiro, março, abril e maio, todas voltadas para a divulgação dos trabalhos do Instituto Geriátrico Otoponi, em Bucareste, Romênia, sob a direção da Dra Anna Aslan, responsável

pela descoberta de um medicamento que supostamente eliminaria ou retardaria a senilidade (VEJA, 1973a, 1973b, 1973c, 1973d). O medicamento prometia não apenas a melhoria do estado geral do paciente, mas a cura de vários males, como úlceras no duodeno, asma, aumento da libido, crescimento e restituição da cor natural dos cabelos, diminuição ou desaparecimento das rugas. Por isso, segundo a ampla publicidade do Instituto esse medicamento ficou conhecido como “elixir da juventude”, popularmente chamado Gerovital. À base de procaína ou lidocaína, esse “super remédio” era chamado no Brasil de KH3 ou KH4, tendo sido consumido por idosos do mundo inteiro. Ainda segundo a matéria publicada na Veja, a droga foi proibida na Itália, no Brasil, restrita nos Estados Unidos, passando a ser contrabandeada e falsificada nesse período. Como declarou nesta edição o biólogo inglês Alex Comfort, “A procaína, base do Gerovital, é um antidepressivo e não um medicamento antivelhice” (VEJA, 1973a, p. 51). Mesmo assim, para além das críticas, as atividades da clínica perpetuam-se até hoje, devido ao fetiche causado pelo desejo da eterna juventude.

Dando continuidade às notícias sobre as atividades duvidosas praticadas na área da geriatria, sob o título “Férias no Hospital”, Veja mostra o turismo dos brasileiros cujo destino era a Romênia, mais especificamente, o desejo de realizar um tratamento na clínica geriátrica Otoponi (VEJA, 1973b, p. 53):

O hospital é o Sanatório de Geriatria Otoponi, a 16Km de Bucareste, numa área de 30 alqueires de parques naturais. E nele trabalham a Dra Aslan e seus assistentes, responsáveis pela descoberta do Gerovital H3, conhecido pelos bons resultados que tem obtido no rejuvenescimento de pessoas idosas (VEJA, 1973b, p. 53).

A matéria sobre a excursão que levaria os brasileiros a fazer o tratamento, pagando doze mil cruzeiros, descreve como os participantes seriam alojados nos hotéis, qual a programação turística em Bucareste e como ocorreriam as aplicações do Gerovital. As visitas à clínica teriam o objetivo de controlar “o crescimento do número de anticorpos na corrente sanguínea”, o que “levaria ao rejuvenescimento” (VEJA, 1973b, p. 53).

Chama a atenção que numa edição anterior, a Revista Veja havia citado o trecho de um relatório da Food and Drugs Administration dos Estados Unidos, órgão controlador das licenças para medicamentos:

Não foi apresentada nenhuma prova que garanta que a procaína (principal componente da droga) permaneça ativa no organismo e seja capaz de produzir algum efeito terapêutico contra o processo de envelhecimento, declarou o relatório de 1970 (VEJA, 1973a, p. 50).

Focalizado de forma pouco crítica, o tema do rejuvenescimento mostrado por Veja, ainda assim dá a ver o oportunismo, a manipulação e a irresponsabilidade que a indústria de medicamentos, a serviço de setores da medicina formal, realizava na época. Ao ser noticiada quatro vezes na década de 70 pela revista, a clínica Otoponi aparece como instituição privilegiada pela fama internacional e prestígio obtido pelo crescente interesse da mídia.

Desde os anos 70, episódios enganosos sobre a promessa do rejuvenescimento foram naturalizados nos meios de comunicação. A fantasia da juventude a qualquer preço que sempre assediou a sociedade fez com que tanto a gerontologia quanto a geriatria perdessem de vista o seu foco ∞ denunciar os maus-tratos aos idosos e fomentar o envelhecimento bem-sucedido (DEBERT, 2000, p. 150).

Mesmo a fragilidade e as suspeitas que recaem sobre uma droga “cura-tudo” não foram suficientes para a desaprovação popular do Gerovital. Esse elixir da juventude foi fundamentado pela suposta excelência de médicos famosos e encoberto pela clínica Otoponi — conceituada internacionalmente por pacientes que foram celebridades de época como Salvador Dali, Charles De Gaulle, John Kennedy, Sophia Loren, Greta Garbo e Charlie Chaplin, entre outros⁴.

Uma enorme exigência por rejuvenescimento acompanhava a sociedade na transformação de seus referenciais de envelhecimento. A vida para aqueles com mais de 60 anos tornou-se um labirinto de novas dúvidas, descobertas e inconstâncias. A

excitação com o cotidiano veio a produzir novas relações com o corpo e com o outro, transformando a visão de mundo daquele que envelhecia. Rejuvenescimento e saúde passaram a ser objeto do discurso sobre envelhecimento saudável, na tentativa de potencializar as condições de vida dos mais velhos, enquanto a geriatria dava seus primeiros passos no Brasil.

Em 1974, Veja noticia, sob o título “Hospital de Velhos”, a “criação do primeiro hospital brasileiro para pesquisa e tratamento de pessoas idosas” (VEJA, 1974, p. 70). O Hospital Piloto de Geriatria, com capacidade para 120 leitos, projeto do médico Tuffik Mattar, localizado em um dos pavilhões do Hospital Juqueri, desde a publicação da matéria, estava funcionando há três meses graças às doações externas e muito dinheiro que vinha do bolso de seu idealizador. A finalidade científica do hospital foi questionada ao longo da matéria, uma vez que seria necessário para pesquisa e desenvolvimento dos estudos “dez casos para cada tipo de doença” e só havia 23 mulheres e 19 homens internados. Ainda assim, era previsto o tratamento gratuito das doenças, porém “após quatro meses, no entanto, curados ou não, os pacientes recebiam alta e eram substituídos por outros” (VEJA, 1974, p. 70).

O momento da criação das primeiras clínicas geriátricas no país estabelece novas condutas, comportamentos e modos de vida que visavam a garantia de saúde e longevidade. A vida passava a ser planejada segundo as metas do conhecimento médico. Surgiam os indivíduos obedientes às normas que garantem a saúde. A busca do cuidado corporal, higiênico e alimentar torna-se uma necessidade baseada na visão biológica do envelhecimento e na tentativa de pausar a morbidade e a incapacidade física na velhice. A ciência e a técnica investidas na área da saúde passam a atuar sobre o prolongamento da vida, o que leva ao surgimento de uma maior medicalização da velhice. No entanto, esse período inicial da geriatria transita da preocupação com a doença para uma perspectiva de auto expressão da velhice que vai deixar de ser dramática para se constituir objeto exclusivo de especialistas. Uma aura de cientificidade somava-se a defesa de um estilo de vida jovem na velhice, fazendo com que a geriatria e a gerontologia se perfilassem com a ideologia da velhice bem-sucedida.

O contraste entre representações distintas do envelhecimento e o interesse social pelas tecnologias de rejuvenescimento leva os gerontólogos a negarem o seu próprio objeto de estudo e intervenção. De participantes ativos na transformação do idoso em um ator político, vêem-se transformados, especialmente pela mídia, em divulgadores de uma parafernália de receitas a indicar como os que não querem ser velhos devem agir (DEBERT, 1997, p. 11).

A gerontologia conduziu ao estudo dos processos de envelhecimento, mas ao assumir uma característica multidisciplinar, mimetizou-se com a terceira idade, praticamente confundindo-se com a sua emergência e desenvolvimento. Enquanto categoria transestária, a terceira idade vai amparar-se no discurso da gerontologia social, na especialização da gestão do envelhecimento e nos interesses de uma cultura do consumo (SILVA, 2008, p. 155).

A terceira idade se estabeleceu na medida em que os mais velhos se distanciaram dos estereótipos depreciativos da velhice, passando a valorizar os padrões estéticos e a saúde, uma agenda contínua de atividades, tudo isso coroado por uma postura de inserção no mundo do consumo contemporâneo.

Ou seja, a velhice se transformou na medida em que as novas representações estabeleceram conexão com a ideia de valorização da juventude, da sexualidade, dando centralidade a uma imagem e estética corporais.

Nesse sentido, o envelhecimento está circunscrito às relações entre subjetividade, sociedade e multidimensionalidade, remetendo a diversas trocas com um mundo onde todos querem se incluir. É isso o que pode explicar os processos de recusa da velhice ocorridos em toda extensão da vida social, tornando-se fenômeno expressivo, principalmente entre os velhos.

Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia, para não utilizar a palavra ofensiva velhice preferem o eufemismo terceira idade (KEHL, 2004, p. 89).

O que não se podia imaginar é que essa recusa da velhice avançaria como fenômeno social, sucateando a ideia de velhice e

tornando a juventude uma fórmula quase exclusiva de inclusão na realidade.

Considerações finais

Quando se trata de envelhecimento, a função expressa pela mídia é valiosa, ao transformar-se em parâmetro para aqueles que envelhecem, formatando práticas, atitudes e influenciando o olhar de todas as faixas etárias sobre aquilo que deve ser envelhecer.

Observa-se que em poucas décadas, o velho deixa um “não lugar” simbólico e passa a ocupar um território compatível com um grupo etário numeroso no país, dotado de poder aquisitivo e pronto para fazer escolhas baseadas numa perspectiva realista em direção ao prolongamento da vida. É fato que os maiores louros da terceira idade são colhidos pela classe média. Os clubes da terceira idade são um fenômeno planetário, levam o carimbo dos extratos medianos da população e por isso mesmo ainda assistem circular a desigualdade entre os que envelhecem. Velhos pobres permanecem invisíveis, onde sempre estiveram, partilhando as condições de pobreza nas estatísticas oficiais e usufruindo de poucas conquistas da terceira idade.

O velho, a velhice e a terceira idade como representações recuam, arrefecem, perdem a intensidade quando nosso olhar busca a homogeneidade como princípio ordenador do envelhecer. Vibrante é quebrar o antigo disciplinamento social dos mais velhos, recolocando o corpo na cultura, um corpo moldável, a ser refeito. Tudo isso gera “uma preocupação consigo mesmo que se traduz na atualidade como atenção a um corpo desenhado à medida pelo sujeito” (ORTEGA, 2006, p. 89).

Escapar da velhice ao acreditar no rejuvenescimento como item civilizador obrigatório faz parte de uma visão estereotipada que não cabe na ideia de multirreferencialidade imposta por uma cultura do envelhecer que emerge lado a lado à rápida sucessão das gerações e seus polimorfismos culturais inesperados.

Independente da sucessão de lógicas conservadoras, a diversidade também prospera. Talvez, no futuro próximo,

rejuvenescer possa ser considerado apenas um fenômeno retrógrado, algo que aponte para uma volta no tempo sem importância ou interesse para efeito da realidade comum. Isto porque o questionamento dos sentidos de envelhecer tem apontado em direção à experiência e aproveitamento real das coisas boas da vida. Novas formas de criar, ver e viver a realidade estão sendo possibilitadas a quem envelhece através de pertencimento social, inclusão, reconhecimento, o que leva ao ultrapassamento dos limites convencionais impostos nos dias atuais aos mais velhos.

É assim que o advento da terceira idade, cujas dimensões permitem acesso ao mundo e a seus novos experimentos, enuncia o corpo como libertação individual e coletiva, mas também supõe disciplinamento compartilhado no plano dos gostos, costumes, constituindo-se eventualmente como lugar de prisão e alienação.

Referências

COUTO, E. S. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, E. S. E; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpos Mutantes*: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009. p. 41-54.

DEBERT, Gita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 39-56, jun. 1997.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 1-18, jun. 1997.

Disponível em:

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs34_03.htm>. Acesso em: 14 set. 2016.

_____. O significado da velhice na sociedade brasileira. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, Número Especial, v.13, p. 147-158, 2000.

_____. BRIGEIRO, M. M. C. Fronteiras de gênero e sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 80, 2012. p. 37-54.

JUNQUEIRA, L. Noção de representação social na sociologia contemporânea. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, n.18/19, p. 145-161, 2005.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. (Orgs.). *Juventude e Sociedade*: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

MOTTA, F. M. Introdução. In: *Velha é a vovozinha*: identidade feminina na velhice. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. p. 13-22.

ORTEGA, F. Das utopias sociais corporais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas corporais. In: *Culturas Jovens*: novos mapas de afeto. ALMEIDA M. I; EUGENIO, F. (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 42-58.

PRADO, S. D; SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n.2, v.11, p.491-501, 2006.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan./mar. 2008.

VEJA. *O sexo adulto*. Editora Abril, ed. 70, 1970, p. 63. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

VEJA. *Sexo na velhice*. Editora Abril, ed. 133, 1971, p. 64-65. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

VEJA. *Um mês de verão só para velhos*. Editora Abril, ed. 185, 1972, p. 47-50. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 23 mai. 2013.

VEJA. *Os velhos novos*. Editora Abril, ed. 232, 1973a, p. 50-51. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

VEJA. *Férias no hospital*. Editora Abril, ed. 237, 1973b, p. 53-54. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

VEJA. *Cerco à velhice*. Editora Abril, ed. 252, 1973c, p. 49. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

VEJA. *Ave Aslan*. Editora Abril, ed. 274, 1973d, p. 34. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 6 nov. 2013.

VEJA. *Hospital de velhos*. Editora Abril, ed. 305, 1974, p. 70. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

VEJA. *Vivendo a terceira idade*. Editora Abril, ed. 428, 1976a, p. 93-94. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2013.

VEJA. *Para maior de 59*. Editora Abril, ed. 389, 1976b, p. 61. Disponível em: <<https://acervo.veja.abril.com.br/>>. Acesso em: 8 out. 2013.

Anexo A: tabelas

TABELA 1 – Reportagens da Revista Veja coletadas com a temática “emergência da terceira idade”

Emergência da “terceira idade”		
Título	Data de publicação	Edição
Um mês de verão só para velhos	22/03/1972	Ed. 185
Vivendo a terceira idade	17/11/1976	Ed. 428
Para maior de 59	18/02/1976	Ed. 389

Fonte: Elaboração das autoras.

TABELA 2 – Reportagens da Revista Veja coletadas com a temática “fórmulas contra o envelhecimento – ciência e medicina”

Fórmulas contra o envelhecimento – ciência e medicina		
Título	Data de publicação	Edição
Os velhos novos	14/02/1973	Ed. 232
Férias no hospital	21/03/1973	Ed. 237
Cerco à velhice	05/07/1973	Ed. 252
Ave Aslan	05/12/1973	Ed. 274
Hospital de velhos	10/07/1974	Ed. 305

Fonte: Elaboração das autoras.

TABELA 3 – Reportagens da Revista Veja coletadas com a temática “sexualidade e velhice”

Sexualidade e velhice		
Título	Data de publicação	Edição
O sexo adulto	27/05/1970	Ed. 70
Sexo na velhice	24/03/1971	Ed. 133

Fonte: Elaboração das autoras.

Representações sociais de idosos sobre a adaptação em uma instituição de longa permanência

Silvia Virginia Coutinho Areosa, Cristiane Redin Freitas, Juliana Eisenhardt

Introdução

Devido às menores taxas de natalidade, melhores condições de vida, progressos na medicina e avanços da saúde pública, o índice de mortalidade vem diminuindo e, com isso, o número de idosos vem aumentando em todos os países (BASSIT; WITTER, 2006). O Brasil, por sua vez, acompanha a tendência mundial e apesar da legislação estabelecer que os familiares sejam responsáveis pelos cuidados dos membros dependentes, na prática, essa obrigação tem sido transferida a outros. Neste sentido, uma alternativa que vem crescendo é a institucionalização do idoso, tanto em locais públicos como privados (CAMARANO, KANSO, 2010).

Para Zimerman (2000), alguns dos motivos que levam os familiares a optarem pela institucionalização são: dificuldades econômicas, ambientes familiares não favoráveis, ou mesmo a falta de pessoas próximas, etc. Corroborando com esses fatores, Daniel (2006) aponta que o atual modo de vida familiar torna difícil a conciliação com as responsabilidades de cuidador, logo, a institucionalização acaba se tornando uma solução. Contudo, para a autora, essa alternativa não é tida como positiva, pois representa um corte na história de vida e um afastamento de antigas relações pessoais do idoso.

Por outro lado, a institucionalização pode representar um possível problema para os familiares, especialmente quando relacionada a sentimentos de culpa, decorrentes do desamparo sentido pelo idoso. Apesar disso, Amaro (2013) refere que em algumas situações, a decisão de sair de casa e morar em uma instituição é opção do idoso que não quer ser um fardo aos familiares ou que teme viver sozinho por conta de suas limitações. Nesse sentido, as famílias tendem a se aproximar mais após a institucionalização, pois a tensão envolvida com o trabalho de cuidadores se transfere para a instituição (CORREIA, 2007).

Com o intuito de investigar como ocorre o processo de adaptação de idosos em uma instituição de longa permanência, a pesquisa realizada teve como base a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003). A referida Teoria procura explicar como se produz e se transforma o conhecimento gerado no cotidiano, através de conversas com os pares e ideias construídas socialmente. Para Moscovici (1961, 2012), as relações sociais estabelecidas no dia a dia são fruto de representações apreendidas por cada um e são parte de um esforço para entender o mundo e para se comunicar. Assim, os significados atribuídos à velhice e à inserção do idoso em instituições de longa permanência, objeto do presente estudo, também são representações sociais passíveis de compreensão e investigação.

Para a identificação dessas representações, foram entrevistados dez idosos que residem há menos de um ano em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI) de Santa Cruz do Sul/RS. Durante sua realização, os idosos foram questionados a respeito do motivo que os levou à institucionalização, como se passaram seus primeiros dias e quais as modificações que perceberam em suas vidas.

Conforme a literatura estudada, quando os idosos são institucionalizados passam por um processo complicado de adaptação em que sua autonomia é comprometida. Isso ocorre, porque grande parte das instituições possui uma rotina, com a qual o idoso precisa se habituar. Esse processo pode desencadear uma fase difícil para o mesmo, pois ao sair de casa sua integridade é colocada em jogo, assim como sua privacidade e liberdade. A rotina

imposta pelo local altera seu modo de vida e pode constituir uma modificação identitária. (AMARO, 2013).

O que também contribui para o sentimento de perda de identidade é a forma como a instituição padroniza seus residentes, reduzindo-os a um coletivo, o que pode provocar uma espécie de despersonalização. Goffman (1996) ressaltou essa questão ao afirmar que quando o indivíduo chega a uma instituição, passa por um processo de mortificação do eu, que é relativamente padronizado de acordo com o local onde está inserido. Sobre essa questão, Guedes (2008) coloca que as reconstituições da identidade desses sujeitos seriam resultado do convívio com as pessoas da instituição, entre elas os residentes e funcionários. Assim, quanto mais preservadas as individualidades dos idosos de uma instituição, mais protegida estará sua identidade.

Acredita-se que essas reflexões tenham suma importância e devem ser difundidas, de forma que as instituições nesses moldes possam repensar seus processos de adaptação de novos residentes de maneira mais acessível, conservando o máximo da individualidade do idoso. Também, percebe-se que o trabalho nas ILPI's deve ser focado primeiramente nas necessidades dos residentes, tanto nas questões relativas à adaptação como nas práticas cotidianas da instituição, para que os idosos possam usufruir das melhores condições no final de suas vidas.

A pesquisa desenvolvida¹, de caráter transversal e qualitativa, teve como campo de estudo uma instituição de longa permanência para idosos de caráter público, localizada em Santa Cruz do Sul (RS), durante o ano de 2016. Foram realizadas entrevistas individuais e semidirigidas, que foram gravadas e transcritas, com dez idosos que estivessem residindo na instituição há menos de um ano e com a cognição preservada. Foi dada preferência para sujeitos que ingressaram na instituição durante o período da pesquisa, de forma que fosse possível observar suas representações sociais sobre seu processo de adaptação à nova vida. Na entrevista, foram abordados os motivos do ingresso na instituição e como ocorreu o processo de adaptação na mesma, incluindo as possíveis dificuldades e facilidades que a instituição possa ter ofertado. A preferência pela pesquisa qualitativa se deu

pela escolha em apreender o fenômeno das representações sociais dos idosos de forma ampla, o que não é favorecido pela pesquisa de cunho quantitativo. Dessa forma, os dados da realidade podem ser mais bem considerados e as representações obtidas podem ser vistas como um todo e não como apenas variáveis. Para Godoy (1995), nesse método de investigação, o pesquisador se torna peça fundamental, pois está incluso no processo. Esta maneira de conduzir a investigação vem ao encontro da pesquisa de cunho representacional, pois a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) propõe-se a interpretar os significados simbólicos e as compreensões trazidas pelos participantes, no espaço da interação que, neste caso, refere-se à instituição de longa permanência.

Compreender a perspectiva dos idosos envolve tanto o contexto histórico em que as concepções de velhice emergem quanto o entendimento das representações sociais que elaboram sobre sua situação. Não se trata somente de conhecer sujeitos isolados em sua forma de pensar a sua inserção em uma ILPI, mas de abordar o caráter relacional dessa condição. Os dados coletados foram analisados com base no método de Análise de Conteúdo de Bardin (1977). Esse modelo de análise inicia-se com o plano das falas para depois se tornar mais complexo, pois ela ultrapassa os significados manifestos nos dados coletados. Para isso, é necessário analisar os dados de forma comparativa e também as diferentes reflexões surgidas. Esse conteúdo deve ser organizado em categorias construídas em função dos objetivos da pesquisa e discutidas à luz do referencial teórico escolhido (MINAYO, 2007).

2 Processo de inserção dos idosos em uma instituição de longa permanência: representações construídas

Para iniciar a discussão das representações sociais surgidas nas falas dos idosos institucionalizados, pensouse em trazer uma breve referência sobre a Teoria das Representações Sociais. Essa fundamentação possibilitará o embasamento para a posterior análise dos significados da institucionalização permanente para os idosos residentes.

• **Representações Sociais**

Parte-se do entendimento de que as representações sociais são saberes ou conhecimentos, socialmente elaborados e partilhados, com objetivos práticos e que contribuem para a construção de realidades comuns a um grupo social (JODELET, 2007). Assim, trata-se do processo de assimilação, elaboração e transformação de temas divulgados pela ciência, academia e mídia (jornais, televisão) que encontram espaço fecundo na apropriação pela população em geral. Dessa forma, as informações são introjetadas e modificadas e a sua elaboração nas conversas e interações cotidianas vai construindo “tijolos de saberes” que compõem o tecido social. O interesse da Teoria das Representações Sociais volta-se aos saberes produzidos na vida cotidiana e na compreensão de como pessoas comuns, comunidades e instituições produzem conhecimento sobre si mesmas, sobre outros e sobre os fatos sociais que são importantes a elas. Esses saberes são partilhados, pois se originam por meio de processos de comunicação, das trocas e interações entre atores sociais (GUARESCHI, 2004; JOVCHELOVITCH, 2008).

As pessoas, ao observarem seu cotidiano, pensam sobre ele e conversam com outras pessoas. Nesse processo, suas compreensões são permeadas por valores, hábitos culturais, emoções, contradições e práticas de vários tipos. O aspecto que torna as representações sociais fenômenos que transpõem uma simples reprodução de fatos e objetos do mundo é a sua função simbólica. A função simbólica permite que a representação social contenha uma dimensão criativa e produtiva, além do fato de estar aberta à sua própria contradição. Esse fato pressupõe que as

representações sociais não são fechadas em si e que dão chance às contradições que elas contêm em si mesmas, provando que há nelas múltiplas dimensões devido ao seu poder criativo e inovador de construir o mundo e a realidade. Portanto, compreender a função simbólica das representações é fundamental para o reconhecimento de que os saberes possuem um potencial criativo e transcendente da realidade do mundo empírico. “Representar é tornar presente o que está ausente através do uso de símbolos” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 93). Como formas de conhecimento prático, as representações sociais também possibilitam uma organização e orientação às pessoas e se consolidam através de um jogo de forças: de um lado, pelos conteúdos que circulam na sociedade e são assimilados pela população e, de outro, pelo próprio processo de interação social e das pressões para definir uma situação de forma a confirmar e manter identidades coletivas.

Uma vez que um conteúdo é aceito e difundido, ele constitui-se como parte integrante do universo simbólico e, portanto, dos saberes das pessoas e de suas inter-relações com os outros. Jovchelovitch (2008), ao analisar a função das representações sociais em uma sociedade, refere que a mesma trata de uma teoria geral que demonstra que uma sociedade não poderia ser definida pela simples presença de um coletivo que reuniu indivíduos através de uma hierarquia de poder, como, por exemplo, através de intercâmbios baseados em interesses mútuos. Certamente, existem poder e interesse, mas para serem reconhecidos como tais devem existir representações ou valores que lhes deem sentido e, sobretudo, que se esforcem para que os indivíduos convirjam e se unam por meio de crenças que garantam sua existência comum. Isso tudo guiado por opiniões, símbolos, rituais e crenças e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. Todos esses aspectos que integram as representações sociais produzem um impacto nos modos de se comportar, de sentir ou de transmitir e permutar saberes.

Argumenta-se que a Teoria das Representações Sociais como embasamento para a averiguação das ideias, pensamentos e significados da institucionalização para os idosos é oportuna, no sentido em que auxilia na identificação de prováveis traços

ideológicos presentes em suas explicações, ou mesmo na verificação de possíveis críticas à forma como a adaptação na instituição se concretizou. Ao iniciarmos a identificação dessas representações, apresentamos um pouco do histórico da ILPI em que foi realizado o estudo.

3 Histórico da instituição de longa permanência

A instituição de longa permanência² onde foi realizada a pesquisa localiza-se no município de Santa Cruz do Sul (RS). Fundada em 1948, o local tinha, inicialmente, o propósito de receber meninas solteiras grávidas que eram expulsas de suas casas. Atualmente, a instituição atende idosos em situação de risco ou vulnerabilidade. O local é reconhecido pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2015) como uma Instituição de Longa Permanência para Idosos e recebe pessoas com mais de 60 anos. Apenas em casos de medidas de proteção judicial é permitido o ingresso de pessoas com idade abaixo do limite estabelecido. A instituição conta com aproximadamente 80 residentes, incluindo casos com limitações físicas sérias, deficiências mentais e até alguns casos de dependência química. Os idosos possuem acompanhamento de profissionais da enfermagem, nutrição, psicologia e fisioterapia, além de receberem os medicamentos necessários. Na instituição também são oferecidos serviços de assistência médica e jurídica. Os dias para visita são livres, porém devem acontecer somente no turno da tarde. No caso de familiares que queiram levar o residente para algum passeio, isso pode ocorrer mediante aviso prévio e autorização da instituição.

A instituição é mantida por meio de doações da comunidade, empresas e auxílio da prefeitura. Os residentes contribuem com 70% de sua renda mensal, proveniente de aposentadoria ou pensão. Uma parte da renda dos idosos é destinada para uso próprio, para despesas médicas extras, passeios, cigarros entre outros.

Ao ingressar, o novo morador chega à instituição acompanhado de seus familiares e é apresentado à estrutura física do local. Além disso, o idoso passa pelo atendimento da enfermagem, no qual é verificado seu estado de saúde e coletadas informações sobre, por exemplo, medicamentos que o idoso ingere diariamente. Por fim, o idoso é levado ao seu quarto onde são retirados seus pertences, que permanecem em uma espécie de depósito e que são avaliados pelos funcionários, que separam o que pode ser utilizado e o que deve ser rejeitado. As roupas e calçados selecionados passam a ser de utilização coletiva dos moradores.

A partir da análise das representações sociais surgidas nas entrevistas com os idosos residentes da referida instituição, foram construídas quatro categorias que são apresentadas e discutidas a seguir.

4 Motivos para a institucionalização

Nessa categoria, são discutidos os motivos que levaram os idosos a residir na instituição de longa permanência. De acordo com a pesquisa realizada por Bessa e Silva (2008), muitos idosos acabam residindo em uma instituição desse tipo por exclusão familiar e necessidade de apoio, tanto em questões médicas como no cuidado de si. Para as autoras, porém, essa atitude poderia ser evitada se fossem efetivadas mais políticas centradas nos idosos, especialmente no que se refere à saúde, de modo que as famílias, ao receberem apoio da atenção básica, poderiam optar por permanecer com seus idosos em casa, mesmo que dependentes. Contudo, as falas dos participantes revelam que a institucionalização se dá em função da saúde e da dependência:

- *Era tudo muito longe, (...) eu também não podia mais fazer comida e não tinha ninguém, assim, pra pagar (...) pra fazer as coisas lá em casa pra nós. E aquele (filho) que eu queria ficar, que ia me cuidar, faleceu, vai fazer 3 anos, agora, quinta feira. (E2).*

- *Porque eles (filhos) me trouxeram porque eu tava doente. Agora tô mais melhor, mas não tô firme, isso não. Eu vim pra cá porque disseram que eu tava doente, eu não tava comendo mais, (...) não tinha coragem, só queria dormir, depois passou, agora passou. (E4).*

Filho e Filho (2002) trazem como motivos para a institucionalização de idosos as condições precárias de saúde e falta de apoio familiar já mencionados, e ainda os distúrbios de comportamento, incapacidade de exercer atividades laborais e dificuldades financeiras. Desse modo, a capacidade de cuidado da família pode estar prejudicada e por esse motivo, o idoso acaba se tornando um empecilho para os familiares. Isso ocorre pela exigência, por parte do idoso, de uma atenção cotidiana intensa, o que dificulta a conciliação dessa responsabilidade com o trabalho e a família nuclear. Por essas razões, pode haver dificuldades de encontrar um membro da família que se disponibilize e responsabilize pelo cuidado com o idoso. Em ambos os casos, a solução encontrada acaba por ser a institucionalização (PERLINI, LEITE, FURINI, 2007).

Born (1999) relata que no Brasil, por conta da falta de programas comunitários de atendimento aos idosos dependentes, as famílias buscam a institucionalização como uma solução imediata para o problema, sem antes estudar possíveis alternativas. Isso pode ser confirmado pelas falas a seguir:

- *Pois é, aquele de Pantano Grande (filho) era o único, só que aquele eu notava que não gostava muito... ele saía muito né. E aí eu achei... a minha filha me disse que aqui era um lugar muito bom. (E1)*
- *Eu vim pra cá por causa que me deu um troço nas pernas e nos braços (AVC), daí em casa não tinha lugar para parar, (...) e aí a mulher tinha arrumado pra mim vir pra cá. Aí eu entrei aqui e tô aí até hoje. (E3)*
- *Eu tive uns problemas de saúde. Eu passei a não enxergar mais e eu sou sozinho, não tinha onde parar direito. (E5)*

Conforme os relatos dos entrevistados, quem propôs a institucionalização foram os filhos ou algum outro familiar que percebiam a impossibilidade do idoso viver sozinho, devido a sua situação de saúde. A respeito disso, Perlini, Leite e Furini (2007) assinalam que no momento em que a família procura um lugar para o idoso, ela busca um ambiente em que o sujeito tenha seus cuidados atendidos, assim como proporcione socialização e convivência. Isso pode ser percebido, na primeira fala supracitada, na qual o entrevistado expressa que sua filha pensou que aquele seria um lugar adequado para ele, uma vez que nem ela, nem seu irmão poderiam se responsabilizar por seus cuidados. Diante dessa questão, Santos (2003) descreve acerca da profissionalização do cuidado, que passa a ser realizado por profissionais de uma equipe interdisciplinar, colocando a família no lugar de visitante. De acordo com a autora, os familiares se submetem a regras da instituição que definem o dia e horário de visitas e o quanto eles podem fazer pelo idoso institucionalizado. Carletti e Rejani (1999) reconhecem que em algumas situações a institucionalização é necessária, porém defendem que ela aconteça de forma consensual, de maneira que a quebra dos vínculos familiares e sociais seja evitada.

Leme e Silva (1999) oferecem como alternativa para a institucionalização os centros-dia ou centros-noite, lugares onde o paciente é mantido durante turnos específicos em um local especializado, retornando para casa no final desse período, o que impede uma ruptura dos laços familiares. Sugerem que nesses locais fossem desenvolvidas atividades culturais e recreativas, incluindo intervenções intergeracionais, que mantivessem os idosos ativos e saudáveis. Brito e Ramos (1999) propõem que se deve estruturar uma rede de atenção médica específica a idosos e familiares, com programas de informações em que sejam oferecidas opções de cuidados e serviços disponíveis, assim como a maneira de utilizá-los. Isso possibilitaria que os idosos pudessem viver em suas casas, dentro de suas comunidades e com boa qualidade de vida. Para esses autores, a institucionalização deveria ser a última alternativa a ser cogitada.

Em sua pesquisa, Pessôa (2007) mostrou algumas possibilidades a serem consideradas antes da institucionalização. Para ela, seria

necessário um maior preparo e capacitação de recursos humanos para oferecer um atendimento especializado aos idosos. Também incentiva a realização de campanhas de conscientização das famílias e da comunidade frente à responsabilidade e comprometimento com os mesmos. Junto a isso, seriam necessários maiores recursos por parte do Estado, disponibilização de diferentes políticas sociais e também a oferta de serviços que possibilitem uma alternativa à institucionalização.

A partir das representações trazidas na categoria, é possível concluir que a família é a principal responsável pela institucionalização dos idosos. Porém, a institucionalização deveria ser considerada como uma última opção de cuidado, já que é tão importante que os idosos mantenham seus laços com seus familiares e sua comunidade. Existem alternativas anteriores à institucionalização, mas para que fossem possíveis, seria necessário um maior comprometimento das famílias, da comunidade e do Estado para com os idosos.

5 Adaptação e mudanças na vida após a chegada à instituição

A segunda categoria trata dos processos de mudança na vida dos idosos após sua institucionalização e a maneira como essas mudanças foram encaradas pelos mesmos. De acordo com Dias (2007), o idoso chega a uma instituição com sua história de vida e bagagem cultural e é tensionado a se desapegar disso, para se adequar às regras do local onde agora está inserido. Ressalta-se que cada sujeito percebe as modificações em sua vida de maneira diferente, tornando possível o surgimento de dificuldades de adaptação. O modo como o idoso construiu sua trajetória de vida é um fator que determina a facilidade, ou não, de adaptação na instituição (CARLI et al., 2011; CARVALHO, DIAS, 2011). Entre os motivos para a existência de dificuldades nesse sentido, verificamos, conforme as falas a seguir, o sentimento de abandono de sua casa e a diminuição de contato com a família:

- [...] Foi um pouco difícil. Deixar a casa, as pessoas, as coisas tudo lá sabe. Até agora tem coisas lá ainda. Mas agora tá tudo bem (E2)
- Ah sim, lá em casa é melhor que aqui. Não tem comparação (...). Aqui foi brabo os primeiros tempos eu não gostava daqui, eu não conseguia me acostumar nesse sistema deles aqui, mas depois fui acostumando (E3).
- Pois é, acostumar a gente sabe, quando chega uma certa idade, eu tô com 78 anos, então não tem mais muita escolha, eu tava sem dinheiro e ir pra onde? Se eu quisesse ir embora, ir pra onde né, não tinha escolha mais né [...] (E1).

Como é possível observar nas representações acima, o fato de o idoso estar implicado no processo de decisão de sua mudança para uma instituição é um dos fatores que influenciam em sua adaptação. De acordo com Carvalho e Dias (2011), idosos que são institucionalizados por não conseguirem mais cuidar de si mesmos, são os que se adaptam com mais facilidade, diferentemente dos que estão em uma instituição por problemas econômicos ou falta de outro lugar para morar.

Zimerman (2000) descreve alguns problemas que podem aparecer após a institucionalização. O primeiro corresponde às mudanças do cotidiano do sujeito, devido aos hábitos anteriores relacionados à sua casa, relações familiares e de amizade, rotina própria, etc. e, ao residir em uma ILPI, deve adequar-se às normas da mesma. A segunda dificuldade estaria relacionada à convivência, no que diz respeito aos demais moradores e suas diferenças como: características de personalidade, classes sociais, culturais e religiosas, que podem trazer alguns conflitos. Existem também problemas relacionados a perdas, pois as situações de morte são recorrentes nas instituições para idosos. Outro aspecto diz respeito ao abandono, pois em certos casos as famílias visitam o idoso com frequência, mas conforme o tempo vai passando elas se afastam cada vez mais. Esse fato pode desencadear doenças como a depressão ou problemas de saúde em geral. Para que isso não ocorra, torna-se imprescindível que os familiares se organizem de modo que o idoso receba visitas periódicas e os vínculos sejam

mantidos. O sentimento de abandono do idoso por seus familiares foi possível observar, como mostra a fala:

- *Tô assim com uma vontade só de chorar. Me lembro dos meus filhos lá em Venâncio Aires, dá vontade de chorar. De vez em quando um vem, mas não pode vim todos né, por causa da casa, pra cuidar. (E4).*

O idoso que apresenta dificuldade na adaptação pode expressar isso por meio de seu comportamento, deixando de participar das atividades coletivas, como refeições e atividades ocupacionais que a instituição oferece (SANTOS, WACHHOLZ, 2009). Para muitos idosos, o sentimento de estar institucionalizado é semelhante ao de estar preso, pelo fato de viver em um local onde é obrigatório cumprir certas normas e rotinas, como horários para comer e até a possibilidade de sair, ou não, em alguns momentos. Esse sentimento pode se agravar nos casos de idosos que possuem alguma independência, pois a interferência da instituição em seus hábitos pode torná-los pessoas limitadas, o que gera conflitos e insatisfação (OLIVEIRA, 2006). Guedes (2008) relata que, em algumas situações, o idoso busca um sentimento de utilidade social, e para alcançá-lo procura na instituição atividades que lhe proporcionem a satisfação dessa sensação. Porém, a maioria deles acaba adotando uma postura de passividade e inatividade. Esse sentimento de inutilidade interfere no processo de adaptação e aceitação de sua nova realidade. Na entrevista com os idosos participantes, foi possível identificar essas representações em suas falas:

- *Mudou bastante (vida). É que eu estou muito preso né. Eu me sinto muito mal aqui, não consigo trabalhar, aqui eu não tô trabalhando. Me sinto muito mal, não me sinto bem aqui não. (E5).*
- *Os primeiros dias foram bem, quando eu era acostumado a trabalhar na CEE eu levava até um ano sem vim em casa, parava em uns barraco e andava pelo mundo velho a fora, só telefonava pra eles (E3).*

Quando o idoso ingressa na instituição e é apresentado à sua estrutura e funcionamento, o passo seguinte é que ele se adapte por sua conta. Guedes (2008) aponta uma modificação nesse processo, mostrando que o ideal seria que as instituições promovessem um acompanhamento do idoso recém-chegado durante os primeiros dias, o que facilitaria sua adaptação. Além dos funcionários, poderiam ser incluídos nesse processo os antigos residentes, estimulando a formação de uma espécie de plano de integração que mobilizasse todos os moradores no planejamento de atividades. Concordando com essa ideia, Oliveira (2006) acredita que a socialização é a forma mais eficaz para uma melhor integração, pois ajuda o idoso a manifestar seus possíveis sentimentos de abandono e isolamento social, auxiliando na motivação para participação em atividades produtivas. Essas atividades proporcionam ao idoso a elevação de sua autoestima e provocam a troca permanente de ideias, sentimentos, conhecimentos e afetos com outros idosos, fazendo com que se sinta útil e integrado na instituição. Além disso, os responsáveis pela instituição deveriam buscar um nível de qualidade nos serviços prestados aos residentes conforme a necessidade individual de cada idoso.

6 Desvalorização/despessoalização do idoso

A terceira categoria discute a desvalorização e despessoalização que os idosos sofrem ao entrarem em uma instituição de longa permanência. No momento em que o sujeito ingressa em uma instituição, inicia-se a constituição de uma nova vida, pois o mesmo precisa se desfazer de comportamentos habituais e, de certo modo, romper com sua cultura. Essa situação provoca uma transformação na percepção de si mesmo, que pode levar à baixa autoestima, frustração, decepção, impotência e autopunição (FAGUNDES et al., 2016). Para Ximenes e Côrte (2010), o fato de os idosos não se identificarem com o local onde residem, em se tratando de instituições, evidencia o surgimento, nesses sujeitos, de sentimentos

de isolamento e perda da individualidade que conduzem a um processo de segregação, que torna o local onde vivem um espaço sem qualquer significado pessoal.

De acordo com Fagundes et al. (2016), durante a institucionalização vai se consolidando um movimento de despersonalização no idoso. Isso ocorre na instituição pesquisada, porque quando o idoso entra na nova residência com seus pertences, roupas, cosméticos ou outros itens de uso pessoal, esses objetos lhe são retirados e são oferecidos em troca materiais de inferior qualidade que, em sua maioria, já foram utilizados por outros idosos. Esse fato interfere diretamente na individualidade do sujeito que é tratado de forma impessoal e assim é desprezado em suas particularidades. O sentimento de despersonalização frente à retirada dos próprios pertences foi expresso na seguinte fala:

- *A gente não precisa de muita coisa. (...) Eu só queria poder ficar com as minhas coisas, que eu trouxe de casa quando a gente veio. Eu tinha trazido umas roupas novas que eu tinha comprado e também um álbum de fotos, com as fotos deles quando eram nenê. Mas eles pegaram e eu não sei aonde tá. Eu já perguntei pra eles bastante vez, mas eles sempre dizem pra falar com não sei quem, que nunca tá ou que nunca sabe. Só isso eu queria, ter as minhas coisas sabe né (E2).*
- *[...] eu gostava que pudesse assim ó, podia ter uma coisinha pequena com gaveta, podia ter uma chavezinha, podia chavear, eu podia botar um chocolate meu, que chocolate meu não faz mal também né, podia botar umas bolacha (...). Isso que é o que mais me invoca, o que eu mais nojo tenho daqui, que eu não posso ter nada (E1).*

Na tentativa de conservar um mínimo de singularidade, os residentes buscam personalizar seus quartos com o que resta de seus objetos próprios: toalhas de mesa, flores artificiais, etc. (FAGUNDES et al., 2016). Porém, nem sempre isso é permitido nas instituições; na ILPI em estudo apenas residentes independentes podem ter objetos e roupas pessoais, sendo o cuidado destes de sua responsabilidade. Segundo Daniel (2006), as instituições que

abrigam idosos deveriam favorecer que os residentes possuíssem um espaço individualizado, visto que a instituição será sua residência até o final da vida e a última chance de preservar sua identidade. Porém, por mais individualizado que esteja seu ambiente, o sujeito terá uma sensação de não pertencimento àquele local, pois sempre existirá um desejo de voltar para sua antiga casa, seja pelas recordações ou pelo sentimento de posse e referência que aquele lugar transmite (OLIVEIRA, 2006).

Para Guedes (2008), a despersonalização se intensifica após o período inicial de integração na instituição, pois ocorre uma adequação à vida cotidiana e, com isso, o sujeito é cada vez mais retirado de sua individualidade. Colabora para essa situação o fato de que as relações com a família, amigos e vizinhos vão se tornando limitadas.

Além disso, o fato de o idoso residir em um local fechado onde desempenha sempre as mesmas tarefas com as mesmas pessoas, nas horas preestabelecidas e correspondendo a condições da instituição e não a desejos pessoais, faz com que o mesmo delimite suas vivências e tenha muito sofrimento (HERÉDIA, CORTELLETTI, CASARA, 2004). Observamos a impossibilidade de concretizar a própria vontade na seguinte fala:

- *Então agora, quanto tempo que eu tô sofrendo aqui com o meu pé, eu queria que eles me levassem pro médico, nem que pagasse a consulta particular né, não mas tem que ser vigorosamente como é aqui né (E9).*

Sobre o cotidiano dos idosos, Guedes (2008) refere que durante a semana, normalmente são realizadas atividades com os residentes que, relativamente, preenchem e trazem modificações na rotina. Porém, os finais de semana acabam sendo mais solitários, principalmente pela falta de ocupações. Para Correia (2007), os idosos institucionalizados possuem muito tempo livre e quando esses períodos não são preenchidos, provocam sentimentos de inutilidade e stress, levando a estados depressivos, desânimo, insatisfação e sentimento de espera da morte. Na fala a seguir fica evidente a mudança sentida pelo idoso em relação à vida levada

anteriormente, na qual era possível sair e realizar diferentes tarefas. Também está presente o fato de que a instituição não estimula a realização de atividades diversificadas:

- *A minha vida mudou muita coisa né, eu saia pra lá e pra cá, ia pra cidade, pro centro, fazer compras e ia fazer uma coisa, vender, agora não vou, não saio mais, agora eu tô aqui. (...) eles não deixam fazer nada. Assim como eu tava sentada, eles não deixam fazer nada (E4).*

Para Guedes (2008), as atividades a serem desenvolvidas nas instituições devem estar focadas nas necessidades dos idosos com diferentes potencialidades. Uma possibilidade a ser adotada é a participação em atividades voluntárias, como artesanato e jardinagem, que ajudam o idoso a diferenciar-se, através do trabalho realizado na instituição (FAGUNDES et al., 2016). Inclusive deve-se estimular que os próprios residentes auxiliem no planejamento e gerenciamento dessas atividades e também do dia a dia da instituição, pois dessa forma é possível desenvolver maiores sentimentos de pertença ao local.

À guisa de conclusão, para impedir a continuidade do processo de despersonalização, é de fundamental importância que as instituições de longa permanência levem em consideração os seguintes aspectos: respeito à individualidade dos idosos, a autonomia, favorecimento da realização de tarefas que potencializem suas capacidades e habilidades, manutenção dos vínculos familiares e afetivos, favorecimento na criação de novos vínculos de amizade dentro da ILPI. Também é importante que a instituição tenha como seu objetivo prioritário o bom acolhimento dos idosos e um interesse genuíno em oferecer as melhores condições de vida possíveis aos que permanecerão até os últimos dias de sua vida residindo nesses locais.

Considerações finais

O estudo teve como objetivo identificar as representações sociais de idosos residentes em uma instituição de longa permanência, sobre o seu processo de inserção e adaptação ao local. Com base nas representações sociais evidenciadas na pesquisa, percebeu-se a grande influência que a institucionalização tem sobre a identidade dos idosos. Inicialmente, os entrevistados foram questionados a respeito dos motivos relacionados à sua institucionalização e, com maior ênfase, os filhos são responsabilizados, nem sempre partilhando essa decisão com o familiar idoso.

Quanto ao processo de adaptação, é relatado em sua maioria como apresentando dificuldades, principalmente pelo fato de que os idosos precisam se desapegar de seus pertences e de sua rotina de casa, que os remetiam a seu antigo lar, e pela limitação de sua autonomia de maneira geral. Nesse sentido, a instituição acaba por contribuir com a despersonalização do idoso quando retira seus objetos pessoais e coloca como regra que ele utilize pertences de forma coletiva (roupas indiscriminadas), impedindo que seja expressa nesses objetos sua individualidade.

Concluimos parcialmente essa pesquisa, estimulando que outros estudos possam ser realizados com o intuito de desvelar a realidade por trás das instituições de longa permanência para idosos, através da perspectiva dos próprios residentes, como buscamos mostrar na presente investigação. A elucidação das representações sociais dos idosos sobre a sua própria institucionalização pode auxiliar na construção de alternativas positivas de adaptação e auxílio na transição casa-instituição, a ser realizada em um processo conjunto, que busque amenizar o possível sofrimento advindo dessa situação, sem interferir na singularidade do idoso e respeitando a história de sua existência.

Referências

AMARO, M. M. G. *A Transformação da Identidade em Idosos Institucionalizados – Um Estudo de Casos Múltiplos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Brangaça: Escola Superior de Educação, 2013.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa, Portugal, 1977.

BASSIT, A. Z; WITTER, C. Envelhecimento: Objeto de estudo e campo de intervenção. In: WITTER, G. P. (Org.). *Envelhecimento: Referenciais teóricos e pesquisas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

BESSA, M. E. P; SILVA, M. J. Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. *Texto Contexto – Enferm.* Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 258-265, 2008.

BORN, T. Cuidado ao Idoso em Instituição. In: NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

BRASIL. Lei 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, 2015.

BRITO, F. C; RAMOS, L. R. Serviços de Atenção à Saúde do Idoso. In: *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

CAMARANO, A. A; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 232-235, 2010.

CARLETTI, S. M. M; REJANI, M. I. Atenção Domiciliária ao Paciente Idoso. In: NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

CARLI L. et al. Sentimentos e percepções de idosos residentes em uma instituição asilar. *Rev. Contexto & Saúde*, Ijuí, v. 10, n. 20, p. 499-506, 2011.

CARVALHO, M. P. R. S; DIAS, M. O. Adaptação de idosos institucionalizados. *Milenium*, 40, 161-184, 2011.

CORREIA, P. S. S. Velhos são os trapos: Mito ou realidade? *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0340.pdf>>. Acesso em: 27 maio. 2016.

DANIEL, F. O Último Lugar no Mundo: Considerações e Reconsiderações sobre Espaço e Velhice. *Interações*, [S.l.], n. 11, out. 2006.

DIAS, I. G. *A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família: o estudo do "Lar dos Velhinhos" – Viçosa/ MG. 2007*. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica). Minas Gerais: Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 2007.

FAGUNDES K. V. D. L. et al. A perspectiva etnográfica no mundo-vida de pessoas idosas em Instituição de Longa Permanência. *CIAIQ16*, v. 2, 2016.

FILHO, P. C. T; FILHO, J. F. P. Causas da inserção de idosos em uma instituição asilar. *Escola Anna Nery Revista Enfermagem*, v. 6, n. 1, p. 135-143, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: Abril, v. 35, n. 2, 1995.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1996.

GUARESCHI, P. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

GUEDES, J. *Desafios identitários associados ao internamente em lar*. VI Congresso Português de Sociologia, 2008. Disponível em:

<<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/339.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2016.

HERÉDIA, V. B. M; CORTELLETTI, I. A; CASARA, M. B.
Institucionalização do idoso: identidade e realidade. In:
CORTELLETTI, I. A; CASARA, M B; HERÉDIA, V. B. M. (Org.).
Idoso Asilado: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Educs,
2004, p. 13-60.

JODELET, D. Représentations Sociales: un domaine em expansion.
In: JODELET, D. Les représentations sociales (dir.). Paris: PUF,
2007.

JOVCHELOVITCH, S. *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Trad. Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Psicologia Social)

LEME, L. E. G; SILVA, P. S. C. P. O Idoso e a Família. In: NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia: A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu, 1999.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOSCOVICI. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Trad. de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 1961/2012. (Coleção Psicologia Social)

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Trad. de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Psicologia Social)

OLIVEIRA, C. C. de. Otimizando a qualidade de vida das pessoas idosas institucionalizadas. *Revista virtual Textos & Contextos*, n. 6, 2006.

PERLINI, N. M. O. G; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por

familiares. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 229-236, 2007.

PESSÔA, E. M. *Políticas Sociais alternativas à institucionalização de idosos em municípios da região das Missões no Rio Grande do Sul*. 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

SANTOS, C. B; WACHHOLZ, P. A. Participação do idoso autônomo na decisão familiar de se institucionalizar. *Rev. Envelhecimento e saúde*, v. 15 n. 4, 2009.

SANTOS, S. M. A. S. *Idosos, família e cultura: Um estudo sobre a construção do papel de cuidador*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2003.

XIMENES, M. A; CÔRTE, B. Idosos e seus fazeres na Instituição de Longa Permanência. *Kairós Gerontologia - Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*, v. 13, p. 29-34, 2010.

ZIMERMAN, G. I. *Velhice: aspectos psicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Imagens de si, imagens do outro: construção de identidades e alteridade entre idosas¹

Benedita Edina da Silva Lima Cabral², Kátia Ramos Silva³

Introdução

A representação de si é como um jogo de espelhos que reflete, através da representação do outro, a imagem que cada um tem de si (PEIXOTO, 1997, p. 156).

- *Eu não sei porque é velho, num acho nada. (...) Eu sou velha e não quero ser, mas com a vida dos outros, eu não sei. (...) Cada um tem o seu jeito de envelhecer. Eu não sei dos outros, só sei do meu. Minha velhice é sem querer ser velha, já tenho noventa e quatro anos (Sra I., 94 anos, ILPI).*

O processo de envelhecer é alvo de múltiplas análises e percepções, uma vez que o crescente índice de pessoas idosas evidencia demandas. A indústria estética, turística, de entretenimento e de publicidade para atender e/ou criar necessidades nos indivíduos pertencentes à “terceira idade”, a mídia e seus métodos de promoção da longevidade com “qualidade de vida”, as contraditórias decisões do setor público para lidar com o aumento da expectativa de vida colocam a velhice como uma categoria complexa e homogênea, dotada de significados e necessidades semelhantes. Diferentemente, este estudo realiza uma análise sobre as “*velhices*” observadas nas relações

estabelecidas entre indivíduos idosos oriundos de contextos sociais e com trajetórias de vida distintas.

Assim, o objetivo é confrontar e analisar as diferenças presentes no processo de envelhecer, para conhecer como são produzidos os significados sociais sobre a velhice, na perspectiva da alteridade, através do trabalho das idosas voluntárias da Associação Internacional de Caridades (AIC), “Senhoras da Caridade”, e dos idosos residentes no Instituto São Vicente de Paulo, Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em Campina Grande, PB, dirigido por religiosas.

A AIC é uma organização leiga, composta, em sua maioria, por idosas de classe média, que atua em segmentos socialmente excluídos, dentre eles, os idosos institucionalizados. Pretendemos discutir sobre a construção de identidade e o reconhecimento de *si*, entre voluntárias da AIC, em face da imagem do *outro*, os residentes, com quem compartilham o estágio etário, mas apresentam estilos de vida distintos.

A proposta é compreender como se dá o encontro e/ ou embate entre *velhices*, identificar as fronteiras e aproximações entre a chamada velhice ativa/saudável e a velhice institucionalizada/doente/pobre para perceber como os membros de cada grupo social reconhecem-se no *outro*, identificando suas necessidades e características socioculturais e subjetivas.

A AIC possui um histórico internacional e foi fundada no Brasil em 1854. O núcleo de Campina Grande, PB, foi instituído no ano de 1935 e funciona nas dependências do Instituto São Vicente de Paulo. Este núcleo, denominado Associação das Voluntárias da Caridade São Vicente de Paulo, é composto por 76 mulheres, algumas com formação acadêmica e vida social ativa e reconhecidas no contexto da prática da caridade. Dentre os projetos que a AIC desenvolve, destacamos o “Projeto Alegria”, especificamente voltado para os idosos residentes.

A proposta está pautada na perspectiva do confronto entre o *eu* e o *outro* na velhice. Inicialmente ponderamos sobre os aspectos motivadores para permanecerem no grupo de caridade e, por outro lado, como residentes de uma instituição de longa permanência. Em seguida, discutimos a construção de identidade e a perspectiva da

alteridade entre as voluntárias e os residentes. E, através da observação de práticas cotidianas e dos diálogos estabelecidos com os informantes, elaboramos o percurso sobre percepções mútuas de ser *idoso*.

As atividades desenvolvidas no “Projeto Alegrar”, junto aos residentes, permitiram que elas conheçam outras faces da velhice – doentia, solitária, excluída, invisível – e, ao mesmo tempo, vislumbrem formas diferentes de vivenciar essa fase da vida. Parte das mulheres que compõem a AIC apresentam características opostas à velhice institucional. Por exemplo, algumas frequentam academias estéticas, bailes e passeios turísticos, sugerindo que, na velhice, podem ser saudáveis, ativas e engajadas em causas sociais (DEBERT, 1999). Assim, o *status* social evidenciado e a vinculação a um grupo da caridade, reconhecido como parte de uma elite, contribuem para que a dúplice imagem da velhice: que ora é apresentada como doentia e decrépita, ora como saudável e ativa, seja reconhecida no cotidiano. Como analisado por Debert:

Quando a referência do pesquisador no tratamento de categorias como velhos, jovens, adolescentes e crianças é o número de anos vividos a partir da data de nascimento ou a aparência de cada um, acaba-se por perder a plasticidade das formas pelas quais o curso da vida é concebido em sociedades distintas, bem como o sentimento investido na relação entre grupos etários e a importância desses grupos e categorias na organização social (2007, p. 55).

Parece ser na velhice, mais do que em outras etapas da vida, que díspares papéis e oportunidades sociais são evidenciados. Além das variações de ordem subjetiva, as distinções de gênero, geração e classe social, influenciam as vivências de ser *velho* conforme documentado em diversas pesquisas. Aqui, discutimos as ambiguidades do processo de envelhecer, expressas nas práticas desenvolvidas pelas “Senhoras da Caridade” junto aos idosos institucionalizados.

Analisamos como as “Senhoras da Caridade” encontram-se com uma imagem repelida socialmente, o *outro* feio, rejeitado, doente, a concretude de uma velhice temida. Esse *outro* também depara-se com uma forma de viver, que jamais terá acesso, não

reconhecendo-se nessas “Senhoras” vestidas de acordo com a moda, preocupadas com a aparência e que demonstram vitalidade. A relação estabelecida entre idosos de contextos e grupos tão diferenciados reflete questões na própria construção de identidade e da alteridade em face da imagem do *outro* que, embora compartilhe o estágio etário comum, vivencia e reconhece a velhice diferentemente.

2 Inserção e permanência dos idosos nos espaços da ILPI e na AIC

Possuidores de experiências peculiares, acumuladas ao longo dos anos, os entrevistados relatam histórias de vida e retomam vivências do passado, aspectos vividos no presente e as perspectivas de futuro em seus espaços de sociabilidade.

Sabemos que o cotidiano e as reflexões sobre o tempo atual e expectativa dos idosos são intrinsecamente relacionados ao grupo social onde estão inseridos. Peixoto (1997, p. 152) mostrou como mulheres idosas refletem suas experiências ao narrarem “histórias de vida, em geral, carregadas de emoção, que melhor ressaltam os conteúdos sociais da memória familiar, permitindo descobrir as normas e valores transmitidos, os lugares de vida e as relações familiares”.

A possibilidade de nos debruçar sobre *velhices* particularizadas, nesse exercício de percorrer por entre as linhas da vida dos idosos durante a pesquisa, adquire uma dimensão ainda mais significativa para a construção de um panorama sobre as diferenças no processo de envelhecer.

Assim, entender o que é residir numa instituição ou participar de uma reconhecida associação de caridade constitui um campo de observação de processos relacionais entre idosos tão diversas. Múltiplos aspectos que condicionaram os idosos a buscar inserção em tais ambientes distintos, implica buscar conhecer as variadas motivações para permanecer neles. Nessa análise, temos uma tentativa de explicitar aspectos constitutivos das narrativas dos

entrevistados, articulados às observações diretas e conversas informais estabelecidas no ambiente da pesquisa.

3 Idosas residentes

“O que levou determinado idoso a procurar abrigo na instituição?”. Necessidades financeiras, abandono, solidão, ausência de suporte. Essas são as respostas comuns a tal questão. Segundo a religiosa diretora da ILPI, a entrada dos idosos obedece aos seguintes procedimentos: primeiro, deve ser enviada uma solicitação ao Instituto requerendo o ingresso do idoso; segundo, membros da instituição realizam visita ao domicílio onde se encontra e, após confirmarem a idade, a falta de recursos e de apoio da família, é, então, firmado um contrato de prestação de serviços, constando os direitos e deveres atribuídos à instituição e ao idoso, ou seu representante legal, no caso dos indivíduos que não apresentam autonomia física e/ou mental.

Não houve aproximação com os homens residentes, visto que havia pouca frequência deles nos momentos promovidos pelas caridosas. Assim, nosso foco foram as relações entre voluntárias e idosas residentes. Entrevistamos apenas um homem idoso e quatro idosas contribuíram para a pesquisa. A faixa etária variou entre 63 e 94 anos, conforme os critérios utilizados para compor a pesquisa. Todos os entrevistados são naturais de municípios próximos da cidade, possuem apenas o ensino básico e não conquistaram estabilidade profissional. As mulheres trabalharam como “empregadas domésticas” ou no “próprio lar” e algumas foram costureiras. Uma trabalhou como cuidadora de criança doente e como auxiliar de enfermagem. O homem entrevistado trabalhou como tipógrafo.

Entre os cinco entrevistados, duas são solteiras, uma viúva, um divorciado e uma idosa que nunca casou legalmente, mas teve dois filhos de um relacionamento. Exceto as solteiras, todos têm filhos, netos e, em alguns casos, até bisnetos. Antes da inserção na instituição, residiam com familiares, sobrinhos, filhos e/ou genros/noras. O idoso entrevistado é peculiar, visto que residia com

a mãe e, após a morte dela, uma tia encaminhou-o para a instituição, por não poder ser sua cuidadora. Todas as mulheres residem na instituição há cerca de 1 (um) ano e o homem há mais de cinco anos.

O perfil revela aspectos das vivências das residentes. As idosas que não constituíram família e são solteiras atribuem essa condição às restrições impostas pelos familiares, que impediram relações afetivas durante a juventude. Outras demonstram orgulho em serem “moças solteiras”. O relato de uma idosa ilustra esse “orgulho” de preservar a castidade, mesmo após a morte dos pais e a consequente solidão que marcou sua vida. Ao narrar acontecimentos biográficos, ela afirma:

- *... vou levando a vida, nunca casei, sou solteira, nunca fiz besteira também. Sempre tive muito cuidado na minha vida; fazer coisa errada, nunca fiz, graças a Deus, e tenho boas amizades (Sra. M., 89 anos, ILPI).*

As viúvas apontam esse fato como o motivo de sua entrada no local, visto que estão “sozinhas no mundo”. As que têm família numerosa, filhos, netos e rede familiar na cidade ou municípios circunvizinhos apontam outros aspectos para residir na instituição. Vida profissional intensa e consequente falta de tempo dos familiares para cuidar de seus idosos, difícil convivência com genros/noras, conflitos intergeracionais com os netos são os principais motivos apresentados para justificar distanciar-se da convivência familiar, optando ou sendo impelido a procurar uma ILPI. Encontramos também idosos que tomaram a iniciativa em lá residir.

Residente há um ano, uma idosa explica que morava com uma filha, mas devido à intensa vida profissional desta, não dispunha de tempo para ser sua cuidadora:

- *É porque sou doente, doente e essa filha ela é muito... . Não podia pagar porque ela já é empregada, ganha um salário e é doente. O jeito que teve, ela arrumou aqui, que é mesmo morar mais ela (Sra. I., 94 anos, ILPI).*

Revelou ter outros três filhos que a visitam regularmente. Justifica que todos são muito “ocupados” e não poderiam cuidar dela. Em seu depoimento, é recorrente afirmar os benefícios de morar na ILPI e elogiar religiosas e funcionárias, numa atitude de “defesa” da instituição, chegando a dizer que ainda que a filha lhe oferecesse novamente moradia, não deixaria o espaço institucional.

Outra idosa de 90 anos, viúva, com doze filhos que residem no estado do Rio de Janeiro, demonstrou satisfação em morar na instituição. O relato é esclarecedor:

- *Eu morava mais o filho caçula, sabe? Mas a nora era ruim, eu chorava todo dia pra vim pra cá. Quando cheguei aqui que a freira me viu, eu chorei, aí ela disse: ‘Olhe, não chore não que você vai ficar. Tem cama, tem guarda-roupa, não falta nada, só basta trazer os troços. Só os vestidinhos, as coisinhas, né?’ Tô amando, t ô no céu. É uma maravilha (Sra. R., 90 anos, ILPI).*

Nesses fragmentos, percebemos que a instituição adquire significado para muitos deles. Embora a ILPI atue como uma “fuga” da solidão/rejeição e violência familiar, eles reconhecem nesse espaço uma oportunidade para serem cuidados, conquistarem a desejada tranquilidade, além de “recriar laços” (CABRAL, 2002) com os demais residentes e os cuidadores da instituição. Born e Boechat afirmam que “se o indivíduo vem de precária situação social, a ILP será o porto seguro, de acolhedora segurança e tranquilidade” (2002, p. 773).

Ainda que revelem tristeza e certa angústia com a omissão dos filhos diante da violência e do abandono, esclarecem os aspectos positivos do seu novo lugar de vivência, visto que, como observamos acima, “...o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e prestígio nem da ausência de maus-tratos” (DEBERT, 1999, p. 83). Contudo, devemos considerar que essa recorrente ênfase percebida nos discursos de alguns pode revelar um recurso de resistência à situação de fragilidade social em que se encontram e, para tanto, supervalorizam a ILPI e sua inserção no local.

A observação e análise dos discursos nos permite entrever que, além da ausência dos familiares e fatores biológicos, outros elementos influenciam essa deterioração mental e emocional dos idosos. Um é a desvinculação da própria casa, atividades domésticas ou profissionais, visto que o ambiente atual não remete a vivências anteriores a essa experiência. Além disso, o afastamento de sua rede de sociabilidade (CABRAL, 2002) e a ausência de atividades diárias que estimulem o corpo e a mente surgem como possíveis motivos do agravamento de doenças. Destacamos uma idosa de 90 anos que, embora os familiares não a visitem regularmente, afirma satisfação com a residência no local, pois ainda trabalha confeccionando bonecas e tapetes com retalhos de tecidos doados. Ela aproveita a presença de visitantes e comercializa os artesanatos que produz.

É relevante considerar atitudes que explicitam a tentativa de preservar a individualidade nesse ambiente, a nova “casa”. Atitudes como pedir para serem chamadas pelo nome próprio e não pela expressão “senhora”, mostrar fotografias de vida “pré-institucional”, apresentar os visitantes aos demais residentes, afirmando que se trata de seu “amigo/a” ou familiar, revelam estratégias de resistência adotadas para atenuar a sensação de estranhamento ao ambiente institucional. A tentativa de preservar a intimidade no coletivo, demarcando o espaço individual no dormitório feminino acontece através de objetos, fotografias e outros elementos de distinção.

Ao tornar-se residente na ILPI, o idoso é condicionado a desvincular-se dos antigos papéis que exercia e adaptar-se a novos papéis sociais, não sem vivenciar inúmeras dificuldades emocionais e comportamentais nesse processo de mudanças intensas. As amizades, o companheirismo e a solidariedade observada entre os residentes configuram um importante meio de adaptação dos idosos.

Para se manterem lúcidas, atualizadas e ativas, elas procuram desenvolver atividades manuais, escutar o rádio para ouvir as notícias e ver televisão, atividade muito apreciada. A possibilidade de gerir uma pequena parte de sua aposentadoria atua como relevante fator para a autoestima daqueles que ainda mantêm

autonomia física e cognitiva. Sobre a administração desses recursos, elas afirmam:

- *É, pra tomar meus remédios e pagando aqui agora no São Vicente. Eu pago (Sra. M., 89 anos, ILPI).*
- *Mas toda sexta-feira, ela dá trinta conto a gente. Eu faço minhas compras. Agora mesmo vendi uma boneca por cinco conto, boneca de pano, tanto eu faço, como eu vendo (Sra. R., 90 anos, ILPI).*

A permanência dos idosos na instituição é determinada não apenas pela ausência de familiares dispostos a oferecer moradia e cuidados, mas pela insegurança de perder o apoio que reconhecem na instituição, também pelas dúvidas em morar com filhos/noras/sobrinhos. Medo de perder a tranquilidade, de voltar para uma situação de violência, de abandono:

- *Porque eu gosto, né? Que aqui é bom demais, aqui não falta nada pra gente, só falta saúde. Elas levam pra médico, o médico vem de oito dias aqui, enviam pra um médico de consultório... aqui não falta nada pra gente não (Sra. I, 94 anos, ILPI).*

Conformam-se com o novo modelo de vida, em troca da segurança e da garantia de que suas necessidades vitais e sociais são atendidas, embora demonstrem carência de afeto.

4 “Senhoras da caridade”

As motivações conhecidas para que mulheres adultas e idosas integrem a AIC, Núcleo Campina Grande (PB), e realizem ações com gestantes, idosos, crianças carentes e doentes são pautadas no desejo de promover melhorias na vida de indivíduos desfavorecidos socialmente.

Quanto aos critérios de admissão de novos membros na Associação, o Estatuto Social da AIC Brasil, parágrafo 2º, afirma

que:

Serão admitidas na AIC-Brasil mulheres católicas e compromissadas com a filantropia, cuja admissão ocorrerá por simples manifestação de vontade das mesmas, podendo as associadas serem excluídas da AIC-Brasil se deixarem de efetuar suas contribuições estipuladas pelo Núcleo ao qual pertencem e/ou se adotarem comportamento incompatível com o exercício e finalidade da atividade filantrópica, bem como atentarem contra a ordem, moral e os bons costumes (POGGIOLI, 2010, p. 160).

Nessa orientação, encontramos aspectos apontados como essenciais: comungar do catolicismo, estabelecer compromisso com a caridade e zelar pela moral e ética na família e na sociedade. Uma voluntária deve seguir tais preceitos para conduzir suas ações no cotidiano da Associação.

Embora os membros da diretoria do Núcleo confirmem os critérios para a admissão, acrescentam que muitas aderem pelo desejo de fazer caridade ao próximo e por terem disponibilidade de tempo. Por ser uma associação feminina, podemos imaginar que mulheres adultas, de diferentes faixas etárias, encontrem espaço no grupo. Todavia, a observação mostrou que o público-alvo são mulheres a partir dos 40 anos. O estado civil, a renda mensal e a formação escolar/acadêmica exercem influência, embora não sejam determinantes. As voluntárias apresentam um perfil socioeconômico semelhante e isso é o que tende a atrair mulheres do mesmo status social.

O “Projeto Alegrar” congrega nove mulheres da AIC, entre 54 e 76 anos e preserva o perfil observado. A maioria das voluntárias é de mulheres casadas e apenas uma viúva, professoras universitárias, funcionárias públicas aposentadas e donas de casa.

Indagadas sobre o que condicionou a procura pela Associação, alegam que a consideram uma “associação de credibilidade”. Outras afirmam também o desejo de ser uma “senhora de caridade”. A AIC é reconhecida como uma entidade administrada por “senhoras” da elite, que ostentam um estilo de vida elevado, e algumas buscam reconhecimento, como “engajadas em causas sociais”, com vistas a obter prestígio social. Em momentos de reflexão, enfatizavam que eram escolhidas por Deus para esse trabalho voluntário.

Por outro lado, a “chegada” da aposentadoria atuou como uma mudança na vida, visto que passaram de intensa vida profissional, conciliada com a familiar, para uma condição de inatividade. Após um momento de debate promovido em uma das reuniões da Associação, uma participante confessou frequentar diariamente um supermercado da cidade, porque não conseguia ficar em casa. Era seu “meio de distração”, pois se “sentia extremamente solitária”. Assim, essa atitude explicita a dificuldade real de pessoas idosas promoverem um novo patamar para o uso do tempo livre de forma criativa e despojar-se de antigas rotinas.

Enquanto a aposentadoria promove, embora com restrições, relativa autonomia para os idosos residentes, para as “senhoras”, ela representa a perda da identidade profissional e a necessidade de aceitação da nova condição de “aposentada” (CABRAL, 2002). Algumas relatam o vazio e a necessidade de reinserção social. Para tanto, procuraram o engajamento na AIC. Uma voluntária relata:

- *Quando eu me aposentei, fiquei muito deprimida, porque eu fui aposentada por invalidez. Aí eu querendo ser voluntária, porque eu já tinha sido voluntária, num asilo. Aí eu estava procurando um lugar onde eu pudesse ser voluntária (Dona E., 56 anos, AIC).*

Outra enfatiza a procura pela Associação como um refúgio do ócio, da inatividade:

- *Eu sou aposentada e estava muito ociosa em casa, sem fazer nada. Então, eu resolvi procurar algo que fizesse que... que realmente me sentisse bem (Dona A., 64 anos, AIC).*

A maioria das caridosas afirma que o maior incentivo para se tornar “senhora da caridade” foi o desejo de ajudar os mais necessitados, pobres e a afeição que nutrem pelos idosos, como vemos:

- *A vontade que eu sempre tive de cuidar de uma pessoa mais carente, de um idoso que precisa de uma atenção especial. Fui eu que cuidei dos meus pais, eu sempre tive a vontade de*

levar... de tirar um pouco da solidão desses que aqui se encontram (Dona N., 63 anos, AIC).

- *Eu sempre fiquei assim com pena desse povo carente de carinho familiar, uma palavra amiga, tá entendendo? Então, eu quis fazer essa doação. Porque eu me sinto bem com eles. Às vezes, eu penso assim que vou passar uma coisa boa pra eles, mas eu saio daqui fortalecida. Chego em casa fortalecida e com a sensação de missão cumprida (Dona T., 54 anos, AIC).*

O desejo de exercer a solidariedade com os idosos é um dos aspectos que assegura a permanência de algumas voluntárias no grupo. E essa *solidariedade* também atua em prol de si mesmas. Durante a troca de experiências, a condição de vida de um e de outro se coloca frente a frente. Comparações e possíveis conclusões que envolvem a superioridade de uma vivência em relação à outra aparecem sutilmente. Portanto, as atividades da AIC e do “Projeto Alegrar” existem com o objetivo não apenas de distração para os residentes, mas uma “terapia”/“autoajuda” para as voluntárias, sendo um momento para extravasar emoções, renovar energias e se certificarem da satisfatória vida que possuem.

As voluntárias contam que se adaptaram rapidamente às atividades e dinâmicas cotidianas desenvolvidas na AIC, além de conservarem relações amistosas entre si. A permanência delas no grupo é pautada pela satisfação de executarem atividades que atendam às metas e demandas existentes, além de adquirirem novos vínculos de sociabilidade (CABRAL, 2002), após a aposentadoria e/ou início da velhice.

5 O projeto alegrar e a participação dos residentes

Os encontros promovidos pelas caridosas junto aos residentes se constituem em momentos singulares, reveladores de expressões de “ser velho” e da condição social que vivenciam, bem como explicitam a elaboração da imagem da velhice de *si* e do *outro*. Não

nos limitaremos na descrição das atividades desenvolvidas pelo Projeto, mas através da observação das relações estabelecidas, analisaremos a perspectiva da alteridade entre idosos inseridos nos dois grupos que pesquisamos.

A Dinâmica dos Encontros. O objetivo do “Projeto Alegrar” é proporcionar momentos de alegria e distração aos residentes semanalmente: o grupo leva músicas, jogos, trabalhos manuais e servem lanches. As voluntárias vestem uniformes, conversam e ouvem relatos, histórias de vida, compartilhando conselhos, experiências, frustrações e conquistas. Comemoram os aniversários e fazem festas com programações específicas, tais como Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Dia do Idoso e Natal.

O “Projeto Alegrar” foi idealizado há cerca de 10 anos por uma pioneira que atuou como coordenadora. Posteriormente, outra assumiu devido à ausência dela. Inicialmente, promovia momentos mais dinâmicos. Organizava passeios em parques, caminhadas e conquistava uma maior adesão em práticas criativas, como pinturas em tecido, jogos, artesanatos em geral. Ultimamente, os idosos demonstram perda de interesse nas atividades, em face das limitações ou doenças. Assim, as voluntárias resolveram centralizar as atividades semanais no ambiente da instituição.

Para promover momentos de alegria e entretenimento, as “senhoras” desenvolvem uma prática semelhante. Observamos que ocorre assim: as primeiras voluntárias chegam ao Instituto, às 08h30, na terça-feira, organizam o lanche que, nesse dia, fica sob a responsabilidade delas. Seguem para o refeitório, preparam os pratos de cada indivíduo, com o apoio das funcionárias do local, servindo bolos, biscoitos e refrigerante. Depois, oferecem o lanche aos acamados. Após, arrumam o refeitório e começam a animação com músicas e jogos no salão principal. As nove voluntárias dividem-se para conversar, jogar ou ajudar os idosos nas suas necessidades, de acordo com aptidões e características pessoais. O conteúdo musical alterna cantigas infantis, marchinhas de carnaval e canções religiosas, e os idosos são motivados a cantar e dançar junto com elas. Estimulam também a prática de jogos diversos.

Para esse encontro, as voluntárias vestem uniformes, sinalizando uma distinção delas para as tarefas que realizam. É também uma

forma de expressar a identidade do grupo em face da coletividade onde atuam. Na instituição, o horário de visita inicia às 09h30 e finaliza às 10h30. Entretanto, durante as atividades do “Alegrar”, o horário é ampliado até às 11h. Esses dias são percebidos como “especiais” e diferentes da rotina e cheios de expectativas para todos os participantes.

As voluntárias e a participação dos residentes. Mauss (2003) desenvolve a teoria da reciprocidade a partir de práticas estabelecidas nas sociedades “arcaicas” sobre as quais estudou, destacando a tripla obrigação entre o dar/receber/retribuir entre os indivíduos. É nesse sentido que as atividades propostas pelas caridosas, acima descritas, apenas têm efeito a partir da aceitação do residente e de sua posterior “retribuição”.

As ações destinadas aos idosos são planejadas pelas “Senhoras” de acordo com as características físicas, subjetivas e socioculturais deles. Assim, sendo lúcidos ou apresentem algumas limitações, são incentivados a jogar bola e conversar. Quanto aos acamados, aguardam a visita delas aos dormitórios. Observamos que muitos participantes não interagem, apesar de receptivos aos diálogos sobre suas histórias e sobre o ambiente da instituição.

Uma voluntária, de 72 anos e há três anos no “Projeto Alegrar”, relatou que a maioria não participa das atividades. Para ela, a idade avançada, a saúde debilitada e a personalidade introvertida deles/delas são obstáculos à participação. Apesar disso, muitos demonstram satisfação em face da presença das “Senhoras”, reconhecendo cada uma delas e lamentam quando não comparecem. Também constatamos que os próprios idosos se declaram “não ativos”, mas gostam de ver e conversar com elas.

Ainda percebemos atitudes de rejeição ao “Alegrar”, como expresso por uma idosa:

- *Eu não gosto muito não, mas não me importo, porque eu não posso brincar, tenho os braços doentes, aí não gosto não. (...) Pra gente é divertido! Quem gosta e pode, se diverte (Sra. I., 94 anos, ILPI).*

Mas também de aceitação, como a Sra. C., 63 anos, portadora de necessidades especiais, em cadeira de rodas, que sempre participa das atividades.

Outras revelam não participar, mas gostar de olhar e conversar. Também constatamos reclamações, devido ao alto volume das músicas, certos afagos ou brincadeiras de mau gosto, reconhecidas como “palhaçadas”. Como perguntas: “Quando vai casar? Ou, quer casar?”. Chegam a concluir que “velho é tratado como palhaço”. Muitas “resmungam” para expressar insatisfação com o tratamento recebido.

Atitudes observadas no que diz respeito à “recepção” dos residentes são expressas, portanto, através de participação ativa, presença mais reservada, bem como indiferença às ações. A “retribuição”, por sua vez, é realizada através de sorrisos, abraços, palavras elogiosas, ao que as “Senhoras” afirmam se sentirem realizadas com as expressões de agradecimentos.

Podemos considerar que a caridade realizada nem sempre está em conformidade com a concepção de “amor ao próximo”. Conflitos também aparecem entre as participantes do grupo de voluntárias. Observamos que comentavam sobre as ausências e que era perceptível que algumas expressavam amor pelas tarefas, enquanto outras só frequentavam a ILPI para “bater papo”, principalmente as “velhinhas” do grupo, referindo-se às mais idosas do Projeto em questão. Quanto às relações com os residentes, algumas “Senhoras” demonstravam momentos de incompreensão, em face das limitações deles. Demonstravam impaciência para ajudar a deslocar idosos no espaço, assim como o fato de estimular uma recém-admitida, que se vestia de forma exagerada, a cantar para todos rirem dela.

Observamos que as práticas da caridade são nuançadas dentro e fora do grupo. Ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade de promover uma ruptura na rotina dos residentes, com momentos de alegria e entretenimento, algumas voluntárias não compreendem de forma ampla a condição peculiar de cada idoso que ali reside e reproduzem práticas de exclusão e de invasão na privacidade/individualidade dos residentes.

6 As senhoras e os residentes: imagem de si sobre si e em relação ao outro

Imagens de *si*, imagens do *outro*. Nos estudos antropológicos, a perspectiva da alteridade é discutida recorrentemente. Povos primitivos *versus* civilizados, indígenas *versus* brancos, jovens *versus* velhos, as diferenças territoriais, étnicas, geracionais, sociais são postas em extremos. Aqui, pretendemos debater a noção e a prática da alteridade e como esta acontece através do encontro entre sujeitos que compartilham o mesmo estágio no curso da vida, com relação à velhice, entre idosas de grupos distintos num ambiente institucional, mas que possuem distintas trajetórias de vida e inserções sociais. Empreendemos uma análise por *dentro* da velhice, verificando os aspectos que demarcaram as diferenças presentes no processo de envelhecer.

Em obra clássica, “A Velhice”, Beauvoir (1990) afirmou que os idosos antes resistem à velhice, que a ela procuram se adaptar. “Velho é sempre o outro, pois a velhice é uma realidade incômoda”. É neste sentido que discutimos, uma vez que não se trata apenas de perceber e analisar a *si* próprio e ao *outro* enquanto idosos, mas de elaborar a sua imagem a partir do encontro e relação estabelecida com esse *outro*.

Buscamos conhecer como os idosos constroem suas representações do que é “ser velho” e quais critérios acionam para elencar elementos que demarcam a velhice. Esse exercício busca, através dos relatos dos próprios sujeitos, perceber o que caracteriza o *outro*, como se reconhecem como parte daquela realidade e encontram semelhanças, comparando à sua experiência particular de velhice. O confronto, realizado na forma de *encontro*, entre diferentes formas de vivenciar a velhice é pontuado por observações e relatos sobre as diferenças no processo de envelhecer presentes neste estudo.

7 Entre práticas e significados: percepções sobre “ser velho/a” para as “senhoras da caridade” e os idosos residentes

Reconhecer a velhice como inerente à condição biológica da humanidade encontra resistência desde sempre. A reflexão sobre como “será a velhice” é uma questão real e constitui-se em uma prática que os indivíduos resistem, mas terminam por realizar. Entretanto, enfrentar a presença da velhice na vida é um desafio e provoca diferentes avaliações do que julgavam “próprio” do envelhecer ao experimentar “ser velho”.

Como apontado por Debert:

Na pesquisa antropológica, muitas vezes é a impressão que o pesquisador tem sobre a aparência do pesquisado que o leva a caracterizar os indivíduos como velhos. Outras vezes, é a autodefinição do informante e, na maioria das vezes, uma determinação aproximada de sua idade cronológica (2007, p. 55).

Nossa discussão está, portanto, buscando não apenas autodefinição do informante, mas a articulação entre fontes teóricas e impressões advindas do campo. Assim, o período de pesquisa na AIC e no “Alegrar” revelou certo temor entre as mulheres em serem identificadas como idosas. Em todo momento, defendem-se e se autodefinem: “Não somos velhas, somos experientes” ou “Velhas não, idosas”. Demonstram rejeitar inclusive expressões de tratamento, tais como “senhora” e “dona”, porque implica nomeá-las “velhas”.

Numa reunião das “Senhoras”, para refletir o tema “Terceira Idade”, como parte da programação do Dia Nacional do Idoso, o debate pós-palestra envolveu as noções de nomenclatura utilizadas para se referir aos indivíduos “de mais idade”. Quando recaíram nos termos “idosos *versus* velhos” e a chamada “terceira idade ou “melhor idade”, iniciou-se um debate acalorado entre duas

“Senhoras”, quando defendiam percepções divergentes a respeito da questão. Uma declarava:

- *Quem diz que a ‘terceira idade’ é a ‘melhor idade’ é hipócrita. Eu mesma vivo cheia de doenças que não tinha. Que melhor idade que nada!.*

A outra debatedora respondia:

- *Não é hipocrisia, porque quem faz a idade é a pessoa.*

Considera-se idosa, mas deixa claro que não é velha, porque ainda não parou.

- *Estou ficando velha, ainda não sou.*

Mas refere-se aos residentes como “velhinhos”. Interessante perceber que ela é vaidosa, as peças de vestuário e os cosméticos de beleza utilizados expressam essa vivacidade afirmada pela mesma. Outra, de 72 anos, afirma pensar na sua própria velhice, mas como futuro e não presente:

- *Já tô me preparando, tô no caminho. Me relaciono bem com isso (Dona O., 72 anos, AIC).*

Embora “oficialmente” inseridas numa idade que é demarcada como “idosa”, não se reconhecem assim. Segundo as caridosas, os principais aspectos que indicam a chegada da velhice são os seguintes:

- *A maior característica é o esquecimento. A saúde também, porque geralmente os idosos são mais propensos a ficar doentes que os jovens (Dona O., 72 anos, AIC).*
- *Primeiro aspecto de ser idoso, mais velho, menos velho, é o estado de saúde do velhinho. Se o velho pode ter oitenta anos e ter um estado de saúde bom, não tem nada (Dona G., 76 anos, AIC).*

- *... Idade pra mim não é ser idoso não, de jeito nenhum. É como ele fica, é o estado físico que determina o idoso, não é a idade. O que determina o idoso é apenas a saúde dele (Dona E., 56 anos, AIC).*
- *Olha, quando a pessoa passou dos sessenta, já começa a sentir velho e os que têm a felicidade de ter a família boa, carinhosa, é bom (Dona A., 64 anos, AIC).*

Nota-se uma tendência em associar a velhice à presença de doenças e limitações. Interessante que na medida em que definem os elementos demarcadores, afastam-se do perfil que esboçam e estabelecem diferenças ou até uma total dissociação entre a própria experiência de envelhecer e a dos residentes idosos. Estes, por sua vez, não demonstram receio em se identificarem com a expressão “velhos/as”, é parte da rotina deles comentarem:

- *Tu viu a velha como chegou nervosa?*
- *Já conheceu a velha que chegou?*
- *Essa velha não tem mais juízo,*

quando se referiam aos recém-chegados e àqueles que se locomoviam, mas já apresentavam limitações cognitivas.

Assim, os residentes explicitam dificuldade em definir os elementos que identificam a velhice. Ainda demonstram estar falando de si próprios, de uma experiência que lhes diz respeito. Vejamos:

- *Velho é ter paciência, é esperar a vontade de Deus. Velho é assim, doente, não quer saber mais de nada, não é? (Sra R., 90 anos, ILPI).*
- *É mais esse... esse viver afastado, é estar afastado da comunicação, né? Uma vida parada sei lá como (Sra. M., 89 anos, ILPI).*

Entre as voluntárias, reconhece-se a resistência ao tratamento como “idosa” e, ainda mais, “velha”. No caso dos residentes, o perfil é distinto, visto que há aceitação e reconhecimento da própria

experiência, porém, salientase “não quero ser, mas sou”, que diferencia-se do “estou ficando, mas não sou”, das caridosas.

As representações da velhice, através dos relatos de sujeitos que vivenciam a condição de ser velho, explicitaram associações que comumente são encontradas na abordagem sobre o envelhecer: doenças, decrepitude, esquecimentos. Acrescido a isso, verificou-se uma constante tentativa de distanciamento da possibilidade de fazer parte do “grupo” tão negativamente definido por eles próprios, bem como uma aceitação por parte dos residentes, ainda que não houvesse o desejo de estar vivenciando a velhice.

8 O confronto entre o eu e o outro na velhice

O primeiro confronto proposto pela presente pesquisa foi: a realidade institucional *versus* a realidade aberta. A experiência de ser velho e residir numa ILPI, instituição total (GOFFMAN, 2008), é significativamente distinta da possibilidade de ser velho, ter uma vida social e apenas visitar a instituição, colaborando em atividades para seus residentes. Esse confronto não aconteceria apenas em extremos de condições de vida distintas na velhice, mas em termos relacionais, através da perspectiva da alteridade. Como analisado por Jovchelovict:

O *outro* não está simplesmente lá, esperando para ser conhecido pelo sujeito do saber. Ao contrário, o *outro* está lá, ele próprio, enquanto *eu*, com projetos que lhe são próprios, desejos que lhe são próprios, perspectivas que lhe são próprias. Ele não é redutível do que o *eu* pensa ou sabe sobre ele, mas é precisamente o “outro”, irredutível na sua alteridade. Existem muitas formas de envolvimento com o *outro* e essa diversidade de formas conduz não só a diferentes concepções do próprio *eu*, mas também a diferentes relações entre o *eu* e o *outro* (1998, p. 74, grifo do autor).

O confronto entre vivências particulares e entre um “futuro temido” pelas voluntárias de caridade é realizado no próprio interior do grupo. Observamos também um conflito entre as voluntárias, com

idade inferior a 75 anos e a outra acima de 75 anos. Muitas vezes, os conflitos geracionais eram explicitados em situações-limite, nas quais surgiam opiniões divergentes e incompreensões.

A representação da velhice está fortemente associada a estigmas socialmente ligados à decadência física, e a percepção que as pessoas envelhecidas têm da sua própria imagem muda à medida que o tempo passa; o confronto com a velhice provocado, principalmente, pela inatividade ocasionada pela aposentadoria, cria múltiplas facetas na representação da decadência e do envelhecer (PEIXOTO, 1997, p. 156).

A imagem que possuíam a respeito da velhice e dos idosos, carregada de estereótipos, contrasta com sua própria experiência de velhice, suas limitações, bem como as possibilidades de atuação que ainda vislumbram no campo individual e coletivo, junto à família e ao grupo de caridade.

- (...) *Tem pessoas que quando começam a envelhecer, se trancam, não se comunicam, não procuram atividades. E as pessoas que demoram a envelhecer, se comunicam, têm atividades. É o que procuro fazer (Dona O., 72 anos, AIC).*
- *Hoje, eu tô ficando idosa, claro, né? Bem feliz e satisfeita. Eu tenho idoso como uma pessoa qualquer, um mais velho, que realmente fica mais velho, uma pessoa de 90 anos pra frente, eu acho que já fica mais velho, mesmo que seja lúcido (Dona G., 76 anos, AIC).*

Para as caridosas, a percepção de velhice de si mesmas diante do quadro da ILPI revela expressões de não reconhecimento e/ou a tentativa de definir a distância que caracteriza sua vida e a do *outro*, residente.

- *Eles são muito carentes de carinho, a vivência deles é uma vivência de tristeza, porque eles não têm apoio familiar. Falta o principal: a família. A presença da família (...) Eu não comparo com a minha vida, de jeito nenhum, porque ainda eu tô nova em relação a eles. Comparação com eles, a gente não pode comparar porque a gente tem vida boa ainda, ainda tá com*

saúde, na faixa etária que pode fazer alguma coisa e eles não (Dona E., 56 anos, ILPI).

- *Eu vejo uma diferença grande entre a minha vida e a dos idosos, porque eu posso dar carinho, amor e eles não têm essa parte, sabe? (Dona A., 64 anos, ILPI).*
- *Quando eu vejo os velhos aqui, percebo que é muito bom quando a gente faz as coisas pra gente, mas quando a gente fica aquele velho que é você quem cuida, você quem bota a comida na boca, é uma vida que sinceramente, eu só aceito diante de Deus, que tenho que aceitar. Eu tenho muita pena daqueles velhinhos quase ou totalmente dependentes (Dona G., 76 anos, ILPI).*

Como discutido por Barros em uma pesquisa realizada com um grupo de mulheres idosas:

[...] o que as mulheres da pesquisa viviam como velhice era um momento dúbio, pois ao mesmo tempo em que era percebido como presente, era adiado para um tempo futuro. A visão da debilidade física e mental de pessoas da mesma idade, o internamento de conhecidos ou parentes em asilos para velhos, a morte de alguém próximo traziam a presença da velhice. Mesmo que essa presença viesse como uma comparação, afastada delas mesmas, essa comparação mostrava que a ameaça existia e que elas deviam estar o tempo todo atentas para pressenti-la (2007, p. 145).

Entre as caridosas que se aproximam dos 60 anos, há o consenso de que o contato com residentes possibilita reflexões a respeito de sua experiência vindoura. Diante do reconhecimento de inúmeros desafios com os quais o idoso brasileiro se depara, as voluntárias percebem a necessidade de educar as gerações mais jovens para saber lidar com os idosos e o envelhecimento de uma forma geral (CABRAL; MELO; SILVA, 2011).

Embora os residentes não reconheçam as voluntárias como imagem de sua própria velhice, seus relatos assemelham-se à percepção de não identificação de “ser velho” pelas caridosas, mas com outros significados:

- *As mulheres são novas, olha só pra elas, dançando! São novas, né? (Sra. R., 90 anos).*

Observações realizadas revelaram não identificação entre as experiências de *velhices* sobre as quais nos debruçamos. Embora houvesse certo reconhecimento da sua própria velhice, diante dos residentes, as idosas participantes do grupo de caridade explicitavam a superioridade de suas vivências, sendo notória a distinção entre sua velhice em relação à dos residentes. Estes igualmente não expressavam reconhecer entre as idosas do “Alegrar” uma imagem da velhice e, menos ainda, da sua própria experiência.

À guisa de conclusão

As distinções de gênero, geração, classe social, grupos e contextos específicos contribuem para elaborar a representação da identidade individual e coletiva de ser velho/a. A possibilidade de vivenciar a velhice de forma autônoma e desfrutar de privilégios econômicos e sociais, por exemplo, são elementos de distinção que contrapõem-se a uma realidade de dependência, em ambiente da ILPI. O exercício de confrontar duas realidades, praticando o princípio da alteridade, possibilitou que os sujeitos sociais refletissem sobre sua condição de vida atual a partir de *si* mesmos e de um *outro*, também idoso, mas distinto em sua trajetória de vida. Essa reflexão constituiu-se em uma análise sobre subjetividades, identidades e características socioculturais, explicitou diferenças presentes no processo de envelhecer buscando contribuir para ampliar a representação da “velhice”.

Referências

BARROS, M. M. L. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. – reimpr. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BEAUVOIR, S. A Velhice. Rio de Janeiro, *Nova Fronteira*, 1990.

BORN, T; BOECHAT, N. S. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, E. et al (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara; Koogan, 2002.

CABRAL, B. E. S. L. *Recriar Laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas*. Tese (doutorado)-UNICAMP/Campinas, 2002.

_____. MELO, J. A. B; SILVA, K. R. Universidade e questões geracionais educar para o envelhecimento na sociedade e na família. In: D'ALENCAR, R. S., OLIVEIRA, R. C. S. *As experiências de universidades abertas em um Brasil que envelhece*. Curitiba, PR: CRV, 2011.

DEBERT, G. G. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política – reimpr* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

JOVCHELOVICT, S. Re(des)cobrimdo o outro. In: ARRUDA, A. (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a Dádiva*. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. Sociologia e Antropologia. Ed. Cosay & Naify: São Paulo, 2003.

PEIXOTO, C. Histórias de mais de 60 anos. In: MOTTA, A. B. (Org.). Dossiê Gênero e Velhice. In: *Revista de Estudos Feministas*, v. 5. n. 1/97. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRJ: Rio de Janeiro, p. 159-168, 1997.

POGGIOLI, M. D. (Org.). *Fundamentos Básicos da AIC-Brasil*. São Paulo: Catálise, 2010.

Ancoragem¹ das representações sociais: o lugar do velho na percepção de estudantes de enfermagem

Raimunda Silva d'Alencar, Andréa Evangelista Lavinsky, Talita Machado Levi, Ariadne Nascimento Santos

Las personas mayores son la memoria de un pueblo y maestros de la vida. Cuando una sociedad no cuida a sus ancianos niega sus propias raíces y simplemente sucumbe (UNIVERSIDAD MAIMÓNIDES, 2016).

O tema da velhice e do envelhecimento vem representando significativa importância nas sociedades contemporâneas e, como não poderia deixar de ser, no ambiente acadêmico, pelo papel que a universidade desempenha na formação de profissionais que farão intervenções na realidade social, e na medida em que o incremento da expectativa de vida sinaliza mais tempo vivido na velhice, aumento quantitativo de pessoas idosas e, em decorrência, necessidade de conhecimento compatível com as demandas que serão recorrentes.

As projeções de crescimento exponencial desse segmento, já nos próximos anos, trazem impactos que se refletirão nas diferentes esferas da vida social e individual, exigindo mudanças substantivas em qualidade e quantidade, em setores como cultura, administração, economia, direito, psicologia, gestão pública, serviços assistenciais, construção civil, arquitetura, urbanismo, transporte, saúde, seguridade social, educação e relações humanas, tornando “imprescindível que indivíduos, instituições e governos estejam atentos a este cenário, de modo a definir ações públicas e comunitárias para atender a um novo perfil demográfico” (TONI, 2011, p. 64).

Trata-se de questão considerada por Kalache (2014, p. 3306) como a *revolução da longevidade*. Revolução por se estar vivendo cada vez mais, cerca de trinta ou mais anos que nossos avós e revolução, também, pelo impacto súbito sobre toda a sociedade.

Esse incremento quantitativo de pessoas idosas naturalmente vai estabelecer necessidades qualitativamente novas e plurais. Os avanços na esperança de vida e o peso que passa a representar essa longevidade trazem indicativos de mudanças importantes das novas gerações a partir das oportunidades de aumento dos níveis de escolaridade em relação a trinta ou quarenta anos atrás.

A formação de competências de profissionais vem se constituindo em um grande desafio para os ambientes acadêmicos, responsáveis pela construção e desconstrução de saberes, sejam eles científicos ou não, especialmente em função do acelerado envelhecimento, pelas novas demandas e pelas atitudes ainda prevalecentes na realidade brasileira, de descaso, desrespeito, incompreensão e intolerância.

Mesmo com os importantes avanços na compreensão social da velhice, reconhecendo que hoje se envelhece melhor que nos vinte últimos anos do século passado, ainda se percebe sua associação com debilidade e doença, naturalmente que determinadas muito mais pelas condições sociais e econômicas desfavoráveis e precárias vividas por uma parcela relevante da sociedade, mas, também, pela formação dos sujeitos, ainda atravessados por mitos, preconceitos e valores depreciativos.

Parte da população ainda não se deu conta de que o incremento de anos à vida implica requerimentos diferentes, seja nas políticas de seguridade social, especialmente nas aposentadorias, seja na oferta de serviços públicos e, em especial, nas novas posturas e atitudes frente à própria vida, não só daqueles em estágio atual de velhice, mas de todas as gerações (D' ALENCAR, 2002).

Embora se reconheça que se trate de um fenômeno fascinante, que é o prolongamento da vida, é temeroso minimizar as suas repercussões, ainda não devidamente conhecidas, especialmente porque a estrutura social não se preparou previamente para os inevitáveis impactos que

extrapolam a configuração individual, alcançam a esfera familiar, do mercado de trabalho, das políticas públicas, das atividades sociais e recreativas, da educação, da saúde, do transporte, alterando valores e concepções de vida (D'ALENCAR, 2002, p. 63).

Um aspecto importante a considerar é que envelhecer é uma conquista significativa, pela experiência, memória e sabedoria que acumula aquele que envelhece, elementos que valorizam a vida e a sociedade; de outro lado, a velhice é negativamente estereotipada, afastada por aqueles que não se desejam ou se querem velhos, motivados pelas representações que a própria sociedade instaura em torno da velhice. Todos querem viver mais, mas desprezam os desafios que a longevidade traz, que podem incluir riscos de incapacidades e a dupla carga de enfermidades crônicas de permanência duradoura, que exigem muito cuidado.

O conhecimento sobre a especificidade do envelhecimento, tanto para quem envelhece como para quem precisa fazer intervenções, vem se tornando cada vez mais necessário, também requerendo cuidados em torno do sistema de valores vigentes na sociedade. Nesse sentido, saber como pensam os diferentes atores sociais a respeito do processo de envelhecimento, inclusive no ambiente acadêmico, pode representar uma resposta positiva em termos de contribuição às possibilidades de intervenções mais eficazes, menos discricionárias e pessimistas.

Neste estudo², o sujeito social de investigação foi o estudante do campo da saúde - curso de enfermagem -, cujo fazer profissional terá impacto, direto ou indireto, sobre a velhice, e cuja identidade profissional é construída durante a etapa de sua formação acadêmica e de cidadania, associadas, sem dúvidas, à matriz de valores, interesses e significados, individuais e institucionais.

Buscando compreender a representação social que constroem os alunos de enfermagem sobre a velhice, especificamente sobre a sua percepção em torno do lugar social da pessoa idosa, foi utilizada a Teoria das Representações Sociais como instrumento teórico capaz de sinalizar como são construídas as ideias, lembrando que os processos que engendram as representações sociais traduzem reflexos da comunicação estabelecida pelos indivíduos em suas

práticas cotidianas que, por sua vez, são determinadas por valores sociais do momento espaço-temporal.

Nesse sentido, é importante compreender que os valores da sociedade atual têm a marca da provisoriedade, do consumismo, da liquidez, da velocidade, da aparência sempre jovial e vigorosa fisicamente, o que significa tratar-se de valores que vão ao encontro de um segmento com características adquiridas naturalmente ao longo do tempo, que o qualificam como pessoas experientes, menos velozes, pele enrugada, com um sistema biológico que traz as marcas do tempo.

O propósito deste artigo foi identificar e analisar as ideias que têm esses jovens regularmente matriculados no referido curso, incluindo-se seis alunos do primeiro e oitavo semestres, 95% deles do sexo feminino e idades entre 17 e 23 anos, acerca da velhice e o lugar que esse segmento populacional ocupa na sociedade, na universidade, na família, no trabalho. Cerca de 23,5% dos entrevistados moram com idosos e os demais têm convivência frequente ou esporádica com essas pessoas.

Para realizar a coleta de dados, foi utilizada a técnica da entrevista estruturada, composta por 48 questões, das quais foram selecionadas as falas inseridas nos seguintes eixos temáticos: significados de velhice e envelhecimento, educação, limitações, trabalho e convivência familiar.

2 Sobre velhice e envelhecimento na sociedade atual: como pensam os jovens acadêmicos

A velhice é o estado em que pessoas são tratadas como velho ou idoso, termos conceituados por Ferreira (1988) como obsoleto, gasto pelo tempo, desusado, antiquado, que tem muito tempo de existência, que tem muita idade. Embora os termos aparentemente equivalência (idoso é velho) e caracterizem as pessoas que já passaram dos sessenta anos, quando trazidos para a realidade, a

sua utilização tem sido objeto de relevantes debates na área das ciências sociais, como se vê em Debert (1998), Peixoto (1998), Motta (1998), e de controvérsias no imaginário social.

Com a estimativa de volume crescente desse segmento, com demandas também crescentes, em qualidade e quantidade, a sociedade ainda não assumiu, de fato e de direito, este fenômeno inevitável que é a velhice. Ainda convive com ideias equivocadas, quase sempre reducionistas acerca do processo de envelhecer, já atualmente manifestando dificuldades de conviver e dividir recursos e oportunidades com pessoas que considera improdutivas, pesadas, obsoletas, ultrapassadas, doentes. Essa concepção pesa de modo negativo sobre as pessoas velhas, que se vêm e se sentem cada vez mais desqualificadas e pressionadas. Este é um dos grandes equívocos da sociedade atual: o de querer viver mais, porém negando a velhice com suas especificidades, suas características e vulnerabilidades, quando estas existem.

O momento atual exige reflexão a respeito dos impactos do envelhecimento sobre as sociedades e sobre as pessoas, considerando que ainda é grande a desinformação sobre as particularidades do envelhecimento populacional. Uma questão relevante centra-se na transmissão de valores e ideias de uma geração a outra, na criação de laços, na herança, no legado passado dos mais velhos para os mais novos e que, no dizer de Arendt (1972), não tem qualquer testamento. De outro lado, falar em laço social, em herança, quando uma das características das sociedades atuais é o individualismo, a dissolução de laços, a provisoriedade, a solidão, a particularização da vida (BAUMAN, 1998; HARVEY, 1998), pode parecer um paradoxo (D'ALENCAR, 2012, p. 10).

Trata-se de fenômeno que tem operado mudanças significativas sobre as estruturas sociais e sobre as populações, tanto do campo quanto da cidade, na vida dos indivíduos e no seio das famílias, em especial pelo caráter de maior longevidade com que se tem caracterizado.

Apesar de importantes mudanças já observadas, e do esforço do próprio idoso na construção e valorização da sua identidade, ainda se insiste em manter a velhice sob duas ancoragens, demonstrando

a dificuldade em promover o devido afastamento da influência de uma primeira impressão, atendendo muito mais à condição social do que, propriamente, à velhice:

- De um lado (e em especial a velhice da camada social de menor poder aquisitivo), um peso, um fardo, caracterizando-a de maneira degradada, doente, descartável. Essa visão transforma o velho em um simples receptor submisso e passivo de “gratuidades” que a sociedade lhe outorga, mantendo-o sob o guarda-chuva dos estereótipos, da incapacidade, da impotência, o que alimenta nos mais jovens a ideia de que os velhos não passam de pessoas limitadas, dependentes, inúteis, reforçando cada vez mais a distância entre velhice e juventude.
- De outro lado, a velhice é vista com certo glamour e é tratada com protagonismo positivo, submetida cada vez mais a sacrifícios e ostensivas dietas, academias, cirurgias, substâncias botulínicas, em nome da preservação da juventude, revelando aversão à flacidez e rugas, que a caracterizam. Esse protagonismo passa pela autonomia financeira, que permite sua inserção na cultura mercadológica, com capacidade para consumir produtos e serviços que prometam evitar, frear ou reverter as perdas inerentes à velhice.

Ao esconder as marcas da passagem do tempo e camuflar as características físicas associadas ao envelhecimento, a sociedade assinala que é imperativo ser ou continuar jovem, reforçando a ideia de que não há espaço para a velhice. Como lembra Cerqueira (2014, p. 68), “fama, prestígio e dinheiro são alguns dos ingredientes que ressignificam qualquer mal-estar social incluindo-se os preconceitos contra a velhice”.

É necessário realçar que o envelhecimento, por não se constituir em processo homogêneo, ocorre no contexto de múltiplas interações, sejam elas físicas, químicas e biológicas que se repetem para cada ser humano, associadas a outro leque de interações, de caráter psíquico, cultural e socioambiental que, embora inerentes à vida, não caracterizam um processo mecânico. Ao contrário disso, o envelhecimento é dinâmico, ativo, variável, caracterizando-se de

modo particular a cada indivíduo. Portanto, trata-se de processo individual, heterogêneo, inevitável e irreversível, que “não segue uma cronologia rigorosa em cada pessoa, daí o seu mistério de, ocorrendo para todos os seres humanos, ser diferente em cada um” (D’ ALENCAR, 2013, p. 46).

Assim, abordar o significado de velhice construído por jovens acadêmicos, significa levar em conta um conjunto de significados de que se utilizam esses jovens, sob diferentes aspectos e circunstâncias, a exemplo de crenças, opiniões e estereótipos que têm em relação à velhice, condicionados à presença ou ausência de um corpo vigoroso, da capacidade de produzir e consumir, de vinculação com o trabalho, de agilidade nos movimentos, de uma marcha acelerada, de domínio das novas tecnologias de comunicação. Não é demais lembrar que as mudanças estruturais no corpo são percebidas como perdas na pessoa de mais idade, naturalizando a ideia da velhice como o momento de “degradação” da condição humana (CUNHA, EULÁLIO, BRITO, 2004).

Diante dessa realidade e das construções que elaboram, torna-se importante reconhecer que a convivência do imaginário social com ideias erradas em torno da velhice e do envelhecimento é o que leva os velhos a sentirem-se cada vez menos valorizados e mais pressionados a representarem o que querem que eles sejam ou o que eles não desejam ser (D’ ALENCAR, 2016). Menos valorizados, vão aos poucos se isolando, podendo chegar à morte, considerando-se as consequências da solidão, que podem acelerar o declínio cognitivo. Dhruv Khullar (2016), em matéria publicada no *New York Times* em 28 de dezembro de 2016, assinala que o isolamento social está se convertendo em uma epidemia e afirma que

varias investigaciones nuevas sugieren que estar socialmente aislados es malo para nosotros. Las personas con menos conexiones sociales presentan patrones de sueño discontinuos, alteraciones del sistema inmunitario, más inflamación y niveles más altos de las hormonas relacionadas con el estrés..... [...] las personas aisladas tienen el doble de probabilidades de morir prematuramente que aquellos con interacciones sociales más sólidas.

Os processos que engendram as representações sociais traduzem reflexos da comunicação estabelecida pelos indivíduos em suas interações e práticas cotidianas, o que significa dizer que isso ocorre em todas as ocasiões e lugares onde esses jovens se encontram e se comunicam, mesmo que formal ou informalmente (desde as filas em banco, em bares, supermercado, salas de aula, trabalho, ruas e praças, espetáculos, praias, unidades de saúde). Essas comunicações e interações, rápidas e superficiais, são determinadas pelos valores sociais do tempo e espaço onde ocorrem. E é nesse tempo e espaço que os objetos são descartáveis, as relações são fluidas, tudo é provisório, tudo rapidamente envelhece e é necessária substituição. O que é velho precisa ser retirado do cenário, substituído pelo novo.

Em uma sociedade cujo ritmo é de aceleração constante, onde tudo precisa acontecer com velocidade, a pessoa que necessite locomover-se lentamente, que tenha reduzida audição ou visão, estará fadada a ser passada para trás; afinal, ela atrasa o outro, aquele que é vigoroso, forte, jovial e não está com limitações. Assim, em falas como a seguinte, é possível vislumbrar a compreensão de que embora a idade não seja merecedora de tratamento diferenciado, a velhice por si só é comprometedora da capacidade de pensar.

- *Eu acho que o envelhecimento não ... vai além do físico. Porque o envelhecimento é mais mental do que fisicamente. Pela questão de ... das pessoas acharem que porque tá seguindo a idade tem que ta dife... tem que ser tratado de forma diferente, de forma especial... por causa da idade (AC, 20a.) – grifos nosso.*

Uma das perspectivas que embasam a forte influência dos fatores socioculturais na vida de pessoas idosas é que os significados de velhice e envelhecimento são atribuídos a partir de um sistema de convenções inserido numa determinada cultura, capaz de promover a clivagem³ social, que é a fragmentação de grupos sociais, tão observada nos dias de hoje.

Quando essa cultura é baseada na exacerbação do novo, do descartável, do belo, sobra para a velhice o abandono, o isolamento, a ineficácia, a solidão, as sobras das interações, dentro e fora do núcleo familiar. E é de amplo conhecimento os danos que traz a solidão, independentemente da idade, podendo levar à depressão e acelerar a deterioração cognitiva.

Dessa forma, é necessário analisar que

o problema com a velhice não é a velhice em si, mas a maneira como os outros e o próprio velho se colocam perante ela: o velho ainda é visto em lugar onde seus projetos já foram realizados e, por isso, já devem ser abandonados. Não se está levando em conta que, sem reconhecer o valor da existência e os aspectos da condição humana, não é possível compreender a velhice, em especial quando ela perde o poder de reivindicação e o poder de exigir o cumprimento daquilo que é de direito: respeito, dignidade, cidadania (D' ALENCAR, 2013, p. 51).

3 A educação de pessoas idosas

Não se têm dúvidas de que uma grande questão da sociedade brasileira para as próximas décadas, além do envelhecimento populacional, é a educação⁴, exatamente pelo papel que representa e pelos problemas que são postos cotidianamente, por todas as gerações, da infância à velhice, e por todas as dimensões da vida.

Embora o País não tenha dado conta das demandas históricas da educação para as faixas etárias mais jovens, a presença crescente do velho na sociedade tem tomado a educação como um novo aprendizado para viver e envelhecer (D'ALENCAR, 2002), sabendo-se que o envelhecer é muito mais que um momento na vida de um indivíduo; antes de tudo, trata-se de um processo extremamente complexo, com implicações tanto para quem o vivencia como para a família e toda a sociedade, que experimentam alterações em sua dinâmica. Além disso, não se pode desconsiderar o que afirmam Neri e Jorge, para quem

a marca social da velhice é estar em oposição à juventude, motivo pelo qual é recorrente a oscilação entre a idealização e a depreciação do idoso. Os

estereótipos - que são crenças generalizadas sobre os atributos ou características que definem um determinado grupo social, como, por exemplo, o dos idosos - são transmitidos pela educação e associam-se a práticas sociais discriminativas (NERI; JORGE, 2006, p. 128).

Em 2003, Anita Neri afirmava que os preconceitos decorriam mais da pobreza, do baixo nível educacional e das doenças inerentes à condição de velhos, em uma sociedade que valoriza em demasia a juventude. Além disso, reforça a autora, os idosos formam uma categoria rejeitada, vistos pelo declínio, dependência e, mais que isso, como a antecâmara da morte (NERI, 2006).

Butler (apud NERI, 2006) definiu o preconceito para com os idosos como uma forma de intolerância, comparável às intolerâncias racial, religiosa ou sexual, originando políticas e práticas discriminativas.

Nessa perspectiva, é importante marcar o que destaca o Art. 20 da Convenção Interamericana dos Direitos dos Idosos, quando registra que:

La persona mayor tiene derecho a la educación en igualdad de condiciones con otros sectores de la población y sin discriminación, en las modalidades definidas por cada uno de los Estados Parte, y a participar en los programas educativos existentes en todos los niveles, y a compartir sus conocimientos y experiencias con todas las generaciones (OEA, 2015, p.12).

Além de ser signatário dessa Convenção, o Brasil tem legislações que reforçam a educação da pessoa idosa como um direito, a exemplo da Política Nacional do Idoso - PNI (BRASIL, 1994) e do Estatuto do Idoso - EI (BRASIL, 2003). Enquanto a PNI estabelece a necessidade de criar programas específicos que facilitem a participação e aprendizagem das pessoas idosas, destacando a importância de oferecer conhecimento sobre o processo de envelhecimento também para a população como um todo, o EI propõe que o poder público torne a educação acessível para o idoso, inclusive com a criação de universidades abertas direcionadas a esse segmento, bem como a publicação de livros e periódicos adequados ao mesmo, sugerindo que as escolas se transformem em espaços para atendimento das demandas e

interesses específicos desse grupo etário. Afinal, não se pode reduzir a importância que têm os idosos, como “sujeitos que processam experiências múltiplas, até porque vivenciam um tempo que registra o pretérito, o presente e possibilidades de futuro” (D’ALENCAR, 2002, p. 73).

A existência das universidades abertas à terceira idade no Brasil, embora anterior às legislações atualmente vigentes, estabeleceu objetivos que favorecem a saída do isolamento, a busca por interação social, a atividade, além de assegurar, por parte do poder público, o atendimento às necessidades sociais, inclusive de capacitação e reorientação dessas pessoas para uma nova fase da vida, de forma ativa e, até mesmo, possível reinserção no mercado de trabalho, dependendo do seu desejo. Toni (2011, p. 69), por exemplo, sinaliza que

a educação desse seguimento populacional é uma estratégia cujo objetivo é de emancipação desses cidadãos, no sentido de dar-lhes instrumentos que contribuam para a construção de políticas públicas que atendam as suas necessidades de saúde, bem como para o fortalecimento da luta de classes sociais por equidade, respeito à vida e à dignidade.

Além disso, cabe considerar que esse segmento maior de 60 anos, que está vivendo cada vez mais, “apesar da associação ainda existente de velhice com doença, está plenamente produtivo, muitos continuam trabalhando, pesquisando, ocupando-se da saúde física e buscando, na atividade intelectual, uma maneira saudável de continuar interagindo, em movimento” (D’ALENCAR, 2011, p. 169). Isto porque a educação oportuniza à sociedade conhecer e aprender sobre a velhice e, aos velhos, “abrir-se para o mundo, conhecendo seus direitos e vivenciando novas experiências” (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2011, p. 110), além de “socializar-se, ... de inserir-se num contexto social maior, ampliando suas relações pessoais, conhecendo novas realidades, desmitificando medos e percebendo todo o espaço que pode conhecer e vivenciar” (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012, p. 10).

Essas autoras, realçando o papel e a importância que tem a educação, afirmam, ainda, que por meio dela “o homem se humaniza, se caracteriza, torna-se social e consciente” ((OLIVEIRA;

OLIVEIRA; SCORTEGAGNA (2011, p. 113). Tratando-se de um processo que deve ser considerado contínuo na vida de cada um e na vida social, e deva ser acessível a todos como um direito, indistintamente, a educação não é oferecida universalmente, daí porque aqueles que buscam, e conseguem, a sala de aula são os

[...] que têm autonomia de movimento e sabem da capacidade que têm de conduzir o próprio destino, de compartilhar com outros a oportunidade de viver a própria história, em um mundo onde as mudanças ocorrem cada vez mais velozes; são idosos que desejam estar atentos às questões atuais, que precisam compreendê-las e delas participar. Sentem necessidade de voltar a atenção para as questões do seu tempo, que é agora, para perceber as possibilidades de reinvenção dos espaços gestados nas inúmeras experiências da vida, sejam espaços públicos ou privados. Têm consciência de que educar-se é fazer-se cidadão. E ser cidadão é estar apto a participar da vida pública, tomando-a como a capacidade de interagir e intervir na realidade, de conviver social e cotidianamente, de pertencer (D'ALENCAR, 2011, p. 171).

Apesar do reconhecido protagonismo desse segmento na vida social, a sua participação em programas educativos nas instituições de ensino superior, além de ainda questionado por parte da sociedade, é diminuta, considerando o percentual de idosos que já constitui a população brasileira. Embora não se tenham dados estatísticos para todo o Brasil, é visível a pequena participação dos velhos nas universidades que oferecem programas de educação para eles, não alcançando 1% dos que vivem na localidade onde se instalam essas instituições de ensino.

Embora reconheçam que a sociedade está envelhecendo, os jovens entrevistados, quando questionados sobre o que acham da frequência de idosos na universidade, manifestam-se de forma reticente, expressando dificuldade em considerar que a idade avançada não limita a capacidade de alguém aprender, tampouco o direito de estar em qualquer espaço:

- *Legal. É É..... Apesar da idade avançada, a faculdade ainda oferece mecanismos para inserir o idoso (AC, 20 anos).*
- *Eu acho que.... eu não tenho bem uma opinião formada sobre isso. Mas ... por se tratar de uma universidade, se faz*

necessário sim que desenvolva atividades com idosos ... para ... terem um envolvimento, até porque eles precisam disso..... pra sempre estarem aprendendo alguma coisa (PR, 20 anos).

Ao tentar compreender as falas acima, é preciso atentar para o que sinaliza Wagner (1998, p. 11), quando afirma que a teoria das representações sociais

é basicamente uma teoria sobre a construção social em dois sentidos. Primeiramente, [...] são socialmente construídas por meio de discursos públicos nos grupos. A forma como as pessoas pensam sobre as coisas “reais e imaginárias” do seu mundo, isto é, o conhecimento que as pessoas têm do seu universo, é o resultado de processos discursivos e portanto socialmente construídos. Em um segundo sentido, entretanto, esse conhecimento é criado pelo grupo. Se um grupo de pessoas se comporta como se a loucura fosse causada por possessão demoníaca, essa loucura se torna um fato em seu mundo.

É, sem dúvida, o que ocorre com a concepção de velhice ainda dominante no imaginário social, apropriada e reelaborada pelos jovens acadêmicos. Abric (1998) fala de um conjunto organizado de informações, atitudes, crenças que um indivíduo ou um grupo elabora a propósito de uma situação, de um conceito, de outros indivíduos ou grupos, denotando, portanto, uma visão subjetiva e social da realidade. Todo esse conjunto intervém através do contexto concreto, das comunicações e marcos de apreensão trazidos pela bagagem cultural, como códigos, valores e ideologias.

As representações expressas pelos jovens entrevistados certamente foram internalizadas durante seu desenvolvimento como pessoa e moldadas diariamente por novos conhecimentos compartilhados nos grupos de pertencimento. Além disso, Arruda (2002, p. 131) explica que “a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção do sujeito, mas não desligada da sua inscrição social”. Faz-se importante assinalar que a teoria das representações sociais, com base na psicologia e forte apoio sociológico, não despreza os processos subjetivos e cognitivos.

4 Limitações da velhice x velhice ativa

Embora a maior parcela da população idosa brasileira (cerca de 85%) tenha autonomia total ou parcial, capacidade de contribuir para o desenvolvimento sociocultural e econômico, tenha rendimentos próprios e, portanto, seja ativa e produtiva, mesmo que vivenciando algum problema de saúde, ainda é comum encontrarmos referências à velhice sob a égide reducionista e exclusiva de determinantes biológicos e suas derivações (CAMARANO et al., 2004), o que coloca na velhice todas as possibilidades de limitação, contrapondo-se ao discurso da velhice ativa, que recomenda fazer do envelhecimento uma experiência positiva para que a vida seja acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança. Isto é o que propõe a Organização Mundial da Saúde, com o conceito de envelhecimento ativo como *“el proceso de optimización de las oportunidades de salud, participación y seguridad con el fin de mejorar la calidad de vida a medida que las personas envejecen”* (OMS, 2002, p. 79).

As falas dos entrevistados da pesquisa aqui apresentadas refletem esse contraponto com o conceito da OMS, mas refletem, também, as representações que constrói o senso comum, influenciadas pelas vivências e experiências do dia a dia e de interações entre diferentes culturas e que, de tão repetidas e reelaboradas, acabam se transformando em uma “verdade” capaz de marcar, positiva ou negativamente, indivíduos e grupos.

- *Por não ter acessibilidade a algo mais novo (AC, 20 anos)*
- *Por não ter interesse (FM, 22 anos)*
- *Por não estar lendo muito,....desenvolvendo o hábito da leitura, ... do aprendizado (PR, 20 anos).*
- *Pode ser preconceito de nossa parte, né?.....a memória já está prejudicada, a forma de se locomover já está prejudicada (RB, 20 anos).*

Nessas falas, o velho é limitado por não acessar o novo, por não estar lendo muito, por desinteresse, pela perda de memória, pela forma de se locomover.

5 O trabalho para quem é percebido como limitado e frágil

Embora a velhice esteja quase sempre associada a doenças, inutilidade e dependência, como se afirmou antes, estudos vêm mostrando que um número cada vez maior de idosos continua integrando a força de trabalho do País, ainda que estejam aposentados. Além de participarem do mercado de trabalho formal, o setor informal também absorve esse segmento, contribuindo, portanto, com a economia do País e, muito mais concretamente, com as famílias. De indivíduos limitados e frágeis, os idosos contrariam e alteram, de modo significativo, a concepção que tenta obscurecer o sujeito que envelhece, estruturada que ainda está entre juventude *versus* velhice, útil *versus* inútil.

As significativas variações do trabalho, ao longo do tempo, passaram da punição ao poder, da maldição da bíblia à salvação. Na atual realidade brasileira, a onda de desemprego faz aumentar o volume de pessoas sobrando que entra no mundo da informalidade, cuja característica é a ausência de garantias previdenciárias, de salários, de férias, de décimo terceiro (CAMPOS; D'ALENCAR, 2006).

Na condição de pessoa idosa que já deveria, sob amparo da lei, estar afastada do mercado de trabalho, é possível identificar a existência de dois tipos de trabalhador idoso nesse mercado: um que continua trabalhando por necessidade ou obrigação, outro que o faz por prazer, por satisfação, porque se realiza naquilo que faz. Trata-se de duas situações essencialmente diferentes, que podem trazer impactos também diferentes sobre a qualidade de vida da pessoa idosa, a depender do tipo de trabalho e da flexibilidade em realizá-lo.

Entrando cada vez mais tarde no mercado de trabalho, os jovens normalizam a continuidade dos velhos no mundo do trabalho, quando afirmam de modo enfático:

- *Devem trabalhar, se a condição de saúde permitir... Por que não?*

- *Sim; se isso faz bem pra ele, se ele gosta de trabalhar, eu acho que ele deve continuar trabalhando.*
- *Sim.... Não tem porque eu acho que deve estar trabalhando dentro do limite da pessoa. A gente sabe que o envelhecimento em si traz muitas consequências no físico, muitas debilidades. Eles desenvolvem algumas patologias... eu acho que tem que trabalhar sim, mas dentro dos limites deles, na área, no setor... eu acho. Mas eu acho que tem que trabalhar sim. Se não estiver trabalhando, tem que estar estudando, se não estiver estudando, tem que estar fazendo algum esporte. Isso faz bem pra ele. Até porque a gente sabe que a população mundial está envelhecendo, né, então é algo que deve ser pensado.*
- *Deve continuar trabalhando. Eu acho que a partir do momento que eles são capazes de desempenhar determinada função, eles deveriam continuar trabalhando.*
- *Deve trabalhar. Ele se sente mais alegre, mais útil. Eu acho que a pior coisa é ver uma pessoa ficar em casa se sentindo inútil, sem nada para fazer.*

É importante assinalar que os jovens de ontem começaram a trabalhar muito cedo, alguns até mesmo com dez-doze anos, ao contrário dos de hoje, muitos com 25-30 anos que nunca trabalharam. Portanto, hoje com 70-80 anos, esses idosos deveriam ter o direito de fazer coisas que não tivessem caráter de obrigatoriedade, cumprimento de horário, de rotina, ou mesmo trabalhos pesados, o que vem ocorrendo com muitos que precisam continuar vinculados ao mercado de trabalho para ajudar filhos e netos, ou mesmo garantir a própria sobrevivência.

Embora afirmem que o velho deve continuar trabalhando, os entrevistados não falam do tipo de trabalho mais adequado às características que marcam os velhos, por eles focadas na dependência, deficiência, fragilidade física e mental. Subliminarmente, o custo social de envelhecer, cujo declínio é irreversível, pode ser compensado com a permanência do velho no mundo do trabalho.

Quando um dos seis entrevistados discorda do trabalho na velhice, o faz argumentando ser “uma pessoa fraca, que já viveu o

que tinha pra viver....”

6 Convivência familiar – a desmitificação de dependências, perdas e declínios

Estudos têm revelado o importante papel que cumprem idosos junto aos filhos adultos e netos, não apenas nas questões financeiras, cuja contribuição nem sempre se dá do neto para os avós ou dos filhos adultos para os pais, mas o inverso, ainda que os rendimentos da maioria dos idosos brasileiros não sejam substanciosos.

A inserção do idoso na família, que pode gerar uma convivência equilibrada ou não, foi apontada pelos entrevistados como uma relação de amizade, de afetividade, que contribui com o crescimento do jovem e equilíbrio salutar para o idoso, e tratada como uma relação de exemplo, conforme as falas seguintes:

- *[...] é meu amigo.... [...]. Tudo com ele é bom. Ele me faz rir, dá carinho. [...] é exemplo de homem pra minha família (FM, 22 a).*
- *[...] Faz ... crescer, aprender muita coisa, [...] tem experiência, por ter 74 anos, tem muito chão de vida, muita estrada, então você aprende muita coisa. Aprende a lidar com alguns problemas. Ela faz você encarar alguns problemas com a cabeça fria. Eu gosto disso (PR, 20 a).*

O interessante das respostas, contraditórias quando associadas aos eixos trabalhados, é que os estudantes entrevistados mostram, de um lado, visão positiva da velhice, marcada por uma forte relação de afetividade dos netos com os avós, especialmente quando tratam da experiência pessoal de convivência familiar. Mas quando a resposta entra no âmbito coletivo, mais universal, há escamoteamentos, mostrando expectativa negativa e desconhecimento das particularidades da velhice, além da falta de consciência do respeito que merecem os velhos. Esse

desconhecimento, no entanto, parece injustificado, pelo simples fato de já terem sido beneficiados com conteúdos sobre envelhecimento em disciplina como Saúde do Idoso.

O Prof. Paulo de Salles (OLIVEIRA, 2011, p. 31) analisando as relações intergeracionais entre crianças e velhos, sinaliza que

[...] Se existe tal destino comum, capaz de tecer vínculos duradouros, ele poderia estar enraizado na cultura. Crianças e velhos – estes mais que aquelas, mas também elas – são pessoas não reconhecidas como tais nas representações dominantes da sociedade. [...] Neste imaginário prevalecente, o velho foi banido (porque visto como aquele que já foi) e a criança ainda não foi incorporada (porque tida como alguém que ainda não é). Vivem uma opressão social que inclui a imagem da destituição, como se a eles não pertencesse o presente.

Considerações finais

Embora a compreensão da velhice transcenda a questão biológica, e embora discussões em torno da questão ocorram diariamente nas diferentes mídias, é possível afirmar que parte da juventude brasileira ainda não alterou a visão distorcida sobre o segmento idoso da população e, mais preocupante, nem mesmo aqueles que se encontram no ambiente acadêmico.

Como a análise neste trabalho focou o estudante de enfermagem, cursando primeiro e oitavo semestres, a preocupação é ainda maior quando conceitos básicos como senilidade e senescência não são de conhecimento do estudante. Esse desconhecimento sugere que, embora os currículos da área da saúde deem mais atenção aos aspectos patológicos, o olhar desse jovem sobre a velhice como uma etapa do ciclo da vida, e sobre o velho como um indivíduo cuja história extrapola as doenças, continua impregnado pelas ideias do senso comum. O lugar do velho na sociedade, que não pode ser visto isolado de outros processos, inclusive o de saúde-doença enquanto construção social, não parece ter sido ainda contemplado.

Referências

ABRIC. Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva P; OLIVEIRA, Denize C. de. (Org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 1998.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 1, n. 1, p. 18-43, jan/ jun. 2008.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

BAUMAN. Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRASIL. *Lei 8.842*, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. *Diário Oficial da União*. Brasília, 4 jan. 1994

_____. *Lei 10.741*, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília. *Diário Oficial da União*. Brasília, 1º out. 2003.

CAMARANO, Ana A; KANSO, S; MELLO, J. L. Como vive o idoso brasileiro? Ana Amélia Camarano (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, v. 1. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, Juliana B; D'ALENCAR, Raimunda Silva. A velhice nos caminhos da informalidade: trabalhando para viver ou vivendo para trabalhar? In: *Memorialidades*, v. 3, n. 5-6, p. 49-66, jan./dez. 2006.

CERQUEIRA, Monique B. O que pode a velhice? Resignificações contemporâneas do envelhecer. In: D' ALENCAR, Raimunda S; DIEDERICHE, Márcia V. (Org.). *Velhice saudável – múltiplos olhares e múltiplos saberes*. Ilhéus, BA: EDITUS, 2014.

CUNHA, A. C. H; EULÁLIO, M. C.; BRITO, S. M. O. O corpo e suas representações construídas por mulheres idosas. In: FERNANDES, A; CARVALHO, M. R; DOMINGOS SOBRINHO, M. *Representações Sociais e Saúde: construindo novos diálogos*. Campina Grande: EDUEP, 2004.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. A velhice na sociedade de consumo: cultura acessível? In: OLIVEIRA, Rita de C. da S; SCORTEGAGNA, Paola A; CURY, Mauro J. F. (Org.). *A velhice e o envelhecimento no contexto ibero-americano*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2016.

_____. Envelhecimento ativo e vida social precária: exclusão ou paradoxo do nosso tempo? In: CURY, Mauro J. F; OLIVEIRA, Rita de C. da S; COENGA, Rosemar E. (Org.). *As interfaces da velhice na pós-modernidade – avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2013. p. 45-58.

_____. (Re) significando a solidariedade na velhice: para além de laços consanguíneos. In: *Revista Acta Scientiarum*. Human and Social Sciences Maringá, v. 34, n. 1, p. 9-17, jan./jun. 2012.

_____. Velhice e educação ao longo da vida: um imperativo para um convívio mais humano. In: *Memorialidades*, v. 8, n. 15, p. 167-191, jan/jun. 2011.

_____. Ensinar a viver, ensinar a envelhecer: desafios para a educação de idosos. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 4, p. 61-83, 2002.

DEBERT, Guita Grim. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 49-67.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1998.

Disponível em:

<http://www.oas.org/es/sla/ddi/tratados_multilaterales_interamericanos_A->

KALACHE, Alexandre. Respondendo à revolução da longevidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 8, agosto, 2014. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63031151001>>. Acesso em: out. 2016.

KHULLAR, Dhruv. *El aislamiento social nos está matando*.

Disponível em: <<http://www.nytimes.com/es/2016/12/28>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MOTTA, Alda Britto da. “Chegando pra idade”. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 223-235.

NERI, Anita Liberalesso; JORGE, Mariana Dias. Atitudes e conhecimentos em relação à velhice em estudantes de graduação em educação e em saúde: subsídios ao planejamento curricular. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 127-137, abr./jun. 2006.

OEA. La Convención Interamericana para la protección de los derechos humanos de las personas mayores: un aporte de las Americas al mundo. 2015. Disponível em:

<http://www.oas.org/es/sla/ddi/tratados_multilaterales_interamericanos_A-70_derechos_humanos_personas_mayores_firmas.asp>.

Acesso em: jan. 2017.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas - cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da S; OLIVEIRA, Flávia da S;
SCORTEGAGNA, Paola A. Universidade Aberta para a Terceira

Idade: a construção de saberes para um novo olhar sobre a velhice. In: *Memorialidades*, v. 8, n. 15, p. 101-136, jan/jun. 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Envejecimiento activo: un marco político. Grupo Orgánico de Enfermedades no transmisibles y salud mental. Departamento de prevención de las enfermedades no transmisibles y promoción de la salud envejecimiento y ciclo vital. *Rev Esp Geriatr Gerontol*, 2002, 37(2):74-105

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998. p. 69-84.

SCORTEGAGNA, Paola A; OLIVEIRA, Rita de Cassia da S. Idoso: um novo ator social. In: Seminário de pesquisa em educação na região Sul, 2012, Caxias do Sul. *Resumos*. Caxias do Sul: A Editora, 2012, p. 4-17. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/.../73>>. Acesso em: 15 out. 2013.

TONI, Isabel Marrachinho. Universidade da terceira idade espaços de novos saberes para novos fazeres. In: *Memorialidades*, v. 8, n. 15, p. 63-84, jan/jun. 2011.

UNIVERSIDAD MAIMÓNIDES. Escuela de ciencias del envejecimiento. Disponível em: <<http://www.gerontologia.maimonides.edu>>. Acesso em: 12 jan. 2017

WAGNER, Wolfgang. Sócio-genese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia da Silva P; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (Org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 1998.

Representação social da pessoa idosa: percepções de jovens-adultos do estado de Goiás

Ivone Félix de Sousa, Marli Bueno de Castro, Wanny Carolie Teixeira Nunes, Larissa Cole

Introdução

Nas últimas décadas, embora as discussões acadêmicas tenham fomentado a percepção sobre o aumento do número de idosos na sociedade brasileira, as pesquisas no Brasil têm registrado pouca participação significativa da população em pesquisas referentes à temática da velhice e do envelhecimento (SOUSA; CASTRO; SÁ, 2012). Nesse sentido, o crescimento populacional relativo à pessoa idosa, tanto em termos absolutos, quanto proporcionais (TERRA; SILVA; SCHIMIDT, 2009) é um fenômeno que deve ser estudado em diferentes dimensões, para melhor compreendê-lo.

De acordo com dados do IBGE (2010), a população com idade acima de 60 anos, no Brasil, é de 10,8% e espera-se que esta, em 2025, chegue a 1,2 bilhões. Em Goiás, a porcentagem de pessoas idosas em relação à população total é de 9,4% e em Goiânia é de 9,6%. Em Goiânia, especificamente, existem 2.330 idosos com idade acima de 90 anos.

Existem diferentes estudos que abordam esta temática 'pessoa idosa'. São estudos desenvolvidos para entender a qualidade de vida, a saúde física e psíquica, a educação, as políticas públicas, entre outros temas relevantes. Neste estudo, o foco está em

levantar a representação social da pessoa idosa por jovens e adultos residentes no estado de Goiás.

De acordo com Moscovici (1981), a representação é um processo de nomeação e classificação que estabelece relações entre categorias e rótulos. O rótulo é formado pela afiliação e posição em uma matriz cultural de identidades. A representação remete à ideia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado de um aspecto preciso do objeto de representação. Assim, entende-se por representação social o conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais.

Abric (1994a) postula que a representação funciona como sistema sociocognitivo e como sistema contextualizado. Quando um sujeito ativo produz representações acerca de um determinado objeto, trata-se do sistema sociocognitivo. No entanto, estas representações são determinadas inicialmente pelas condições sociais nas quais se elabora e se transmite uma representação, embora estejam submetidas às regras dos processos cognitivos. Trata-se, portanto, do sistema contextualizado que remete à questão dos significados, elemento fundamental da representação, pois este sistema é determinado pelo contexto discursivo ou social.

A partir do crescimento populacional da pessoa idosa, surge a necessidade de entender os conceitos que são estruturados pela representação social pautada em estereótipos que proporcionam o desenvolvimento de preconceitos que podem ser tanto positivos, quanto negativos. Infelizmente, muitos são os estereótipos negativos que levam a sociedade a formular representações sociais equivocadas sobre a pessoa idosa.

De acordo com Moscovici (1981), a representação social pode ser vista sob três dimensões: a) informação, b) atitude ou valoração, c) campo de representação ou imagem. A informação é a organização dos conhecimentos que um grupo possui a respeito de um objeto social e pode ser completa ou incompleta, coerente ou incoerente. A atitude favorável, desfavorável, neutra é formada pela orientação global em relação ao objeto. E assim, segundo Abric (1994a), toda representação social recorta e simboliza atos e situações que acabam se tornando comuns e por isso as pessoas não devem ser

passivas a esta situação, mas sim, devem ser ativas, buscando a reconstrução do objeto em um contexto de valores, reações e regras. O significado de uma representação deve ser observado a princípio pela natureza das condições do discurso, do contexto ideológico e do lugar que o indivíduo ou o grupo ocupa no sistema social que foi produzida tal representação.

Abric (1994b) afirma que “a representação é, pois, constituída por um conjunto de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes sobre um objeto dado” (p. 16-17), ou seja, a cultura permeia a formação das representações. Assim, uma representação social é estabelecida sobre os traços típicos de um grupo, categoria ou classe social e atualmente os estereótipos estudados são os étnicos, de gênero, de profissão, de classe social e de ciclo de vida (AYESTERAN; PAES, 1987). Neste estudo, o foco está no estereótipo do ciclo de vida que possibilita levantar a representação social da pessoa idosa.

Abric (1994a) destaca que uma das principais preocupações com relação a representação social é o comportamento que surge a partir da representação estabelecida. Isso porque a representação funciona como uma antecipação das ações, quando intervém na finalidade da situação, no tipo de atitude cognitiva a ser adotada pelos sujeitos sociais, revelando, assim, sua natureza prescritiva. A função justificadora da representação atua *a posteriori* no sentido de justificar os comportamentos e tomadas de posição dos grupos e indivíduos numa ação ou com relação aos seus parceiros. Assim, entende-se que os comportamentos dos sujeitos não são determinados pelas características objetivas da situação, mas sim pela representação anterior a essa situação. As pesquisas a partir desta perspectiva abrem possibilidades de verificar como as pessoas pensam e agem em uma sociedade; se de forma preconceituosa ou não.

A cultura social é importante na formação das representações sociais. Conforme Rodrigues (2015), a cultura japonesa se diferencia da brasileira em relação à pessoa idosa. A velhice no Japão é sinônimo de sabedoria e de respeito, enquanto no Brasil é sinônimo de “caduquice”, senilidade, desrespeito. Outra diferença cultural está na confiança estabelecida na pessoa idosa, quando os

japoneses consultam seus anciãos antes de qualquer grande decisão, por considerarem seus conselhos sábios e experientes. Os brasileiros veem seus idosos como pessoas incapazes, após idade avançada, perdem o poder e a capacidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas. Além disso, os japoneses idosos possuem atuação intensa nas decisões importantes de seus grupos sociais, especialmente nos destinos políticos, enquanto os brasileiros idosos ficam desobrigados de participar de eleições, como se fossem incapazes e inúteis à nação. Por fim, os idosos japoneses são tidos como referencial de ética, moralidade, honra e dignidade para os jovens, enquanto no Brasil, isso não é percebido.

Vale ressaltar que o estereótipo sofre influência direta do contexto cultural em que está inserido, e na atual sociedade reforça-se a visão da velhice como uma doença incurável, como um declínio inevitável, e a pessoa que envelhece está fadada ao fracasso. Formas de preconceito voltadas à pessoa idosa se caracterizam como uma representação social da gerontofobia, que é definida como o processo de estereotipia e de discriminação sistemática contra as pessoas, porque são velhas (STAAB; HODGES, 1998). Nesse processo se associam conceitos e traços negativos integrados à incapacidade, à fraqueza, à inutilidade e a percepções pejorativas referentes aos fenômenos 'envelhecer' e 'velhice'.

De acordo com um estudo realizado por Champagne e Frennetna, na Université de Montreal, são quatorze os tipos de estereótipos mais frequentes em idosos:

Os idosos não são sociáveis e não gostam de se reunir; divertem-se e gostam de rir; temem o futuro; gostam de jogar às cartas e outros jogos; gostam de conversar e contar as suas recordações; gostam do apoio dos filhos; são pessoas doentes que tomam muita medicação; fazem raciocínios senis; não se preocupam com a sua aparência; são muito religiosos e praticantes; são muito sensíveis e inseguros; não se interessam pela sexualidade; são frágeis para fazer exercício físico; são na grande maioria pobres (CHAMPAGNE; FRENNETNA apud MARTINS; RODRIGUES, 2004, p. 251).

Essa análise da pesquisa chama a atenção para a confusão de conceitos existentes que se fazem, destacando como características

da velhice traços de personalidade e fatores socioeconômicos ao invés de características específicas do envelhecimento. Mas a partir destes achados é possível refletir sobre a existência de mitos relacionados ao envelhecimento que impedem os jovens e os adultos de manterem uma relação saudável com os idosos. Reforça-se também a necessidade de atentar para os mitos e estereótipos criados sobre a velhice, pois eles estão muitas vezes ligados ao desconhecimento do processo de envelhecimento, gerando sofrimento para os idosos e influenciando de forma negativa a interação das crianças, jovens e adultos com a pessoa idosa.

Trata-se de um estudo quanti-qualitativo, observacional, não analítico e de corte transversal, pois busca medir prevalências das representações sociais positivas e negativas em relação à pessoa idosa.

Participaram deste estudo 146 pessoas, dessas 84,1% são do sexo feminino e 15,9% masculino, com idade variada de 10 a 56 anos, em que 54,1% estão entre 15 a 22 anos. 82,1% são solteiros, 80,1% possuem ensino superior incompleto e 84,1% moram em Goiânia.

Para este estudo foi construído e validado um instrumento contendo uma escala que avalia representações sociais positivas e negativas sobre a pessoa idosa, assim como quatro itens para ver a representatividade do que é ser velho. Esta escala varia de 1 (discordo), 2 (às vezes discordo e às vezes concordo) e 3 (concordo). Avaliou-se a consistência interna entre os itens e obteve-se para as representações sociais positivas $\alpha=0,70$, para as negativas $\alpha=0,82$ e para a representatividade do que é ser velho $\alpha=0,70$. Neste instrumento foram também inseridos itens para levantar sexo, idade, escolaridade, onde mora e estado civil.

Foi construído e validado o instrumento para avaliar a representação social da pessoa idosa a partir da teoria proposta por Pasquali (2003) "Teste referente a construto: teoria e modelo de construção". Assim, seguiram-se as etapas de procedimentos teóricos, experimentais e analíticos desta teoria.

Para coleta de dados, quando os participantes demonstraram clareza sobre a proposta da investigação, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, conforme Resolução n.

466/2013 do Conselho Nacional de Saúde) às pessoas que quisessem participar deste estudo, e logo que o TCLE foi assinado, o instrumento foi aplicado a cada participante individualmente.

Os dados foram inseridos no programa estatístico SPSS-18 (*Statistical Package for Social Sciences*) e tratados por meio de análises: fatorial, de consistência interna entre os itens (alfa de Cronbach) e descritivas (frequência, porcentagem, média e desvio padrão).

2 Resultados e discussão

Para avaliar as representações sociais sobre a pessoa idosa, primeiramente realizou-se a análise das representações negativas, em seguida das representações positivas e, por fim, das respostas à pergunta “Para você, o que é ser velho?”.

Ao analisar o que surge de representações sociais negativas sobre a pessoa idosa, observa-se que ainda existem pessoas (34,4%) que expressam que a pessoa idosa é sem vergonha, que fica ridícula com roupas sensuais (50%), que não consegue gerir seus bens (24%), que dá despesa (46,4%), que virou mania querer priorizar as leis para os idosos (17,2%), que eles deveriam ser colocados em abrigo (10,9%), que demanda muito tempo para cuidar deles (70,3%), que agentes (85,4%) e comerciantes (86,2%) aproveitam da ingenuidade deles, que haja paciência para as rabugices deles (35,8%), que falta apoderamento de sua vida (45,6%), que vai ficar com demência (22,7%), que tem preguiça (52,8%), que é cansativo (46,6%), que é incompatível com o mundo de hoje (28,9%), que serve para cuidar dos netos (8,2%), que só devem namorar pessoas da mesma idade (30%), que atrapalham a vida (4,8%) e o mundo (4,2%), que os programas sociais voltados para a pessoa idosa são suficientes (17,8%), que é uma pessoa ultrapassada (19,3%), que é doente (13,2%), que é somente um baú de memórias (13,8%), que devem ser mais contidos (31,3%), que é um absurdo ter prioridades nas filas (6,9%) e que é gastar dinheiro à toa, gastar dinheiro para construir hospitais para a pessoa idosa (2,1%) ([Tabela 1](#)).

TABELA 1 – Representações negativas sobre a pessoa idosa

Afirmativas		Discordo	Às vezes discordo ou concordo	Concordo	M	Dp
3 - É sem vergonha	%	65,5	23,4	11,0	1,5	0,7
4 - Ficam ridículos com roupas sensuais	%	43,8	21,9	34,2	1,9	0,9
5 - Falta capacidade de gerir seus bens	%	76,0	15,8	8,2	1,3	0,6
6 - Dá despesa	%	53,4	28,1	18,5	1,7	0,8
7 - Virou mania querer priorizar as leis para os idosos	%	82,8	10,3	6,9	1,2	0,6
8 - Deveriam ser colocados em abrigos	%	89,0	8,2	2,7	1,1	0,4
12 - Demanda muito tempo para cuidar	%	29,7	43,4	26,9	2,0	0,8
13 - Agentes de viagem aproveitam da ingenuidade delas	%	14,6	41,0	44,4	2,3	0,7
14 - Haja	%	63,2	24,3	12,5	1,5	0,7

paciência para as rabugices						
15 - Comerciantes aproveitam da ingenuidade delas	%	13,8	40,0	46,2	2,3	0,7
16 - Falta apoderamento de sua vida	%	54,5	35,9	9,7	1,6	0,7
17 - Vai ficar com demência	%	77,2	11,0	11,7	1,3	0,7
21 - Tem preguiça	%	47,3	38,4	14,4	1,7	0,7
22 É cansativo	%	53,4	32,9	13,7	1,6	0,7
23 - É incompatível com o mundo de hoje	%	71,0	17,2	11,7	1,4	0,7
25 - Só serve para cuidar dos netos	%	91,7	3,4	4,8	1,1	0,5
26 - Só deve namorar pessoas com a mesma idade	%	69,0	17,9	13,1	1,4	0,7
28 - Atrapalham a nossa vida	%	95,2	3,4	1,4	1,1	0,3
29 - Os	%	82,2	9,6	8,2	1,3	0,6

programas sociais voltados para os idosos são suficientes						
32 - É uma pessoa ultrapassada	%	80,7	15,9	3,4	1,2	0,5
34 - Atrapalha o mundo	%	95,9	2,1	2,1	1,1	0,3
35 - Só doente	%	86,8	6,9	6,3	1,2	0,5
37 - É somente um baú de memórias	%	86,2	9,0	4,8	1,2	0,5
40 - Devem ser mais contidos	%	69,0	21,4	9,7	1,4	0,7
41 - É um absurdo ter prioridades nas filas...	%	93,1	2,1	4,8	1,1	0,4
42 - É gastar dinheiro à toa construir hospital específico para as pessoas idosas	%	97,9	0,7	1,4	1,0	0,2

Fonte: Elaboração das autoras.

O discurso sobre a sexualidade na velhice revela indiscretos preconceitos e a repetição de mitos populares acerca de idosos

assexuados, sem vida amorosa, por abnegação sexual em favorecimento de uma experiência religiosa ou, ainda, idosos pervertidos, para quem o sexo só existe em caráter negocial (SILVA; PEDROSA, 2004). De acordo com Siqueira e Pereira (2007), diz-se que idoso não precisa de sexo, que é feio, que idoso não tem interesse sexual. Entretanto, quando se olha para o aspecto biológico e psicológico, estas pessoas apresentariam ampla capacidade de realização sexual e afetiva, pois a idade não retira a sexualidade do indivíduo.

O namoro na terceira idade pode contar ou não com a presença do sexo. Alterações físicas são capazes de modificar a forma como o sexo é realizado e vivenciado. Conforme Capodieci (2000), o namoro pode significar proteção, carinho, companhia. Ter um companheiro é muito importante e receber demonstrações de carinho não é errado, feio e nem sinônimo de fraqueza. Tempo de namoro é tempo de amar e, também, de ser amada (LAURENTINO, 2006) e nesse sentido, não importa a idade e sim a capacidade de nutrir e receber o sentimento do outro, sendo este da mesma idade ou não.

Para Andrade (2003), velhice e doença são conceitos que caminham juntos no discurso das pessoas; no entanto, é possível notar que não foi isso o que os resultados deste estudo revelaram, sendo que apenas 13,2 das respostas concordam que idoso é doente. Conforme o autor (p. 211) saúde denota disposição, estado de ânimo, motivação, enquanto doença tem a ver com estado de indisposição, falta de motivação para a vida. Desse modo, fica evidenciado que embora haja a presença de alguma doença física, a pessoa idosa não se considera doente, pois suas habilidades de enfrentamento são maiores que o diagnóstico de alguma patologia.

Os idosos, de acordo com os resultados, são pessoas que demandam muito tempo de cuidado. Esta é uma concepção que está estreitamente ligada ao binômio velhice-doença. Del Duca, Thume e Hallal (2011) defendem que para que este paradigma seja quebrado tanto na concepção dos indivíduos, tanto para diminuir os cuidados que são dispensados aos idosos, em especial aos dependentes, é preciso que se invista em políticas de saúde destinadas aos idosos que trabalhem com a potencialização da

capacidade funcional, intervenções que levem autonomia a esses sujeitos, técnicas de autocuidado seguras e participação social.

Os cuidados com os idosos vão além do próprio indivíduo e de sua família. Os cuidados inerentes aos idosos também podem ser de caráter preventivo, desta forma, profissionais capacitados para promover maiores habilidades, maior autonomia, segurança na realização de suas atividades diárias; profissionais estes ligados à gerontologia, que é a ciência que estuda o processo de envelhecimento em suas mais diversas dimensões e abarca profissionais médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, educadores físicos, entre outros profissionais da saúde.

Das respostas coletadas, 46,4% concordam que pessoas acima de 60 anos só dão despesas. Entretanto, Ocké Reis (2000), analisando os dados coletados na Pesquisa de Orçamentos Familiares, realizada pelo IBGE, 1995/96, demonstrou que a despesa dos idosos concentra-se 40% em gastos com remédios e planos de saúde, seguido de 28% de gastos com profissionais de saúde, 6% com gastos de óculos, 4% de prestadores hospitalares e serviços terapêuticos, cada um.

Magnabosco-Martins, Vizeu-Camargo e Biasus (2009) realizaram um estudo sobre as representações sociais dos idosos para diferentes faixas etárias e obtiveram como resultados definições de que o idoso é alguém que merece cuidado, precisa de carinho, atenção, respeito, paciência, já viveu muito e tem muita experiência para passar às pessoas. O que está de acordo com os resultados alcançados com os questionários deste estudo, pois 96,6% disseram que os idosos têm muito a ensinar, 93,6% que eles conhecem muito, e 97,2% que precisam de envolvimento afetivos, ressaltando que este envolvimento pode ser com familiares, amigos e companheiros.

Quanto a autonomia dos idosos, os itens “pode viajar sozinho” 84,8% e “tem capacidade de cuidar da sua casa sozinha” 83,5% concordam. Para Vieira (2004), a autonomia na velhice é comumente faz com que seja construída uma representação de que a pessoa idosa não pode desempenhar suas tarefas na sociedade, sendo esta uma questão fundamental para a manutenção da

qualidade de vida. O item “falta capacidade para gerir seus bens,” aponta que 45,6% dos participantes concordam com esta negativa.

Em relação às representações sociais positivas, observa-se que as pessoas que responderam à escala afirmam que a pessoa idosa tem vida ativa (92,4%), tem muito a contribuir com a sociedade (87,2%), sabe ensinar (96,6%), tem capacidade de cuidar de sua casa sozinha (83,5%), é divertida (95,9%), conhece muito (93,6%), aprende as coisas novas que são ensinadas (83,5%), precisam frequentar reuniões sociais (82,1%), pode viajar sozinho (84,8%), é interessante (97,9%), é capaz de manter bons relacionamentos com os jovens (96,5%) e precisa de envolvimento afetivos (97,2%) ([Tabela 2](#)).

TABELA 2 – Representações positivas sobre a pessoa idosa

Representações Positivas		Discordo	Às vezes discordo ou concordo	Concordo	M	Dp
2 - Tem vida ativa	%	7,6	27,6	64,8	2,6	0,6
10 - Tem muito a contribuir com a sociedade	%	2,7	12,3	84,9	2,8	0,5
11 - Sabe ensinar	%	3,4	14,4	82,2	2,8	0,5
18 - Tem capacidade de cuidar de sua casa sozinha	%	16,6	36,6	46,9	2,3	0,7
19 - É divertida	%	4,1	30,1	65,8	2,6	0,6
20 - Conhece muito	%	3,4	13,0	83,6	2,8	0,5
Representações Positivas		Discordo	Às vezes discordo ou concordo	Concordo	M	Dp
24 - Aprende as coisas novas que são ensinadas	%	16,6	36,6	46,9	2,3	0,7
27 – Precisam frequentar reuniões sociais	%	17,9	22,1	60,0	2,4	0,8
33 - Pode viajar sozinha	%	15,2	34,5	50,3	2,4	0,7
36 - É interessante	%	2,1	18,6	79,3	2,8	0,5

38 - É capaz de manter bons relacionamentos com os jovens	%	3,4	11,7	84,8	2,8	0,5
39 - Precisa de envolvimento afetivos	%	2,8	9,8	87,4	2,8	0,4

Fonte: Elaboração das autoras.

Quando perguntado às pessoas que participaram deste estudo, o que é ser velho, foi indicado como sinônimo: ‘é uma pessoa idosa’, ‘é vovozinha(o)’, ‘é uma pessoa velha’ e ‘está na terceira idade’, ao responderem em uma escala de concordância, observou-se que 91,8% conceituam o velho como ‘pessoa idosa’ e 89,1% como ‘está na terceira idade’, 63% como ‘vovozinha(o)’ e como ‘uma pessoa velha’ (53,4%) ([Tabela 3](#)). Neri e Freire (2000) afirmam que a substituição dos termos velho, velhice, idosos, terceira idade, melhor idade é indicativo de preconceito, sendo uma forma de mascarar novas representações sociais de pessoas acima de 60 anos. Peixoto (1998) contribui ao dizer que ao invés de ocorrerem mudanças nas políticas públicas e sociais, o que aconteceu foram inúmeras formulações teóricas, e não éticas, em torno da velhice.

TABELA 3 – Representações sobre ‘o que é ser velho’

Afirmativas	Discordo	Às vezes discordo ou concordo	Concordo	M	Dp
1 - É uma pessoa idosa	8,3	9,7	82,1	2,7	0,6
9 - É vovozinha (vovozinho)	37,0	30,1	32,9	2,0	0,8
30 - É uma pessoa velha	46,6	17,8	35,6	1,9	0,9
31 - É estar na terceira idade	11,0	5,5	83,6	2,7	0,6

Fonte: Elaboração das autoras.

Para Debert (1988), os termos terceira idade e idoso parecem ter sido criados como sinônimos de envelhecimento ativo, independente, autônomo, com cunho de respeito para com as pessoas acima de 60 anos, no entanto, afirma que a construção desta definição não passa de um produto elaborado pelos sistemas de aposentadorias juntamente com as instituições e agentes responsáveis pelo tratamento da velhice que lutavam por maiores condições de qualidade de vida. Todo esse processo na busca de extinguir o uso do termo velho, sinônimo de decadência.

Considerações finais

O velho e o novo são termos paradoxais presentes em nossa sociedade. A contemporaneidade, onde há a valorização do novo e a negação do velho, favorece para que os mitos e os estereótipos sobre a pessoa idosa surjam nas interações e nas comunicações no interior dos grupos sociais. Pesquisar e estudar sobre a

representação social da pessoa idosa na percepção dos jovens e adultos do estado de Goiás possibilitou conhecer sobre as representações negativas e positivas que essas percepções apresentam.

Abric (1994b) aponta que a cultura interfere na formação das representações sociais formadas em uma sociedade e os dados desta pesquisa corroboram com as afirmações apresentadas por Rodrigues (2015) que pontua sobre a diferença entre a cultura japonesa e a brasileira em relação à pessoa idosa. Diferente do Japão, no Brasil, velhice é sinônimo de “caduquice”, senilidade, desrespeito, os brasileiros veem seus idosos como pessoas incapazes, que perdem o poder e a capacidade de tomar decisões sobre suas próprias vidas, incapazes e inúteis à nação. Ou seja, os idosos no Brasil estão longe de serem considerados como referencial de ética, moralidade, honra e dignidade, haja vista as políticas atuais, principalmente as políticas de saúde e de aposentadoria que circulam no Congresso Nacional e que desconsideram conquistas referentes ao direito da pessoa idosa.

Pode-se dizer que a partir dos resultados aqui apresentados há uma busca pela mudança da representação da pessoa idosa que, segundo as teorias apresentadas por Abric (1994a; b) e Moscovici (1981), está mais em processo sociocognitivo ou de informações do que propriamente dito no sistema de contextualização ou atitudes valorativas ou de representação. Visto que quando se pergunta ‘o que é ser velho’, há mudança no discurso da palavra vovozinha e pessoa velha para o discurso sociocognitivo ou de informações para pessoa idosa ou terceira idade. Nomenclaturas que não geram mudanças significativas na forma de tratamento voltado para a pessoa idosa, estão muito mais a nível ideal do que seja pessoa idosa do que no real.

Quando confrontados os resultados positivos com os negativos, foi possível observar que as representações negativas são mais evidentes e acabam contradizendo as positivas em alguns aspectos. Ao mesmo tempo em que consideram as pessoas idosas como divertidas, já as acham ridículas com roupas sensuais; consideram os idosos ativos, também sobressai a percepção de que demandam muito tempo para cuidar deles e que são ingênuos e as pessoas

aproveitam deles. Esses conceitos distorcidos e pouco explicativos sobre a pessoa idosa reforçam o preconceito e os mitos no imaginário das pessoas, apontando reflexos dos contextos culturais, sociais e políticos em que os jovens e adultos estão.

Vivemos em um momento social em que a solidariedade, o respeito, a compaixão e o amor ao próximo, independente da idade que apresenta, devem ser questionados e repensados. Estudos futuros, com ampliação da amostra, se fazem necessários, assim como continuar fomentando discussões, com o objetivo de emergirem novos conceitos positivos e inclusivos, redefinindo o papel do idoso, dando novos significados atribuídos e construídos a partir da vivência de cada um e valorizar a velhice enquanto um ciclo de vida natural. Enfim, as pesquisas devem contribuir para as reflexões de mudanças sobre o que é ser velho e de como os jovens devem perceber as pessoas idosas.

Referências

ABRIC, Jean-Claude. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.

ABRIC, Jean-Claude. L'étude expérimentale et desreprésentations sociales. In: JODELET, D. (Ed.). *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994b.

ANDRADE, Oseias Guimarães de. Representações sociais de saúde e de doença na velhice. *Acta sci., Health sci*, v. 25, n. 2, p. 207-213, 2003.

AYESTERAN S. de Rosa, A. S.; PAES, D. Representación social, procesos cognitivos y desarrollo de la cognición social. In: PAES, D. (Ed.) *Pensamiento, Individuo y sociedad. Cognición y representación social*. Madrid: Editorial Fundamentos, p. 16-66, 1987.

CAPODIECI, Salvatore. *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru: Edusc, 2000.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *Velhice ou terceira idade*, v. 3, p. 49-67, 1998.

DEL DUCA, Giovâni Firpo; THUME, Elaine; HALLAL, Pedro Curi. Prevalência e fatores associados ao cuidado domiciliar a idosos. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 113-120, fev. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em abril 2012.

LAURENTINO, Norma R. Salini et al. Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 3, n. 1, 2006.

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina; VIZEU-CAMARGO, Brígido; BIASUS, Felipe. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Universitas Psychologica*, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria de Lurdes Martins. Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica. *Millenium. Revista do ISPV*, 29, p. 249-254, 2004.

MOSCOVICI, Serge. The phenomenon of social representations. In: FARR, R. M; MOSCOVICI, S (Orgs). *Social representations*. Cambridge University Press, p. 3-69, 1981.

NERI, Anita Libetaleto; FREIRE, Sueli Aparecida. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.

OCKÉ REIS, Carlos Otávio. O gasto dos idosos em saúde: sinal dos tempos. *Como vai: população brasileira*, v. 5, n. 1, p. 41-50, mar.

2000.

PASQUALI, Luiz. *Teste referente a constructo: teoria e modelo de construção em Instrumento psicológico: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM, IBAPP, 2003.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *Velhice ou terceira idade*, v. 2, 1998.

RODRIGUES, Marcos Antônio Vasco. *PARALELO: como são tratados os idosos no Japão e no Brasil*. Reeditado em 20/04/2015. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/5178916>>. Acesso em: 11 dez. 2006.

SILVA, Anna Cruz de Araújo Pereira da; PEDROSA, Aline da Silva. Sexualidade e etarismo: análise do discurso em uma lista de debates na internet. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, v. 13, n. 2, 2004.

SIQUEIRA, Teresa Cristina Barbo; PEREIRA, Alciane Barbosa Macedo. Terceira Idade e Sexualidade: um encontro possível? *Fragmentos de Cultura*, v. 17, n. 2, p. 271-277, 2007.

SOUSA, Ivone Félix de; CASTRO, Marli Bueno de; SÁ, Eline Alcoforado Maranhão de. A realidade social do idoso e a política de assistência social. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 81-96, jan./mar. 2012.

STAAB, Angela Simon; HODGES, Linda Compton. *Enfermería gerontológica: adaptaciónal proceso de envejecimiento*. México: MacGraw-Hill Interamericana, 1998.

TERRA, Newton Luiz; SILVA, Roberta; SCHIMIDT, Olavo Forlin. *Tópicos em geriatria II*. 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/revista/pdf/0138.pdf> Acesso em: 20 maio. 2012.

VIEIRA, Eliane Brandão. *Manual de Gerontologia*: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

Representação social e terceira idade: aspectos e (novas) perspectivas

Amanda Dias Vieira, Wagner Augusto Hundertmarck Pompéo

Introdução

Recentemente, o Brasil despertou para o estudo e aprofundamento das questões atinentes à pessoa idosa. Dentre outras razões, isso se deu, sobretudo, pelo aumento significativo dessa população, o que indica que os índices de desenvolvimento humano do país estão melhores do que em um passado recente.

Com isso, faz-se necessária a análise de como, quando e de que forma se dá a representatividade social dos idosos nos dias de hoje. Esse é, basicamente, o objetivo geral do presente trabalho, com o qual se pretende demonstrar a grande transformação que o tratamento com esse público teve no decorrer dos últimos anos.

Para isso, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro abordará a terceira idade em números, trazendo, basicamente, dados estatísticos extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O segundo alude, de modo geral, como se dava a representação social dos idosos no passado, trazendo seus principais aspectos. O terceiro, por sua vez, ocupa-se de retratar como essa representatividade ocorre no presente momento, bem como reflete as novas perspectivas para o futuro.

Assim, foi desenvolvido por meio essencialmente teórico, sendo dado destaque às pesquisas e dados oficiais provenientes do IBGE. Além das referências indicadas, a pesquisa, como se verá ao longo do texto, mostra-se em relação aos objetivos dialética e quanto ao método de abordagem dedutiva.

2 Terceira idade em números

O Brasil é o 5º (quinto) país mais extenso do mundo, contando com uma área de 8.515.767,049 km², o que leva o país a ser, coincidentemente, o 5º (quinto) mais populoso do globo, possuindo, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, atualmente, 206.276.616 (duzentos e seis milhões, duzentos e setenta e seis mil, seiscentas e dezesseis)¹ pessoas em sua extensão territorial (IBGE, 2016).

Um dos requisitos mais importantes a serem considerados para que se possa auferir que um país é realmente desenvolvido em relação aos demais é o número de idosos em sua população. O fato de existirem muitas pessoas idosas em um país é um indicativo claramente positivo. Isso se deve ao fato de que o mesmo, possivelmente, vai ao encontro do que é considerado para que se tenha uma vida saudável, digna e longínqua, de modo que a perspectiva de viver passa a ser maior e, conseqüentemente, o nível de desenvolvimento do local também.

Conforme artigo 1º (primeiro) do Estatuto do Idoso do Brasil, Lei n.º 10.741 de 2003, é considerado idoso, e, portanto, para quem são destinados e assegurados os direitos previstos em referida lei, quem contar com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos (ESTATUTO DO IDOSO, 2003). A partir dessa constatação é que se pode começar a discutir os números em relação à terceira idade.

Segundo censo do IBGE de 2011, pessoas com mais de 60 (sessenta) anos somavam 23,5 milhões de brasileiros, sendo que 10 (dez) anos antes, em 1991, o número de idosos era 50% (cinquenta por cento) menor do que o de 2011, totalizando 10,7 milhões de pessoas. Isso significa um crescimento de 55% (cinquenta e cinco por cento) em 10 (dez) anos, uma representação de aproximadamente 12% (doze por cento) da população brasileira (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, 2016).

De acordo com a Tábua Completa de Mortalidade do IBGE, do ano de 2014, a expectativa de vida dos brasileiros aumentou, em média, para 75,2 anos de idade. O estudo aponta que a expectativa de vida das mulheres é maior, sendo de aproximadamente 78,8

anos, enquanto dos homens é de 71,6 anos. A análise refere que Santa Catarina foi o estado que alcançou a maior expectativa de vida, chegando aos 78,4 anos. Em contraponto, o estado com menor alcance foi o Maranhão, com 70 anos de idade (PORTAL BRASIL, 2015).

Como se pode notar pelo já evidenciado até o presente momento, a expectativa de vida dos brasileiros tende a crescer com o passar dos anos. Ratificando essa conclusão inicial, dados sociodemográficos e de saúde do IBGE, do ano de 2009, demonstram que essa expectativa pode chegar a uma média de 81,3 anos em 2050 (BRASIL IDOSO, 2016).

Cumprir destacar, por fim, que, somente agora, na última década, o Brasil despertou para a nova realidade do envelhecimento majoritário da população, bem como o valor disso para o bem-estar da mesma como um todo, passando a reconhecer a importância de estudar o envelhecimento humano. É nesse sentido que se enquadra a representação social da população idosa, a qual será abordada nos próximos tópicos.

3 Representação social no passado

O idoso sempre foi visto, tradicionalmente, como alguém limitado, quase deficiente (os que não o eram), e sem nenhuma perspectiva de futuro. Alguém que não era, e nem deveria ser, incluído socialmente, sendo visto, inclusive, como problema e incômodo para muitas famílias, o que levava (e ainda leva) idosos saudáveis e doentes ao completo abandono dentro de seus próprios lares ou em casas especializadas para idosos, popularmente conhecidas como asilos.

Além disso, os idosos acabavam não sendo objeto de proteção especial alguma, nem mesmo destinatários de políticas públicas ou outras formas que proporcionassem uma vida melhor, bem como uma manutenção digna da mesma. Na ampla maioria das vezes, eles não possuíam voz nem vez, não eram respeitadas ou sequer ouvidas as suas vontades, nem dada à mínima autonomia necessária para que realizassem suas próprias escolhas.

Prova disso são os dados trazidos no primeiro tópico a respeito da expectativa de vida dos brasileiros. Se atualmente esse número é alto e vem crescendo, no passado era bem baixo. Em 2014, como mencionado, a expectativa era de 75,2 anos. Em 1984, 30 anos antes, era de 64,15 anos, o que demonstra um aumento de, aproximadamente, 11 anos de vida (IBGE, 2016). Isso se deve ao fato de, em absoluto, a consideração em relação à pessoa idosa ter aumentado exponencialmente, não somente no que diz respeito a sua autonomia de vontade, mas também no que diz respeito aos seus direitos estarem, agora, assegurados por lei especial (o que se verá no tópico seguinte), há uma maior inclusão social e, assim, maiores perspectivas de um futuro digno. Isso já acontece no presente momento do Brasil, bem como nas projeções existentes para o futuro.

4 Representação social no presente e no futuro

Para que se comece a pensar em representação social, e de como isso reflete na população idosa atualmente, se faz necessário o esclarecimento do que é cidadania, pois uma está diretamente ligada à outra. A Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Estado do Paraná elucida que:

Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais. Expressa a igualdade dos indivíduos perante a lei, pertencendo a uma sociedade organizada. É a qualidade do cidadão de poder exercer o conjunto de direitos e liberdades políticas, socioeconômicas de seu país, estando sujeito a deveres que lhe são impostos. Relaciona-se, portanto, com a participação consciente e responsável do indivíduo na sociedade, zelando para que seus direitos não sejam violados (DEPARTAMENTO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA, 2016).

Já a representação social, mais complexa, mas não de difícil, compreensão, pode ser elucidada como sendo “[...] produzida na construção do cotidiano de cada indivíduo, a teoria das

Representações Sociais tenta entender as lutas, batalhas, espaços, formas de comunicação desses indivíduos e o que eles produzem de saberes no e pelo cotidiano” (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013).

Alcançar referida cidadania – na velhice – não é, e nem está longe de ser, mera utopia. Para que seja obtida é necessário que diversas medidas sejam tomadas, como mais políticas públicas, mais inclusão e, principalmente, representação social, mais autonomia para o idoso, bem como maior crédito e visibilidade na sociedade e, ainda, uma maior proteção por parte do Estado através de leis especiais, por exemplo.

Hoje a realidade já é outra e exemplo disso são práticas que antes eram inimagináveis para pessoas acima de 60 (sessenta) anos e que hoje estão crescendo em todo o país. Uma dessas novas práticas é o estudo universitário. Atualmente, além dos cursinhos básicos oferecidos em muitas instituições de caridade, existem as Universidades ou Faculdades da Maturidade.

A Faculdade da Maturidade oferecida pela Faculdade Municipal de Palhoça, na Grande Florianópolis (DIÁRIO CATARINENSE, 2014), a Universidade Aberta da Maturidade, da Universidade Federal do Paraná (UNIVERSIDADE ABERTA DA MATURIDADE, 2016), e a Universidade da Maturidade, extensão da Universidade de Brasília (UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DISTRITO FEDERAL, 2016), são exemplos de cursos ofertados a pessoas acima de 50, 55 e 45 anos, respectivamente, que trazem disciplinas que são áreas de interesse das pessoas idosas, como economia, educação física, empreendedorismo, entre outras.

O conhecimento de alguma dessas searas, pela pessoa idosa, além de benéfico para a saúde mental, mantendo ativas as funções do cérebro, é de grande valia para o dia a dia, como o empreendedorismo, que traz uma nova visão de como estabelecer e manter um negócio, o que pode contribuir para aqueles que sempre almejaram ter o seu próprio, bem como aqueles que já o têm, mas possuíam dificuldades de fazer sua manutenção. Isso traz novas perspectivas de futuro, e não a mera espera pela morte, como se via antigamente.

Outra prática que tem aumentado cada vez mais no mundo, e não poderia deixar de ser diferente na terceira idade, é o acesso à

internet e o consequente uso das novas tecnologias, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, etc. Uma pesquisa realizada nas regiões de Ribeirão Preto e Olímpia, São Paulo, com 100 pessoas contando com mais de 65 (sessenta e cinco) anos de idade constatou que as pessoas idosas, em sua grande maioria, aceitam bem as novas tecnologias (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2013).

Mais do que aceitarem, os idosos querem que essas novas tecnologias façam parte de sua rotina. Não é à toa que muitos cursos de informática são ofertados a esse público, o que contribui para que percam o medo de utilizar a *internet* e passem a fazer parte dessa realidade. O uso da rede mundial de computadores faz com que a população idosa fique mais autônoma, possa conversar com parentes distantes, faça novos amigos e se sinta mais incluída e representada na sociedade (ESTADÃO, 2010).

Talvez o maior e mais significativo avanço desde aquele velho e ultrapassado paradigma de idoso limitado e sem perspectivas tenha sido a promulgação da Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, conhecido como Estatuto do Idoso. A referida lei especial, destinada fundamentalmente a todas as pessoas maiores de 60 (sessenta) anos de idade, conta com 118 (cento e dezoito) artigos que, resumidamente, asseguram direitos essenciais à pessoa idosa.

O Estatuto garante o direito à vida, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à prestação de alimentos, à saúde, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, ao trabalho, à habitação, ao transporte. Também dispõe sobre a previdência e a assistência social, as medidas de proteção acerca da política de atendimento ao idoso e suas entidades, o respeito do acesso à justiça e, por fim, os crimes relativos à pessoa idosa.

A Organização das Nações Unidas no Brasil traz um posicionamento bem claro quanto à população idosa:

O mundo está no centro de uma transição do processo demográfico única e irreversível que irá resultar em populações mais velhas em todos os lugares.
[...]

As pessoas mais velhas têm, cada vez mais, sido vistas como contribuintes para o desenvolvimento, e suas habilidades para melhorar suas vidas e suas

sociedades devem ser transformadas em políticas e programas em todos os níveis (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2016).

Isto é, a partir dessa declaração da ONU Brasil e com o que foi trazido até o presente momento, resta evidenciado que com a garantia e, evidentemente, com a efetivação de uma vida com muito mais qualidade, seja a partir dos direitos assegurados por lei especial, seja por políticas públicas efetivas, fatos que acabam por propiciar mais autonomia aos idosos, os mesmos restam representados, como visto, nas mais distintas áreas da sociedade.

Com isso, importa dizer e destacar que houve a inversão completa daquele antigo paradigma trazido no primeiro tópico do texto, o qual constatava que o idoso era visto como limitado, sem perspectivas de um futuro melhor, não sendo incluído socialmente e não possuindo nenhuma legislação específica a seu respeito. Hoje, o idoso tem o direito de levar uma vida com qualidade, autonomia e projeções para o futuro.

Considerações finais

Depreendendo-se de todo o explanado até aqui, pode-se chegar a algumas conclusões acerca do tema, o qual envolve, basicamente, em que medida se dá a representação social dos idosos no Brasil. Foram abordadas ainda questões atinentes aos seus aspectos mais importantes e, reflexamente, a respeito das novas perspectivas sobre a matéria.

Com o capítulo primeiro pode-se constatar claramente a importância das pesquisas estatísticas e de se obterem dados formais como fonte primordial, pois a partir da verificação de que o número de pessoas na terceira idade tem crescido exponencialmente, pode-se auferir que o Brasil tem se desenvolvido melhor e cada vez mais. A partir do momento em que um número mais expressivo de idosos figura na pirâmide do desenvolvimento humano, importa destacar que mais qualidade de vida a esses brasileiros está sendo proporcionada, sobretudo em idades mais avançadas, mas contando, agora, com mais saúde e dignidade.

Em relação ao capítulo dois, foi oportunizado relembrar como eram vistos os idosos em um passado não tão distante. O paradigma era de que os mesmos fossem limitados e sem perspectivas de futuro, o que acabava tornando-se realidade, pois as oportunidades acabavam sendo escassas e em menores proporções do que para as outras camadas da população, tornando-os, assim, limitados em relação a tudo que poderiam viver, vivenciar e ainda produzir na sociedade, restando sem ou com pouquíssima representação social.

O terceiro, e último capítulo, teve o intuito de demonstrar de que maneira e proporção a representação social da população idosa acontece nos dias de hoje, podendo-se auferir, claramente, que a tendência é a de que essa representação aumente mais a partir da nova realidade brasileira. Hoje os idosos têm inúmeras oportunidades que antes não possuíam. Atualmente, são ofertadas práticas como as Faculdades da Maturidade, trazendo cursos que sejam de áreas de seus interesses, fazendo com que a saúde mental não se estagne no tempo. Tem-se observado, também, o maior uso das redes, o que faz com que os idosos se sintam e se tornem mais autônomos em relação ao que pretendem e querem fazer. E, ainda, a criação e posterior efetivação dos direitos assegurados por meio do Estatuto do Idoso, o qual traz diversas garantias às pessoas acima de 65 (sessenta e cinco) anos de idade.

Por conseguinte, após serem exauridos todos os pontos abordados ao longo do trabalho, conclui-se que é estritamente necessário que se dê continuidade a esse cenário de transformação. Afinal, muito ainda precisa ser lapidado e aprimorado para que os idosos possuam mais políticas públicas, uma maior efetivação dos direitos que lhe são assegurados no Estatuto do Idoso e mais formas e práticas que os representem na sociedade para que sua qualidade de vida continue a crescer e, assim, seja literal o sentido de colocá-los na “melhor idade”.

Referências

ALENCAR, Bruna de. *Pesquisa tenta entender a complicada relação entre idosos e tecnologia*. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www5.usp.br/35129/pesquisa-tenta-entender-a-complicada-relacao-entre-idosos-e-tecnologia/>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

BRASIL IDOSO. Disponível em: <[https://brasilidoso.wordpress.com/estatisticas/crescimento da população idosa no mundo/#jp-carousel-146](https://brasilidoso.wordpress.com/estatisticas/crescimento-da-populacao-idosa-no-mundo/#jp-carousel-146)>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BRASIL. *Estatuto do Idoso*, Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

DEPARTAMENTO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA. *O que é ser cidadão?*. Disponível em: <<http://www.dedihc.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

IBGE. Área Territorial Brasileira. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm>. Acesso em: 10 ago. 2016.

_____. *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

IWASSO, Simone. Tecnologia ajuda a integrar idosos. *Estadão*, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,tecnologia-ajuda-a-integrar-idosos,493212>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

LUMINI, Milena. Faculdade da Maturidade leva terceira idade de volta aos estudos. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/10/faculdade-da->

maturidade-leva-terceira-idade-de-volta-aos-estudos-4621629.html>. Acesso em: 11 ago. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. A ONU e as pessoas idosas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

PORTAL BRASIL. Expectativa de vida do brasileiro sobre para 75,2 anos. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-2-anos>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. Teoria das representações sociais. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/32194/teoria-das-representacoes-sociais>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Dados sobre o envelhecimento no Brasil. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhecimentoNoBrasil.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

UNIVERSIDADE ABERTA DA MATURIDADE. Disponível em: <<http://www.uam.ufpr.br/>>. Acesso em: 11 ago. 2016.

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DISTRITO FEDERAL. Disponível em: <<http://umadf.com>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Idosas no contexto da vida cotidiana: como percebem o corpo

Raimunda Silva d' Alencar

Para entender que maturidade e velhice não são decadência, mas transformação, temos de ser preparados para isso (LUFT, 2010, p. 127).

Introdução

A palavra corpo, que vem do latim *corpus, corporis*, significa substância, matéria. O termo traduz um conceito complexo, que permite enriquecer a abordagem interdisciplinar sobre envelhecimento. A pluralidade de olhares possibilita compreendê-lo a partir das múltiplas dimensões que abarca, permitindo uma construção complexa dos processos que nele se desenvolvem e das percepções que constroem pessoas idosas em torno do próprio corpo ou em torno de si. Sem dúvidas, é uma das grandes preocupações humanas, apresentando-se como a identidade de cada um que, embora pertença ao indivíduo, é a sociedade quem o define e determina o jeito de apresentá-lo, cuidar dele, mantê-lo, protegê-lo.

Nesse sentido, não se pode imaginar a questão do corpo sem encará-lo como produto de uma construção histórica; mas não se pode esquecer de que é produto, também, de uma essência humana específica, que vivencia situações específicas, em lugares determinados. Trata-se de uma realidade que é, ao mesmo tempo, subjetiva e social; é privada e é pública, é produzida pela sociedade, mas é, também, produzida pelo sujeito, ao produzir significado e sentido. Os processos simbólicos decorrentes ocorrem, portanto, na

interação entre essas diferentes dimensões, o que significa dizer que não ocorre no vazio.

Envolvido nas emoções produzidas pelo sujeito, o corpo se emancipa como ponto de referência no espaço e no tempo, transformando-se em essência, substrato da identidade e, por extensão, da personalidade. Considerado por Barboza (2013, p. 3) como “cenário inafastável que fornece elementos onde se desenvolve o processo de construção” de cada um, é também produto de experiências onde se cristalizam a formação psíquica, protege-as como uma armadura específica, e alicerça-as.

O corpo é instrumento de realização, mas, também, de transgressão; é difusor de satisfação, mas, também, de dor; base de sensação, mas também de percepção e cognição; além de ser, também, instrumento de normatização de políticas públicas, por meio da Organização Mundial da Saúde (OMS), por exemplo, quando estabelece o *envelhecimento ativo*, conceito que tomou como base os princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização, amplamente defendido.

As emoções são consideradas o primeiro sistema de comunicações do ser humano, que compartilham com o corpo a motricidade, a sensibilidade e a sensualidade, representando uma linguagem privilegiada de rupturas e ligações com o ambiente, seja ele humano ou físico.

Desde muito cedo, aprendemos que corpo e alma são coisas distintas, que devem ser olhadas de modo independente, separadas, como se fossem dois mundos, um subordinado e escravizado pelo outro. As chamadas dores da alma sempre assumiram um grau de superioridade em relação às dores do corpo. Enquanto a alma era compreendida como a dimensão que representa a presença de Deus na vida humana, aquilo que é forte, que é perene, aquilo que fala de cada um, que não está visível, o corpo, ao contrário, é aquela dimensão sensível que pode ser observada, tocada, tem visibilidade desde o nascimento à maturidade e a morte. Esse corpo ganha significados importantes como o *lócus* das paixões, do sofrimento e da dor, a fonte do erro, dos desejos e pecados, portanto, representa o símbolo da

vitalidade, do vigor e altivez, mas, também, da fraqueza e fragilidade humanas.

Considerando essa polissemia do corpo e suas múltiplas funções, a pesquisa realizada buscou compreender as representações que as idosas constroem sobre seus próprios corpos, os componentes afetivos e cognitivos ligados à compreensão e percepção do corpo, bem como identificar o conceito que essas pessoas têm sobre corpo ideal, e como os significados que constroem sobre o corpo afetam as práticas cotidianas de autocuidado.

Para analisar essas construções e percepções, foi utilizada como referência a teoria da Representação Social, por considerar que os processos que engendram as representações envolvem não só a comunicação, mas as práticas sociais e culturais por elas desenvolvidas cotidianamente. Essas concepções se originam nos significados que cada uma dessas idosas elaboram no dia a dia a respeito do próprio corpo, refletindo uma dupla dimensão, de produção social e de produção subjetiva.

A pesquisa contou com a participação de 22 idosas com idades que variaram de 60 a 88 anos¹. A seleção ocorreu através da explicitação da proposta em uma sala de aula com alunas matriculadas nas atividades da UnaTI-UDESC, que se manifestaram motivadas a participar do trabalho. Foram realizados cinco encontros com o grupo, durante cinco semanas, cujo propósito foi direcionar as entrevistas, a partir de quatro aspectos de abordagem:

- o corpo nos espaços e tempos cotidianos, aqui compreendendo os espaços privados (relacionados à casa e às atribuições diárias como dormir, acordar, comer, cuidar, delegar, fazer) e público (relacionados à rua, como trabalhar fora, desenvolver ações voluntárias, comprar, vender, visitar, divertir, estudar);
- o aspecto pessoal, como vestir, maquiar, higienizar, estabelecer relações;
- situações/fatos que afetaram ou afetam seus corpos;
- como vê o próprio corpo e o que significa um corpo ideal.

Nesses encontros, e para abordar um dos aspectos elencados anteriormente, foi utilizada a técnica de grupo focal. Trata-se de

técnica qualitativa de (re) coleção de informações baseadas em entrevistas coletivas, realizadas em grupos homogêneos. No primeiro encontro foi feita a apresentação da proposta com os presentes na reunião e já iniciada a abordagem sobre a visão que temos sobre o corpo e como o usamos e cuidamos dele. Nos demais encontros, nas semanas seguintes, foram tratados os demais aspectos elencados acima.

2 Falando de representação social e corpo na velhice

Para falar de representação social é preciso lembrar Émile Durkheim, que inaugura, no campo da sociologia, o termo Representação Social². Atualmente é um conceito que aparece ligado a todos os domínios das ciências humanas, situando-se no centro de um conjunto de noções ou múltiplos conceitos, como imaginário, ideologia, mito, mitologia, utopia e memória (MAKOWIECKY, 2003).

Durkheim faz uma distinção entre o estudo das representações individuais, pertencente ao domínio da psicologia, e o estudo das representações coletivas, ao da sociologia. O fundamento de tal distinção estava na crença de que as leis que explicavam os fenômenos sociais não eram as mesmas leis que explicavam os fenômenos individuais (FARR, 1995).

Assim, as representações coletivas, por serem fruto dos acontecimentos sociais, se constituem em fato social e, como tal, é resultado de uma consciência coletiva e não de uma consciência individual. Essa é a razão pela qual, segundo Durkheim, não se pode tratar as representações coletivas numa perspectiva individual.

O debate iniciado por Durkheim sobre representações coletivas foi crucial para Moscovici que buscou, na sociologia, um contraponto para a perspectiva individualista da psicologia social. Entretanto, Moscovici (1978) defende que a representação social, não a representação coletiva, deve ser encarada “tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida

em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, p. 45). Para ele, a representação social “é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

Abordar o corpo em envelhecimento na perspectiva da Representação Social significa trazer para o debate um conjunto de significações construídas e apropriadas no processo cotidiano de uma velhice em construção. Considerando que os idosos necessitam se apropriar da realidade, é bom lembrar que eles se apropriam, também, dos aspectos estigmatizados dela.

Para compreender a realidade, apropriando-se de ideias e valores circulantes, não é possível separar a razão da emoção, o subjetivo do cognitivo, bem como o individual do social, sendo imprescindível analisar a fala do idoso com o apoio de elementos que estruturam as representações construídas no cotidiano, naquilo que faz parte da vida de todos os dias, através da convivência que o senso comum possibilita, integrado que está à vida do dia a dia, e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. Trata-se, portanto, de um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico.

É comum a percepção da velhice vinculada a aspectos negativos e à homogeneização, como se todos envelhecessem da mesma maneira, tivessem a mesma história de vida e vivessem as mesmas situações, nas mesmas circunstâncias. Não se tem levado em conta que os padrões de envelhecimento e as qualidades da experiência de envelhecer dependem da interação de muitos fatores, que incluem circunstâncias histórico-culturais, intelectuais e de personalidade, e refletem as condições materiais de vida, os condicionamentos individuais e da própria sociedade onde se encontram.

Considerados um peso e um problema para o Estado brasileiro, inclusive para as famílias, os velhos continuam marginalizados, apesar de muitas mudanças. Embora não se tenha dúvida de que o prolongamento da vida representa ganhos, tem sido comum que a longevidade seja considerada uma ameaça, um grande desafio para toda a sociedade, nas suas múltiplas dimensões.

Ainda que parte da sociedade brasileira esteja mais sensível às questões que dizem respeito à velhice e ao envelhecimento, as representações sociais ainda negativas continuam sendo construídas, apropriadas e reproduzidas em toda a sociedade, por todos os segmentos sociais e, até mesmo, pelo próprio velho. Não se pode negligenciar o fato de que as nossas ideias e pensamentos são organizados de acordo com um sistema que está condicionado pela cultura.

Apesar dessa sensibilidade, só os velhos sabem que não é fácil ser velho no Brasil, onde quem não produz de acordo com as normas de mercado não tem lugar nem espaço e onde direitos e oportunidades iguais não existem para todos. Ao longo da história econômica e social brasileira, o trabalhador nunca foi valorizado, nem mesmo como cidadão, cujos direitos lhe foram sistematicamente negados (COSTA; CAMPOS, 2009). Hoje, na condição de velho e perdida a oportunidade de continuar produtivo, a afirmação de Bosi (1994, p. 81) é emblemática: “o velho não tem arma. Nós é que temos de lutar por eles”.

Ao analisar a questão estrutural das representações sociais, Jean Claude Abric (1998, p. 28) considera que elas respondem a quatro funções: a função de saber, quando permite aos atores compreender e explicar a realidade por meio da aquisição de saberes práticos do senso comum, coerente com a capacidade cognitiva e os valores a que aderem esses atores; a função identitária, quando define a identidade e permite que a especificidade do grupo seja protegida; a função de orientação, quando guia os comportamentos e as práticas, definindo o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social; finalmente, a função justificadora, quando permite preservar e justificar comportamentos e práticas que podem contribuir para a diferenciação social, estereotipar relações entre grupos, discriminar ou manter distância social entre eles. Essas funções dão a medida da importância das representações sociais na orientação de condutas e práticas sociais e no sentido de investigação de como se formam e funcionam as referências utilizadas para classificar pessoas e interpretar acontecimentos da realidade, decorrente das relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social.

O que é importante assinalar é que a teoria das representações sociais trata da produção dos saberes sociais, aqueles que se produzem no cotidiano e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1997). Por pertencer à concretude da vida, ela permite a interpretação do mundo, facilita a comunicação e orienta as ações e comportamentos. Em outras palavras, a representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social e enquanto indivíduo, devidamente contextualizado.

3 O discurso das idosas na construção da representação do corpo

o corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem. Ou seja, a linguagem não apenas reflete o que existe. Ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável (GOELLNER, 2003, p. 29).

O interesse pontual pela questão do envelhecimento representa, sem dúvidas, um aspecto positivo para toda a sociedade, que reconhece as demandas que o incremento de anos à vida vem estabelecendo. Com a longevidade cada vez mais crescente, maiores e mais qualificados conhecimentos exige esse segmento populacional.

Ainda que continue sendo vista como peso econômico, do ponto de vista social, a velhice é olhada, também, pelo corpo que apresenta, mais especificamente pela debilidade física, que no imaginário social quase sempre se associa à debilidade cognitiva. Trata-se, portanto, de mecanismo depreciativo e discriminatório, que confere às pessoas idosas um significado que as diminui perante essa mesma sociedade, cabendo-lhes aceitar as categorias impostas, identificando-se com elas a fim de serem reconhecidas e de se reconhecerem (GOFFMAN, 1988), ou rejeitá-las, buscando e

revelando mecanismos e estratégias para superar os modelos impostos.

3.1 O corpo nos espaços e tempos cotidianos

[...] Pois não somos só nossa aparência; mas *somos também nossa aparência*. Negá-la é negar o que, afinal, nos tornamos. Por isso, se é melancólico negligenciar a aparência, é patético querermos parecer ter 20 anos aos 40, ou 40 aos 70. Deveríamos querer ser belas, dignas, elegantes e vitais pessoas – de 60 ou 80 anos (LUFT, 2010, p. 91).

O corpo é aquela dimensão sensível que pode ser observada, que é visível, do nascimento ao definhamento e a morte, passando pelo crescimento. Também é considerado a sede do sofrimento e da dor, a fonte do erro, portanto, o símbolo da fraqueza humana. Já a alma era considerada mais nobre, porque considerada a dimensão propriamente humana, aquilo que faz o ser humano diferente de outros animais, ou da natureza de um modo geral. É o instrumento por meio do qual o ser humano vivencia com o outro, ao mesmo tempo em que se socializa com o meio social.

O corpo nos espaços e tempos cotidianos é o corpo do dia a dia, é o corpo de todas as horas. O cotidiano, conforme o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1995, p. 184), é definido pelo que é “diário, de todos os dias”. O significado simples dessa palavra esconde toda uma complexidade de ações e práticas, saberes, características que estão inseridas na vida cotidiana. Como diz Michel de Certeau (1998, p. 31), é “aquilo que nos é dado cada dia”. E o que nos é dado?

Estudiosa do cotidiano, Agnes Heller (2000, p. 17) faz a análise teórica sobre a vida de todos os dias e enfatiza que a vida cotidiana “é a vida de todo homem”, “é a vida do homem inteiro”, ou seja, todos estão inseridos em um cotidiano, fazem parte dele, com a individualidade de cada um. O cotidiano é a história vivida por todos e por cada um, partilhada e compartilhada.

As idosas deste estudo deixaram claro que no seu dia a dia há uma multiplicidade de ações e rotinas no que diz respeito ao aspecto pessoal (higiene, vestuário, maquiagem), ao espaço da

casa (varrer, lavar, passar, cozer, rezar) e da rua (trabalhar, fazer compras, ir à igreja), desde o momento em que acordam. Deixam claro que essas ações e rotinas não se separam, ainda que possam estabelecer horários para realizá-las.

O importante é assinalar que os fazeres cotidianos geram corpos e estratégias de produção desses fazeres, que tanto podem estabelecer códigos de como ser e parecer, de como vestir, descansar, mas, até mesmo, higienizar e alimentar.

Isso posto, é cada vez mais imperativo saber como se organiza um corpo em uma ordem social que pressiona, exige, cria demandas, ameaça, desestrutura, confunde, traz insegurança, estressa, violenta. De um lado, essa ordem social produz corpos deprimidos, em pânico, depressivos, viciados, cansados, sem forças, feridos, amassados, drogados, machucados, compulsivos, sem respostas para as dúvidas e incertezas cotidianas. De outro lado, essa mesma ordem produz corpos conectados, sarados, erotizados, esculpidos, explorados, mercantilizados, que malham, que dançam, que andam na moda, que ditam moda, corpos que são capazes de estabelecer novos recordes (“beije tantos homens ou tantas mulheres”, “fiz sexo tantas vezes hoje, na semana, com tantos homens ou tantas mulheres”, “trabalho xis horas por dia”), corpos que se transformam no centro das atenções e sonho de consumo (ainda que para isso tenham que passar por sacrifícios).

Partindo dessas concepções, verifica-se que inserir a questão do corpo de pessoas idosas como tema de estudo implica um olhar sobre a vida diária dessas pessoas, atravessadas por problemas de várias ordens, que têm regras e organicidade estruturadoras do dia a dia, regras essas que se manifestam na organização da vida privada, do descanso, da troca, como quer Heller (2000), complementadas com as regras para o autocuidado, para a manutenção da funcionalidade física e cognitiva, pela obrigatoriedade de uma velhice ativa, como estabelece a medicina.

Merleau-Ponty (1999, p. 269) assinala que

quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e,

reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total.

É ainda Merleau-Ponty (1999, p. 227) quem afirma que “se o corpo pode sinalizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade”. A propósito dessa afirmação, é interessante observar o que diz Stefano Rodotà (apud BARBOZA, 2013, p. 9), quando põe em pauta as seguintes indagações: “de quem é o corpo? Da pessoa interessada, de sua família, de Deus, da natureza, da sociedade que dele se apropriou, de um médico ou de um juiz que lhe estabelecem o destino?” Além disso, de qual corpo se fala?

Para a primeira pergunta, pegamos a afirmação de Studart (1990, p. 34), dizendo que “o nosso corpo nos pertence” pelas possibilidades que ele oferece, de percepção do mundo, de descobertas, de identificação, de subjetivação e de vivências. No entanto, e embora seja a partir dele que construímos, interagimos, trocamos, somos, conhecemos, confirmamos, negamos, ficamos, fugimos, fingimos, encontramos, desencontramos, essa autonomia é apenas aparente (D’ALENCAR, 2007, p. 21).

A segunda pergunta, não menos difícil que a anterior, evidencia a presença de vários corpos, que transcendem o corpo biológico, que vão do social ao psicológico, do corpo político ao jurídico. Todos esses corpos apresentam dupla expressão: uma real, que é o corpo físico, que está presente em determinado momento e lugar, e uma virtual, que transita com a transmissão de dados e para a qual não há limites de tempo ou espaço. Na verdade, afirma Heloisa Barboza, é possível que o corpo virtual não tenha qualquer vínculo com o real, na medida em que pode ser “criado” pela própria pessoa ou por terceiros, com características totalmente distintas do corpo físico existente (BARBOZA, 2013, p. 9).

Sant’ Anna (1997, p. 276-277) ao analisar a condição do corpo humano na história, afirma que estudá-lo “[...] é uma forma de descobrir, junto a todas as regras e coações, a emergência de liberdades e de prazeres outrora inexistentes”.

Falar do corpo de pessoas idosas nos espaços e tempos do dia a dia é falar de ações e práticas inseridas na vida cotidiana, como o cuidado e a atenção pelo aspecto da aparência pessoal, o que faz

para cuidar do corpo, desde a hora em que acorda. Uma das falas sugere descuido com o corpo em etapas pretéritas, revelando ao mesmo tempo que a velhice a despertou e a liberou para cuidar-se mais.

- *[...] Eu vim aprender a cuidar mais do meu corpo depois de uma certa idade. Hoje eu me cuido mais. Quando se é jovem tem muita coisa; não dá tempo nem se tem preocupação com isso (E1, 72a).*

Atitudes renovadas têm significado o resultado de novas percepções, de novos sentimentos, de novas emoções. É que as mudanças, sejam psicológicas ou fisiológicas, caminham e acontecem juntas, alterando a nossa forma de pensar. É Nélida Piñon, escritora, quem afirma, em seu romance *A casa da paixão*, que o corpo, uma vez inaugurado amorosamente, uma vez erotizado, altera o pensamento.

- Venho de uma família de obesos, diabéticos e cardíacos. Por isso, priorizei meu corpo. Faço ioga desde os anos 80 (quando ainda trabalhava no banco)..... Hoje não sinto nada. Pelos antecedentes, cuido da alimentação, que é a mais natural possível. Não fumo, não bebo (He, 67a).

3.2 O aspecto pessoal: vestir, maquiar, higienizar, estabelecer relações

As qualidades interiores vão sobressaindo, afirmando-se sobre as físicas. Ao contrário da pele, cabelos, brilho de olhar e firmeza de carnes, elas tendem a se aprimorar: inteligência, bondade, dignidade, escutar o outro. Capacidade de compreender (LUFT, 2010, p. 90).

A construção social do corpo nos espaços e tempos cotidianos inicia-se já no nascimento, dada a contextualização desse momento. Nesse contexto, diz Heller (2000, p. 20), “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a vida

verdadeira essência da substância social”, sendo por isso parte inerente à existência de todo e qualquer indivíduo.

Com seu amadurecimento diário, que Heller (2000) denominou de “assimilação da manipulação”, a idosa consegue viver o seu próprio cotidiano, aprendendo com o grupo a que pertence não só as artes de fazer como a de consumir. Aprende a manipular os objetos, instrumentos e a apoderar-se do uso social desses objetos, mas, também, aprende a apropriar-se de outras interações e a conviver com outros grupos, diferentes do seu originário, explicitando a beleza do corpo por uma aparência de efeito jovem (roupas, maquiagem, higiene).

- *Sou muito simples quanto à minha maneira de vestir, sou desligada mesmo de usar produtos de beleza... (Mg, 71a).*

Apesar das aprendizagens, não se pode minimizar o paradoxo vivido pelas idosas: de um lado, as possibilidades de prolongamento da vida: mais anos, mais meses, mais dias de vida; de outro lado, a rejeição sofrida pela não aceitação, por parte da sociedade, do benefício da longevidade. De um lado, pode estar liberada (ou não) do trabalho na rua (algumas das idosas trabalham em igreja, têm barraca na feira, ou estão em sala de aula) e, de outro envolvem-se diuturnamente com os serviços domésticos, cuidados dos filhos e netos, ainda dependentes das mães e avós.

4 Situações/fatos que afetaram ou afetam seus corpos

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros... nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 1979, p. 22).

Os sentidos humanos são treinados para perceber e decodificar essas marcas, além de classificar os sujeitos pelas formas como

eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.

O importante é considerar que esse corpo que revela cada idosa, que identifica cada uma, não é um corpo acabado; ele é provisório, é permanentemente modificado:

- *[...] as rugas no rosto, as carnes flácidas das pernas. E claro, na medida em que os anos passam a gente encolhe mais (Cs, 89a).*

As mudanças vividas cotidianamente, independente da idade e da posição social e condição étnica, econômica, social, religiosa, educacional são registradas no corpo, o que sinaliza a ideia de que o nosso corpo é um elemento em permanente construção, como o é cada sujeito. Como diz uma entrevistada,

- *[...] agora é que estou percebendo o quanto mudei. Provavelmente murcharei mais ainda (Ra, 74a).*

Dessa compreensão decorre a afirmação de Sant'Anna (2000, p. 237), para quem se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado (apud D'ALENCAR, 2007, p.29).

Considerando que cada sociedade em tempo histórico específico tem seu modelo de corpo, este modelo supõe uma referência a uma norma, a uma concepção de gestos, de códigos, de posturas. Assim, o corpo não pode ser pensado fora de um contexto social no qual se insere, ou isolado dele, o que significa dizer, também, que pensá-lo fora das relações tira-lhe a conotação natural, de algo dado, que está aí. O corpo não só (re) produz códigos e significados, mas é também por eles produzido. É de Goellner (2003, apud D'ALENCAR, 2007, p. 29) a afirmação de que

mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as

máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem..

O corpo, portanto, não é uma entidade já pronta, mas é datado historicamente. “[...] As relações, as práticas sociais, historicamente datadas que produzem, ao longo da vida, nossos sentimentos, nossas preferências, nossa aparência e nossa fisiologia” (SANT’ANNA, 1997, p. 279).

5 Como vê o próprio corpo e o que significa um corpo ideal

Os corpos são significados e ressignificados pela cultura; mas ao mesmo tempo são por ela alterados. Basta que olhemos o processo de mudanças no nosso próprio corpo, ainda que nossos desejos e necessidades estejam em dissonância com a aparência de nosso corpo.

- *[...] não cuidei do meu corpo, e ele envelheceu mal (Am, 67a).*

Os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos, tampouco as identidades são uma decorrência direta das “evidências” dos corpos, conforme a fala abaixo:

- *O meu envelhecimento está acontecendo através de uma tomada de consciência. Tenho que exercitar a ponderação, o bom senso. Lutar com nosso principal inimigo: nós mesmos. As perdas serão inevitáveis, mas os ganhos também (Mc, 68a).*

Weeks (1995) lembra que o corpo é inconstante, que suas necessidades e desejos mudam. O corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica.

- *corpo ideal é um dom de Deus. Graças a Deus até hoje estou inteira, apesar da decadência. Particularmente eu já vivi esse corpo ideal; com tudo inteiro. O que mais me entristece é ver o meu corpo morrendo aos poucos; não se pode parar as marcas do tempo; aceito tudo isso pacientemente e vou levando e vivendo (MG, 72a).*

É importante conhecer como determinada característica passa a ser reconhecida, passa a ser significada, como uma “marca” que define a identidade. Cabe perguntar, por exemplo, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos, por pessoas idosas, por exemplo, a um corpo tatuado, a um corpo de *piercing*, a um corpo musculoso, a um corpo encoberto ou a um corpo desnudado.

Mas ainda que se distancie do seu destino biológico, por força de intervenções as mais variadas, o corpo é talvez a mais eloquente expressão da individualidade, da autorreferência, do lugar que ocupa cada sujeito na hierarquia social, do lugar que ocupam determinados valores, como a religião.

- *O meu corpo é instrumento da minha vida, do meu espírito. Zelo por ele no sentido de não me contaminar; não tenho vícios (Ná, 76a).*
- *[...] Tenho muito cuidado com meu corpo,.... uso cremes, gasto o que posso para usar e deixar minha pele macia. Faço meu cabelo toda semana em salão... Faço hidroginástica..... Só uso perfume frances. Gosto de mim, me amo, ... gosto de toalhas bem macias... (Cl, 68a).*
- *Vejo-o como o nosso principal indicador. Através dele sabemos muito sobre nós. Atualmente conseguimos entender seus sinais e procuramos não abusar... É um grande aliado (Mc., 68a).*

Tratado como objeto afetivo, o investimento nos corpos é fato para uma parcela das idosas da pesquisa, que afirmam exercitar-se diariamente com alongamento, ioga, RPG, esteira de massagens, caminhada, pilates, atividade física, hidroginástica.

Sodré (1996, p. 175) afirma que o corpo humano é posto em crise por uma ordem tecnocultural que o nega, seja quando lhe atribui uma fraqueza fundamental (remediável apenas pela tecnologia ergonômica e biomédica), seja quando o incita a superar-se por meio de práticas cujo ideal é tocar os limites do humano e vislumbrar o inumano, tanto na forma da máquina como do animal. Nessa ordem se inscrevem a clonagem, as próteses, a difusão de epidemias que resultam da transfusão de sangue, em um movimento chamado por José Gil³ (SANT'ANNA, 1997, p.253) de “desapropriação do corpo”.

Hoje, é possível que microcâmeras adentrem o corpo e enviem imagens do seu funcionamento instantaneamente, que cânulas sejam usadas para sugar gorduras localizadas, estabelecendo-se e definindo-se o padrão que se deseja. É o corpo humano que, confundindo-se com a máquina ou produzido por ela, produz um corpo tecnicamente moderno, um *cibercorpo* (D'ALENCAR, 2007, p. 23), “desapropriado” do seu dono.

As imposições de saúde, beleza, vigor, força, que a sociedade realça em relação aos corpos, são apropriadas pelas idosas da pesquisa, que procuram adequar-se aos critérios estéticos e higiênicos, por meio de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, alimentos, adornos, como afirmam.

Esses variados processos inscrevem nos corpos marcas de identidade e, ao mesmo tempo, de diferenciação, mostrando que as representações sociais têm a função de interpretar a realidade que cerca as idosas desta pesquisa, orientando as suas atitudes, preservando as do grupo de pertencimento em relação a outros grupos, como quer Abric, citado anteriormente.

- *Engordei, agora estou com problema de saúde.... mas já recuperando (LO, 77a).*

O corpo não é nada mais do que uma ideia histórica, isto é, um simples produto de construção cultural da sociedade, uma entidade real, material, um substrato de cada uma dessas idosas. A representação do corpo tanto pode estar associado a uma necessidade produtiva, como pode associar-se à funcionalidade. Em

ambos os casos pode-se vinculá-lo diretamente com a rentabilidade, seja ela financeira e/ou funcional.

- *é o corpo que pode responder às necessidades; pode andar, não sentir dores... (Am, 67a).*
- *... é aquele saudável (Lou, 69a)*
- *... é corpo saudável que deve estar em sintonia com o cérebro, os sentimentos, as emoções (MG, 72a).*

Assim, as idosas não escapam dos critérios estéticos e éticos que a sociedade estabelece como corpo ideal. Da mesma forma, o envelhecimento, associado à perda de prestígio e afastamento do convívio social, também está associado à gordurinha corporal⁴.

- *Corpo ideal é o que tenho. Vejo como dádiva de Deus. Corpo perfeito é aquele que eu me vejo e me aceito, do jeito que está. Tenho que viver o tempo, o momento (Na., 72a).*
- *Meu próprio corpo; eu estou bem com ele. Emagreci 15kg, apenas por ter reduzido o sal (Ar., 65a).*
- *Corpo ideal é o que tenho neste momento..... Vejo como um templo do espírito santo. Procuro não ingerir alimentos ruins; e mantenho uma alimentação saudável (He, 64 a).*
- *É aquele que proporciona saúde (qualidade de vida). Nosso corpo físico, por exemplo, a partir dos 52 anos, quando começamos a escutá-lo, respeitá-lo e cuidá-lo tem correspondido de maneira bastante satisfatória (Mc, 66a).*

Contrariando a afirmação de Barboza (2013), quando sugere a possibilidade de não haver relação do corpo real com o virtual, as idosas desta pesquisa estabelecem convergência entre o corpo ideal e o real, partindo do próprio corpo. A relação corpo ideal-corpo real é feita diretamente e aparece na saúde, no trabalho em casa e fora de casa, na religião, no lazer, mas, também, na indiferença que experimentam. Ao falar do próprio corpo, elas já não tratam de qualquer corpo, do corpo do outro, mas o próprio, o da sua vivência, da experiência que cada uma tem de si mesmo, da sua própria história, da sua própria vida.

Considerações...

Não se têm dúvidas de que a experiência de vivenciar o próprio corpo marca o ser humano do começo ao fim da vida. Embora seja uma experiência vivida por todos, não se trata de experiência homogênea. Ela é vivida diferentemente, de acordo com o contexto cultural em que se encontra esse corpo, da classe social a que pertence, da etnia e do próprio ciclo de vida.

As idosas se identificam a partir de múltiplos cuidados com seus corpos e, ao mesmo tempo, se diferenciam, mostrando que as representações sociais que constroem e/ou se apropriam, no contexto onde se encontram, respondem às funções assinaladas por Abric, conforme apontadas anteriormente: as idosas compreendem e reproduzem o que o senso comum concebe sobre os seus corpos, além de comportarem-se e praticarem atividades corporais de autocuidado dentro daquilo que é social e previamente esperado para a pessoa idosa. Embora pensem romper com os estereótipos que caracterizam a realidade comum do conjunto social, permeia o imaginário social.

Mas é, também, uma atividade mental que orienta as idosas a posicionarem-se em relação à importância e singularidade de seus corpos, no que toca a diferentes situações, objetos e fatos da vida cotidiana.

Referências

ABRIC. Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva P.; OLIVEIRA, Denize C. de. (Org.). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. Goiânia: AB, 1998.

BARBOZA, Heloisa Helena. A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade. In: *Cadernos IHU ideias*, ano 11, n. 194, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Filomena G; CAMPOS, Pedro H. Faria. Representação Social da Velhice, Exclusão e Práticas Institucionais. *Revista Eletrônica de Psicologia e Políticas Públicas*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <www.crp09.org.br>. Acesso em: 15 jan. 2017.

D' ALENCAR, Raimunda S. Velhice e função social do corpo. In: *Memorialidades*, n. 7 e 8, jan./dez, 2007.

FALCON, F.J. C. História e Representação. In: CARDOSO, C.F; MALERBA, J. (Orgs.) *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000 (coleção textos do tempo), p.20-48.

FARR, Rob. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31-59.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Folha Aurélio*. Editora: Nova Fronteira, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. R. Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979 (coletânea de artigos publicada exclusivamente no Brasil).

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Produção Cultural do Corpo. In: LOURO, G. L. et al. (Org.). *Corpo, Gênero e Sexualidade - um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. M. B. M. L. Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. *Textos em representações sociais*. 3. Ed. Vozes, 1997.

LUFT, Lya. *Perdas & Ganhos*. 35. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2010.

MAKOWIECKY, Sandra. Representação - a palavra, a idéia, a coisa. In: *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas* (PPGICH), n. 57, dez., 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PRIORE, Mary Del. Corpo a corpo com a mulher – pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

SANT' ANNA, Denise Bernuzzi de. O corpo entre antigas referências e novos desafios. In: *Cadernos de Subjetividades*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 275-284, dez., 1997.

_____. Entrevista com José Gil. In: *Cadernos de Subjetividades*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 253-266, dez., 1997.

_____. As infinitas descobertas do Corpo. *Cadernos PAGU*, 14, 2000, p. 235-249.

SODRE, Muniz. A Mutação Identitária. In: _____. *Reinventando a cultura, a comunicação e seus produtos*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.169-180.

STUDART, H. *Mulher, a quem pertence teu corpo?* Petrópolis: Vozes, 1990.

WEEKS, Jeffrey. *Sexuality and its discontents: meanings, myths and modern sexualities*. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1995.

Representações da velhice no olhar dos jovens

Vania Herédia, Josiane Bonvolini

Para entender que maturidade e velhice não são decadência, mas transformação, temos de ser preparados para isso (LUFT, 2010, p. 127).

Com o envelhecimento da população, a heterogeneidade na velhice tornou-se um fenômeno visível. Entretanto, a heterogeneidade na velhice nos leva a pensar como esses velhos se prepararam para envelhecer e o que permaneceu no imaginário, como consciência desse processo. O estudo aqui realizado tem como objetivo apresentar as diversas percepções que os jovens têm sobre o envelhecimento humano a fim de fornecer elementos para a discussão sobre o tema, levando em consideração que a caminhada existencial pode ser planejada pelos jovens enquanto jovens.

Os registros desses testemunhos mostram a fragilidade da idealização por parte dos jovens do que vão enfrentar no seu processo de envelhecimento. Nessa direção, pode-se dizer que nem todos os velhos encaram a velhice da mesma forma e as reações, em relação aos seus comportamentos, são diferenciadas, o que também revela que a preparação ou a não preparação não foi comum. O estudo é de natureza qualitativa, exploratória e trata de narrativas de jovens sobre o envelhecimento. A pergunta norteadora questiona como eles se imaginavam com 92 anos, e suas narrativas constituíram o *corpus* deste estudo. A pesquisa foi realizada na disciplina de “Longevidade, Vida e Sociedade”, oferecida aos cursos de graduação da Universidade de Caxias do Sul, de 2015 e 2016. Os entrevistados foram 45 alunos. Para a avaliação das narrativas, foi utilizado o método de análise de conteúdo, baseado na concepção de Moraes (1994, p. 2), cuja metodologia de pesquisa permite identificar as percepções dos entrevistados, a fim de compreender os significados que atribuem ao tema. Das narrativas,

nasceram três categorias de análise que discorrem sobre as representações sobre a velhice pelos jovens.

O resultado do estudo evidencia a importância de uma educação para a velhice ao longo da vida, a fim de alertar aos mais jovens sobre a riqueza do processo que a vida proporciona ao ser humano. Beauvoir (1990, p. 10), parafraseando Proust, diz: “É com adolescentes que duram um número bastante grande de anos que a vida faz velhos” e que “conservam as qualidades e os defeitos do homem que continuam a ser”.

Dessa maneira, a intenção deste estudo atende à chamada de consciência por jovens sobre como esperam envelhecer. Mesmo que não seja comum essa reflexão, nos seus imaginários aparece o modelo daqueles que os educaram e das condições que vivenciaram com seus pais e avós, negando que a realidade de cada um possa modificar o seu processo de envelhecimento.

2 Diversas concepções de velhice

Por certo, os que não obtêm dentro de si os recursos necessários para viver na felicidade acharão execráveis todas as idades da vida. Mas todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza. E a velhice, seguramente faz parte delas! Todos os homens desejam alcançá-la, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Eis aí a inconsequência da estupidez! (Cícero).

Beauvoir diz que a velhice “não é um fenômeno estático; é o resultado e o prolongamento de um processo” (BEAUVOIR, 1990, p. 17). Diz ainda que “não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (BEAUVOIR, 1990, p. 20). Essa concepção, muito utilizada nos estudos do envelhecimento, mostra que a velhice é um ciclo de vida que está conectado a todo o processo que o ser humano passou desde o nascimento, mas que ser velho é uma condição daqueles que conseguiram chegar nesse ciclo.

Caldas (2010, p. 19), quando trata de envelhecimento em termos biológicos, diz que o mesmo “compreende os processos de transformação do organismo que ocorrem após a maturação sexual

e que implicam a diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência”. Essa autora chama a atenção que o envelhecimento e o desenvolvimento “são processos que coexistem ao longo do ciclo vital” (2010, p. 19) e que aquele que envelheceu teve oportunidade de passar pelo processo.

Neri (2001, p. 27) tem a mesma concepção sobre o envelhecimento, utilizando a maturação sexual como ponto de referência, mas coloca que “esses processos são de natureza interacional, iniciam-se em diferentes épocas e ritmos e acarretam resultados distintos para as diferentes partes e funções do organismo”. Entretanto, Neri (2001, p. 27-28) chama a atenção que “há um limite para a longevidade, estabelecido por um programa genético que permitiria ao organismo suportar uma determinada quantidade de mutações. Esgotado esse limite, o organismo perece”.

Para cada época, a velhice estava associada a um atributo que justificava o ciclo vital e dava a ele respostas prontas como explicação coletiva. Muitos filósofos definiam a velhice pela idade e com atributos positivos, no sentido de acúmulo de experiências, de conhecimento, de saber acumulado.

Debert (1999, p. 13) alerta que à medida que a velhice assume uma visibilidade na sociedade contemporânea, ocorre um duplo movimento que marca essa visão, ou seja, de um lado a “socialização progressiva da gestão da velhice; durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar,” e, de outro lado, “uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transforma em uma questão pública.” Esse cuidado da sociedade contemporânea não existia anteriormente como proteção do cidadão, reflete uma concepção homogênea daquele que envelhece e nesse sentido a representação do velho carrega uma forte tendência a homogeneização. Nessa direção, Debert esclarece que a velhice é “tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais” (1999, p. 14). Entretanto, a autora chama a atenção de que o avanço da idade visto pelas fragilidades, perdas e dependência, torna-se responsável por representações marcadas por imagens negativas, calcadas na doença, no sofrimento e nas perdas. Alerta

ainda que houve “um processo de reprivatização” da velhice onde a mesma resulta de responsabilidades individuais e nesse sentido ganha novas representações.

Debert (1999), quando trata da homogeneidade e da heterogeneidade na velhice, usa Guillemard (1986) que, por meio de três grandes conjuntos de mudanças estruturais, que afetaram os velhos no século XX, mostra como foi a passagem dessa homogeneidade para a heterogeneidade. Nesse sentido, a associação de velhice à pobreza foi muito comum no período pós-guerra mundial, quando os idosos apresentavam características muito semelhantes. Entretanto, após a metade do século XX, quando muitos países pensam o sistema de aposentadoria como uma forma de garantia àqueles que trabalharam em sistemas de produção contínuos, que afetam as condições socioeconômicas dos velhos, tem-se uma mudança substancial na concepção e no dar-se conta da importância do envelhecimento. Percebe-se que o envelhecimento fica associado à perda de valor, quando o indivíduo não contribui para o mercado de trabalho, passa a ser ignorado por ele, e a visão de velho ganha um outro atributo negativo dado ao fato de não estar mais integrado ao circuito produtivo.

Nesse contexto, o século XX modificou a visão sobre o envelhecimento, à medida que as sociedades começaram a enfrentar o peso de parcelas bastante significativas pelo volume da população idosa mundial. Diríamos ainda que algumas sociedades, por meio de seus governos, começaram a se preocupar com o envelhecimento mundial. Em 1982, ocorre em Viena a primeira Assembleia Mundial do Envelhecimento Humano, onde se reúnem países para discutir estratégias e medidas que possam ajudar as sociedades a enfrentarem o envelhecimento de sua população. Nessa assembleia, que terá, posteriormente, continuidade, vinte anos depois em Madrid, são definidas Políticas para o Envelhecimento Mundial, levando em consideração os dados e as informações que tinham no momento. Na segunda Assembleia, que ocorre em Madrid, em 2002, os governos estabelecem um Plano de Ação baseado no compromisso de que os velhos podem contribuir para o desenvolvimento da sociedade, o que implica que os

governos coloquem em suas políticas de desenvolvimento econômico e social o tema do envelhecimento.

Essa chamada propositiva, que começa no século XX e tem continuidade no século XXI, além de alertar o mundo sobre a situação dos velhos, ajuda a pensar o envelhecimento para o século XXI. Essa iniciativa, que tem início nas Assembleias Mundiais do Envelhecimento, se fortalece com o documento editado pela Organização Mundial da Saúde, denominado “Envelhecimento Ativo”. Sob o comando de um grupo de especialistas, liderado por Alexandre Kalache, o documento evidencia que é possível envelhecer ativamente, desde que haja uma atenção para os fatores que o determinam. Esse documento modifica a visão e a imagem do velho do passado, associadas à doença, e propõe uma velhice saudável, integrada e ativa.

Nesse sentido, a representação da velhice por períodos históricos mostra que a sociedade, à medida que evolui, trata do processo de envelhecimento de forma distinta e que pelas características que a sociedade moderna trouxe ao velho o desejo de ter um lugar que lhe pertence na sociedade e não fora dela.

Segundo os resultados da pesquisa, das narrativas dos jovens emergiram três categorias que evidenciam as percepções que eles têm dos velhos e de como gostariam de ser quando velhos: velhos autônomos e independentes, velhos em família e velhos acompanhando a força da cultura do momento. Nos depoimentos, fica visível o despreparo para o enfrentamento dessa etapa de vida, a partir da própria juventude.

3 Velhos autônomos e independentes

A imagem de velhos autônomos e independentes preponderou nas entrevistas. A maioria dos jovens se vê como velhos integrados, ativos, participando da vida familiar e social. No conjunto das narrativas, evidenciam que seguem realizando as mesmas atividades que desenvolveram ao longo da vida, sem problemas, como se o tempo não tivesse trazido marcas de sua presença.

- *Praticando exercícios físicos regularmente, com autonomia para realizar minhas AVD's, respeitando as diminuições de funcionalidade da idade, mas me mantendo completamente independente. (Aluno 3, sexo feminino, 36 anos).*
- *Ter condições financeiras de me manter independente, ter um ciclo de amizades, frequentar atividades que me deem prazer, como shows, restaurantes, cinemas, praia, teatros... Eu vou à praia caminhar e tomar sol de manhã, pratico atividades físicas, leio, converso, convivo com pessoas que me querem bem e me respeitam. Me sinto útil e amada, porque as pessoas que me conhecem gostam de ouvir minhas histórias de vida, meus conselhos, apreciam minha companhia e me tratam com respeito. (Aluno 3, sexo feminino, 36 anos)*
- *Eu me vejo autônoma e independente, buscando nas atividades sociais o fortalecimento de vínculos comunitários. (Aluno 11, sexo feminino, 26 anos)*
- *Espero que quando eu tenha 92 anos esteja lúcida. E com capacidades físicas boas para que consiga me locomover com autonomia. (Aluno 41, sexo feminino, 22 anos)*

Essa forma de encarar o envelhecimento mostra que mesmos as diferenças que possam existir entre aqueles que têm 20 a 30 anos para os que têm 90 anos não podem ser entendidas como uma mera prorrogação de tempos, sem consequências e evidências do processo. Sessenta, setenta anos de diferença entre um ser e outro reflete que alguns estão começando a caminhada no mundo produtivo e outros já a trilharam e, conseqüentemente, a representação não pode ser a mesma. O tempo da diferença é o mesmo tempo que a sociedade atribui a um indivíduo para ser idoso. Então, o que essa representação significa? Uma negação ou um despreparo para projetar e visualizar o futuro, contando que as ações presentes influenciarão ou não o “vir a ser”.

A condição de autonomia e independência se apresenta como uma forte característica que os jovens aspiram na sua velhice. Os conceitos de autonomia e independência são predicados do envelhecimento ativo, juntamente com a qualidade e a expectativa de vida saudável (OMS, 2005). A proposta de envelhecimento ativo

postula que essas condições, necessárias para um “envelhecimento ativo”, pressupõem uma história de vida com autonomia, independência, vida saudável e com qualidade.

Bobbio, em sua autobiografia *Tempo da memória*, diz que quando pensava em velho, lembrava apenas de uma bisavó paterna e que não recordava ter conhecido pessoas com mais de oitenta anos. Entretanto, tece um comentário sobre o pai, que morreu aos 65 anos de idade, e que para ele essa imagem teve um significado especial.

Nunca imaginei viver tanto. Não me lembro de pessoas que morreram com mais de oitenta anos em minha família paterna, nem na materna. A única que ficou presente na minha memória é uma bisavó paterna. Meu pai, com quem me pareço, cuja idade nunca acreditei ultrapassar, morreu aos 65 anos. Entrei na casa dos sessenta, quando começaram, também na Itália, os anos da “contestação”, quando os filhos se rebelaram contra os pais. Senti-me de súbito envelhecido. Escrevi: “Seria insensato, além de inútil, maquiarse para fazer desaparecer as rugas e fingir uma juventude que já ficou para trás” (BOBBIO, 1997, p. 33).

Nessa mesma obra, Bobbio cita um trecho de Achille Campanille, um humorista de sua geração que dizia:

Esses velhos sempre me espantaram... Como é que conseguiram superar são e salvos tantos perigos e chegar à vida avançada? Como fizeram para não morrer atropelados, como lograram superar as doenças mortais, como conseguiram evitar uma telha, uma agressão, um acidente de trem, um naufrágio, um raio, um tombo, um tiro? Realmente esses velhos devem ter parte com o demônio! E alguns deles ainda ousam atravessar a rua lentamente... estarão loucos? (BOBBIO, 1997, p. 35).

As ponderações feitas por esse grande humanista italiano mostram que para cada época vemos a velhice de forma própria, mas ela chega sempre para aqueles que duram mais. Na experiência narrada por Bobbio, para cada época há uma referência de velho associada às vivências que cada indivíduo teve nas suas relações.

4 Velhos em família

Nas entrevistas ficou evidente que o modelo de velho no imaginário dos entrevistados está associado ao que viveram em família, com seus pais, avós, tios ou bisavós. A falta de um modelo que dê conta do seu futuro reflete a perspectiva de que muitos jovens ainda não pensaram sobre como querem envelhecer. Estão ainda presos às experiências que tiveram com seus familiares e projetam para o futuro essa experiência.

O modelo de família, no qual os jovens estão inseridos, influi na percepção que têm sobre a velhice, e os cuidados ou não dos seus membros afetam essa representação. O modelo de família atual, que ainda está baseado na família nuclear, mesmo com a presença de muitos arranjos familiares surgidos nas últimas décadas, destaca no grupo familiar características como individualismo, instabilidade, mobilidade, ausência de algumas regras básicas de convivência no mesmo teto, excesso de liberdade e muitos conflitos nas relações interpessoais. Esse modelo, em transição, aparece nas falas dos jovens, ainda como centro de união dos membros da família, como o lugar da proteção e dos cuidados, da reprodução e do aprendizado dos valores e da inserção social.

- Acredito que quando tiver 92 anos, serei uma velhinha com cabelos bem brancos e grisalhos, com o rosto bastante enrugado, porém acho que serei ainda vaidosa, portanto serei uma velha cuidada. Penso que conseguirei me movimentar, caminhar em parques com meus netos e filhos, quem sabe até bisnetos. Provavelmente usarei óculos e não ouvirei tão bem quanto hoje. Acredito que serei um pouco chata, reclamona, e dificilmente aceitarei opiniões de outras pessoas, mas acredito que serei uma velha divertida, brincalhona. (Aluno 21, sexo feminino, 20 anos).
- Com 92 anos, se ainda estiver viva, estarei um pouco acima do peso, esquecendo-me de tomar remédios e de quem são as pessoas, mas adorando assistir à novela. Convivo com minha família, porque eles me dizem quem são e eu já não lembro.

Com a vida que passou me sinto realizada, por isso vivo feliz mesmo, sem lembrar de tudo, pois marcas ficaram para sempre... hoje caminho apenas dentro de casa, às vezes saio na rua para pegar um sol. (Aluno 23, sexo feminino, 19 anos).

- Ao chegar aos 92 anos pretendo estar com meu marido, meus filhos, netos e bisnetos. Quero poder ter condições ótimas fisicamente e mentalmente, para ainda poder auxiliar minha família no que for preciso. Quero continuar com a vontade de passear, viajar, assistir séries e filmes, ler e principalmente quero cozinhar muito ainda e ter o principal: amor, amor para passar para meus familiares e falar a eles o quão bom é viver. (Aluno 42, sexo feminino, 20 anos).

Em muitos relatos, a família da qual esses jovens se remetem cumpre ainda as funções tradicionais que marcaram as relações familiares, de um modelo tradicional de família, em que há a presença de vários papéis definidos, sendo que os jovens relatam que esperam chegar a exercer esses papéis. Parece contraditório que o modelo de referência tenha como suporte as vivências baseadas no modelo de família nuclear, mesmo que nelas esteja presente uma série de ambiguidades, que a instituição família carrega consigo. O casamento romântico ainda aparece como destaque, e as relações afetivas são expressões frequentes.

- Quero estar financeiramente estável, aproveitar para viajar, curtir os netos, os filhos. Ser uma pessoa velha de idade, mas nova de espírito. (Aluno 27, sexo feminino, 22 anos).
- Me vejo com núcleo familiar afetuosos, com filhos, netos e bisnetos. Espero ter meu companheiro ao meu lado tão saudável quanto eu. Buscando sempre poder aprender com as transformações, conhecendo o novo e poder compartilhar meus conhecimentos com os outros. (Aluno 11, sexo feminino, 26 anos).
- Ter filhos e que esses filhos me deem netos para que, nos fins de semana, eu me sente em frente à lareira para contar histórias, rodeada pela minha paixão maior “meus gatos”. (Aluno 12, sexo feminino, 25 anos).

- Sou um avô brincalhão, e muito próximo de meus filhos e netos. Penso em ser um exemplo para meus parentes mais jovens, na questão de estar sempre disposto e demonstrando alegria, apesar de problemas de saúde e/ou de qualquer outra origem. (Aluno 45, sexo masculino, 23 anos).

Os jovens falam de como querem ser quando tiverem 92 anos, como se estivessem no mesmo tempo e no mesmo espaço do qual falam no presente. Tomam para si as experiências que tiveram e o projeto de futuro está como se não tivessem envelhecido.

- Frequentar atividades que me deem prazer, como shows, restaurantes, cinemas, praia, teatros... (Aluno 4, sexo feminino, 30 anos).
- Gostaria e me imagino em ser uma idosa com vaidade, fazendo atividades físicas, leituras, saindo com amigas(os) para jantar, dançar. (Aluno 12, sexo feminino, 24 anos).
- Sou uma pessoa alegre e extrovertida, penso sempre em inovar, mudar e crescer na vida. Acredito que, ao me imaginar com 92 anos de idade, serei uma idosa alegre, de bem com a vida. (Aluna 16, sexo feminino, 22 anos).

5 Influência da cultura

Nas narrativas dos jovens, fica evidente a importância que os mesmos atribuem ao velho ativo, integrado, participativo da vida social. Detalhes postulados pela sociedade contemporânea, que valoriza os benefícios de uma vida saudável, em que os cuidados com o corpo e a mente são evidentes, e as marcas da velhice são escondidas pelos exageros que o avanço da tecnologia ofereceu ao velho de hoje. Como dito anteriormente, o próprio documento do “Envelhecimento Ativo”, proposto pela Organização Mundial da Saúde, mostra que é possível envelhecer com saúde, integrado, seguro e com dignidade, quando a preparação para o envelhecimento ocorre ao longo da vida.

Entretanto, estudos¹ têm demonstrado que muitos indivíduos se prepararam para envelhecer e que muitos são surpreendidos quando eventos lhes trouxeram à consciência que tinham envelhecido. É importante lembrar que os velhos de hoje tiveram um ganho de tempo de vida, diferente daquele dos seus pais e avós, que, com muita frequência, morriam cedo ou chegavam aos sessenta anos com muitas dificuldades. Esse ganho, em termos de mais anos de vida, fez com que muitos acreditassem que teriam todo o tempo disponível para envelhecer e, nesse sentido, parece um sentimento comum, que vimos em outras pesquisas, que é a negação do envelhecimento. “Todos envelhecem menos eu.” “O outro é velho, mas eu não.” “Quem é velho?” Essas afirmações representam que a negação da velhice só é superada se ocorrer uma preparação e um reconhecimento dessa condição. Ser velho não é uma ilusão, representa ter realizado a caminhada pela vida, que para cada ser é própria, peculiar e *sui generis*; não pode ser feita pelo outro. Nesse sentido, os jovens expressam que quando forem velhos querem poder realizar atividades como se fossem jovens, como se não existisse nenhuma diferença entre as faixas etárias. Os relatos abaixo foram extraídos para apontar essa situação de imaginar a sua velhice.

- Durante a semana estudo e trabalho, não tenho horário disponível para praticar algum esporte. No final de semana, procuro sair para caminhar e conhecer novos lugares, me desligando de outros assuntos. Meu modo de pensar é sempre analisando o que é correto, sendo sempre sincera com as pessoas. Me considero uma pessoa sonhadora e com objetivos a serem alcançados. Gosto de conviver com pessoas que me fazem bem. Amo estar perto da minha família. (Aluno 33, sexo feminino, 21 anos).
- Aos 92 anos espero ainda manter uma vida ativa, com autonomia para realizar o que desejo e o que necessito. Também com as funções mentais preservadas, com a cognição preservada, com os aspectos comportamentais ativos. Nesta idade costumo ler bastante, aprender coisas novas, ter um bom relacionamento com a família. Me sinto feliz e agradecida por

todos esses anos que vivi, e como os vivi para chegar até aqui.
(Aluno 31, sexo feminino, 21 anos).

A negação da velhice não é feita só por velhos. Também ocorre com os jovens, quando não aceitam as condições de envelhecimento de seus pais, de seus avós ou mesmo de bisavós e exigem que os mesmos continuem realizando atividades como se o tempo não tivesse passado. Muitos indivíduos apagam esse tempo que transformou seus familiares e lhes tirou o vigor que os identificava, marcado pela presteza, agilidade, disponibilidade e atenção contínua. A falta de compreensão dessas alterações, provocadas pelo processo de envelhecimento, gera muitos conflitos, quando as exigências continuam a ser postas na mesa, como se os velhos não tivessem sofrido a ação do tempo, corroborada pelas ações dos próprios velhos, que negam que envelheceram. Entretanto, a negação não acontece apenas com aqueles que amamos, acontece com todos, porque a própria sociedade reconhece o envelhecimento apenas quando lhe interessa.

Algumas considerações

Para entender o processo de envelhecimento, é necessário aprender mais sobre as mudanças normais associadas à idade, que aumentam a vulnerabilidade a essas e outras questões relacionadas à velhice. Essa afirmação implica que para entender os aspectos sociais do envelhecimento, torna-se imprescindível nos estudos científicos identificar quais são os desafios para poder enfrentá-los.

É comum ficarmos surpresos com os dados da população idosa, mas sem eles não temos como identificar e comparar as semelhanças e as diferenças que ocorrem nos grupos etários, principalmente os mais longevos, dos quais não tínhamos anteriormente referência, bem como saber quem são os jovens de hoje, como pensam e como estão sendo preparados para os desafios postos pela sociedade.

Debert (1999, p. 43) comenta que “o fato universal de que as diferenças entre idades estão presentes em todas as sociedades

tem sido explicado como fruto de uma necessidade da vida social, expressa em termos do processo de socialização”. Mas o que realmente quer destacar é que, para desenvolver algumas atividades, é necessária uma certa capacidade física e essa tem a ver com os diferentes estágios de desenvolvimento biológico. Nesse sentido, Debert (1999, p. 43) complementa que as atividades relacionadas a diferentes estágios de desenvolvimento biológico “pressupõe-se o aspecto cumulativo dos vários conhecimentos necessários ao preenchimento dos papéis sociais, cuja aquisição consome tempo e implica uma progressão etária”.

Essa colocação mostra que não é simples para os jovens ter um entendimento de todo o processo pelo qual os indivíduos passam para chegar à velhice e que essas etapas não são comuns e semelhantes aos que envelhecem, levando em consideração que o processo de envelhecimento é heterogêneo.

As representações da velhice, por parte dos jovens, mostram que os mesmos imaginam os velhos como se fossem sempre jovens e, na maioria, sem problemas, sem fragilidades, encarando a vida como se a mesma não lhes apresentasse os desafios do próprio envelhecimento. As categorias analíticas que nasceram das narrativas dos jovens ilustram essas representações de velhos saudáveis, presentes, integrados na estrutura familiar, fazendo o que sempre fizeram, acompanhados pelos seus afetos e com poucas dificuldades que a idade traz. Das três categorias criadas, todas se relacionam. **Autonomia e independência** são atributos importantes na velhice e precisam ser cultivadas desde cedo. **Vida em família** também aparece como uma constante, sendo que os jovens não se veem sozinhos e sim acompanhados pelos familiares, o que implica aceitação dos papéis que a família ainda carrega consigo. A influência da cultura indica e reflete atividades que são comuns na vida de jovens, como ir a restaurantes, ao cinema, ao teatro; fazer leituras; ir à praia, a diversões, estudos. O que chama a atenção é que não aparece nem a religião nem o trabalho como atividade comum, necessária e valorativa para enfrentar a velhice.

As narrativas dos jovens corroboram com o que Debert (1999, p.14) postula ao tratar da reinvenção da velhice, quando afirma que, contemporaneamente, tende-se a rever os estereótipos associados

ao envelhecimento. Essa afirmação está sustentada na ideia de que a representação negativa foi substituída “pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiados pela busca do prazer e da satisfação pessoal”. O estudo aponta para esse caminho sem incluir na discussão crítica a visão classista, associada à posição que os velhos ocuparam ao longo da vida e das condições sociais e econômicas que enfrentam no presente enquanto velhos.

O estudo não tem pretensões de estabelecer generalizações, mas de promover uma reflexão com jovens sobre o preparo para o envelhecimento ao longo da vida. Talvez a experiência pudesse ser repetida com crianças, cujos resultados certamente seriam distintos, mesmo que a intenção tenha sido apenas de desencadear uma discussão crítica sobre os referenciais que são utilizados para categorizar os velhos.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto. *Tempo da Memória de Senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CALDAS, Célia Pereira. Introdução à gerontologia. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto. *Formação humana em geriatria e gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer*. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2001.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

ENVELHECIMENTO ATIVO: uma política de saúde. Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ENVELHECIMENTO ATIVO: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Centro Internacional de Longevidade Brasil. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2015.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis; Vozes, 2011.

HORIZONTES / Aspectos prácticos del envejecimiento y el desarrollo. *HelpAge Internacional*, n. 64, abril 2004.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo: limites e possibilidades. In: ENGERS, M.E.A. (Org.) *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.

NERI, Anita Liberalesso. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e desenvolvimento. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* / World Health Organization. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.

Múltiplos olhares sobre a velhice: representações sociais a partir da percepção de crianças, adultos e idosos

Rita de Cássia da Silva Oliveira, Paola Andressa Scortegagna, Flávia Oliveira Alves da Silva

Palavras iniciais

Neste século que iniciou há quase duas décadas, a velhice aparece como um desafio que cada vez mais deixa de ser ilusório para tornar-se real.

O tema terceira idade tem estimulado muitas pesquisas e despontado como um dos assuntos em pauta nas discussões sobre as questões da sociedade brasileira.

A velhice enquanto questão social instiga reflexões. A convergência é quase unânime sobre a relevância da temática e a necessidade de políticas públicas e decisões práticas que vão ao encontro desta demanda populacional.

Diante do crescimento demográfico acentuado, a velhice passa a ser alvo de estudos e preocupações, na tentativa de redimensionamento dos direitos e deveres dos idosos, possibilitando uma vida digna e de boa qualidade, preconizando o envelhecimento ativo.

O envelhecimento é inerente à existência de todos os seres vivos. Trata-se de um processo em que o tempo é implacável, deixando suas marcas impressas na personalidade e na face de todos os seres. Entretanto, dentre todas as espécies, apenas a humana tem a repulsa pelo envelhecer, pois se utiliza dos mais variados

subterfúgios para criar um disfarce frente à velhice, estabelecendo culturalmente a repulsa à idade.

Todos querem viver muito, mas não desejam envelhecer pelas condições que a sociedade capitalista impõe a esta faixa etária, valorizando o novo e o belo e menosprezando todo aquele que está fora dos padrões sociais e culturais.

Infelizmente historicamente existe uma tendência em definir negativamente a velhice, atribuindo inúmeros preconceitos, mitos e estigmas, os quais em decorrência limitam o espaço de participação, inserção social e empoderamento desta faixa etária.

Diante deste contexto, este texto objetiva refletir sobre diferentes representações sociais da velhice, sob o olhar de crianças, adultos e idosos.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de campo com, a aplicação de questionários para 10 crianças do quinto ano, 10 adultos e 10 idosos.

2 Reflexões sobre a velhice: início de diálogo

Conforme afirma Oliveira (1999, p. 123) “o envelhecimento da população é um fenômeno global que traz importantes repercussões nos campos social e econômico, especialmente nos países em desenvolvimento”.

O Brasil registra em sua demografia o envelhecimento da população em ritmo acelerado. Segundo o IBGE (2013), o Brasil possui cerca de 26 milhões de idosos, representando 13% da população, considerando idoso, as pessoas com 60 anos ou mais segundo a legislação específica, o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003.

Com esta mudança na pirâmide etária, com o aumento quantitativo do contingente de idosos, somado a ampliação da longevidade, outros aspectos se evidenciam e contribuem diretamente para este novo desenho demográfico, entre os quais o declínio da taxa de fertilidade e mortalidade.

Embora o fenômeno do aumento da população idosa em nível mundial tenha sido anunciado e de certa maneira até previsto em estatísticas, ainda não constitui como prioridade para orientar as políticas e nortear os planos de governo.

Como decorrência, novas demandas sociais se apresentam nos campos da saúde, transporte, habitação, segurança, previdência social e educação, que constituem desafios para a sociedade, sendo necessário um redimensionamento de políticas públicas e ações práticas para atender este segmento etário e resgatar a dívida social historicamente acumulada.

Nesse âmbito, “os velhos precisam de um espaço de fala que torne possível uma resignificação de seu eu. Algo que lhes permita relançar o desejo e manter o olhar sobre si” (CASTRO, 2001, p. 68).

Entender que o envelhecimento é natural constitui um fator importante para a aceitação da própria velhice e dos idosos na sociedade. Este pensamento permite não só a própria aceitação, mas uma subjetividade de respeito e valorização desta faixa etária, para si mesmo e extensiva aos demais que atingem esta idade.

Considerando a ideia de Lima, Silva e Galhardoni (2008, p. 795),

o processo de envelhecimento e a velhice são considerados duas esferas complementares e indissociáveis. Vale dizer, consideramos o envelhecimento como um processo que, no plano individual, implica múltiplas trajetórias de vida e, no plano coletivo, se constrói sob diferentes influências de ordem sociocultural, tais como: acesso a oportunidades educacionais, adoção de cuidados em saúde, e realização de ações que acompanham o curso da vida, e se estendem às fases tardias da vida, como a velhice. Nesse sentido, enquanto envelhecimento se define como processo sociovitais multifacetado ao longo de todo o curso da vida, a velhice denota o estado de “ser velho”, condição que resulta do processo de envelhecimento que gerações vivenciaram e vivenciam dentro de contextos sociais, políticos e individuais diversos.

A velhice é um processo complexo que envolve uma multiplicidade de fatores e dimensões: biológica, social, psicológica, econômica, cultural e ideológica que interferem diretamente na vida do idoso.

Assim, pode-se ressaltar que

o ser humano, em sua complexidade, não se reduz ao aspecto físico, mas incorpora a influência da sociedade em que vive, aspectos culturais e psicológicos que, inter-relacionados, constituem o “todo do ser humano” e contribuem cada qual com parcelas importantes no processo de envelhecimento. (OLIVEIRA, 1999, p. 61).

A velhice, enquanto etapa da vida, é socialmente construída e consolidada variando de cultura para cultura. Assim, “a velhice é um tempo de síntese de todas as épocas anteriores do ciclo de vida” (SALGADO, 1991, p.08).

Moragas (1991, p. 54) destaca que “muita gente se surpreende ao comprovar que pessoas idosas desempenham atividades físicas e intelectuais com plena efetividade”. Na sociedade brasileira, na maioria das vezes, convive-se com um conceito pejorativo da velhice, acrescido do descaso geral com relação a essa faixa etária. Há a desconsideração da capacidade de produção e de aprendizagem para o idoso.

Assim, Albom (1998, p. 117) considera que

[...] à medida que se cresce, aprende-se mais. Se ficássemos parados nos vinte e dois anos, ficaríamos sempre ignorantes como quando tínhamos vinte e dois anos. Envelhecer não é só decair fisicamente. É crescer. É mais do que o fato negativo de que se vai morrer, é também o fato positivo de que se *compreende* que se vai morrer e que se pode viver melhor por causa disso.

Existe atualmente uma tendência em desvalorizar o idoso, tratá-lo de maneira preconceituosa, reforçando um estereótipo negativo da velhice, ressaltando a incapacidade, improdutividade, doenças, solidão e marginalização social, desconsiderando assim a capacidade que ele possui de realizar suas atividades, seus desejos e expectativas, rejeitando a subjetividade de cada um.

A aplicabilidade da palavra “velho” reveste-se de conotações pejorativas e negativas. A sociedade valoriza e cultua a juventude, enaltecendo o novo, o belo em detrimento da velhice, estabelecendo um universo de rejeição e exclusão social.

Muitos são os mitos e preconceitos socialmente construídos para a velhice, entretanto não são cientificamente comprovados. O Brasil precisa equacionar a situação do idoso e suas reais necessidades

para enfrentá-las e possibilitar melhor qualidade de vida e empoderamento.

3 Representações sociais da velhice: a consolidação do coletivo

As representações sociais da velhice apresentam a maneira de interpretar e pensar a realidade, refletem a maneira como a sociedade entende esta etapa da vida, a forma de conhecimento dos indivíduos que fixam suas posições referentes a diferentes situações que envolvem esta faixa etária. A representação social é um conhecimento prático, que dá sentido coletivo a um determinado fato, situação ou acontecimento, aqui considerada uma etapa da vida, a velhice.

Decorrentes do processo de socialização, as representações sociais estão associadas diretamente ao coletivo social.

Pode-se afirmar também que a representação retrata a posição que as pessoas ocupam na sociedade, ou seja, toda representação social é a representação de alguma coisa ou de alguém, possibilitando a aceitação ou não, uma visão positiva ou negativa pela qual se estabelece a relação com o mundo e os acontecimentos.

Logo, velhice e idoso são objetos socialmente relevantes, passíveis de representações sociais. Cada indivíduo vive num mundo e sofre influências sociais, reforçando e reproduzindo em suas atitudes ideias pré-concebidas e comportamentos que fazemos deles.

A velhice é considerada uma categoria social, “constitui um termo que quase sempre nos causa calafrios, uma palavra carregada de inquietude, de fraqueza e por vezes de angústia” (MINOIS, 1999, p.11).

Conforme expressa Jodelet (2001), as representações sociais são modalidades de conhecimentos práticos orientados para a compreensão do contexto social em que se vive. As formas de conhecimento são socialmente elaboradas e compartilhadas,

contribuindo para a construção de uma realidade comum, que permite a comunicação entre os indivíduos.

Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975. p. 564), a representação é “o conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento” é a “reprodução daquilo que se pensa” sendo manifestada em atitudes, gestos e comportamentos.

Por intermédio do aporte teórico da representação social, torna-se possível penetrar no cotidiano dos indivíduos, considerando seus valores e identidades culturais, buscando suas verdadeiras raízes e origens, proporcionando o descobrimento de aspectos antigos e novos de sua identidade (ALEXANDRE, 2004, p. 130).

Pode-se considerar que as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.

A origem do conceito de representação social vem do termo “representação coletiva” desenvolvido por Durkheim, que considera o pensamento originário da sociedade e só pode ser encontrado na experiência social. A representação coletiva, transmitida como herança dos antepassados, não se reduz à soma das representações dos indivíduos que compõem a sociedade, mas é mais do que isto, significa uma superação, possibilitando a formação do coletivo.

Moscovici (2004) acrescenta à transmissão da herança coletiva, a interferência do indivíduo que, pelo papel ativo que desempenha, acrescenta novos elementos na construção de uma sociedade e da representação social de diferentes acontecimentos.

“As representações sociais são fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam” (ALEXANDRE, 2004, p. 131).

Atualmente existem formas diferentes de envelhecer e também diferentes formas de encarar a velhice. Na sociedade brasileira, historicamente, a visão de velhice sempre esteve impregnada de sentimentos negativos, associados ao desgaste, às perdas e à marginalização. Contraditoriamente, surge um novo paradigma que se amplia, o qual questiona esta visão pejorativa, sobrepondo

diferentes oportunidades, experiências positivas, valorizando o envelhecimento bem sucedido, saudável e ativo.

Os conhecimentos e a realidade, conforme afirma Alexandre (2004, p. 132), “deverão ser compreendidos dentro de contextos sociais específicos e suas relações analisadas a partir destes contextos.” Assim, as representações sociais também orientam a conduta dos indivíduos, modelando o comportamento, é uma preparação para a ação, porém com a dimensão social somada à individual, possibilita também a manutenção, modificação ou reconstrução da conduta.

“A formação das representações sociais a partir da realidade da vida cotidiana constitui uma grande força para que estas possam ser tratadas e reconhecidas como conhecimento pela sociedade.” (ALEXANDRE, 2004, p. 134). A representação social é uma modalidade de conhecimento e uma interpretação do real, determinada pela estrutura da sociedade onde ela se desenvolve.

Desta maneira, os mitos são construídos e a representação social da velhice se consolida na sociedade brasileira, reforçando a negatividade e a não cientificidade. A manifestação individual e a postura com relação à velhice dependem da interiorização de uma realidade já construída.

Só a partir do momento em que ele se apropria das formas de pensamento e dos modelos de conduta de sua cultura é que tais representações vão se consolidando subjetivamente, podendo assim, intervir na sua interpretação do mundo e de si mesmo, isto é, na construção de sua identidade pessoal. (SANTOS, 1994, p. 133).

Ressalta-se a originalidade de cada indivíduo nesse trajeto ao assumir o mundo dos outros (apropriar-se desse mundo); na medida em que o indivíduo assume esta realidade e se torna membro da sociedade, ele compartilha este universo simbólico, implica um processo de assimilação e transformação dos conhecimentos e símbolos transmitidos.

O processo de envelhecimento adquire singularidades, revestido de subjetivismos porque existem diferentes formas de envelhecer e de encarar a velhice. Entretanto, com certa frequência depara-se na

história com muitos mitos imputados à velhice, associando-a ao desgaste, às perdas, às doenças.

Entre os mitos consolidados socialmente referentes à velhice, podem ser citados: incapacidade de aprender, incapacidade sexual, improdutividade.

Porém, este aspecto negativo tem sido questionado pela própria ampliação da longevidade, do envelhecimento ativo e pela busca de maior inserção, integração e participação social do idoso.

4 Mitos referentes à velhice: uma realidade incômoda

A representação social da velhice é uma construção social que interfere sobre a maneira como se encara a velhice dos outros e a própria velhice, além de também nortear as ações e práticas referentes a esta faixa etária. Esta conceituação negativa induzida pela consciência coletiva na sociedade capitalista impulsiona a ideia de envelhecimento e a velhice como fim da vida ativa.

Negar os estigmas e preconceitos atribuídos aos idosos é tão cruel quanto infantilizar ou tratar o idoso de maneira assistencialista. O passo mais importante é o reconhecimento para que os idosos tenham seu valor e papel acolhidos e respeitados dentro da sociedade.

É difícil determinar o que é velho, em todas as delimitações, uma vez que a velhice é um processo. Portanto, ela não se dá de repente, é algo gradativo.

A velhice, conforme Farias (1990), é um período de muitas mudanças para o indivíduo. A sociedade ainda não definiu papéis para essa parcela da população, com graves problemas e prejuízos de diferentes dimensões, em especial de ordem econômica.

“O indivíduo deve se preparar para a velhice, para que tenha uma boa vida social e afetiva e continue dando sua contribuição para a humanidade” (OLIVEIRA, 1998, p. 47). Toda a experiência de vida supõe uma dimensão adversa que não se pode negar ou ignorar, mas supõe, ao mesmo tempo, uma dimensão positiva não menos

real. São duas dimensões contraditórias de uma mesma vivência: uma situação de crescimento ou de decadência (OLIVEIRA, 1998).

A afetividade positiva em relação aos idosos representa uma grande possibilidade de encarar a velhice com naturalidade e tranquilidade, alcançando uma convivência mais harmoniosa com os idosos e consigo mesmo.

Segundo Oliveira (1998, p. 73),

o impasse e a tragicidade da velhice perpetua na ausência da atribuição de qualquer lugar social e reconhecimento simbólico, os percursos da temporalização se silenciam e se impossibilita qualquer manifestação de subjetividade. Talvez seja mais fácil, através de gerações, negar os estigmas e preconceitos atribuídos aos idosos, pois à medida que são reconhecidos, deve-se reagir e mudá-los. Será o passo mais importante para que os idosos tenham seu valor e papel acolhidos e respeitados dentro da sociedade.

Mira y Lopez (1981) fazem uma análise e atribuem três preconceitos referentes à velhice na sociedade. A sociedade aplica a lei do “tudo ou nada” para a velhice,

as leis são criadas para o homem de meio termo e em favor deles são legislados. Esses critérios racionais deixam de ser válidos no momento em que o indivíduo transpõe a fronteira da velhice, quando a sociedade o condena à inatividade, improdutividade e dependência (MIRA y LOPEZ, 1981, p. 28).

Um segundo preconceito é a forma desigual com que a sociedade enquadra o velho e o jovem com relação ao aspecto econômico. É nítida a predileção pelo jovem sob a alegação de que a velhice acarreta perdas no aspecto físico e mental e, em decorrência, prejuízos para a produtividade. Não se pode negar a existência de diferenças nos desempenhos entre as faixas etárias variadas, entre as quais se pode registrar o ritmo empreendido em algumas funções, mas que pode ser compensado por outros aspectos como a experiência dos idosos.

Como um terceiro preconceito, Mira y Lopez apontam a incapacidade do idoso para a aprendizagem. O ritmo pode sofrer alteração, mas tanto aprender coisas novas como se adaptar às exigências e novas condições de vida são possíveis ao idoso. A

capacidade de aprendizagem não é afetada pela idade, mas é facilitada pela associação com experiências anteriores.

Muitos são os fatores que influenciam no desempenho do idoso na aprendizagem, entre os quais a origem, o nível de instrução e a profissão.

Atualmente a mídia cultua a juventude e relaciona a felicidade a este tempo da vida, entretanto, a felicidade e a beleza são compatíveis com qualquer fase da vida do indivíduo, basta aceitar a si e a própria velhice, ampliando este sentimento positivo e otimista aos demais idosos. Não se pode viver tendo como parâmetro a própria juventude, porque certamente irá viver de passado e ilusões, gerando limitações e frustrações.

A velhice é uma etapa da vida que enfrenta uma crise com diferentes dimensões: crise da afetividade, porque seus vínculos afetivos se enfraquecem com o distanciamento dos filhos que irão constituir suas próprias famílias e, muitas vezes, perde também o cônjuge que o acompanhou por muitas décadas; outra é a crise da ociosidade, porque a pessoa perdeu seu vínculo formal com o mercado de trabalho, assumindo a categoria de aposentado, o que na sociedade capitalista é interpretado de maneira equivocada como improdutivo e incapaz, necessitando de um redimensionamento de suas atividades laborais; crise cultural, porque sofre os impactos negativos atribuídos à velhice, sentindo-se desvalorizado, marginalizado e alvo de preconceitos.

Na sociedade industrial, na qual a essência repousa na produção, o espaço para os idosos é cada vez mais reduzido pela exclusão compulsória desse segmento do circuito de produção.

Considerando o aumento da longevidade, os efeitos da aposentadoria compulsória são muito grandes, provocando dificuldades de diversas ordens. Nesse sentido, a ideia da necessidade de preparação e orientação para a aposentadoria é convergente, resultando em uma transição mais suave e menos traumática.

Segundo Gaiarsa (1989), ser velho, além de um fato, é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não se sabe o que pesa mais sobre os velhos, se a idade ou a ideia que fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, levados pelas

ideias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles. O idoso que foi afastado do convívio dos colegas de profissão e do próprio trabalho, amplia o tempo vazio e o sentimento de inutilidade, principalmente somadas às dificuldades financeiras e perdas afetivas. O idoso é vulnerável à solidão, à inutilidade e às carências afetivas e financeiras. Não existe fundamento científico para comprovar a inutilidade profissional dos idosos e os aspectos negativos que a eles se atribuem: ou são mitos, ou então, evidências insignificantes.

A velhice é condicionada socialmente, e a marginalização social do idoso é um problema cultural. A velhice é, antes de tudo, um problema social, ou uma situação política, e uma concepção social, e só em segundo lugar representa uma modificação funcional e orgânica (MOSQUERA, 1978).

Mardegan (1993) propõe para a crise vivencial da velhice uma solução, qual seja, o idoso deve continuar perseguindo seus objetivos que dão significado a sua própria vida ou reestruturar e (re) significar estes objetivos, considerando a vida como um processo contínuo de redefinições e redescobertas, ancorada na ideia de um eterno crescimento. A velhice é uma das etapas cronologicamente considerada como a que se conserva por mais tempo ao longo da vida porque é um destino viver por muito tempo e o ideal é viver com qualidade e de maneira saudável. “A arte de viver está juntamente na renovação constante dos objetivos e expectativas de vida” (MARDEGAN, 1993, p. 73).

A incapacidade sexual também reforça a lista de preconceitos com relação ao idoso e se caracteriza como mais um dos mitos que acompanha a velhice, uma vez que robustez física e vida regrada permitem ao idoso usufruir de sua capacidade sexual até idade bem avançada (STEGLICH, 1992).

Com o passar dos anos, há uma modificação da sexualidade que não significa necessariamente declínio, nem muito menos deterioração. O corpo funciona em outro ritmo e com outras possibilidades. A troca de carinho se incrementa na medida em que diminui a preocupação com a exigência de um grande desempenho sexual.

Não se pode deixar de considerar que, após os 60 anos, os parâmetros de beleza, de sedução e de atração não dependem tanto da estética convencional do corpo jovem, mas da química da atração entre os seres humanos que ainda se constitui em um dos grandes mistérios da espécie.

O envelhecimento não implica necessariamente deterioração física e mental, porque varia quanto ao estilo de vida de cada pessoa e da representação que cada um atribui à velhice, sendo importante a criação de um modelo positivo, de envelhecimento ativo, saudável e com qualidade de vida.

A representação social é tudo o que pode ser expresso representado, vista numa perspectiva estrutural, interligada entre as representações e a realidade; é também produtora de novas práticas, por meio da exteriorização dos pensamentos, da imaginação. Neste ponto, inspirada em Moscovici, as representações sociais são entendidas como passarelas entre o indivíduo e a sociedade, pois ambos estão efetuando influências (SILVA, 2009, p. 57).

Em um estudo, Moody (1989) estabelece quatro modelos de percepções que podem ser consideradas como estágios de evolução da representação da velhice na sociedade.

O primeiro estágio, o de repulsão, o mais cruel porque se refere às atitudes negativas praticadas sobre o envelhecimento. O idoso é considerado improdutivo e excluído do sistema de produção. Nesta concepção de inutilidade que recai sobre esta faixa etária, o idoso também é discriminado, isolado socialmente, são atribuídos a esta etapa da vida inúmeros preconceitos infundados cientificamente, ou seja, é atribuído um quadro desalentador e de incapacidade generalizada, inclusive cognitiva.

O segundo estágio refere-se à percepção relacionada aos serviços sociais, atribuindo ao entretenimento, na perspectiva de o idoso ser consumidor, uma maneira de mantê-lo ocupado pelas atividades e entretido em seu tempo de lazer.

Evidencia-se que a sociedade capitalista voltada para o consumo busca integrar os ambientes às necessidades e interesses dos idosos, como consumidores, enaltecendo o idoso de uma classe social economicamente mais privilegiada.

A participação é o elemento de referência do terceiro estágio, no qual os idosos voltam-se para assumirem novos papéis sociais, (res) significando e redimensionando sua realidade, na tentativa de superar os estereótipos negativos pré-estabelecidos para a velhice, desacreditando esta faixa etária no que se refere à participação e à inserção social.

A atividade criteriosamente selecionada se converte em condição fundamental para uma vida com êxito.

Neste estágio, a educação é determinante na busca pela aquisição de conhecimentos, atualização que viabiliza uma maior inserção social do idoso, procurando transpor as limitações e os preconceitos que, aprioristicamente, são impostos a essa faixa etária.

Esse terceiro modelo reforça a participação e integração do idoso na sociedade repudiando a segregação e o isolamento da população idosa.

Por último, o quarto estágio é considerado o ideal, qual seja, o da autorrealização. O idoso busca a realização de seus projetos de vida que anteriormente não puderam ser concretizados, encara a velhice como um período de realizações, de descobertas de habilidades não desenvolvidas, de criatividade baseada nas experiências adquiridas ao longo da vida. Essa busca pela realização traz uma satisfação pessoal, crescimento e mudanças psicológicas e repercute em maior inserção social pela elevação da autoestima.

As atividades e a participação social são aspectos relevantes que possibilitam a melhoria do perfil funcional dos indivíduos dessa faixa populacional.

Esses modelos, brevemente citados, estão presentes na consciência coletiva e podem avalizar intervenções sociais e formas de superar os modelos pré-estabelecidos sobre a velhice. Nestes modelos flagram-se diferentes concepções da velhice. Considera-se negativo e inadequado o primeiro, e bastante limitado o segundo. O terceiro e o quarto podem se tornar como pontos de referência importantes para estabelecerem diferentes programas e atividades de intervenção.

Considera-se que o quarto estágio é o ideal e com estas ideias é que se devem dimensionar as atividades voltadas para o idoso.

5 Diferentes olhares sobre a velhice

Com o objetivo de refletir sobre as diferentes representações sociais da velhice, sob o olhar das crianças, adultos e de idosos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e de campo.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário com perguntas abertas, aplicado para 10 crianças do quinto ano e 10 adultos de uma escola municipal da cidade de Ponta Grossa e 10 idosos da Universidade Aberta para a Terceira Idade. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos aleatoriamente, considerando o interesse e a disponibilidade em responder o questionário.

Das 10 crianças que responderam o questionário, 5 são meninas e 5 são meninos, com idade entre 9 e 10 anos. Destas, 9 possuem idosos na família, considerando que a convivência com o idoso e a afetividade com relação a eles podem ser estendidas a outros idosos, repercutindo em uma representação social mais otimista e carinhosa referente a esta faixa etária.

As crianças foram questionadas sobre “O que é idoso?”, e as respostas estão relacionadas no [Quadro 1](#).

QUADRO 1 – O que é idoso? (crianças)

• Pessoas com mais idade.
• Idoso é uma pessoa bastante de idade que precisa de várias ajudas.
• Idoso pra mim é uma pessoa que tem mais de 60 anos.
• É uma pessoa com mais experiência, com mais idade, mais vivida e mais sábia.
• É uma pessoa de muita idade, cabelos brancos e com bastante experiência de vida.
• Uma pessoa mais velha.
• Uma pessoa velha.
• Senhor que é divertido.
• Uma pessoa que já viveu muitos anos.
• Idoso é uma pessoa mais de 65 anos que nós devemos respeitar. O tempo passa, por isso devemos nos preparar porque um dia nós seremos idosos.

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

Os 10 adultos que responderam os questionários possuem a idade entre 22 e 52 anos, sendo dois do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Todos apontaram que possuem idosos na família. As respostas relativas sobre “O que é idoso?” estão apresentadas no [Quadro 2](#).

QUADRO 2 – O que é idoso? (adultos)

• Pessoas com mais de 60 anos, uns são ativos dependendo da vida que levaram anteriormente, e outros, se não se cuidaram em relação à saúde, têm limitações.
• São pessoas com idade acima de 60 anos.
• É uma fase da vida, é o avançar dos anos. É estar na fase da vida em que ela passa rápido, porém o corpo reage devagar.
• Idosos são todas as pessoas acima de 60 anos, sendo elas ativas em relação ao trabalho ou não. São pessoas com experiências de vida ímpar.
• É o indivíduo com mais de 60 anos ou que possui idade avançada.
• Idoso é uma pessoa que tem que viver com as limitações impostas pela própria natureza humana, mas acima de tudo usar de toda a sua experiência para viver da melhor maneira possível.
• Uma pessoa que tem idade superior a 65 anos e tem muita experiência de vida.
• Pessoas acima de 60 anos, ativas ou não. Normalmente são pessoas com grande

experiência de vida que muito podem nos ensinar, basta apenas terem oportunidade.
• Pessoas com mais de 65 anos.
• É todo e qualquer indivíduo acima de 60 anos, diferente do termo velhice que independe de condições de saúde e hábitos de vida.

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

Participaram da pesquisa, 10 idosos da Universidade Aberta para a Terceira Idade, com a idade entre 64 e 85 anos, sendo 3 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Responderam também que 8 possuem convivência com idosos, sendo cônjuge, pai ou mãe.

Referente ao que pensam sobre “O que é idoso?”, as respostas estão registradas no [Quadro 3](#).

QUADRO 3 – O que é idoso? (idosos)

• É uma pessoa com grande experiência de vida. Que passou por muitas coisas boas e más.
• Pessoa com certa idade já avançada que traz consigo uma vasta experiência de vida.
• Uma pessoa que tem experiência de vida. Que tenha mais de 60 anos e tem sua vida ativa, como prática de esporte, dança, etc.
• Segundo a legislação brasileira, idoso é a pessoa com 60 anos ou mais de idade, com experiência de vida e sabedoria.
• Idoso é a pessoa que tem mais de 60 anos e que possui muitas experiências de vida, já enfrentou muitas dificuldades e muitas aprendizagens e pode contribuir com os mais jovens.
• Tem muitos anos de vida, com mais de 60 anos, podem aprender ainda muitas coisas e realizar seus sonhos.
• Tem acima de 60 anos, muitas experiências, passaram por momentos felizes e tristes.
• Uma pessoa que já atingiu uma certa idade, ou seja, acima de 65 anos.

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Idoso que eu entendo e posso dizer com todas as letras: é uma pessoa com muita experiência de vida, nunca deixa a peteca cair e sempre bola para frente. Com muita saúde, garra e vontade de viver cada vez mais. |
| <ul style="list-style-type: none">• Idoso é a pessoa que tem espírito jovem, alegre, participativo, sempre disposto. É aquele que não parou no tempo e no espaço. |

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

Pode-se perceber que as crianças apresentaram uma visão positiva sobre o idoso, ressaltando a relação com a idade (60 anos), a questão da sabedoria e da experiência aliada a sentimentos como respeito, e registram a preocupação com o futuro quando forem idosos.

As crianças estabelecem a ideia de idoso baseada no fator cronológico, o que vai ao encontro do previsto no Estatuto do Idoso, considerando idoso o indivíduo que possui 60 anos ou mais.

Duas crianças fizeram referência à necessidade que o idoso possui de ajuda, registrando desta maneira a fragilidade que caracteriza esta faixa etária. Registraram também as mudanças estéticas como cabelos brancos, entretanto indicaram que o idoso possui sabedoria e experiências vivenciadas ao longo de sua vida.

Nas respostas dos adultos sobre “O que é idoso?”, registra-se também o fator cronológico, sendo 60 anos o marco de ingresso nesta faixa etária, embora dois tenham respondido que a velhice se inicia aos 65 anos. A legislação brasileira indica 60 anos como o início da velhice (Estatuto do Idoso), mas alguns benefícios são usufruídos apenas depois dos 65 anos.

Nota-se que existem nestas respostas dos adultos uma conotação menos positiva do que nas das crianças, considerando a existência de limitações físicas impostas pela natureza humana, reflexo da longevidade. Ressaltam também a experiência de vida que o idoso

possui e a capacidade de ensinar, variando conforme as oportunidades.

Referente à ideia dos idosos sobre o que é idoso, pode-se considerar que todos referenciaram que é uma pessoa com 60 anos ou mais, com muita experiência de vida, sabedoria e situações variadas ao longo de suas vivências.

Os sujeitos da pesquisa responderam também a questão “O que você fará quando ficar idoso?”, e as respostas também apresentaram certa convergência e pode-se notar que está se estabelecendo uma nova representação social no coletivo das crianças, com o olhar mais otimista sobre a velhice, protagonizando um idoso mais ativo e participativo.

As crianças ressaltaram a ideia de que quando forem idosos, vão viver bem, com a família, passear, cuidar dos netos, aposentar a curtir a vida. Pelas respostas, conclui-se que, para este grupo, ser idoso não possui conotação negativa, ao contrário, é tempo de viver e de aproveitar junto com as pessoas que ama, em especial os netos. A velhice, por esta faixa etária, é projetada positivamente ([Quadro 4](#)).

QUADRO 4 – O que você fará quando ficar idoso? (crianças)

• Vou sair com meus netos
• Viver com a minha família
• Eu quero ser fazendeira
• Vou ser responsável, vou descansar, vou ajudar a resolver problemas, vou cuidar dos meus netos
• Eu vou descansar, visitar meus parentes, ficar com os meus netos, vou ficar na varanda e vou me aposentar
• Vou ficar mais velho
• Ficar em casa, limpar a casa
• Eu seria legal com as pessoas, iria ajudar eles
• Morar no hotel
• Me aposentar, ter minha casa e curtir minha vida

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

Diante das respostas fornecidas pelos adultos, pode-se perceber que a representação social que possuem da velhice também é positiva. Reservam para esta etapa da vida momentos de convivência com os netos, alegria, descontração, buscando uma vida saudável e com saúde.

Nas considerações apresentadas, registram que esperam viver muito e uma longevidade plena, demonstram a preocupação em se preparar para esta etapa por meio de uma vida ativa, alimentação saudável, praticando esportes e procurando uma boa qualidade de vida ([Quadro 5](#)).

QUADRO 5 – O que você fará quando ficar idoso? (adultos)

• Aproveito todas as oportunidades que a vida me oferece, fazer mais amizades, participar do social e procurar fazer atividades físicas e viver a vida.
• Ter uma vida ativa, realizando várias tarefas, exercícios físicos com o objetivo de ficar com a saúde física e intelectual harmonizada.
• Espero poder usufruir desta fase. Estar com a saúde com bons resultados e dispor de tempo para viver o tempo.
• Quero ser um idoso saudável para conseguir continuar vivendo ativamente.
• Ainda não pensei sobre isso! Provavelmente irei trabalhar em algo compatível com meu estado de saúde e condições físicas.
• Morar no litoral paranaense, cuidar da minha alimentação, visando boa qualidade de vida.
• Cuidarei da família e da saúde e buscarei o máximo de qualidade de vida possível, talvez morar no litoral.
• Procurarei ter uma vida muito ativa e saudável. Praticando sempre qualquer atividade física que estiver ao meu alcance.

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Espero ter saúde para poder aproveitar o que resta da vida: culinária, artesanato e esportes. |
| <ul style="list-style-type: none">• Vou procurar manter hábitos alimentares saudáveis, praticar atividades físicas e orientar ao máximo meus descendentes e ter uma vida como minha mãe, não ser sedentário. |

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

As respostas dos idosos também convergem para uma visão positiva da velhice, na medida em que buscam para esta etapa da vida, além da realização de atividades físicas, intensificar a convivência com os netos e familiares, buscar novas amizades e fortalecer as já existentes. Buscam também novos conhecimentos, o que possibilita maior inserção e participação social.

A visão que predomina é a de desfrutar a vida, não atribuindo preconceitos ou reforçando os estereótipos e mitos negativos que socialmente são estabelecidos e culturalmente consolidados ([Quadro 6](#)).

QUADRO 6 – O que você fará quando ficar idoso? (idosos)

• Ter minha vida ativa, pois se me acomodar, morro logo.
• Enquanto eu puder, e que esteja bem de saúde, continuarei trabalhando, praticando atividades físicas, enfim procurando na medida do possível fazer uma boa alimentação, me cuidar. Sempre seguindo a Deus, procurando evoluir com toda a experiência de vida.
• Agradecendo a Deus por estar viva e pedindo saúde, para continuar com meus entes queridos.
• Atividade física, fazer passeios e viagens, aproveitar a companhia dos familiares, cuidar da saúde.
• Quero ser ágil se a saúde me permitir. Quem sabe ensinar e aprender coisas novas.
• Cuidar dos netos, cuidar da minha saúde e do resto da vida que ainda irei ter, viver com mais contato com a natureza e permanecer mais em casa.
• O importante é procurar atividades como praticar esporte, frequentar grupos de trabalho, dedicar-se à leitura, caminhadas enfim procurar levar uma vida o mais saudável possível, viver dentro do que Deus lhe oferece.

• Tento ser feliz e aproveitar o que é melhor da vida até quando Deus quiser.
• Considero-me bastante jovem ativa, fazendo todos os afazeres, estudando, viajando, tricotando, trocando receitas, brincando com as netas e fazendo novas amizades.
• Continuo pedindo a Deus muita saúde na vida para eu continuar na UATI, é o que me faz muito, muito feliz, com vontade de viver cada vez mais.

Fonte: Elaboração das autoras a partir dos dados dos questionários.

Esboçando algumas considerações

Contraditoriamente à ideia generalizada na sociedade brasileira de que ser idoso é negativo, representa na coletividade a ideia de solidão, isolamento, tristeza, frustração e doença, os três grupos investigados (criança, adulto e idoso) apresentaram a representação social da velhice diferente da culturalmente estabelecida.

Dentre os três grupos percebe-se que apesar da existência de limitações na velhice, os aspectos de positividade são preponderantes, em que se percebe o idoso como um sujeito ativo, que tem capacidade de aprender e de ensinar, possui muitas experiências de vida, o que lhe possibilita desenvolver diferentes ações, estar participando e inserido socialmente.

Estabelecer esta rede de amigos e de conhecimentos atualizados possibilita maiores condições para o enfrentamento, de um lado, das questões pessoais, de saúde, perdas afetivas e, de outro, dos aspectos sociais que são impostos pela coletividade,

resquícios de uma imagem construída pela sociedade brasileira, reforçando uma cultura voltada para a juventude.

A educação instrumentaliza os idosos com conhecimentos e atualiza nas questões relativas aos direitos fundamentais, às inovações tecnológicas e da sociedade como um todo, mantendo-os informados. Neste aspecto, ressalta-se o papel desenvolvido pelos Programas da Universidade Aberta para a Terceira Idade que influenciam e repercutem na representação social que o idoso possui da velhice e, de certa maneira, contraria o estigma negativo que por muito tempo prevaleceu na sociedade brasileira.

Delineia-se, assim, um novo paradigma da velhice, fundamentado em uma etapa saudável, embora com as limitações advindas da própria natureza, supera os preconceitos de incapacidades existentes, permitindo a realização e participação do idoso em atividades físicas, sociais. Esboça-se um novo idoso, mais ativo, protagonista de sua própria vida e um cidadão pleno.

Referências

ALBOM, M. *A última grande lição: o sentido da vida*. 6. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

ALEXANDRE, Marcos. *Representação Social: uma genealogia do conceito*. Comum. Rio de Janeiro, v.10, n. 23, p.122-138, jul./dez. 2004.

BACELAR, R. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. 2. ed. rev. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches. FASA, 2002.

CASTRO, O. P. *Envelhecer: um encontro inesperado?* Sapucaí do Sul: Notadez, 2001.

DANIEL, Fernanda; ANTUNES, Anna; AMARAL, Inês. Representações sociais da velhice. *Análise Psicológica*. Lisboa, v. 32, n. 3, p. 291-301, 2015.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GAIARSA, J. A. *Como enfrentar a velhice*. São Paulo: Ícone, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Síntese de indicadores sociais uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2013.

JODELET, Denise (Org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LIMA, Ângela; SILVA, Henrique; GALHARDONI, Ricardo.
Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface- Comunicação, Saúde, Educação*. São Paulo, v. 12, n. 27, p.795-807, 2008.

MARDEGAN JR, E. *A idade do Lobo*. São Paulo: Mercuryo, 1993.

MINOIS, Georges. *História da Velhice no Ocidente*. Portugal, Editora Teorema, 1999.

MIRA y LOPEZ, E. *A arte de envelhecer*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MOODY, H. R. Philosophical presuppositions of education for old age. *Educational gerontology*, Barcelona, CEAC, n. 1, 1989.

MORAGAS, R. M. *Gerontología Social: envejecimiento y calidad de vida*. Barcelona: Herder, 1991.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOSQUERA, Juan. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina, 1978.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. *Terceira Idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Universidade Aberta para a Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa. 1998. 635f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências da Educação) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela/Espanha, 1998.

SALGADO, M. *Velhice, uma nova questão social*. São Paulo: Sesc, 1991.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Representação Social e a relação indivíduo-sociedade. *Temas de Psicologia*. Ribeirão Preto. v. 2 n. 3, p. 133-142, dez. 1994.

SILVA, Neide de Melo Aguiar. *Representações sociais em educação: determinantes teóricos e pesquisas*. Blumenau: Edifurb, 2009.

STEGLICH, L. A. *Crises normais na vida adulta*. Passo Fundo: UPF, 1992.

Relações estabelecidas entre idosos e familiares em estado de coresidência

Talita Santos Oliveira Sampaio, Lucas Silveira Sampaio, Claudia Ribeiro Santos Lopes, Hernane Borges de Barros Pereira, Alba Beneméríta Alves Vilela

O envelhecimento populacional e a família

O envelhecimento populacional no Brasil ocorre de forma radical e bastante acelerada. Essa velocidade do processo de transição demográfica e epidemiológica traz uma série de desafios para gestores e pesquisadores dos sistemas de saúde, com repercussões para toda a sociedade, principalmente quando se leva em consideração o atual contexto social do país marcado por acentuada desigualdade social, pobreza e fragilidade das instituições (VERAS, 2009).

O processo de envelhecimento tem provocado diversas mudanças na estrutura social do mundo, com alterações nas relações sociais e produtivas, na saúde, nos setores econômicos e habitacionais, distribuição de renda e enfaticamente nas famílias (AGUIAR, 2007; PAULO; WAJNMAN; OLIVEIRA, 2013). Dentre essas mudanças, pode-se destacar o fato de o crescimento da população idosa ter sido acompanhado pela redução das capacidades tanto físicas como cognitivas dos idosos, determinando diferentes graus de dependência, o que pode favorecer ao maior convívio e necessidade de suporte familiar. Neste contexto, o envelhecimento leva a transformações relacionadas às famílias, o que contribui para o aumento do número de estudos que enfoquem

a família e suas relações com seus membros idosos (TORRES et al., 2010).

Além disto, pode-se salientar que as mudanças ocorridas nas famílias também sofrem repercussões decorrentes da autonomia feminina, alterações no mercado de trabalho, dependência maior dos filhos e pela legalização e aceitação social de separações e divórcios. Neste sentido, a família não pode ser vista como uma entidade estática, visto que, cada vez mais, busca criar um modo de viver de características próprias numa estrutura dinâmica e contínua (LEONE; MAIA; BALTAR, 2010).

A família é vista como a base para garantir o sustento, o desenvolvimento e a proteção de seus membros, independentemente da forma como ela está estruturada. Em relação aos idosos, historicamente, a família é a principal fonte de apoio e cuidado (MONTEIRO; SENA, 2012). Segundo o Estatuto do Idoso, criado em 2003, é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

O seio familiar também é considerado um sistema de saúde para os idosos, visto que, possui um conjunto de conhecimentos e práticas que guiam suas ações na promoção da saúde, na prevenção e no tratamento de doenças. Esse suporte contribui de maneira importante para a saúde física e psicológica do indivíduo, entretanto, seu efeito é tido como benéfico, se executado pelos membros da família de forma satisfatória. Sendo assim, compreende-se ser fundamental para o planejamento assistencial adequado ao idoso a compreensão de seu contexto familiar, compreendendo as questões que envolvem o convívio e a dinâmica de relações dos idosos e seus familiares (TORRES et al., 2010).

Ressalta-se que essas transformações na família associadas ao envelhecimento fizeram surgir diferentes arranjos familiares presentes na sociedade, com destaque para a família intergeracional, onde o idoso convive com múltiplas gerações no mesmo espaço domiciliar, ou seja, o estabelecimento da

corresidência (CAMARANO et al., 2004). Essa convivência garante ainda o conhecimento cultural, bem como desenvolve diversas trocas que contribuem para assegurar a reprodução social (JEDE; SPULDARO, 2009).

Neste contexto, a família é tida como uma rede de suporte social aos idosos, referendada pelas políticas públicas deste país. Desta forma, faz-se necessário o apoio às famílias, dando condições para que elas exerçam o seu papel de provedoras de cuidados aos seus idosos. Além disso, esta família precisa de uma maior assistência, sendo mais valorizada e cuidada.

2 Corresidência entre idosos e familiares

Corresidência, segundo Vilela et al. (2013, p. 53), trata-se de “arranjo social de coabitação, no qual duas ou mais pessoas, independentemente da geração, gênero ou nível de consanguinidade a que pertencem esses indivíduos, compartilham o mesmo espaço físico, estabelecendo interações sociais de qualquer natureza”. E, neste contexto, o envelhecimento populacional tem provocado o surgimento de novas configurações familiares, dentre estas, as famílias intergeracionais marcadas pela coresidência, que se refere à convivência entre idosos, filhos e/ou netos no mesmo espaço domiciliar (CAMARANO et al., 2004).

A coresidência entre familiares reflete uma convivência em família de forma variada, devido aos acontecimentos familiares e mudanças por razões diferentes, que vão desde a escassez de recursos financeiros até a necessidade de cuidados por um parente idoso dependente. Essa convivência caracteriza-se por configurações instáveis, de contornos variados, que se fazem e desfazem em função desses acontecimentos (AGUIAR, 2007).

Nos países desenvolvidos, a coresidência dos idosos com seus familiares não é uma realidade. Em países como Estados Unidos, Canadá, Grã-Bretanha e Dinamarca, a maioria dos idosos vive sozinha ou apenas com seus cônjuges, os chamados “ninhos

vazios”, porém em países marcados pela pobreza, a coresidência com filhos e netos surge como uma estratégia de sobrevivência mútua (CAMARANO et al., 2004; TEIXEIRA; RODRIGUES, 2009).

Para o idoso, dois fatores são determinantes da sua coresidência: as suas condições de saúde e a sua renda financeira. Porém, dentre esses determinantes, a renda é apontada como um dos principais fatores da coresidência, visto que, em alguns casos, o idoso pode sofrer de necessidades financeiras e, em outros, a renda recebida pelos idosos poderia atrair familiares com condições financeiras precárias (PAULO; WAJNMAN; OLIVEIRA, 2013).

Em relação aos filhos adultos, a coresidência com os idosos acontece porque muitos continuam morando na casa dos pais, devido às dificuldades na inserção no mercado de trabalho e/ou na constituição de uma nova família, revelando um quadro de dependência em relação aos idosos. Há também os casos onde filhos voltam às casas dos pais após separações e divórcios, ou retornam à família de origem com mulher e filhos por questões financeiras.

A literatura brasileira tem destacado a importância da renda do idoso no sustento das famílias por meio das aposentadorias (AREOSA; AREOSA, 2008; VIEIRA; RAVA, 2012). Os dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontam que a renda média dos maiores de 60 anos é superior à dos jovens, bem como a proporção de chefes idosos residentes em casa própria. Os dados reforçam essa tendência, quando apontam que a taxa de participação econômica dos jovens entre 15 e 24 anos apresentou uma queda expressiva entre 2009 a 2012 (IPEA, 2013).

Nesse contexto, a coresidência traz diversos benefícios aos idosos e a seus familiares, uma vez que proporciona compartilhamento de bens e renda, além de trocas de cuidados e assistência. Chama-se atenção de que muitos dos idosos no papel de avós proporcionam cuidados aos seus netos adolescentes e crianças, enquanto os filhos trabalham ou realizam atividades fora do contexto familiar, ou seja, o idoso torna-se provedor também de apoio afetivo e de educação para os seus netos (OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Entretanto, a convivência familiar muitas vezes pode ser marcada por instabilidades e conflitos nas relações que podem gerar possíveis violências e maus tratos, o que não garante uma velhice bem-sucedida, nem relações amorosas entre seus entes. O dilema que a família pode enfrentar pelas instabilidades reflete, em muitos casos, o questionamento de normas e valores que antes eram aceitos e que, no momento em que são interrogados, revelam divergências tanto pelos pais quanto pelos filhos (CAMARANO et al., 2004; ARANTES et al., 2010).

Nesse sentido, o convívio familiar no âmbito da coresidência é um ponto importante a ser considerado pelos profissionais da saúde em relação aos idosos e sua família, pois se, por um lado, o convívio pode trazer consigo desentendimentos, por outro, pode ser considerado um processo de trocas mútuas, onde todos compartilham apoio, cuidado e assistências. Torna-se importante, assim, a realização de pesquisas científicas que busquem uma visão ampliada sobre família desde as relações familiares para idosos em coresidência, buscando informações sobre os aspectos subjetivos como o sentimento dos idosos em relação a conviver com diversas gerações da família.

3 Cenário do estudo e metodologia

A coresidência, ou a ampliação das famílias, pode ser uma estratégia familiar empregada para beneficiar tanto as gerações mais novas quanto as mais velhas, embora sob formas diferenciadas (CAMARANO et al., 2004). Porém, em muitas situações, a coresidência não implica apenas benefícios com a presença de sentimentos afetivos entre os familiares e os idosos, mas também na ocorrência de conflitos intergeracionais.

O convívio de várias ou algumas gerações de uma mesma família faz com que sejam colocadas lado a lado diferentes ideias e visões de mundo que podem favorecer o conflito no seio familiar. Acrescenta-se ainda que a coresidência pode não ser um arranjo familiar almejado por todos os idosos, visto que estes possuem dificuldades a adaptações, ou seja, não se sabe se esses arranjos

refletem as preferências por sentimentos de amor e carinho ou se a coresidência acontece puramente por questões socioeconômicas e de saúde (LEITE et al., 2012).

A partir destas considerações, emerge a necessidade de se estimular pesquisas que busquem delimitar como objeto de estudo as significações sobre família construídas sob as relações familiares dos idosos em coresidência, não na perspectiva puramente social, mas dando ênfase a uma visão subjetiva, conforme é representada e (res) significada. Diante deste cenário, neste estudo buscou-se discutir as significações decorrentes das relações estabelecidas entre idosos e familiares em estado de coresidência, identificadas a partir de pesquisa realizada em um município do interior do estado da Bahia.

Trata-se de um estudo fundamentado na Teoria das Representações Sociais, de caráter qualitativo, descritivo e exploratório, realizado com idosos cadastrados na área de abrangência de duas Unidades de Saúde da Família (USF) na área urbana. Os idosos coresidiam em lares intergeracionais (uma ou mais gerações), pertencentes à faixa etária de 60 anos ou mais e com grau de cognição suficiente para responder aos instrumentos de produção dos dados, avaliados segundo os escores no Mini Exame do Estado Mental (MEEM), proposto pelo Ministério da Saúde.

O levantamento realizado através das fichas A nas Unidades evidenciou um total de 169 idosos em estado de Coresidência. A estratégia para produção dos dados foi realizada durante os meses de fevereiro a maio de 2014 e ocorreu junto a cada idoso, individualmente, em seu domicílio por meio do auxílio dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Realizaram-se as entrevistas por meio de um instrumento para coleta dos dados sociodemográficos, contendo uma questão norteadora que buscava compreender as dimensões dos sentimentos dos idosos em relação a conviver com sua família, com registro feito por um gravador eletrônico. Posteriormente, as respostas foram transcritas na íntegra.

Após a aplicação dos critérios de exclusão de participantes inicialmente estabelecidos, dos 169 idosos identificados, foram realizadas entrevistas junto a 80 idosos, gerando a base de dados

que deu origem ao estudo. A análise dos dados resultantes da questão norteadora ocorreu a partir de duas estratégias: a partir da Técnica de Análise de Conteúdo Temática, estabelecida em Bardin (2011), utilizando-se de um total das entrevistas realizadas com 40 participantes, obedecendo ao critério de saturação dos dados; através da aplicação do modelo para análise cognitiva de representações sociais intitulado de AnCo-REDES, estabelecido em Lopes (2014), utilizando-se, nesse caso, todo o conjunto das entrevistas realizadas, no total de 80 idosos.

4 Estudo das relações estabelecidas entre idosos e familiares por meio da técnica de análise de conteúdo temática

A Técnica de Análise de Conteúdo caracteriza-se por uma descrição analítica conforme procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da narrativa da entrevista, estrutura-se em três etapas: a pré-análise, a exploração do material ou codificação e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Dentre os participantes do estudo, 75,00% dos idosos eram do sexo feminino e em relação à faixa etária, 52,5% encontravam-se na faixa etária entre 60 a 70 anos. A análise do conjunto dos depoimentos, realizada por meio de elementos da Técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011), gerou duas categorias principais: Relações familiares marcadas pelo sentimento da harmonia; Relações familiares marcadas pelo sentimento da preocupação. As duas categorias sintetizam a relação familiar na percepção do idoso.

5 Relações familiares marcadas pelo sentimento da harmonia

Na primeira categoria, foram observadas relações familiares marcadas pelo sentimento da harmonia, com a presença do bem-estar e equilíbrio entre os seus membros. A coresidência dos idosos com seus familiares favorece a presença de relações intensas com várias gerações de uma mesma família. Além disso, nessa fase da vida, a presença de limitações pelo aumento de doenças crônicas degenerativas faz com que os idosos necessitem de maior suporte familiar, o que leva ao maior convívio com os mesmos e, conseqüentemente, ao fortalecimento dos laços afetivos entre seus membros.

As falas de três entrevistados relatam relações familiares permeadas pelo bem-estar, harmonia e equilíbrio.

- *A minha família, eu convivo muito bem! [...] Graças a Deus, eu me sinto bem com a minha família (I11).*
- *Bem. Não tenho nada contra a dizer da minha família. Vivo bem, nunca tive desarmonia com ninguém, discussão com ninguém, vive tudo bem aqui dentro de casa. Eu sinto bem (I33).*
- *Eu me sinto bem, viver com minha família [...] Com meus netos, com meus filhos, com minhas noras. Então pra mim, eu não tenho o que falar da família! (I30).*

O suporte familiar, decorrente, muitas vezes, da necessidade do idoso, resulta em efeitos emocionais positivos, além dos sentimentos de pertencimento e estima pelos idosos em relação aos seus familiares. A percepção da presença do cuidado familiar está relacionada à competência social, capacidade de enfrentar problemas, senso de tranquilidade, afeto e, conseqüentemente, bem-estar psicológico (INOUE, 2010).

Apesar das mudanças ocorridas nas famílias, elas ainda são fonte de amor e carinho para seus membros, independentemente de qualquer dificuldade ou problema. Pode-se considerar família uma

unidade social, onde todos os seus membros estabelecem relações entre si e o mundo exterior, desempenhando funções importantes como o afeto, a educação, o cuidado e a sociabilização.

Sendo assim, a família contribui no sistema como um todo. O suporte familiar para os idosos tem importância crucial, pois através do convívio se sentem valorizados e amados. A família que possui uma atmosfera harmoniosa entre as pessoas favorece o cuidado entre os membros e um crescimento de todos, inclusive o idoso, onde as diferenças de ideias de cada membro são respeitadas. Entretanto, quando o contrário acontece, surgem relacionamentos de frustração e tristeza, gerando o isolamento social deste idoso (DIAS, 2011).

6 Relações familiares marcadas pelo sentimento de preocupação

Para alguns idosos participantes deste estudo, o convívio intergeracional pode gerar uma preocupação significativa com o bem-estar de todos os membros da família, existindo pensamentos relacionados à preocupação com a dependência financeira e emocional dos mais jovens, e das questões sociais relacionadas ao maior risco de violências, ao uso frequente do consumo de álcool e outras drogas por parte dos filhos ou netos. As falas de quatro idosos descrevem essa preocupação em relação aos membros de sua família.

- *Mesmo ele me fazendo companhia é bom, mas eu só gostaria que ele construísse uma família, tivesse a mulher dele, os filhos dele, a família dele. Que eu dou meu jeito de companhia; eu daria outro jeito e passaria [...] Eu acho que ele tem que cuidar da vida dele!(I2).*
- *É às vezes ele bebe, aí eu me preocupo, aí eu fico preocupada [...]. Só a minha preocupação é essa. Quando está bebendo, bebe demais, aí eu [...]a gente fica preocupada. [...] Às vezes bebendo, a gente fica com medo às vezes de ter uma confusão,*

fica mais agitado, mas o resto a gente vive bem graças a Deus! (I8).

- *[...] Quero um emprego pra ele, que ele está desempregado [...]* (I10).
- *[...] Só o problema é esse que eu te participei [...] Que ele usa droga e está num centro de recuperação, somente* (I24).

As mudanças ocorridas na família, bem como a falta de políticas públicas voltadas para idosos e seus familiares, têm fortalecido a necessidade econômica da coresidência com múltiplas gerações, sendo considerado um arranjo familiar criado como uma estratégia de sobrevivência e economia de custos entre seus membros. Isso tem ocorrido, principalmente, devido aos altos índices de desemprego e das instabilidades emocionais, que favorecem a permanência dos filhos ou o retorno para a casa dos pais, mantendo-se, assim, o idoso ou a idosa como os provedores do lar (CAMARANO et al., 2004).

No contexto da pobreza, os idosos, muitas vezes, são os únicos colaboradores do orçamento doméstico. Para os idosos, a falta de independência financeira de filhos e/ou netos provoca um sentimento de preocupação com o convívio e o bem-estar dos familiares, o que leva muitos idosos a buscarem na informalidade a complementação da renda doméstica.

Estudo realizado em Minas Gerais identificou um número relevante de idosos que coabitam com netos e filhos, sendo os netos a geração mais prevalente. Analisa ainda que a coresidência com idosos surge como único apoio para os membros familiares e solução para a falta de recursos econômicos (MEIRA, 2013).

Outra preocupação citada nas falas dos idosos refere-se à presença de álcool e outras drogas entre os filhos ou netos no seio familiar. Para muitos idosos, o convívio com drogas é algo recente e não faz parte de suas vidas em tempos anteriores, tornando difícil a adaptação a esse novo contexto social.

O refúgio nas drogas e o abuso da bebida ocorrem em detrimento das condições de desemprego dos jovens, que se somam às condições de pobreza e a impossibilidade destes de integração social (BERNARDY; OLIVEIRA, 2010). Um estudo que analisou a

concepção dos familiares sobre os maus-tratos com os idosos no domicílio relata que a utilização de álcool e outras drogas pelos membros familiares favorece o risco para a ocorrência de agressões e violências no contexto familiar do idoso (SANTOS; LEITE; HILDEBRANDT, 2008).

O conflito, além de existir pela convivência com as drogas, ocorre também pelas diferenças de valores sociais e culturais entre as gerações, presentes entre o idoso e seus familiares, como também entre os próprios familiares. A fala de um idoso demonstra a presença desse conflito.

- [...] Quando eu dou um tapa nela, muitas horas ela fala que quando completar 18 anos ela vai embora [...] eu sou vó dela, e muitas horas eu estou achando que ela tá errada e eu não quero bater, mas eu vou falar com ela e ela me responde com a maior mal criação [...] (I1).

Os conflitos, independentes da origem e fatores associados, podem provocar tensões psicológicas e sociais, que aumentam a velocidade de deteriorações associadas ao processo de envelhecimento, ou seja, a existência de coresidência com familiares não pode ser necessariamente vista como garantia de uma velhice bem-sucedida, nem o fato de morarem juntos como um sinal de relações amistosas entre idosos, filhos e netos. Essas tensões e preocupações podem influenciar no estado de saúde dos idosos (DIAS, 2011).

7 Análise dos significados e relações que ocorrem entre idosos e familiares por meio do modelo AnCo-REDES

O AnCo-REDES é um modelo para análise cognitiva de representações sociais com base em redes semânticas. A estrutura do modelo é composta por elementos que são utilizados para a identificação da estrutura e análise do conteúdo das representações

sociais, com base na Teoria do Núcleo Central (ABRIC, 1993; SÁ, 1996). Entretanto, neste estudo, utilizou-se, especificamente, do “grupo de sentido” (GS), que objetiva “contribuir para a análise do conteúdo das representações sociais e da descoberta das diferentes significações atribuídas pelo grupo social ao objeto em análise” (LOPES, 2014, p. 80). A partir dos grupos de sentido no modelo AnCo-REDES, foram geradas categorias para auxiliar na análise cognitiva do conteúdo das representações sociais identificadas.

Um grupo de sentido no modelo AnCo-REDES é gerado a partir da detecção dos elementos (vértices na rede semântica) que estejam densamente conectados com vértices que integrem diferentes comunidades (subconjunto de vértices, ou seja, sub-redes) esparsamente conectadas. Maiores detalhes sobre o modelo podem ser encontrados em Lopes (2014). Na base utilizada para este estudo, foram identificados seis grupos de sentido: GS1 – relações intergeracionais marcadas pelo amor, cuidado e apoio no convívio em família; GS2 – relações intergeracionais marcadas por um bom viver; GS3 – convivência intergeracional marcada pela união entre familiares; GS4 – convivência entre familiares como suporte para resolução de problemas; GS5 – relações intergeracionais marcadas pela fé, paciência e orientação a familiares; GS6 – relações intergeracionais marcadas por conflitos e solidão.

O grupo de sentido Relações Intergeracionais Marcada pelo Amor, Cuidado e Apoio no Convívio em Família (GS1) retrata as interações entre idosos e familiares que ocorrem motivadas por um cuidar e ser cuidado, não apenas pela necessidade de ajuda, mas pela satisfação, por se sentir útil. Os vértices (termos) que mais se destacam nesse grupo são: cuidado, amor, apoio e bem, os quais têm sido característicos na maioria das falas. Nesse sentido, destacam-se as falas de três idosos que demonstram a presença dessas relações.

- *Amor. Eu não passo sem minha família, é neta, mas eu considero como minha filha, é quem cuida de mim, que faz tudo por mim [...] (I54).*

- *A minha família, eu convivo muito bem! Porque eu moro aqui com três filhos homens, eles é quem faz as coisas, que faz a comida pra mim. Até o dia que eu não guento ir no banheiro, eles me leva, me dá banho. Umas ótimas pessoas pra mim! Trata tudo a hora certa! [...] Graças a Deus, eu me sinto bem com a minha família (I11).*
- *Meu sentimento é um sentimento de amor, de ajudar, de participar assim com eles enquanto eu tiver vida, e eu estiver lúcida. Eu quero ajudar, eu ainda me sinto assim útil, quero ser útil até o momento que eu estiver com essa vida [...] enquanto eu puder ajudar, eu quero estar junto a eles, ajudando, sendo útil como eu já falei [...] (I62).*

No grupo de sentido Relações Intergeracionais Marcadas por um Bom Viver (GS2), percebe-se uma significação específica dentro do contexto analisado em que, para o idoso, é bom poder viver com os familiares. Na fala do idoso I33, é possível perceber essas relações presentes nas representações sociais deste grupo de idosos, identificadas no GS2.

- *Bem. Não tenho nada contra a dizer da minha família. Vivo bem, n tive desarmonia com ninguém, discussão com ninguém, vive tudo bem aqui dentro de casa. Eu sinto bem (I33).*

O grupo de sentido Convivência Intergeracional Marcada pela União entre Familiares (GS3) retrata a existência de uma interação satisfatória entre idosos e seus familiares, o que leva a um “querer estar junto”, a um sentimento de entreajuda nas dificuldades. Entretanto, mesmo tendo a necessidade, um desejo de estar junto, o idoso se preocupa com o fato do seu familiar ficar preso a ele, e não construir a sua própria família. Nesse grupo, o vértice que mais se destaca é *convivência*, seguido de *união* e *construir família*. A fala do idoso I2 possibilita a percepção da presença dessas relações nas representações sociais dos participantes da pesquisa, que podem ser identificadas no GS3.

- *Não tenho o que reclamar me sinto bem! Tanto com a pessoa que vive comigo dentro de casa, o meu filho que tem 34 anos.*

Mesmo ele me fazendo companhia é bom, mas eu só gostaria que ele construísse uma família, tivesse a mulher dele, filhos dele, a família dele. Que eu dou meu jeito de companhia, eu daria outro jeito e passaria, entendeu? Eu acho que ele tem que cuidar da vida dele (I2).

Neste estudo também foram identificadas relações que marcam uma convivência familiar pela necessidade de resolução de problemas, identificadas no GS4 (convivência entre familiares como suporte para resolução de problemas). Dessa forma, é possível perceber uma significação sobre as relações familiares que difere das demais, mas que está presente nas representações dos idosos participantes da pesquisa, ou seja, uma relação pautada na importância do idoso como provedor, como suporte para solução de problemas (e. g. problemas financeiros). A aposentadoria do idoso, muitas vezes, é a única fonte de renda da família. As falas de dois idosos merecem destaque por demonstrar essas relações encontradas.

- *É o desprezo, é só procurar quando necessita de alguma coisa, fora isso parece que não existe, sabe? Mas se precisa bate na porta. E outra coisa, se não tiver no momento para servir, ou não puder fazer nada naquele momento, é pior, porque fica até de mal, fica aborrecida e para de procurar, para de telefonar, para até esquecer e começar tudo novamente. Pra mim só o desprezo é que acaba comigo (I65).*
- *Meu sentimento é... que eu penso nesse sentido, é porque (como é que se diz) no momento assim aí Deus me levar e eles (como é que se diz), precisa de mim, né? Então... é uma coisa que meu sentimento é esse de ficar aí, né? E um sem ter (como é que se diz) da onde buscar as coisas, né? Então (como é que se diz) aqui dentro de casa só é eu que tenho... ela tá sem trabalho, tudo enfim. Aí meu pensamento é esse que eu penso (I47).*

Com o grupo de sentido **Relações Intergeracionais Marcadas pela Fé, Paciência e Orientação a Familiares** é possível perceber

que, para o idoso, a fé é algo presente nas suas relações familiares, e é nela que muitas vezes busca alento, paciência, principalmente para lidar com as dificuldades do seu cotidiano, como o uso de drogas por membros da família. O apoio aos filhos e netos é importante para o idoso, e um papel de orientador, conselheiro, educador também é exercido por ele nas interações familiares. Percebe-se ainda que essas preocupações fazem parte do cotidiano do idoso em estado de coresidência, e as políticas públicas devem levar essa realidade em consideração. As falas de três idosos, participantes da pesquisa, demonstram essas relações encontradas a partir da análise deste grupo de sentido.

- *Meu relacionamento é muito bom, graças a Deus, né? Tem hora que a gente passa a hora assim... de angústia que a gente tá na idade, né? Não tem paciência, mas Deus tá me dando paciência pra lidar com ele. Eu creio que Deus vai me dar paciência pra mim tá com ele diariamente (I14).*
- *Bom, o sentimento que eu tenho é que eu sou vó dela e muitas horas eu tô achando que ela tá errada e eu não quero bater, mas eu vou falar com ela e ela me responde com a maior mal criação... [...] Até que eu falo com ela que ela vai ver qual é a estrada mais perto pra ela. Ou morar dentro de casa com a vó, ou ir pra rua [...] Eu não ando batendo nela, eu não ando judiando dela, eu só não deixo ela sair bestando. O dela daqui pra escola e da escola pra aqui. Só. Eu não deixo ela ir pra casa das amigas dela por aí bestar, pro nome dela não ficar pela rua. Só isso. (I1)*
- *[...] Aí eu dou conselho a ele como uma mãe mesmo pode dar conselho para um filho, pra nós viver mais em camaradagem. [...] Eu amo meu filho, gosto muito, eu converso com ele, falo tanto com ele e ele – ‘O mãe, eu amo a senhora, quero bem a senhora [...] deixa que com fé em Deus vou sair dessa vida de fumar essas bestagens, eu não quero que a senhora passa mal por minha causa e nem sofrer por mim, porque eu amo a senhora, eu lhe quero bem, calma deixa de bestagem’. Então eu amo meu filho, adoro ele, que ele é meu caçula. [...] só o*

mal é isso, que eu converso com ele e ele não atende quando eu falo (I69).

Com o grupo de sentido *Relações Intergeracionais Marcadas por Conflitos e Solidão (GS6)* percebe-se que, muitas vezes, o convívio familiar não é desejado pelo idoso, e isso ocorre em virtude dos conflitos existentes nas interações familiares. Entretanto, também existe o desejo pela harmonia na família, que leva o idoso a um agir tolerante, buscando intermediar as relações conflituosas. O idoso se sente responsável por sua família. Essa significação pode ser demonstrada a partir das falas de quatro idosos que integram a base de dados analisada.

- *É isso que eu falei, eu quero mais é viver sozinho, a perturbação tá demais [...] dá muita briga, aqui a gente se enraiva, né? A gente tá é doido. Não quer ir embora [...] moleque de vinte e poucos anos perturbando dentro de casa (I44).*
- *Olha, o meu sentimento é porque eu tenho os dois filhos que mora mais eu, que eu já falei, e eu não fico satisfeita deles ter essa má união um com outro, com outros, com ele mesmo, né? Então não é o caso de eu viver satisfeita, porque uma mãe ter os seus filhos dentro de casa pra viver eles com aquela má vivência um com os outros [...] (I6).*
- *Eu sinto minha filha ir embora, me largar. Eu sinto ... doença. Eu sinto morrer e ficar tudo aí. Deixo ver que mais... penso em saúde. Penso em... deixa eu ver... Penso assim... em qualquer coisa assim... eu ficar só... morar só... penso em solidão. Penso em meu esposo espairecer, ficar só. Penso em minha neta. Penso em todo mundo (I5).*
- *Me pegou. Eu me sinto assim...porque... Eu me sinto como uma advogada, porque cada um age de maneira diferente. Um é espontâneo, outro é calado. Aquele que é espontâneo acha que... aquele que é espontâneo, o que é mais calado, acha que o espontâneo tá pirraçando ele, aí gera um conflito, né? Tem um adolescente que às vezes fica até meia noite assistindo televisão, dorme o dia todo. Quando a gente vai reclamar, acha*

que a gente... abusada. É abusada, porque sempre pro jovem a gente que é de idade, que tem experiência, que vai dar conselho que a gente é abusada né? Então eu me sinto assim como uma advogada prá tá entendendo cada um de uma maneira diferente. [...] É difícil minha filha. [...] É por isso que eu falo assim, família é uma responsabilidade muito grande e a gente pra viver na harmonia a gente tem de tolerar muita coisa, engolir muita coisa, e às vezes pensa assim: 'Tá com medo', não tá com medo não, é procurar entender cada um de sua maneira (I17).

A análise do conteúdo das representações sociais a partir dos grupos de sentido que compõem o modelo AnCo-REDES possibilita ao analista tanto um olhar global para as representações, quanto também para aquelas significações individuais, locais, identificadas nas representações sociais através dos vértices da rede e as conexões estabelecidas entre eles. Com a [Figura 1](#) é possível fazer uma inspeção visual das sub-redes equivalentes aos grupos de sentido resultantes da aplicação do AnCo-REDES na base de dados estudada e, desta forma, melhor compreender as relações que ocorrem entre os diversos termos (vértices) que emergem da rede de significados extraída das entrevistas junto aos idosos participantes da pesquisa.

FIGURA 1 – Grupos de Sentido (sub-redes) identificados ao aplicar o modelo AnCo-REDES na base de dados gerada a partir das entrevistas realizadas junto a 80 idosos em estado de coresidência



1(a) Sub-rede do Grupo de Sentido
"relações intergeracionais marcada
pelo amor, cuidado e apoio no convívio
em família". (GS1)



1(b) Sub-rede do Grupo de Sentido "relações intergeracionais marcada por um bom viver" (GS2)

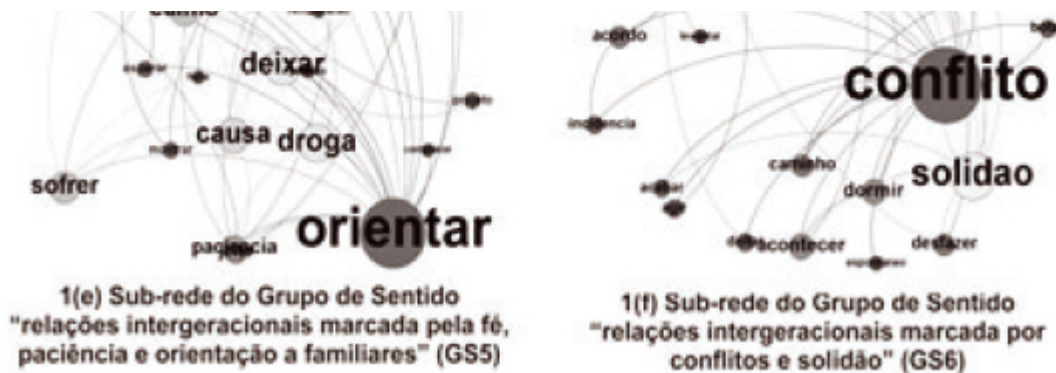


1(c) Sub-rede do Grupo de Sentido "convivência intergeracional marcada pela união entre familiares". (GS3)



1(d) Sub-rede do Grupo de Sentido 'convivência entre familiares como suporte para resolução de problemas'. (GS4)





Fonte: Adaptado de Lopes (2014)

Considerações finais

Os resultados deste estudo, obtidos tanto pela Técnica de Análise de Conteúdo Temática quanto pela análise a partir do modelo AnCo-REDES, demonstram que as relações familiares dos idosos em coresidência são marcadas por sentimentos de harmonia, bem-estar, amor, união e apoio, que resultam no fortalecimento dos laços afetivos e cuidados compartilhados pelos membros. O cuidado mútuo, ou seja, os idosos cuidados por familiares, e esses, sendo cuidados pelos idosos, demonstra que a coresidência baseia-se em uma solidariedade intergeracional.

Nota-se, porém, que em muitos convívios familiares existe o sentimento pelo idoso de preocupação com o bem-estar da família como um todo, devido às instabilidades financeiras, ao uso de álcool e outras drogas pelos mais jovens e pelas divergências de ideias e valores entre as diversas gerações, tudo isso pode favorecer a presença de conflitos no seio familiar.

O convívio familiar pode não ser um arranjo almejado por todos os idosos, uma vez que as tensões podem diminuir a sua qualidade de vida. É necessário o compartilhamento de responsabilidades entre a família, o Estado e a sociedade como um todo. Trata-se do incentivo à criação e extensão de programas de assistência e políticas públicas de saúde e sociais voltadas para a melhoria das condições de vida dos idosos e seus familiares.

Referências

ABRIC, Jean Claude. Central System, Peripheral System: their functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations*. Textes sur les Représentations Sociales (1021-5573), v. 2, n. 2, p. 75-78, 1993.

AGUIAR, J.E. *A experiência da co-residência para idosas em família intergeracional*. 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

ARANTES, R.C et al. Arranjos domiciliares e saúde dos idosos: um estudo piloto qualitativo em um município do interior de minas gerais. *Texto para discussão n° 405*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.

AREOSA, S. V. C; AREOSA, A. L. Envelhecimento e dependência: desafios a serem enfrentados. *Revista Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 138-150, 2008.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BERNARDY, C. C. F; OLIVEIRA, M. L. F de. O papel das relações familiares na iniciação ao uso de drogas de abuso por jovens institucionalizados. *Rev. Esc. Enferm USP*, v. 44, n.1, p.11-7, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 1. ed., 2. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

CAMARANO, A. A et al. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 137-65.

DIAS, M. O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica - O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e*

Desenvolvimento, v. 19, p. 139-156, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA).

Sinopse do Censo Demográfico 2013. Disponível em:

<<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 17 set. 2013.

INOUE, K et al. Percepções de suporte familiar e qualidade de vida entre idosos segundo a vulnerabilidade social. *PsicolRef/Crit*, v. 23, n. 3, p. 582-592, 2010.

JEDE, M; SPULDARO, M. Cuidado do idoso dependente no contexto familiar: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 6, n. 3, p. 413-421, 2009.

LEITE, M.T et al. Idosos mais velhos no domicílio: a família como unidade de cuidado. *Rev. pesquis. cuid. fundam.*, v. 4, n. 4, p. 2816-31, 2012.

LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. *Economia e Sociedade.*, v. 19, n. 1, p. 59-77, 2010.

LOPES, Claudia Ribeiro S. *AnCo-REDES - MODELO PARA ANÁLISE COGNITIVA COM BASE EM REDES SEMÂNTICAS*: uma aplicação a partir da abordagem estrutural das representações sociais. 2014. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento). Programa de Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – DMMDC, com sede na Universidade Federal da Bahia – UFBA: Salvador, 2014.

MEIRA, S. S. *Estudo de base populacional entre as condições sociais e autoestima de idosos mineiros corresidentes*. 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2013.

MONTEIRO, L. M; SENA, T. C. C. B. Análise socioeconômica dos arranjos familiares em um CRAS no município de Belém – PA: o

papel do idoso no contexto familiar. *Revista portal de Divulgação*, n. 27, 2012.

OLIVEIRA, A. R. V; VIANNA, L. G; CÁRDENAS, C. J. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Rev. bras. geriatr. Gerontol.*, v. 13, n. 3, 2010.

PAULO, M. A.; WAJNMAN, S; OLIVEIRA, A. M. C. H. A relação entre renda e composição domiciliar dos idosos no Brasil: um estudo sobre o impacto do recebimento do Benefício de Prestação Continuada. *Rev. bras. estud. popul.*, v. 30, supl, 2013.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: teoria e pesquisa do Núcleo Central. *Temas em Psicologia*, n. 3, p. 19-33, 1996.

SANTOS, A. M; LEITE, M. T; HILDEBRANDT, L. M. Mastratos a idosos no domicílio: concepção de familiares. *Rev. bras. geriatr. Gerontol*, v. 11, n. 2, p. 209-221, 2008.

TEIXEIRA, S. M.; RODRIGUES, V. S. Modelos de família entre idosos: famílias restritas ou extensas. *Rev bras geriatr. Gerontol.*, v. 12, n. 2, p. 239-254, 2009.

TORRES, G. V et al. Relação entre funcionalidade familiar e capacidade funcional de Idosos dependentes no município de Jequié (BA). *Rev. baiana saúde pública*, v. 34, n. 1, p.19-30, 2010.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Rev Saúde Pública.*, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: teoria e prática.*,v. 14, n. 1, p. 84-96, 2012.

VILELA, Alba Benemérta Alves, et al. Envelhecimento e Corresidência: entendendo a estratégia de sobrevivência em lares multigeracionais. In: REIS, Luciana Araújo dos et al. (Org.). *Ensaio sobre o Envelhecimento*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.

Representações sociais da intergeracionalidade no boi brilho do SESC de São Luís/MA

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba

Iniciando o debate

A velhice vem sendo historicamente representada como um momento de descanso, inatividade, lazer, mas ao mesmo tempo, as práticas sociais, nas quais as pessoas idosas vêm se engajando, associam essa etapa da vida à participação, aprendizagem, flexibilidade. Isso mostra a relevância de novos estudos sobre os significados da velhice, principalmente das mulheres, que vêm ocupando os espaços públicos das cidades brasileiras.

O presente artigo visa mostrar o significado da presença das mulheres com 60 anos e mais, consideradas idosas pela Organização das Nações Unidas - ONU, nos países de terceiro mundo, no Boi¹ Brilho do SESC em São Luís, um espaço intergeracional. As idosas envolvidas nas práticas desse grupo interagem com as crianças de seis até doze anos incompletos e adolescentes de doze a dezoito anos de idade, segundo define o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Geração, segundo uma perspectiva sociocultural, aqui significa comparar tilhar com outros sujeitos do mesmo “[...] grupo de ida de, um modo peculiar de socialização, de vivência histórica de determinados momentos do processo sócio-cultural” (GOMES, 2005, p. 109). A intergeracionalidade representa um diálogo entre idosos, crianças e adolescentes, trocando conhecimentos, transmitindo uma memória social, valores, tradição, ritos sociais,

que fortalece os vínculos na família e na sociedade, para um agir em conjunto (CUBA, 2015).

A escolha da cultura popular, no âmbito do estudo, não se deu por acaso. Sou maranhense de Guimarães, lugar do Bumba Meu Boi de Zabumba, o sotaque considerado original e vivi nove anos em São Luís. Vale acrescentar que nem na minha infância, em Guimarães, nem na minha juventude, em São Luís, as crianças e as mulheres assistiam a essa festa, pois enfiava de madrugada e com violência. Isso foi na década de 1960, quando, junto a outros jovens, eu dançava a quadrilha em nosso bairro. Vale salientar que, apesar de se apresentar em um bairro próximo, nessa década, o bairro era considerado perigoso e o bumba meu boi significava, entre outros aspectos, espaço de bêbados e de violência. Só os homens assistiam.

Embora frequentemente retorne a São Luís, mas, desta vez, o mês é junho de 2011, período das festas juninas e do bumba meu boi, e o meu cotidiano naquela cidade significava uma pesquisa de Doutorado. Logo na chegada, observo que os tambores ecoam em algum lugar da cidade, não ainda nos arraiais. Nesse momento, relembro os grupos tradicionais, já integrados por homens idosos e jovens mulheres, dançando nos grupos mais recentes, prática impregnada em meu imaginário.

Os contatos comunicavam sobre os grupos de idosos ludovicenses² em maioria mulheres idosas dos Centros de Convivência, inclusive do Serviço Social do Comércio - SESC-Deodoro, dançando quadrilha e bumba meu boi. Noto que no Boi Brilho do SESC, o espaço é delas. Estimulada e curiosa, inspirei-me na Etnografia para a pesquisa: “Estudo descritivo de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo, grupo social, etc.” (FERREIRA, 2008, p. 383). Também, na observação flutuante, criando uma disponibilidade e em um “manter vago”, sem me fixar em um objeto preciso, deixei minha observação “flutuar”. Essa forma de observar é importante para “[...] que as informações penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (PÉTONNET, 2009, p. 102). Desse modo, assisti no SESCDeodoro a apresentação de vários grupos de

bumba meu boi, nos quais, os idosos dançavam junto com seus netos, crianças e adolescentes (CUBA, 2015).

Admirada com a plateia repleta de familiares, amigos e curiosos, como eu, fotografei e filmei essa prática nova e inusitada a quem estava sendo apresentada. Compreendi que essa realidade estranhada e surpreendente é diferente dos grupos tradicionais, onde os sujeitos nascem nas famílias dos boieiros³, crescem e envelhecem, passando essa dança a constituir uma prática do seu cotidiano. Além dos grupos apresentados no SESC-Deodoro, identifiquei em vários bairros de São Luís grupos de bumba boi formados por idosos e coordenados por mulheres idosas, assim como a presidente de uma das três Associações de Bumba Meu Boi de São Luís. Por isso, uma questão me instiga: o que representa, principalmente para as mulheres idosas, esse protagonismo, na expressão da cultura do bumba meu boi? Por outro lado, leva-me a questionar: o que representa o agir compartilhado das mulheres idosas com crianças e adolescentes no bumba meu boi criado por idosos?

A cultura neste texto é entendida, em primeiro lugar, como um direito afirmado na Constituição Federal de 1988 e especificado para os idosos no Estatuto do Idoso, no Título II, Dos direitos fundamentais, Capítulo V, da Educação, Cultura, Esporte e Lazer. O Estatuto do Idoso assegura no Artigo 21, §2º que “Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.” No Artigo 22 especifica: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria” (BRASIL, 2003).

Em segundo lugar, entendo a cultura como possibilidade de enfrentar as desigualdades sociais, manifestando ações de resistência, apesar de legitimar o Estado contemporâneo e perpetuar a ideologia dominante. A cultura consiste em práticas, ideias e sentimentos, expressando relações simbólicas na dimensão do humano e do sagrado “[...] produzidas por grupos que se

especializam em diferentes formas de manifestação cultural [...]” (CHAUÍ, 1985, p. 11). Trata-se de uma cultura socialmente construída que reúne um conjunto de atividades, inclusive ritos e modos simbólicos, sendo transmitida de geração a geração (THOMPSON, 2008). A cultura, uma arena de consensos e de conflito, reúne diferentes formas de diálogo entre: as classes, o escrito e o oral, o campo e a cidade, o antigo e o novo, a tradição e a modernidade. Essa *cultura animi* faz a mediação do “conflito do artista com o homem de ação”, assim cuidando e preservando “um mundo de aparências cujo critério é a beleza” (ARENDT, 2002c, p. 272).

Vale salientar que o protagonismo dos idosos pode se expressar em ações abrangentes e coletivas e nas ações individualizadas, em clubes e associações lutando por direitos, no lazer, nos cuidados e outros. Além disso, pode representar “[...] contestação e defesa intransigente dos interesses dos mais velhos contra forças de aniquilamento e dominação, como parceria na construção social, como adesão a micronarrativas individualizantes e hedonistas [...]” e outras (ROZENDO; JUSTO; CORREA, 2010, p. 38).

Na cultura popular, o protagonismo dos idosos junto com as demais gerações constitui um direito afirmado no artigo 215 da Constituição Federal do Brasil de 1988, onde o Estado se responsabiliza em garantir “[...] a todos o pleno exercício dos direitos culturais” (BRASIL, 1988). Em relação às crianças e aos adolescentes, a Convenção Internacional sobre os direitos da criança, visando a proteção desses sujeitos no mundo, foi aprovada na Resolução 44/25 da Assembleia Geral da ONU (20 de nov. 1989), também preconizando os direitos das crianças e dos adolescentes. O Brasil foi seu signatário, sancionando em 13 de julho de 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por meio da Lei n.º 8.069.

Além de afirmar todos os direitos, inclusive a educação, o lazer e a cultura, às crianças e aos adolescentes com “absoluta prioridade”, no Capítulo III, Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária, Seção I, Disposições Gerais, artigo 19, o Estatuto assegura que

toda criança ou adolescente tem o direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (BRASIL, 1990).

Desse modo, o Estado também expressa o direito às relações intergeracionais na família e na sociedade a esses sujeitos.

Compartilho com as ideias de Ambrosio (2012) para quem “[...] cuidar é muito mais que um ato, é uma atitude diante da necessidade do outro [...]” e a atitude envolve ocupação, preocupação, responsabilidade e afeto, tendo uma dimensão política arendtiana (AMBROSIO, 2012, p. 302). Entendo que o cuidado está associado, por um lado, à amizade na dimensão de rede de suporte social em que se ajuda nos momentos difíceis, por outro lado, à amizade na dimensão política arendtiana, quando esse vínculo beneficia a comunidade. Isso ocorre porque o exercício político da amizade comporta até mesmo o ato de cuidar do outro (CUBA, 2015), resultando em um cuidado com o mundo, por amor ao mundo (ARENDT, 2002a).

Importa ressaltar que a amizade surge nos espaços de encontros e interações pelo diálogo em comum, é mais ampla que o amor e dele difere. Está associada também à solicitude, ao cuidado e a outros afetos positivos (ABBAGNANO, 1998), que interatuam e se complementam no prazer da companhia mútua do agir. Para Abbagnano: “[...] os afetos constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais (entre pais e filhos, entre amigos, entre parentes) [...]”. Afeto, na visão desse autor, significa proteção, apego, gratidão etc. associados ao cuidado ou preocupação com outra pessoa⁴. Assim, a dimensão política do cuidado e da amizade pode promover bem-estar nos diversos ciclos etários.

Na busca de tornar familiar o estranhamento latente com a presença das mulheres idosas, das crianças e das adolescentes do Boi Brilho do SESC, desde o estudo de 2011, busquei aprofundá-lo em 2016, sendo uma parte, aqui apresentada. Entretanto, este texto não se propõe a aprofundar o tema abordado, permanecendo em aberto para novos estudos. No entanto, na intenção de oferecer ao leitor melhor entendimento do texto, além desta introdução,

apresento, na segunda seção, um debate sobre dados demográficos e seus relacionamentos com os significados da velhice. Ilustro com alguns relatos de idosas inseridas na Quadrilha da Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI/UFMA, sem me deter em questões da quadrilha.

Na terceira seção, contextualizo o bumba meu boi maranhense e volto a minha atenção às questões relacionadas à participação das mulheres, inclusive as idosas, e sua interação com as gerações mais jovens, nessa manifestação cultural. Em quarto lugar, apresento brevemente o Boi Brilho do SESC, ilustrando com relatos das mulheres idosas, das crianças e das adolescentes que participam dessa prática social, ressaltando as representações sociais do agir compartilhado nesse grupo. Finalmente apresento as considerações finais.

2 Representações das mulheres idosas

Alguns caminhos levam a uma representação social da velhice como, por exemplo, a idade cronológica, demarcando um momento individual. O aspecto cronológico vem nortear as políticas sociais e o acesso aos direitos sociais dos idosos, mas não consegue definir claramente a idade da velhice brasileira, nem deve ser considerado isoladamente, pela complexidade e heterogeneidade do fenômeno do envelhecimento. Isso porque esse processo também se relaciona a questões de classe, gênero, religião e outras diferenças, além da forma com que cada sujeito envelhece. A sociedade também atribui ao ciclo da velhice uma conotação e uma prática peculiares, mostrando estar em aberto o debate sobre o significado da velhice em nosso país.⁵

A demografia referente aos sujeitos com 60 anos ou mais mostra um aumento acelerado que, em 2013, eram 26,1 milhões, e em 2060 espera-se que sejam 33,7% da população brasileira, se confirmadas as previsões do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2010 havia 23,5 milhões de idosos para

uma população de 190.732.694 pessoas no Brasil e se esperava que os homens vivessem 58,3 anos de idade e as mulheres 61,8 anos de idade (IBGE, 2010). Isso define a velhice no feminino, pois as mulheres vivem mais que os homens. Em 2013, as idosas eram 55,7% da população total brasileira. Por outro lado, a população de jovens de 0 a 14 anos de idade diminui gradualmente, sendo esperada, para 2060, uma taxa de 13,0% de sujeitos da população brasileira nessa faixa etária (IBGE, 2015). Essas constatações mostram a necessidade de eficácia das políticas públicas para o atendimento e proteção social dos idosos, das crianças e dos adolescentes.

São Luís, capital do estado do Maranhão, “cidade por excelência dos sobradões solaren gos de fachadas de azulejos” (MEIRELES, 2001, p. 258), onde está situado o SESCDeodoro, *lôcus* da pesquisa de campo, foi fundada em 8 de setembro de 1612 pelo francês Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière e por François de Rasilly⁶. Em 2010, a população desse estado, um dos mais pobres do Brasil, era de 6.574.789 habitantes e de 568.681 idosos (IBGE, 2010), relativo a uma taxa de 8,7% dos habitantes. Essa cidade de grande desigualdade tinha 1.014.837 habitantes no Censo de 2010 e 77.971 pessoas idosas, ou seja, 7,7% da sua população. Havia 32.260 homens idosos e 45.711 mulheres idosas.

A taxa de pessoas que vivem sós, que em 2010 era de 12,2% no Brasil, 8,1% no estado do Maranhão e 9,9% na população de São Luís, é significativa por estar crescendo rapidamente (IBGE, 2010). Ocorre que viver só, por opção ou por contingências da vida, como independência econômica das mulheres, viuvez, divórcios e outros, vai afetar a prática social dos cuidados, principalmente para as mulheres que vivem mais que os homens. O cuidado aumenta com a idade e revela significativas trocas geracionais, mas pode levar a conflito intergeracional, por exemplo, na convivência das viúvas com familiares, ao cuidarem dos netos (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016), mesmo constituindo as mulheres idosas, muitas vezes, importantes provedores financeiros da sua família.

O cuidado com os netos e outros jovens é expresso na esfera da família, fora dela e no protagonismo das mulheres idosas nos grupos de bumba meu boi em São Luís, por meio de uma amizade

intergeracional (CUBA, 2015). Ainda assim, políticas sociais são necessárias também para reverter os preconceitos, estereótipos e estigmas direcionados aos idosos que os denominam de improdutivos, ociosos, disponíveis e outras representações sobre a velhice que impregnam o imaginário social. Isso porque denominações como idoso, terceira idade, melhor idade etc., assimiladas e reelaboradas socialmente, não conseguiram tornar os idosos mais respeitados, diminuir os estereótipos nem difundir uma nova e positiva imagem da velhice (DEBERT, 2004).

Apesar de as mulheres idosas desenvolverem práticas na quadrilha e no bumba meu boi, reinventando a forma de experimentar a sua velhice, modernizando e mostrando um inusitado modo de viver o seu cotidiano, as idosas parecem surpresas com seu próprio protagonismo nessas danças, que requerem agilidade e flexibilidade. Daí, apresentarem questões sobre o seu ciclo de vida, quando o relacionam à idade cronológica, talvez a confrontando em seu imaginário, com suas capacidades e com as representações sociais construídas sobre esse momento da vida, como se pode ver no relato de A4, aluna da UNITI/UFMA⁷:

- Professora, eu tô aqui, mas eu não sou idosa não, viu? Eu tô aqui pra poder fazer meu curso. [...] Professora, eu tô só brincando, mas eu tô prestando atenção na sua conversa (A4, mulher, 57 anos).

Surpreendente esse posicionamento, pois sugere, por um lado, a negação de um significado da velhice impregnado no imaginário social, de descartabilidade do que é velho e valorização do novo, que afeta as relações sociais. Além disso, negar a velhice, aos 57 anos, pode representar, mesmo sem perceber, medo de um futuro de perdas, que contribuem para um isolamento, para reforçar os estereótipos negativos da velhice e a desigualdade entre as gerações no Brasil. Medo esse que parece estar muito presente no imaginário popular, pois uma representação social da velhice isolada, ancorada nas lembranças de ASO3, ex-aluna da UNITI/UFMA, é assim expressa:

- [...] quando eu era menina, a avó era uma pessoa muito velha e que não tinha mais força da palavra na família. [...] A avozinha ficava num canto. [...] Não saía [...] pra lugar nenhum (ASO3, mulher, 70 anos).

Essa representação negativa da velhice também é mostrada nas palavras de A12 (mulher, 61 anos), aluna da UNITI/UFMA, mas revela uma forma de resistência:

- [...] eu não sabia [...] que a gente envelhecia, assim com alegria, [...], com sabedoria. [...] hoje eu já entendo assim o prazer que é até da gente ficar velha. Por que eu completei sessenta anos [...] - eu tô com sessenta e um - parecia que eu tava completando quinze, assim, sabe? [...]. E [...] antigamente eu tinha medo de ficar velha. [...] velhinha, só dentro de casa [...]. E agora, não. Agora eu sou mais, sei lá, mais alegre. E até com vontade mesmo de viver. Olha, [...] já apresentei até Quadrilha [...]. Nunca [...] eu fiz isso na minha vida. [...] Eu estou muito feliz.

Certamente feliz com a forma com que a população idosa, principalmente as mulheres que foram educadas para cuidar da esfera privada doméstica, passou a se identificar como protagonista na esfera pública, onde se encontra e se comunica, estabelecendo novos começos. Um dos espaços propiciadores de novos começos, a quadrilha, em São Luís, era dançada tradicionalmente pelos jovens e surgiu dos “encontros de amigos, que buscavam uma forma de se divertir no próprio bairro, durante o período de São João” (REIS, 2003, p. 132). Nesse contexto, o estatuto e a representação social dos sujeitos correspondem ao que diz Arendt:

Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. Esta revelação de «quem», em contraposição a «o que» alguém é - os dons, qualidades, talentos e defeitos que alguém pode exhibir ou ocultar - está implícita em tudo o que se diz ou faz (ARENDT, 2002a, p. 192).

A identidade das mulheres idosas é compartilhada nas práticas coletivas e culturais que inventam nas organizações e movimentos de mulheres, nas universidades da terceira idade (UNITI/UFMA), nos Centros de Convivência do Serviço Social do Comércio (SESC) e outros. Espaços públicos em que as idosas se integram a outras gerações tecem amizades e tentam quebrar preconceitos, na busca de sair do isolamento e reverter o estigma da velhice. Assim, imprimem novas regras e novos estilos à sua vida, mudando a forma de representação da velhice, pois:

A cada encontro a coletividade mobilizada reitera o que considera serem os scripts da velhice no passado, pondo em ação práticas tidas como inusitadas e que têm a garantia pública de que é possível e saudável envelhecer sem se confinar aos padrões antigos (DEBERT, 2004, p. 185).

Uma resistência aos padrões antigos é o que parecem mostrar as mulheres idosas em São Luís, em sua performance na quadrilha e no bumba meu boi, onde ganharam uma significativa visibilidade. Aqui, entendo como performance “[...] o conjunto de ingredientes que configuram o ato de acontecer do BMB (bumba meu boi)”. Inclui a música, a coreografia, “a dimensão cênica e a dimensão expositiva” (PADILHA, 2014, p. 10).

Para melhor compreensão do objetivo da presente seção, torna-se necessário apresentar o significado do bumba meu boi do Maranhão, como contextualizado a seguir.

3 Intergeracionalidade no bumba meu boi de São Luís

Retorno a São Luís, cidade que mantém a forte presença do bumba meu boi, manifestação popular mais expressiva dessa cidade e do estado do Maranhão, para esclarecer que é histórica a participação dos idosos nessa forma de manifestação da cultura, inclusive na plateia, cantando e dançando ao som dos tambores. Essa expressão cultural máxima da cidade foi declarada patrimônio imaterial do Brasil pelo Ministério da Cultura, através do Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, desde 2011 (SILVA; FERREIRA, 2011).

Não há consenso na literatura especializada sobre a origem do bumba meu boi no Brasil. Celso de Magalhães e Sílvio Romero afirmavam serem as fes tas populares e o folclore oriundos de Portugal. Para Nina Rodrigues, foram trazidos pelos africanos bantus e pelos sudaneses, representantes dessa prática. O bumba meu boi foi uma festa proibida e passou a ser apresentada mediante autorização policial. Atualmente é marcante na vida dos ludovicenses. Oriunda da classe trabalhadora e um dos elementos centrais na afirmação de uma “maranhensidade”, essa tradição é passada de geração a geração (pais para filhos, avós para os netos), na qual os idosos são respeitados como seus guardiões (MARANHÃO, 2011). Tradição, enquanto reatualização de alguns costumes ou cultura (THOMPSON, 2008) e, não, como algo do passado que lá deve permanecer.

O bumba meu boi maranhense é apresentado no mês de junho, seguindo alguns rituais: batizado, apresentação, morte etc. Os grupos de sotaque de Orquestra e de Costa de Mão são formados em sua maioria, por jovens e os poucos idosos são os amos ou donos dos grupos. Os homens e mulheres idosos estão nos grupos tradicionais, como os de sotaque de Zabumba e de Matraca. Atualmente, os grupos vêm incorporando mais os jovens (ALBERNAZ, 2010).

O enredo dessa dança é contextualizado numa fazenda e seu Auto representa uma mulher grávida - Catirina -, companheira do capataz - Pai Francisco, Francisco ou Chico -, que deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Ela consegue seu objetivo, satisfazendo assim seu desejo de mulher grávida. O dono da fazenda exige o boi vivo e, após um ritual, o boi renasce e a festa é retomada (ALBERNAZ, 2010).

O sotaque ou estilo do bumba meu boi, que envolve um sistema simbólico, pelo ritmo, sotaque e outras diferenças entre os grupos, é determinado pelo instrumento de percussão principal, a cidade ou região de origem, sendo o bumba meu boi classificado pelo ritmo, indumentária e forma de dançar (ALBERNAZ, 2010). Apesar de controversa, adoto a classificação tradicional dos sotaques

apresentada por Reis (2003), que são cinco: Bois da Ilha ou de Matracas ou Pandeirões, Bois de Pindaré e outras regiões ou da Baixada, Bois de Guimarães ou de Zabumba, Bois de Cururupu ou de Costa de Mão, Bois do Munim e imitadores ou de Orquestras.⁸

A brincadeira de boi tem uma questão de gênero, pois foi fundada por homens. Suas mulheres desenvolviam, nos bastidores da brincadeira, atividades domésticas (guardar, preservar, costurar, bordar, cozinhar, preparar indumentárias etc.). Também são madrinhas nos rituais de batismo e morte e desenvolvem outras atividades relevantes para o ritual da festa. Essas posições, apesar de restritas e consideradas secundárias, aproximam-se do cuidado, inclusive indicam poder e prestígio das mulheres nos grupos. Por essa assistência e cuidado prestados por elas aos brincantes nas apresentações, elas foram nomeadas de mutucas⁹ (ALBERNAZ, 2010).

As questões de gênero que influenciam na participação do bumba meu boi se associam às de caráter relacional e do poder, além dos fatores simbólicos que permeiam a construção das relações de gênero. Vinculam-se, assim, às definições de Scott (1990), mostrando a primeira que: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (p. 14). E a segunda, dizendo que “o gênero é um campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (p. 16). Assim, o gênero constitui as relações sociais fundadas sobre as diferenças culturais entre homens e mulheres e integra eixos de desigualdades e poder (SCOTT, 1990).

Isso ocorre, pois enquanto as mulheres cuidam dos homens do bumba meu boi, “para concentrar a força na apresentação”, nesses grupos, eles “detêm o poder e o prestígio” e permanecem “como o centro das atenções, mantendo a fama do grupo” (ALBERNAZ, 2010, p. 82). Mesmo assim, na posição de mutuca, relacionada à proteção, as mulheres são enaltecidas e sua posição como acompanhantes dos homens é legitimada. É significativo esse papel das mulheres, no acompanhamento do boi, “pois são filhos, maridos e amigos que, a todo o momento, buscam a sua presença” (TEIXEIRA, 2008, p. 64).

Para Albernaz (2010, p. 89), apesar da “participação mais visível e expressiva das mulheres”, a conotação do folguedo como espaço dos homens parece mantida. Assim é que há papéis (miolo, amo, dirigente etc.) e sotaques (Zabumba, Matraca e Pindaré) tradicionalmente considerados próprios dos homens, cabendo às mulheres “personagens mais leves” (va queira, caboclo de fita e índia). E seria o sotaque de orquestra, mais identificado com o feminino (ALBERNAZ; LIMA, 2013, p. 506).

As toadas dos grupos de sotaque de Orquestra ou Bois de Orquestra falam do amor, do bucolismo, dos valores maranhenses ou da história, com mais melodias e poemas e não são associadas à violência como os outros grupos. São acompanhadas por instrumentos de sopro (saxofones, trombones, clarinetas e trompetes), de cordas (banjo e violão) e percussivos (bumbos, tambor onça e maracá), mostrando um perfil singular. A inclusão dos profissionais músicos e seu pagamento trouxe para esse folguedo maranhense a noção dos direitos e obrigações (PADILHA, 2014).

A visibilidade das mulheres nesse folguedo ocorreu na década de 1970, com a liderança de uma mulher em um grupo.

Posteriormente, elas vieram ocupando lugares de destaque, desempenhando todos os papéis nos grupos, no auto ou no cordão, como “[...] brincantes, dançando no cordão, tocando instrumentos, cantando toadas e até exercendo a chefia de alguns conjuntos [...]”, e outras tarefas “tidas como femininas” (CAR VALHO, 1996, p. 3). Padilha (2014, p. 93) mostra que o Boi de Orquestra abriu caminho, em sua performance, para diversos “grupos sociais, geracionais e de gênero”, como crianças, adolescentes e mulheres.

A personagem índia, uma das mais antigas, exige das mulheres “uma conformação corporal característica da estética do belo” (ALBERNAZ; LIMA; OLIVEIRA, 2012, p.187). Assim, passam por uma rigorosa avaliação, segundo um critério de representação de beleza, que valoriza uma marca corporal da juventude. Seu comportamento também é observado, pois, em sua maioria, são meninas entre 14 a 25 anos de idade, aceitas nos grupos, apenas com autorização dos seus pais ou dos responsáveis, respeitando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) segundo os dirigentes (ALBERNAZ; LIMA, 2013). Trata-se também de um cuidado pela

indumentária reduzida usada por elas, que é um diminuto saiote e sutiã ou bustiê, bordado com plumas e canutilhos, pernas, braçadeiras, colares e arranjos na cabeça. Além da dança em semicírculo, num constante vai e vem em direção ao centro, com frenéticos rebolados e saltos, movimentando os quadris e os ombros (ALBERNAZ; LIMA; OLIVEIRA, 2012).

Os homens, no sotaque de Orquestra, desempenham dois tipos de vaqueiro: campeador e de fita ou rajado. Os vaqueiros usam calça, camisa, saiotas e gola ricamente bordados com miçangas, canutilhos, lantejoulas, pernas ou polainas e um chapéu com a aba ricamente bordada, com miçangas, canutilhos e lantejoulas. O chapéu dos vaqueiros campeadores não possui fitas e sua principal função é dançar com o boi, posicionados em duas fileiras laterais ou em semicírculo, junto com os vaqueiros fitas ou rajados, cuja aba do chapéu tem longas fitas coloridas penduradas (PADILHA, 2014).

Os grupos de sotaque de Zabumba, que confrontam o velho e o novo também congregando diversos idosos e crianças, fortalecem amizades no grupo, representando um “*elo de continuidade*” (SILVA, 2001 apud SILVA; FERREIRA, 2011, p. 8). Além disso, mantêm aspectos dessa tradição, ao serem compostos por “laços de parentesco e de territorialidades” e isso “implica no repasse dos saberes, possibilitando a continuidade da ‘brincadeira’, através de várias gerações” (SILVA; FERREIRA, 2011, p. 4). Nesse contexto, além das gerações mais jovens inovarem, atualizarem e preservarem essa festa, isso porque o protagonismo dos avós, junto a seus netos e outros jovens, dialogando e trocando conhecimentos entre passado e presente, tradição e modernidade, contando e recontando os rituais do bumba boi, leva a um registro de memória dos costumes comuns dessa festa. Representa também uma resistência dos idosos e os leva a um sentimento de pertença ao grupo, mantendo “o imaginário do social do Grupo” (TEIXEIRA, 2008, p. 6).

Nos grupos de bumba meu boi de idosos organizados por diversos programas e associações para a terceira idade, os idosos interagem e dançam junto com seus netos e sujeitos de diversas gerações, como no Boi Brilho do SESC, do Trabalho Social com Idosos do SESC-Deodoro em São Luís.

4 Idosas, crianças e adolescentes no boi brilho do SESC

No Brasil, o Serviço Social do Comércio (SESC) é pioneiro no Trabalho Social com Idosos (TSI), criado há mais de 50 anos, desenvolvendo em suas Unidades Operacionais Programas nas áreas da Assistência, Cultura, Educação, Lazer e Saúde, através de Atividades e Projetos. Também é referência no trabalho das relações intergeracionais que envolve idosos, crianças e adolescentes no Brasil.

Em 1989, foi criado o TSI do SESC no Maranhão, integrando o programa Assistência do SESC, visando “[...] elevar a qualidade de vida das pessoas da terceira idade, que nos grupos de convivência da instituição têm a oportunidade de interagir com novas formas de conhecimento, compartilhar expectativas e vivências”. Seus integrantes idosos, homens e mulheres, a partir de 60 anos de idade desenvolvem “diversas atividades culturais, sociais, recreativas e esportivas”, entre elas: oficinas de dança, música, teatro e o Boi Brilho do Sesc¹⁰. A relevância do seu trabalho faz com que o SESC seja reconhecido no estado do Maranhão como referência “[...] na promoção de atividades de integração e socialização para a terceira idade” (SESC MARANHÃO, [200?]).

O Boi Brilho do SESC, coordenado pela assistente social Adalgisa Drumond, foi criado em 1992, pela assistente social que coordenava o grupo e uma professora de Educação Física, junto com os idosos integrantes do Trabalho Social com Idosos do SESC-Deodoro e SESC-Turismo. No início, o boi artefato, confeccionado em um cofo¹¹ e adornado com papel crepom, apresentava o sotaque de Zabumba, passando ao de Matraca. O número de componentes varia a cada ano pela condição de vulnerabilidade da pessoa idosa. As índias eram as próprias idosas, que, posteriormente, incluíram suas netas, esclareceu a coordenadora do grupo.

Segundo Vovô¹², o cantador e produtor das coreografias do grupo, esse grupo constitui uma adaptação do Sotaque de

Orquestra. Além disso, sobre o significado desse grupo e os papéis que as idosas desempenham:

- *Olha, no Boi Brilho do SESC, como em todo bumba boi, [...] é como se fosse uma fazenda. Os Fitas [...] representam os mourões da fazenda. Eles sempre são colocados pelo lado de fora, em volta do boi. [...]. O vaqueiro campeador - [...] a palavra campear é cuidar, é vigiar o gado no campo. [...] Lá na vida mesmo, ele existe como o vaqueiro que vai buscar [...] a rês desgarrada. Então ele [...] que vai campear o gado, que vai cuidar, que vai vigiar. [...] (VOVÔ).*

Sobre a disposição dos personagens em fileiras:

- *[...] O [...] boi de Orquestra que é o nosso, [...] dança com duas filas. Uma fila de índia, uma fechando também um quadrado. [...] Esse Auto do Bumba Boi tem dois momentos. Durante a temporada, o boi brinca e, quando Catirina tira a língua que o Cazumba vem e [...] reza e o boi ressuscita. [...] (VOVÔ).*

Vovô esclarece que as idosas representam os vaqueiros campeadores, de acordo com a sua capacidade de dançar:

- *É isso. Porque é uma dança mais frenética, tem que ter mais desenvoltura. Então a coordenação motora tem que estar mais aguçada. [...] Então a gente vai se adaptando e colocando-as, de acordo com a desenvoltura (VOVÔ).*

Sobre o personagem índias, esclarece:

- *Tem as índias, que a gente conta, porque [...] em anos outros, os homens se juntavam aos índios para poder [...] juntar o gado perdido, porque o índio conhecia mais a mata. Então foi trazido de forma [...] em que nós transformamos em canções, em versos, em prosas, em anedota, o Auto do bumba boi. [...] (VOVÔ).*

Na disposição das fileiras, observa-se que as índias se posicionam ao final do grupo, mas tem um momento, em sua performance, que elas vêm para a frente, entrelaçam-se com as idosas e retornam ao lugar inicial. Sobre isso, assim comenta Vovô:

- *Olha, esse é o momento de [...] fusão de idade [...]. A prioridade [...] é das idosas, mas [...] ali é um grupo só. Então, nesse momento, [...] eu faço a junção das idades. Porque as pessoas vão ver que [...] uma senhora com 96 (anos) e uma menina com 13 (anos) dançam no mesmo espaço, que todos têm o mesmo lugar, o mesmo espaço, o mesmo ambiente. [...] que o idoso pode estar em qualquer lugar, dançando com qualquer pessoa (VOVÔ).*

Ancorado em sua vivência com o grupo, ele fala de uma intergeracionalidade e da integração das diversas faixas etárias, mostrando uma busca de quebrar preconceitos e estereótipos em relação às mulheres idosas desse grupo, que se apresenta a partir da segunda quinzena de junho em diversos espaços (empresas, hospitais e instituições de longa permanência) e comemorações. Era composto, em 2016, por 86 integrantes, entre eles, mulheres idosas do TSI do SESC no Maranhão, com idades entre 60 a 92 anos além de suas netas e bisnetas, cuja idade mínima é de 6 anos.

As netas e bisnetas das idosas - Vaqueiros Campeadores e Vaqueiros Fitas - representam o papel de índias, geralmente estimuladas pelas avós e bisavós, mesmo que estas não dancem mais no grupo. São estimuladas também por algumas idosas suas vizinhas, mas só participam mediante autorização dos seus pais e/ou dos seus responsáveis. Não resta dúvida de que o maior número de participantes, a indumentária, a *performance* e outros atributos façam com que o Boi Brilho do SESC seja o mais conhecido e mais divulgado entre os grupos compostos por idosos, em São Luís (CUBA, 2015).

Segundo as mulheres idosas mais antigas no grupo, até uma determinada época, para entrar no Boi Brilho do SESC, a idosa tinha que ser ou ter sido aluna da UNITI, não havendo mais essa solicitação. No entanto, as idosas, só participam do Boi Brilho do

SESC após uma avaliação médica rigorosa. Em 2016, o grupo encontrava-se às sextas-feiras, no turno da manhã, para reuniões, assistir palestras com a equipe interdisciplinar do Trabalho Social com Idosos do SESC-Deodoro. Inclusive, ensaiavam regularmente duas vezes por semana, no período que antecede as festas juninas. Participam também de viagens, passeios, caminhadas, etc., em datas programadas com antecedência. As crianças e as adolescentes só começam a ensaiar quando iniciam suas férias escolares, segundo a coordenadora.

Durante dois meses acompanhei os ensaios e apresentações do Boi Brilho do SESC, realizando observações, reuniões e entrevistas com profissionais vinculados ao TSI do SESC-Deodoro, além de idosos, crianças e adolescentes integrantes do grupo. Ainda fiz fotos e vídeos dos ensaios e das apresentações para complementar as observações. Notei que algumas jovens adultas que se apresentaram como índias nesse grupo desde a infância estão lá e, atualmente, colaboram nos ensaios das índias atuais, como esclareceu a coordenadora. Ao final de dois ensaios, dancei no cordão, junto com as idosas, insistentemente convidada e puxada por elas, dada a minha inicial recusa em não me inserir em seu espaço. Ao final, esclareci ao coreógrafo, que entendeu. Em outros momentos, sentei em volta de uma mesa, dialogando com elas sobre assuntos diversos.

Essa forma de interação na pesquisa aproxima-se daquilo que DaMatta, Vasconcellos e Pandolfi (2010, p. 132) chamam de “pesquisa observacional”, que “[...] é uma modalidade na qual o pesquisador se torna participante do uni verso pesquisado, ficando sujeito às mesmas condições dos fatos ou eventos que observa”. A interação nesses encontros, trocando gestos, olhares, danças, diálogo e outras formas aprofundou a compreensão do significado da participação dos sujeitos do estudo nesse grupo. Representou também uma maneira de “interagir com o observado no mesmo ambiente e no momento mesmo em que este executa aquilo que é o alvo da própria investigação” (DAMATTA; VASCONCELLOS; PANDOLFI, 2010, p. 132).

A figura central nesse grupo são as mulheres idosas - avós e bisavós - indicando um poder das idosas, ainda que simbólico, na

família e na sociedade. O poder se expande para essas esferas, até nas relações de cuidados intergeracionais, e passa a representar um espaço ocupado pelas idosas na manifestação cultural do Boi Brilho do SESC. Isso demarca um novo significado na posição da idade cronológica e parece colocar em cheque o que é ser jovem e o que é ser velho.

Nem novo, nem velho, mas um passado reatualizado pelas mulheres idosas do Boi Brilho do SESC, no encontro entre o passado e o presente geracional, tanto simbolicamente como na ação do cuidado, trocando experiências e fortalecendo laços entre as gerações envolvidas. No relato das crianças e adolescentes, índias do grupo, Madalena e Orquídea¹³ residem com uma das suas avós; Violeta reside com uma das bisavós. A avó de Madalena já dançou no Boi Brilho do SESC. A avó de Jade, de Orquídea e a bisavó de Violeta dançam no grupo. No entanto, durante a pesquisa, essas avós e bisavós apenas preencheram o questionário de perfil.

As idosas, as crianças e as adolescentes empenham-se nos ensaios e nas apresentações do grupo, mostrando a relevância de estarem integradas a ele. Para as crianças e as adolescentes é importante participar no grupo, junto com as idosas, pois, segundo a índia Ana Carolina, “Eu gosto, porque elas ajudam algumas coisas. Nos passos e na dança”.

- *Sim, também. Porque, tipo [...] a gente vai ser um dia, elas também, né? Então é importante, sim, porque elas um dia também foram que nem a gente. Foram crianças. É então, a gente [...] brinca com elas, entendeu? [...] (ÍNDIA MARGARIDA).*
- *Sim. Porque o idoso é como uma criança. [...] é muito teimoso. [...]. Como eu convivo com minha avó, [...] no cotidiano junto com ela. Às vezes ela tá um dia bom, um dia ruim. [...] mas muitas das vezes, prefere sofrer sozinha. Não quer compartilhar. [...] só [...] quando [...] já não tá mais dando pra segurar. [...]. Muitas vezes, eu converso com a minha avó [...]. A minha relação com ela é muito boa (ÍNDIA MADALENA).*

Ao expressarem suas opiniões, as crianças e as adolescentes relacionam a população idosa com as idosas do grupo do SESC, talvez porque vivenciem essa relação intensamente, nos ensaios e nas apresentações. As crianças e as adolescentes relatam ser importante se relacionarem com os idosos e gostam muito de conversar com suas avós e bisavós sobre “vários assuntos”. Isso representa conhecimento das idosas, troca de experiências, “aprendizado”, resgate:

- *[...] das histórias que eles contam, de criança. [...] E [...] hoje em dia, nós não temos mais a infância que eles tiveram e eu gosto muito de saber como era antigamente. [...] É ela (avó) que me ajuda em quase todas as situações. [...] Então [...] é assim, um amor verdadeiro que ela tem por mim e que eu tenho por ela (ÍNDIA JADE).*
- *[...] eles [...], já viveram mais coisas do que a gente. Então se a gente tiver um conflito, [...] que a gente não sabe, eles sabem por que eles [...], de algum modo, já conviveram com aquilo [...] Aprendemos com eles (ÍNDIA VIOLETA).*
- *[...] Porque [...] não se torna um assunto só de adolescente [...] (mas) entre todos. [...] com o avanço, de muita tecnologia, quase não tem mais conversa entre jovens e jovens, entre idosos e idosos. Então, o único momento que a gente tem pra compartilhar, [...] (é) nas horas das brincadeiras que a gente não tá com o celular na mão [...] as idosas daqui do Boi Brilho do SESC [...] tratam a gente como se fossem as netas delas mesmo [...] (ÍNDIA MADALENA).*

Segundo Moragas (2004, p. 135), a transmissão de uma história familiar e social torna os idosos e os avós “referenciais sociais” para as gerações mais novas e uma “âncora situacional”, permitindo que os conflitos sejam solucionados pelo diálogo.

As índias conversam “bastante” com outras idosas no SESC sobre “vários assuntos”, principalmente, quando estão sozinhas e antes do ensaio, fazendo: “[...] brincadeiras entre nós [...] amigáveis [...]”. Também conversam sobre “[...] a dança, as roupas, [...] a situação da cidade, a política. [...] (ÍNDIA JADE). Além disso: “[...] a

gente senta pra [...] decidir as coreografias. [...] vai se comunicando (sobre) [...] a roupa, como a gente deve fazer” (ÍNDIA MADALENA).

As índias, como Ana Carolina, ajudam as idosas de diversas formas, inclusive “Nos passos também”. Isso é considerado importante para elas que até pensam em seu futuro, quando forem idosas. Vejamos: “[...] A gente tem que pensar que um dia, a gente vai estar no lugar deles. Então, a gente tem que tentar (com) a geração em diante, pra fazer isso com a gente [...]” (ÍNDIA MARGARIDA). As demais idosas do grupo: “[...] Muitas das vezes elas pedem pra ajudar na roupa, pra calçar o sapato e eu vou ajudando” (ÍNDIA MADALENA). Além disso, as índias ajudam também a “[...] atravessar uma pista ou com [...] (com o) carrinho de compra, [...] a gente [...] trás eles até aqui (SESC) [...]” (ÍNDIA MARGARIDA).

A índia Madalena acompanhava sua avó para os ensaios: “[...] também pra ajudar [...] a se arrumar e [...] já fui me interessando, né, pela forma como elas eram tratadas, muito bem, aí eu fui gostando [...]” (ÍNDIA MADALENA). Gosta do cuidado institucional direcionado às idosas, tratamento esse que a estimulou a participar do grupo. Há uma amizade entre as índias e as idosas, a quem consideram relevante ajudar, como diz a índia Ana Carolina: “Por [...] que elas precisam de ajuda. Pra aprender os passos”. As idosas também ajudam as índias: “Nos passos e na dança” (ÍNDIA ANA CAROLINA). Ao se vestirem também, o: “[...] soutien¹⁴ que a gente pede pra amarrar [...]” (ÍNDIA MADALENA).

A importância de ajudar os idosos é que possibilita, “principalmente, pra eles”: “[...] mais diversão, tentar mais relaxar [...]. Mais saúde [...]” (ÍNDIA MARGARIDA). As crianças e as adolescentes se ajudam, além de ajudarem as idosas do SESC. A índia Jade ressalta: “[...] a desigualdade entre os adolescentes e crianças e idosos [...] (em que) eles discriminam elas [...]” (ÍNDIA JADE). Principalmente o desrespeito nos ônibus, não cedendo o lugar da prioridade aos idosos. Diz: “Eu acho isso horrível. Eu chamo a atenção” (ÍNDIA JADE).

Ao mesmo tempo em que a índia Madalena se sente “[...] feliz pela paciência, [...] do carinho que ela vem me dando, ao longo dos anos” (ÍNDIA MADALENA), preocupase com a avó porque: “[...]”

pode vir uma depressão. Por isso que é importante eles participarem desses grupos, porque tira as coisas assim da cabeça, pra interagir” (ÍNDIA MADALENA).

Além disso, dançar junto com a avó no Boi Brilho do SESC:

- *É muito legal, [...] eu venho toda vez com a minha avó e isso está nos aproximando mais e mais. [...] (Também permite) Fazer novos amigos, conhecer novas pessoas, [...] aprender muitas coisas e conviver com os idosos e [...] outros tipos de pessoa que têm certos tipos de dificuldades (ÍNDIA JADE).*

Entretanto, segundo a Índia Jade, a escola, o esporte, a distância da residência e outras atividades dificultam a convivência com sua avó e, “[...] por causa do Boi, nós estamos ficando mais juntas”. Por isso, para a Índia Violeta, dançar junto com a avó é “um meio de convivência”. A Índia Orquídea relata a importância de acompanhar a avó aos ensaios e às apresentações porque: “[...] quando eu não acompanhava minha avó, ela [...] ia tropeçando em alguma coisa e caía [...]” (ÍNDIA ORQUÍDEA).

Os relatos das índias são críticos e, de forma ética, mostrando a importância do estreitamento dos vínculos de amizade e do cuidado com as idosas, suas avós, e outras participantes do Boi Brilho do SESC, por um lado. Por outro, expressam sua indignação com os problemas enfrentados pela população idosa na sociedade ludovicense, como a desigualdade e o desrespeito. Mesmo ao ressaltar esses problemas, as crianças e as adolescentes revelam um cuidado com as idosas. Na visão arendtiana, esse cuidado significa um cuidado com o mundo, numa dimensão de *amor mundi*, sendo esse o sentido da política (ARENDT, 2002a). No contexto desse grupo, consiste no alargamento da cidadania das idosas, das crianças e das adolescentes, na cultura popular, por meio da interação entre as mães, avós, bisavós, filhas, netas e bisnetas.

Para as mulheres idosas avós e bisavós, é muito importante a convivência com crianças e adolescentes, ainda que netas e bisnetas de outras idosas que não participam do Boi Brilho do SESC. Essa convivência intergeracional, além de um direito, é também:

- *[...] um momento em que a gente pode se entrosar com as devidas idades [...] (e) se comunicar com aquele [...] adolescente, transmitir mais conhecimento pra elas [...] É importante.[...] Aprendem a ser mais sociais, fazer novas amizades [...] (AURORA).*

Além da “preocupação”, enquanto avós, amizade, do prazer em “[...] ver que aquela menina está precisando da gente. [...]” (AURORA). Margarida diz que “[...] é aquela [...] união, [...] todo mundo é família. [...] Ali é neta, bisneta de amigos, é a coisa mais linda do mundo” (MARGARIDA). Além disso, Jasmin acha “muito bonito” as crianças e as adolescentes “pequenininhas [...], uma arrumando a outra” (JASMIN).

- *[...] é muito gratificante [...]. É [...] alegria, [...] graciosidade, [...] comunicação, [...] brincar com elas, [...] dizendo umas piadas, sorrindo, cantando junto [...] e, às vezes, chamando à atenção também [...]. [...] Quando elas estão brincando, que a gente olha nos olhos delas, [...] sorrindo, tudo alegre, gracejando com um sorriso de orelha a orelha e [...] se sacudindo, [...] a gente se sente feliz [...] (ROSA VERMELHA).*

Mesmo não sendo suas netas, Rosa Vermelha também se sente feliz e acha “muito bonito”:

- *[...] ver o jeito delas [...] interagindo com a gente [...] a integração. [...] cuidado de umas com as outras e nós também como idosas, [...] temos cuidado [...] com (todas as peças da indumentária) [...] Aí [...] eu agarro, ajeito. Então é a felicidade [...] união [...] (ROSA VERMELHA).*

O cuidado é exercitado também pelas idosas e traz felicidade, gratificação, sentimento de utilidade, valorização e outros, na convivência compartilhada com as crianças e as adolescentes. Assim, configura-se como um cuidado mútuo, entre essas faixas etárias. O cuidado institucional é um momento que, para as idosas, “marca muito”, pois, em relação à Coordenadora e à Assessora¹⁵, é a

- [...] preocupação conosco [...] E os rapazes [...] da Banda [...] na porta do ônibus, pegando na mão da gente. (Coordenadora) [...] se preocupa com a alimentação da gente, [...] vigiando pra todo mundo se alimentar naquela [...] distribuição do lanche e [...] (Assessora) também. Então são essas coisas, [...] que a gente sente que a gente é prestigiada [...] (AURORA).

Essa forma de cuidado e de amizade por parte da equipe do Boi Brilho do SESC provoca um sentimento de valorização e de pertencimento ao grupo. As idosas mostram que participar da festa, enquanto nova forma de gestão da velhice, renova a tradicional condição de avó e de bisavó, admitindo cuidados aos netos, papéis esperados para mulheres de mais idade (CUBA, 2015). Por outro lado, o cuidado também é associado, sem perceber, no seguinte relato de Vovô: “O Boi também é um médico [...] porque ele cura [...]”: “artrite, artrose, osteoporose [...] bota muleta fora, [...] cura dor de cabeça. [...]” (VOVÔ).

Ferrigno (2011, p. 79) entende que os grupos intergeracionais de arte e cultura possibilitam suporte aos idosos, convivência e função social. A cultura popular, enquanto um “contexto alternativo para o encontro de gerações” pode ser uma alternativa viável para revisar a forma como as gerações mais novas percebem as mulheres idosas, fortalecendo laços familiares e sociais. Isso porque:

[...] Nas tradições populares os velhos possuem os conhecimentos necessários para a preparação e execução de rituais e eventos festivos de suas comunidades. Por isso são vistos como importantes e são reconhecidos e prestigiados pelos jovens. [...] (No espaço das) festas juninas, entre tantas outras [...] os velhos [...] são muito respeitados pelos mais moços, que muito aprendem com eles (FERRIGNO, 2011, p. 79).

Certamente, pois, como a ação de representar torna familiar algo que se mostra como estranho, mas relevante em seu meio social (MOSCOVICI, 1978), essa festa possibilita às mulheres idosas trazerem à luz práticas familiares de cuidados compartilhados com suas filhas, netas, bisnetas e amigas. Em uma amizade intergeracional na dimensão política arendtiana, as idosas, as crianças e as adolescentes do grupo confrontam ideias, encontram

soluções em comum e se percebem pertencendo a uma coletividade. Nesse espaço, as avós e bisavós do Boi Brilho do SESC ressignificam o modo de viver a sua condição humana de mulheres idosas na família e na sociedade, além de fortalecerem elos com suas netas e bisnetas ainda crianças e adolescentes, tão importantes para se manterem em seu contexto familiar e comunitário (RIZZINI et al., 2006).

Considerações finais

A tradição do bumba meu boi revisitada e reinventada por mulheres idosas do Boi Brilho do SESC reatualiza e preserva a prática social própria a esse coletivo geracional. Essa ação compartilhada com crianças e adolescentes representa um novo começo na tradição do bumba meu boi do Maranhão. Dançar bumba boi em um grupo criado por idosos faz com que essas mulheres boieiras lidem melhor com o seu envelhecimento e consolidem uma representação mais positiva da velhice em nossa sociedade. Também permite mostrar que o seu papel tradicional de provedoras dos cuidados com suas netas e bisnetas é um direito que se amplia para o espaço público de São Luís, além de fortalecer vínculos de amizade na família e na sociedade.

Além do mais, as idosas, as crianças e as adolescentes exercitam no grupo um cuidado consigo mesmas e um cuidado compartilhado entre elas, permeado de afetos. Para as idosas, cuidar e serem cuidadas por crianças e adolescentes suas netas e bisnetas, e das suas amigas, no espaço público, revela uma nova estratégia no seu cotidiano de participação de mulheres idosas, cada vez mais ativas e participativas nas ações duráveis desse grupo, em tempos flexíveis. Cuidar e serem cuidadas pelas idosas do grupo, suas avós e bisavós, significa para as crianças e para as adolescentes diálogo, aprendizagem, respeito, alegria, felicidade, maior aproximação entre avós e netas, bisavós e bisnetas. Essa reciprocidade geracional expressa nas apresentações mostra uma nova forma de convivência entre gerações.

Ao comunicarem a história do grupo às crianças e às adolescentes, as idosas reinterpretam e atualizam o passado no presente, reformulando o seu viver cotidiano de mulheres idosas, mães, amigas, avós e bisavós, netas e bisnetas. No agir dialogado nesse espaço de encontro e resgate de memória, essas guardiãs da tradição do grupo do SESC também repassam valores, adquirem novos conhecimentos, são respeitadas e valorizadas. Além disso, em uma forma de resistência social ao preconceito, ao desrespeito, à desigualdade e outros desafios, elas aumentam sua autoestima e melhoram a qualidade da sua vida mais alongada.

Com coragem, apesar das dores e dissabores da vida, nesse grupo, (re)apresentando-o a si mesmas e, aos outros sujeitos, as idosas revelam novas possibilidades de envelhecer e uma identidade alternativa da velhice. Expressando-se com seu corpo e o som das suas vozes, as idosas, as crianças e as adolescentes lutam pela ampliação de suas cidadanias. Nesse contexto, em que também interagem com a plateia, esses sujeitos políticos conquistam um lugar no mundo plural e comum a todos na cidade de São Luís. Atestam que o envelhecimento é, efetivamente, um processo de todas as gerações, como preconiza a ONU.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALBERNAZ, S. Mulheres e cultura popular: gênero e classe no bumba-meu-boi do maranhão. *Maguaré*, n. 24. Bogotá (CO), 2010. p. 69-98. Disponível em:

<<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/maguare/article/view/22736/23551>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

_____. LIMA, P. G. B. de. Gênero e cultura popular: relações de poder, posições e significados da participação das mulheres nos grupos de bumba-meu-boi do Maranhão. *Sociais e Humanas*, v. 26, n. 3, Santa Maria (RS), set./dez 2013, p. 489 - 508. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2836/pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

_____. LIMA, P. G; OLIVEIRA, J. M. Maracatus e bumba-bois: onde estão as mulheres? *Intratextos*. v. 4, n. 1. Rio de Janeiro, 2012. p. 181-200. Disponível em: <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2097>. Acesso em: 20 jan. 2017.

AMBROSIO, E. R. *Cuidado e família*: uma análise compreensiva do modo de caminhar a vida dos cuidadores de idosos. 2012. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>>. Acesso em: 5 jul. 2013.

ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Forense Universitária, 2002a.

_____. *Entre o passado e o futuro*. 5. ed. Trad. Mauro W.Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002c.

BRASIL. *Constituição* (1988). 14. ed. atual. pela EC 40. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL. *Lei n.º 10.741/2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. São Paulo: Ed. Escala, 2003.

_____. *Lei n.º 8069*. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 2 fev. 2016.

CAMARANO, A. A; KANSO, S; FERNANDES, D. Brasil envelhece antes e pós-PNI. In: ALCÂNTARA, A. de O; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. *Política nacional do idoso*: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 63-103.

CARVALHO, M. M. P. de. As Mulheres no Bumba-Boi: Saindo detrás das Cortinas. In: *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*. São Luís MA: Comissão Maranhense de Folclore, 1996. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/4f56733221ce61470a012f5b55f55c97.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017, p. 3.

CHAUÍ, M. de S. *Política Cultural*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

CUBA, C. de M. G. B. *Guarnicê e cidadania na amizade dos idosos cariocas e ludovicenses*. São Luís: EDUFMA, 2015.

DAMATTA, R; VASCOCELLOS, J. G M; PANDOLFI, R. *Fé em Deus e pé na tábua, ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DEBERT, G. G. *A Reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2004.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélis: o minidicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Curitiba - PR: Ed. Positivo, 2008.

FERRIGNO, J. C. Programas intergeracionais no Brasil. A terceira idade: estudos sobre envelhecimento. São Paulo: SESC. v. 22, n. 50, p. 74-91, 2011.

GOMES, M. Q. de C. Temporalidades e relações geracionais: reconstruindo a imagem. In: MOTTA, A. B. da; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. de C. (Org.). *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: UNBA, 2005. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017, p. 99-113.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo*. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 set. 2016.

_____. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, 2015. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/LinTrab/sntese-de-indicadore sociais-uma-analise-das-condies-de-vida-da-populao-brasileira-2015>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

MARANHÃO. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Complexo cultural do bumba-meu-boi do Maranhão: dossiê do registro como patrimônio cultural do Brasil. São Luís: IPHAN/MA, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/72102630/Bumba-meu-boi-do-Maranhao>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

MEIRELES, M. M. *História do Maranhão*. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

MORAGAS, R. M. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. Trad. Nara C. Rodrigues. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

MOSCOVICI, S. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NACIONES UNIDAS. Plan de Acción Internacional de Viena sobre el Envejecimiento. In: ASAMBLEA MUNDIAL SOBRE EL ENVEJECIMIENTO. Viena: Naciones Unidas, 1982. Disponível em: <http://www.msal.gob.ar/ent/images/stories/programas/pdf/2013-08_plan-accion-envejecimiento-viena-1982.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2016.

PADILHA, A. F. de S. *A construção ilusória da realidade, resignificação e recontextualização do bumba meu boi do maranhão a partir da música*. 2014. Tese (Doutorado em Música Etnomusicologia) - Universidade de Aveiro. Aveiro - PT, 2014. Disponível em: <<http://ria.ua.pt/handle/10773/13640>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

PÉTONNET, C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica: revista Contemporânea de Antropologia*. n. 25, p. 99-111, 2º sem. 2008. Niterói: EdUFF, 2009.

REIS, J. R. S. dos. *São João em São Luís: o maior atrativo turístico-cultural do Maranhão*. São Luís: Aquarela, 2003.

RIZZINI, I et al (Coord.). *Acolhendo crianças e adolescentes: experiências de promoção de direito à convivência familiar e comunitária no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF; CIESPI; Rio de Janeiro: PUC-Rio. 2006

ROZENDO, A. S; JUSTO, J. S.; CORREA, M. R. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 35-52, jun. 2010. Disponível em:
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/4857>>.
Acesso em: 4 jan. 2017.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SESC MARANHÃO. *Programa Assistência*. São Luís: SESC, [200?]. Disponível em: <<http://www.sescma.com.br/exibirPagina.php?id=143&link=-&lang=pt>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SILVA, C. B. R; FERREIRA, C. G. S. *Ressignificando fronteiras: territorialidade e identidade no Bumba-Meu-Boi do Maranhão*. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (des) igualdades, 11., 2011, Salvador. *Anais eletrônicos....* Salvador: UFBA, 2011. Disponível em:
<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/Anais/3/1307635760_ARQUIVO_ArtigoLusoAfrosemresumo.pdf>. Acesso em: 13 set. 2012. p. 1-12.

TEIXEIRA, H. M. da C. *A festa do Bumba-meu-boi da Maioba na configuração do estilo de vida e lazer*. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96054>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Echemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

A representação socioeducativa da velhice precavida

Miguel Arturo Chamorro Vergara

Introduzindo

O envelhecimento da população, crescente ano a ano, traz um rico suporte de saberes e interesses acerca dos processos através dos quais atrelam-se funções e papéis da longevidade. Esses saberes permitem que se relativize visões já condenadas, mas ainda prevalentes, sobre a velhice e as ideias de desvínculo, afastamento social e rejeição da pessoa velha por parte da sociedade. Da mesma forma, também é possível desconfiar do vitalismo, da cultura do rejuvenescimento, das possibilidades e potencial medicamentoso à disposição da velhice com promessas de frear e retardar o natural processo do envelhecimento, abrindo espaço para críticas a adoecimentos e perdas, responsabilizando os velhos por essas ocorrências, até recentemente próprias da vivência do envelhecer.

Não se têm dúvidas de que estas e outras concepções pesam nas fragmentadas ideias apriorísticas do envelhecimento, revelando-nos de fato um conhecimento complexo, mas incompleto, porque em construção, na medida em que a velhice é ressaltada pela vivência e valorizada pelo protagonismo das pessoas. O envelhecimento é, de fato, uma problemática sociocultural desafiadora, por representar uma “realidade latente” que deve ser enfrentada por cada ser humano em situação social específica, conforme D’ Alencar (2013).

Nesse sentido, toda iniciativa de procurar nas teorias do pensamento social algumas categorias de análise voltadas para

uma leitura da representação social do indivíduo que envelhece permite perceber uma perspectiva preventiva e educativa capaz de preservar, de forma íntegra, a velhice na sociedade.

Ao teorizar sobre o estado integrativo dos sistemas sociais, Mills (1960), por exemplo, levou em conta a influência da interação social entre os diferentes sistemas/ subsistemas, comunidades locais e organizações formais, além de elementos tradicionais da sociedade (como a cultura, valores, crenças) e a personalidade dos indivíduos, mostrando como esses aspectos, em conjunto, exercem um papel importante no processo de mudança do sistema social.

Acrescente-se ainda que a análise da ciência social é, também, qualificada pela qualidade e lugar do investigador enquanto integrante ou não do mundo social estudado, situação que influencia seus julgamentos, impregnados de valores, ideias, pensamentos (BASTIDES, 1974). Essa questão é também referida por Melucci (2005) quando questiona as práticas de pesquisa introduzidas com a aproximação cada vez maior do pesquisador com os fenômenos sociais com os quais está trabalhando, o que significa que o investigador partilha das práticas sociais onde a ação social de pesquisa está momentaneamente desenvolvida.

Nesse sentido, o interesse por desvendar o fenômeno do envelhecimento foca-se na verificação de como a velhice é vivenciada e representada na sociedade atual, e a partir de quais pontos de vista pode-se fazer uma leitura da pessoa que envelhece enquanto parte integrante de toda a construção e representação social.

A possibilidade de tal interpretação coloca o envelhecimento como um sistema social de caráter integrativo, na medida em que a vivência do envelhecer é construída em ambiente onde é possível o compartilhamento do processo, bem como a busca pelo protagonismo, por parte da pessoa envelhecida.

Esse pensamento concebe a importância da liberdade existencial dos atores não como um tema central nas ciências sociais, porque este encarna uma histórica discussão de interesses filosóficos, mas como liberdades que são exercidas no cotidiano, a exemplo das políticas, consumo, comodismo, práticas religiosas e culturais. Há de se entender que as liberdades sociais são limitadas na vida

moderna, embora incorporem rica trama de emancipações sociais dos indivíduos (SIMMEL, 1986).

As liberdades vivenciadas no processo do envelhecimento evocam espaço cada vez maior, tanto na dinâmica sociocultural quanto no aporte interpretativo das visões de mundo, de saberes e demandas da velhice, expressas em diferentes circunstâncias e interações, como as sociabilidades, pertencimentos, conflitos e convicções, que podem contribuir para uma ação precavida para envelhecer com qualidade de vida, o que significa educativamente processar uma conscientização do percurso vital da vida social que traz o envelhecimento urbano. A partir dessa perspectiva, será possível construir estratégias e alternativas que venham promover uma estruturação socioambiental do envelhecimento, com autonomia, capacidade ecológica e cognitiva para as pessoas que envelhecem.

Nesse sentido a ação socioeducativa valoriza o aporte dado pelas representações sociais da vida cotidiana, desde uma perspectiva crítica das relações sociais, em especial aquelas construídas pelo segmento idoso nos saberes da vida cotidiana.

Não se pode omitir, no entanto, as diferentes visões em torno da velhice que alinham uma base quase sempre generalizada, focadas nas questões de integração, doença e qualidade de vida, apontadas como situações centrais para pessoas nessa etapa da vida.

Por conta disso, toda relevância das atribuições dadas à imagem da velhice oferece influências sobre o processo em si, importando conhecer a significação dessa imagem atribuída e absorvida pelo próprio velho, em que o significante muda de acordo com interesses e possibilidades de concretude da vida em sociedade.

Nessa perspectiva interpretativa, a interioridade dos saberes da consciência social do indivíduo pode oferecer um campo de dados para análise dos conteúdos da experiência do envelhecimento social de acordo com as especificidades referenciadas do contexto sociocultural onde acontece e está inserido.

2 A representação da velhice

A representação social da velhice elucida um processo de estruturação da consciência humana, seja por diversos sentidos dos estados mentais ideológicos impostos, muitas vezes, incongruentes a vida social, adotando uma dependência e ressonância nos modos de agir e pensar da população idosa.

Infelizmente, uma representação da velhice a partir de juízos de valor que delimitam a visão da velhice para sintomas, desgaste físico, perda de capacidades motoras e mentais, cujo foco está centrado na concepção predominante da ciência médica, expressa a inevitabilidade do declínio dessas capacidades (MARCHAND, 2001). Esta perspectiva de velhice acaba determinando-a como produto biológico, em que o organismo que envelhece se transforma e vai perdendo progressivamente suas faculdades.

Ao contrário disso, quando se concebe a velhice a partir do meio social onde ela ocorre, tenta-se levar em conta fatores pessoais e sociais do ambiente históricosocial em que vive a pessoa, e as possíveis influências dessa interação entre o indivíduo e seu meio (GUBRIUM, 1972). Abordar uma perspectiva sociocultural na questão do envelhecimento envolve um conjunto de significados utilizados pelos grupos sociais sob diferentes aspectos. Não se têm dúvidas de que o significado de ser velho tem levado em conta ideias, conceitos e valores simbolicamente construídos pelos grupos sociais, tendo em vista os diferentes momentos históricos e as diferentes sociedades. Essa compreensão favorece o repúdio à velhice, considerada sempre propensa a doenças, à dependência de remédios, médicos e cuidadores e, mesmo, ao pouco interesse pela vida.

No entanto, por outra parte, nas liberdades individuais estabelecem vínculos e sociabilidades dotadas de sentimentos para satisfazer necessidade de comunicação, gerando um processo de identificação social de pertencimentos. É positiva a potencialidade do vínculo social na velhice, motivando-a à construção de um processo de identificação e auto-organização social. As formas de sociabilidade, segundo Gurvitch (1941), estimulam as consciências sociais a prever necessidades de ações coletivas, porque existem desejos individuais que convergem para interesses comuns e coletivos.

Essa forma de interação social voluntária gera um processo espontâneo de consciência social, promovendo um pluralismo de significados estimulados por símbolos, ideias e valores que o psiquismo humano lhes atribui e que se revelam nas demandas e acordos humanos. Numa sociabilidade, estabelece-se um processo enriquecedor de interiorização humana, que pode revelar uma dimensão ainda desconhecida da vida social, vivenciada através de envolvimento e da convivência.

Embora seja real o despreparo da sociedade para viver e conviver com a velhice, têm crescido tentativas de auxílio a quem se aproxima desse estágio, de modo a enriquecer-se sem diminuir-se enquanto ser humano que consegue viver mais. Ainda assim, a sociedade ainda não se acostumou com a ideia de que é necessário pensar e planejar o envelhecimento. Vive-se o despreparo, a recusa, a negação do próprio envelhecimento, atitude que reflete a imagem ainda negativa associada à velhice.

Inserir a representação social como possibilidade de compreender o processo do envelhecimento, é considerar, em primeiro lugar, que o comportamento humano envolve componentes sociais, além do que a representação que um grupo elabora sobre o que deve fazer para criar uma rede de relações entre seus componentes exige a definição de objetivos comuns e procedimentos específicos. Em segundo lugar, compreender que a noção de representação social, além de ter sido fundante no desenvolvimento da sociologia e antropologia, trouxe como categoria de análise um conhecimento socialmente elaborado, utilizado para descrever as respostas sociais dos indivíduos, assim como as crenças e significados que emergem das interações cotidianas que lhes são significativas.

O conceito de representação social, de Emile Durkheim, já esquecido para muitos autores, vem sendo utilizado amplamente nas ciências humanas, desde Serge Moscovici, nos anos sessenta do século passado, que o deslocou da órbita da sociologia para deixá-lo gravitar na da psicologia social. Moscovici (2001) questiona a separação do individual e do coletivo feita por E. Durkheim e, de alguma forma, contestando a divisão entre o psíquico e o social, elabora a interseção indivisível dessas duas dimensões. A representação social é, então, compreendida como uma

organização de imagens e de linguagem que simboliza atos e situações de uso comum. Como afirma Farr (1995, p. 37), a teoria da representação social “é uma forma sociológica de psicologia social”.

No contexto contemporâneo da sociedade, os aportes da psicologia social¹ trouxeram importante contribuição no que diz respeito a teorizações metodológicas através de um corpo de ideias e procedimentos que ampliam a leitura das relações sociais, a partir das subjetividades socioculturais. Esta ferramenta permite explorar o mundo social mas, em especial, o mundo das percepções dos sujeitos, com seus comportamentos e atitudes na dinâmica da vida, o que sugere a necessidade de apreender as suas diferentes formas de representação, situando-as em uma metodológica precavida, para possibilitar uma estruturação social do envelhecimento sem determinismo. Essa metodologia é uma ação interativa propícia a precaver a vida social do indivíduo que envelhece sob pressões históricas da sociedade quanto estrutura social que aprisiona e limita sua autonomia, fazendo perder sua liberdade e qualidade de vida.

A busca pelo significado do envelhecer deve considerar ideias, conceitos e valores construídos simbolicamente por diferentes grupos, em diferentes contextos históricos.

Numa abordagem integral do envelhecimento, responder aos fatores de desengajamento ou afastamento do indivíduo, colocando-o como um ator passivo, sem explorar os motivos de tal afastamento da estrutura social, significa limitá-lo a perda de papéis, tornando seus conhecimentos obsoletos. Não se pode desconsiderar que esses fatores expressam situações sócio-históricas da vida cotidiana que permitem reconhecer a influência de elementos contextuais como obstáculos, limitações e desafios que exigem interpretação mais aprofundada das subjetividades da velhice.

Entretanto, para aceder ao conteúdo subjetivo e às características comportamentais desses atores sociais, é preciso instrumentalizar a representação construída do envelhecimento, enriquecendo-a com suportes teóricos, refinando o campo metodológico do sistema social onde se encontra a velhice.

Partindo dessa premissa, as representações do envelhecimento enquanto fenômeno humano expressam-se nos espaços de convívio e de participação na vida social. Beauvoir (1990) explica que a velhice precisa aprender a lidar com sua imagem, às vezes incerta, confusa e contraditória, situada dentro de uma problemática complexa, em que cada indivíduo, ao assumir seu destino, traz à reflexão o sentido que confere à própria existência.

O envelhecimento não pode ser reduzido a meras visões ideológicas, incluindo um conceito abstrato criado no início do século XX – a terceira idade –, o qual configura um discurso dominante como problema social, sendo a idade de 60 anos o critério de classificação para fixar a decadência humana. Contrariamente a isso, a iniciativa de desconstrução que trabalha a ideia de percurso e descontinuidade da vida madura visando uma auto-organização valoriza as trajetórias individuais e coletivas dos cuidados. Sobretudo, enfatiza práticas socioeducativas capazes de ser transmitidas às gerações seguintes para a continuidade da vida (BERGER; LUCKMANN, 1999).

A representação da velhice convive com atribuições significativas em torno de um sistema de convenções inserido em determinada cultura (D'ALENCAR, 2013), portanto, em situações específicas, determinadas, e em interações sociais as mais diversas. Essa vivência realça a necessidade do exame das liberdades de escolha do sujeito em torno das possibilidades e limitações a serem enfrentadas, da mesma forma que realça também a flexibilidade e pluralidade identitária de ser velho. O que d'Alencar revela interessante levar em conta é que:

[...] o problema com a velhice não é a velhice em si, mas a maneira como o próprio idoso e os outros se colocam perante ela: o idoso se vê e é visto em lugar onde seus projetos já foram realizados ou estão abandonados. E todos sabemos que, sem reconhecer o valor da existência e os aspectos da condição humana, não é possível compreender a velhice, em especial quando ela perde o poder de reivindicação e o poder de exigir o cumprimento daquilo que é de direito: respeito, dignidade, cidadania (2013, p. 51).

Essa dinâmica das ressignificações da velhice e do ser idoso num mundo contemporâneo representado traz um cenário complexo de restrições e possibilidades oferecidas no processo estrutural da sociedade em que regras e normas imposta, conforme Durkheim (1960), pautam uma vida social regida, gerada por uma ordem externa ao indivíduo para exercer o caráter impessoal da suas liberdades e decisões. Por conseguinte como superar as atitudes e modelos de velhices pautados, padronizados da sociedade que auxilia a domesticação da formação da sua imagem?

Por isso, ao observar o mundo social em torno da construção da imagem da velhice, pode-se afirmar que a representação social reduz as individualidades e singularidade dessa velhice, considerando que a vida social é normatizada, reprimida pela regra, como afirma Durkheim:

Mesmo estando de acordo com sentimentos que me são próprios, sentindo-lhes interiormente a realidade, esta não deixa de ser objetiva: pois não fui eu quem os criou, mas recebi-os através da educação. Contudo quantas vezes não ignoramos o detalhe das obrigações que nos incumbe desempenhar e precisamos para sabe-lo consultar o código e seus intérpretes autorizados. Assim também o devoto ao nascer encontra prontas as crenças e as práticas da vida religiosa, existindo antes dele porque existem fora dele. O sistema de sinais que me sirvo para exprimir pensamentos, o sistema de moedas que emprego para pagar as dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo nas relações comerciais, as práticas seguidas na profissão etc, etc. Funcionam independentemente do uso que delas faço.... Estamos pois diante de maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais (DURKHEIM, 1960, p. 2).

A explicitação focada na origem social proveniente de esquemas de pensamento, de percepção e ação, estabelece uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas simbólicas dos indivíduos, por meio das quais é visualizado o processo de assimilação das representações coletivas. Nesse sentido, a liberdade do envelhecer está representada no determinismo estrutural da sociedade, que institucionaliza ações reguladoras para o envelhecimento.

Esse processo estruturante da sociedade, ao assimilar o capitalismo como sistema socioeconômico, segundo Karl Marx, contribuiu expressivamente para restringir as liberdades, ao não considerar os indivíduos como pessoas concretas e, sim, como entes abstratos como comprador, vendedor, empregador e empregado. Nessa concepção, o homem deve ser visto de acordo com suas condições e situações sociais, já que produz sua existência em grupos pertencentes a classes sociais, a exemplo da burguesia/ operariado. Levando-se em consideração que a liberdade é uma realização autônoma da autoconsciência do homem, a luta pela liberdade é uma ação emancipadora, ante os limites propostos pela burguesia, com restrições da vida humana, seja pela jornada de trabalho, seja pelo regime assalariado.

Entretanto, as restrições na vida social a partir das motivações individuais como afirma Max Weber (1979) não condicionam o ato de comunicar, permitindo ao indivíduo emancipar-se na relação com os outros, escolher a ação social que lhe convém, por seus comportamentos e condutas, dependendo das situações apresentadas no momento.

O envelhecimento representado tem essa dinâmica em que o sujeito que envelhece projeta-se no objeto das suas vivências, e não meramente nas ideias da velhice padronizada. É indiscutível que o indivíduo só pode ter reconhecimento porque ele mesmo conta sua trajetória de vida.

Quando esse indivíduo passou a morar na cidade, o cenário do envelhecimento é urbano, e o processo de agregação a multidões se manifesta, segundo Simmel (1986, p. 2), da seguinte forma:

El tipo del ciudadano - que se manifiesta naturalmente en una multitud de formas individuales - crea para sí mismo un órgano de protección contra el desarraigo con que lo amenazan la fluidez y los contrastes del medio ambiente; reacciona ante ellos no con sus sentimientos, sino con su razón, a la cual la exaltación de la conciencia - y por las razones mismas que la hicieron nacerle confiere primacía; así, la reacción a los fenómenos nuevos se ve transferida al órgano psíquico menos sensible, el más alejado de las profundidades de la personalidad.

Vê-se o desafio de abordar a vida subjetiva em relação à convivência cotidiana, relações e reações entre homens, ambiente e coisas. Uma das possibilidades é situar a representação social no contexto da dinâmica interativa entre pessoas idosas e suas sociabilidades, construídas pela espontaneidade dos desejos e operações mentais, fundamentais para o entendimento do processo comunicativo do indivíduo no seu cotidiano, elementar para toda a sociedade.

Simmel nos coloca frente a essa liberdade conquistada pelos indivíduos

Los problemas fundamentales de la vida moderna provienen del hecho de que el individuo anhela a cualquier precio —ante las fuerzas aplastantes de la sociedad, de la herencia histórica, de la civilización y de las técnicas— preservar la autonomía y la originalidad de su existencia: último avatar del combate contra la naturaleza que el primitivo debe entablar para asegurar su sobrevivencia física. El siglo XVIII pudo apelar al hombre a que se liberara de todos los vínculos tradicionales (en el Estado y la Religión, la Moral y la Economía) a fin de que se desarrollara sin trabas su naturaleza, originariamente buena e idéntica en todos; el siglo XIX pudo a su vez proclamar, al lado de la libertad, el carácter único de cada hombre y de sus actividades, mediante la división del trabajo que hace al individuo irreductible a los otros e irremplazable en la medida de lo posible, pero que lo hace, simultáneamente, depender de sus semejantes; Nietzsche, en fin, pudo ver en la lucha más desenfrenada de cada uno contra todos —o el socialismo pudo ver en la supresión de toda competencia— la condición del desarrollo completo de la persona; en todos esos esfuerzos se manifiesta el mismo tema fundamental: la resistencia del sujeto, que siente la amenaza de ser nivelado y usado por un mecanismo a la vez social y técnico (SIMMEL 1982, p. 1).

Quando o envelhecimento se organiza em direção ao aprendizado da maturidade, o indivíduo é comunicado sobre os assuntos de um sistema social vivo, de práticas comuns, de maneiras de envelhecer consciente, daquilo que faz parte de nós e ocorre com a chegada da velhice.

Assim, as velhices concebidas enquanto construções sociais comunicam seu processo situacional, relacional, contextual e trazem uma crítica ao sistema ainda prevalecente que, na sua pretensão racionalista, mecanicista e positivista não ressaltam em

profundidade as nuances das intersubjetividades, dentre as quais a exposição das liberdades de escolhas dos indivíduos para ser e viver o curso da própria velhice.

Esta é uma das riquezas da representação social, porque traz nas dimensões do mundo interativo a convivência da realidade subjetiva e da ação significativa da interação. Em termos ideais, especialmente para esse segmento etário, tanto a liberdade, como a independência e a autonomia, que Debert (1999, apud BARROS, 2011) chamou a reprivatização da velhice, correspondem à responsabilização que tem o indivíduo com o seu próprio bem-estar e autocuidado. Na interação com o ambiente social, os indivíduos se reapropriam da realidade de forma criativa, impondo maneiras de viver a vida através de táticas, estratégias e improvisações, de acordo com as circunstâncias (CERTEAU, 1998).

A velhice, por ser uma experiência heterogênea e comum, tem diversos repertórios, levando-se em consideração as crenças dos indivíduos. Para Goffman (2001), as representações permitem examinar uma dramaturgia da vida social a partir da crença do indivíduo na impressão da realidade social. O indivíduo é, para esse autor, um ator social que encena, apresenta a realidade e pode fabricar ou remodelar situações sociais de interesse. A relevância da representação dos atores está diretamente ligada ao conteúdo da interação realizada. Conforme o autor, “um indivíduo pode estar convencido de seu ato ou ser cínico a respeito dele” (GOFFMAN, 2001, p. 27). Nesse sentido, a representação social do indivíduo adquire importância quando é possível avaliar os papéis sociais que este exerce e dá a conhecer.

O drama da velhice é que ela não apenas enfatiza o recalque social de estar ou sentir-se velho, ou de ser visto e tratado como decadente ou inútil, mas reflete uma representação negativa. Milene (2008), ao desenvolver estudo com mulheres idosas, explorou os conteúdos negativos e percebeu o discurso significativo do medo, da solidão, do choro e das emotividades expressas nas experiências distintas da vida cotidiana. Essas emotividades mostram como, na pluralidade e diversidade das representações, os pensamentos, as emoções e sentimentos de outros se assemelham aos nossos. Nesse sentido, a dimensão emocional do ser humano, conforme

Goleman (2001), exerce uma força interior significativa à vida. Por isso, o conteúdo dos nossos sentimentos e anseios é essencial para o reconhecimento da vivência cotidiana, sobretudo em situações de perigo e desafios enfrentados.

As emoções desempenham funções concretas, preparam o corpo para diferentes respostas, tais como a raiva, o medo, a felicidade, o amor, os sentimentos de afeição, surpresa, tristeza, todos intrínsecos à sobrevivência humana. As sensibilidades humanas, nas dimensões do mundo social, refletem encontro e partilha com nossos semelhantes, quando trocamos experiências pessoais e coletivas. Nas palavras de Schutz (1979, p. 33),

...En cambio en la vida cotidiana, cuando comparto, por motivos pragmáticos comunes, encuentro listas las construcciones y presupongo que puedo captar los motivos de mis semejantes y comprender adecuadamente sus acciones para todos los fines prácticos.

O reconhecimento das representações sociais como um sistema de interpretação da relação do indivíduo permite observar suas ligações e transformações sociais (JODELET, 2001). Como diz essa autora,

de fato representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma idéia, uma teoria, etc. Pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é necessário. Não há representação sem objeto (JODELET, 2001, p. 22).

Este significativo pensamento da autora realça a valorização da dinâmica social que sustenta a representação social, sendo ambas fenômenos de aderência às formas de pensamento dos indivíduos, ou do grupo a que pertencem, seja pelas solidariedades ou pelas afiliações sociais. Este caráter prático da representação assinala sua força na ação e relação do mundo social, sobretudo na apresentação e reconstrução do objeto, formas de saber, suportes de linguagens, discurso, imagens, crenças, elementos culturais, dentre outros.

As representações dominantes das ideologias construídas sobre o envelhecimento passam pelas mentalidades das velhices bem-sucedidas, excluindo-se as doentes, inúteis, consumistas, assim como seus sonhos, reconstruídos a partir da reformulação do curso de vida, em resposta a desejos postergados, ou liberdades reprimidas.

Em função disso, torna-se imprescindível verificar na representação das velhices no sistema social a relação institucionalizada ou padronizada que a sociedade estabelece sobre as representações do envelhecimento na velhice das pessoas.

Em autores como Mills (1960), encontra-se uma leitura do sistema social no que se refere à capacidade dos indivíduos em representar no ambiente onde estão inseridos, fazendo-os integrantes do processo de participação social. Do ponto de vista desse autor, a ação social tem sua importância para a melhoria da qualidade de vida de pessoas, especialmente as de classes sociais menos favorecidas. Para ele, a sociedade é formada por sistemas e subsistemas, que vão proporcionar às pessoas, de um modo geral, uma qualidade melhor de vida através de diferentes buscas, levando em consideração a influência da cultura na sociedade. Com esse sistema estrutural-funcional, é possível analisar os valores partilhados e interiorizados pelos velhos, quando padrões socioculturais intervêm na suas representações.

Também essa dinâmica está atrelada à sociabilidade, estimulada pelas aproximações e interações, prontas para estabelecer as necessárias convergências de trocas, de valores, de emoções. Integração, pertencimento e interação são ingredientes importantes no processo do envelhecimento ativo, capaz de proporcionar autonomia e preservação das capacidades cognitivas e físicas.

Na visão de Schutz (1979), este processo interativo leva o sujeito à apreensão e socialização através de experiências dentro de um mesmo ambiente vivido por outros, conferindo-lhe um estoque de conhecimentos construídos a partir da intersubjetividade.

Essas contribuições das ciências sociais na questão do envelhecimento destacam o velho enquanto sujeito que tem papéis e funções sociais, está inserido em contextos de culturas específicas, convive com outros sujeitos no mesmo ambiente,

participa, interage, e se constitui em sujeito de ação, em autor da própria vida. O requerimento por qualidade de vida, pela preservação da capacidade física e cognitiva, requer também que condições sejam disponibilizadas e acessíveis à população envelhecida, estimulada a lutar por direitos. Assim este sujeito do campo da pesquisa social: como é a vida cotidiana do “idoso” e o exame que nos empenhamos a fazer do seu envelhecimento traz um campo amplo e diverso de interesse empírico, situando num dos fenômenos sociais observáveis da Sociedade.

3 Ação socioeducativa na velhice – intervenção “precavida”

Todo processo de envelhecimento requer interação constante com o ambiente social e representa possibilidades da vida que desejamos levar em nosso cotidiano. Nessa procura, é possível situar metodologicamente a vivência precavida voltada para a velhice como uma forma preventiva e intersubjetiva, e uma alternativa socioeducativa de interação entre idosos e não idosos, residentes em diferentes bairros e espaços sociais da vida urbana a participarem de saberes e conhecimentos de autocuidado da velhice disponibilizados por iniciativas voluntárias de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, de orientações de educador físico, sociais, nutricionistas e dos próprios saberes de idosos para propiciar um processo de estruturação benéfica para sua velhice.

Este processo está encarnado dentro da perspectiva sociocultural da pessoa, funcionando na base dos significados das representações dos indivíduos. Parte-se da escolha da estratégia espacial constituída por um segmento social constituído por sociabilidades, afetos, interesses comuns através da formação de grupos pequenos na vida social onde interage uma faixa etária variável de idade: jovens, adultos e idosos.

Esses grupos pequenos são convidados a vivenciar o enfoque precavido da velhice nessa perspectiva intergeracional, propiciando

atividades coletivas de conscientização a respeito do autocuidado do envelhecimento social.

A vivência da velhice precavida anima e motiva o potencial de cada idoso que integra o grupo, explorando habilidades e reforçando no indivíduo o sentido da vida, escrevendo, pintando, criando, trabalhando, partilhando, celebrando, exercitados no seu próprio tempo, na sua cotidiana rotina, como forma de reconhecer-se e ser reconhecido redescobrimdo, no processo existencial, as possibilidades da disposição e limitações no ser humano, em que a vida acrescenta coisas a realizar, criando um sentimento profundo do vivido, revivido e ainda por viver.

Por outra parte, as emotividades do corpo social empreendidas em sociabilidades dos espaços da escola, das igrejas, das associações, assim como na vizinhança do bairro, amigos, família etc. permitem partilhar e conviver com demandas de uma sociedade em conflitos com a pessoa idosa.

A ação socioeducativa precavida é um procedimento metodológico voltado a interagir nesses grupos pequenos nos quais há *pessoas envelhecidas e não envelhecidas* de diversas condições e categorias sociais do espaço social urbano para estimular a vivência e os significados de um envelhecer participativo a partir de saberes locais e conhecimentos interdisciplinares que aportam a problemática da velhice.

Entre as demandas de uma velhice precavida estão aquelas atreladas ao corpo-saúde, à cultura e pertencimento ao ambiente social, mantendo relações socioafetivas e nelas transmitindo saberes e conhecimento de autocuidado. O envelhecimento traz consigo um complexo processo de desgaste corporal, de medos de doenças crônicas e, com elas, a dependência de consumo de medicamentos, de assistência médica constante e dependências de outras pessoas inclusive para deambular. Essas situações têm repercussões importantes nas relações socioculturais, pois interferem na longevidade e comprometem a qualidade de vida.

Nesse sentido, a busca da qualidade de vida na velhice exige mudança das percepções dos problemas da realidade da velhice para uma autoafirmação e integração social. Por isso a necessidade de inserir na dinâmica desses pequenos grupos sociais os saberes

do envelhecimento para serem integrados às relações sociais, culturais e afetivas, com liberdade de escolha. Nesse sentido, no Precavida, são os indivíduos que escolhem o que desejam fazer.

É necessário compreender e apostar nos ambientes sociais promovidos por estes pequenos grupos, pois representam o microcosmo da sociedade, uma miniatura de leitura da sociedade (MILLS, 1960). Este foco de interesses pelas relações sociais íntimas dos agrupamentos da sociedade são sistemas sociais de interação grupal e satisfaz, muitas vezes, as necessidades de seus membros de maneira imediata.

Essas razões colocam a velhice e o envelhecimento num campo de oportunidades para o relacionamento com o outro, com o diferente, gerando múltiplos processos de interação. Nesse campo de discussão, o Precavida explora, nesses grupos, os desejos, os sentimentos, as preocupações e, sobretudo, as sabedorias do envelhecer desde um olhar integrativo de todo o sistema social.

Basicamente a vivência precavida funciona através de encontros interativos de caráter socioculturais, motivados por atitudes restauradoras de cuidados com a vida humana, descobrindo a importância do cuidado individual para cuidar do corpo, dos alimentos locais, dos remédios caseiros apropriados e nutritivos, saberes importantes e oportunos da velhice a serem identificados e socializados.

A troca de saberes é abordada a partir de um esquema de três eixos temáticos como: Corpo/Mente/Espiritualidade, que formam um triskle que integra e liga todas as atividades e ações a serem realizadas pelas pessoas.

O corpo. O participante trabalha uma atividade física em grupo, portanto, coletivamente, aprendendo os exercícios baseados em alongamento dinâmico, permitindo desenvolver conhecimentos acerca da importância funcional do corpo, fáceis, simples, capazes de serem realizados em suas próprias casas. São auxiliados com apoio de técnicas corporais estimuladas com bolas de diferentes tipos, bastão com peso, aros de plásticos, cordas, fitas elásticas, cones, bambolês, material acessível para desenvolver um conjunto de exercícios coordenados. São executados os movimentos com acompanhamento de educador físico e instrutor, com aquecimento

prévio. Os exercícios e os movimentos são direcionados para a capacidade neuromuscular e cardiovascular, bem como para o aumento da mobilidade articular e de amplitude de movimento angular. Esses exercícios do corpo fortalecem os braços, as pernas e as costas.

A mente. O participante concentra-se na assimilação das informações e conhecimentos sobre temas de interesses atrelados à saúde, à educação alimentar/nutricional e ao uso do tempo livre com atividades de gosto pessoal auxiliado por saberes partilhados dos próprios membros, complementados com palestras, textos, apostilas e oficinas de conhecimentos específicos. Os membros do grupo compartilham diversos domínios de fazeres, como técnicas artesanais, culinárias, decorativas, pintura, jardinagem.

A espiritualidade. Baseada na disposição solidária de cuidado e proteção entre os pares. Aproveita a liberdade religiosa como parte integral de cada um e discute a necessidade de respeito e convivência pacífica, fomentando a solidariedade, indo de encontro a um mundo egoísta, consumista e individualista. Com a realização de atividades integrativas, visitas domiciliares encontros-jornada, passeios, celebrações, meditação reflexiva, orações, tenta-se reforçar a partilha coletiva, ressaltando a pedagogia do próximo.

Uma ação integrativa, como propõe ser o Precavida, trabalha para desconstruir a associação padronizada da velhice, circunscrita apenas às limitações, focada apenas em perdas, em problemas, esquecendo outras potencialidades das pessoas incluídas nessa etapa da vida. O Precavida prega uma vida social mais íntegra à cultura da velhice.

Considerações

No decorrer deste texto, tentou-se fazer uma reflexão em torno do fenômeno social do envelhecimento, envolvendo uma perspectiva interativa das representações em torno da velhice, sinalizando projetos de cursos de vidas, traçando a sociabilidade enquanto trilha para explorar os saberes e significados da população que envelhece, dentro de uma concepção sistêmica da vida, podendo

chegar à melhoria da saúde e da qualidade de vida, a partir de retomada de hábitos de responsabilidade pessoal de autocuidado (CAPRA, 2006). Isto faz da velhice um organismo vigoroso que precisa ser preservado.

Esse processo representa um movimento simultâneo como alternativa de mudanças para a compreensão das velhices, provocado pela experiência de integração que promove em cada participante, potencializando a superação da solidão, fortalecimento de vínculos afetivos, sobretudo pelo desamor e ausência de admiração social para com a figura da velhice.

Referências

BASTIDES, Roger. *Sociologia e Psicanálise*. São Paulo. Ed. Melhoramentos USP, 1974.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDEMBERG, Mirian (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011, p. 45-64.

CABRAL, Benedita E. S. Lima. Solidariedade Intergeracional: uma experiência dos grupos de convivência de idosos. In: *Especiaria* – UESC, ano IV, n. 7, jan./jun, 2001, p. 25-44.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COUTO, Raquel. Independência e autonomia de velhos que moram sozinhos. *Memorialidades*, n. 19, 2013, p. 119-126.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. Envelhecimento ativo e vida social precária: exclusão ou paradoxo de nosso tempo. In: CURY, Mauro José F; OLIVEIRA, Rita de Cássia da S; COENGA, Rosemar E. (Org.). *As interfaces da velhice na Pósmodernidade – avanços e desafios na conquista da qualidade de vida*. Cascavel, Edunioeste, 2013, p. 45-58.

DEBERT, Guita. Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre experiência de envelhecimento. In: *BIB–Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, ANPOCS, n. 33, 1992.

DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. Iniciação científica. 2. ed. Volume 15, São Paulo: Companhia, 1960

_____. *Sociologia e filosofia*. São Paulo: Ed. Forense, 1970.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUBRIUM, J. F. *Toward a socio-environmental theory of aging*. In: *The Gerontologist*, 12, 1972. p. 281-284.

FARR, Rob. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P. A; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 31-59.

FREITAS, M. C; QUEIROZ, T. A; SOUSA, J. A. V. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 407-12, 2010.

GOLEMAN. Daniel. *Inteligência Emocional*. Rio Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

GURVITCH, Georges. *Las formas de la sociabilidad* - ensayos de Sociología. Trad. Francisco Ayala. Editorial Losada, Buenos Aires, 1941.

JODELET, Denise. *As representações sociais*: um domínio em expansão. Rio Janeiro, UERJ, 2001. p. 17-42.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Lisboa, Edições 70, 1978.

MARCHAND, Helena. *Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto Editora. 2001.

MAFESSOLI, Michel. *A transfiguração do Político*. Rio janeiro: Editora Sulina, 1997.

_____. *Elogio da razão sensível*. 2. ed. Rio Janeiro: Vozes, 2001.

MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia: introdução à sociologia do conhecimento. Rio Janeiro, Fundo de Cultura Geral, v. 4, Globo, 1956.

MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva*: pesquisa qualitativa e cultura. Rio Janeiro: Vozes, 2005.

MILLS, M. Theodore. La sociologia de los grupos pequeños. In: PARSONS, Talcons (Comp.). *La Sociologia Norteamericana contemporânea*. v. 46, Biblioteca de Psicologia Social y Sociologia, 1960.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas as Representações sociais: elementos para uma história. In: Representações Sociais. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001, p. 45-66.

MOTTA, Alda Brito da. Visão antropológica do envelhecimento. In: Py, L. Freitas, E. V. et al. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p.78-82.

OLIVEIRA, Kadja. O drama da velhice e o papel do grupo de convivência na sociabilidade humana. In: *Memorialidades*, dossiê Sociabilidades na Velhice. Ilhéus – Bahia: Editus, 2008, p. 279-302.

OLIVEIRA, Rita de Cássia; SCORTEGAGNA, Paola; OLIVEIRA, Flavia. Educação e cultura: perspectiva para o empoderamento do idoso. In: D'ALENCAR, Raimunda Silva; POMPEO, Wagner. *A cidadania na perspectiva da velhice*. Ilhéus: Editus, 2016, p. 257-282.

SIMMEL, George. Las grandes ciudades y la vida del espíritu. *Cuadernos Políticos*, n. 45, México D.F. Ed. Era, enero-marzo, [1903](1986), p. 5-10. Disponível em: <<http://www.cuadernospoliticos.unam.mx/cuadernos/contenido/CP.45/45.3.GeorgSimmel.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

_____. *Philosophy of money*. Londres: Routledge, 1990.

_____. *El individuo y la libertad*. Barcelona: Península, 1986.

SCHUTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. In: WAGNER, Helmut R. (Org.). *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologias*. Rio de Janeiro, JC, 1979.

SOBRE OS AUTORES

Alba Beneméríta Alves Vilela - Enfermeira e Comunicadora Social, é doutora em Enfermagem, professora plena do Departamento de Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora e integrante do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

Amanda Dias Vieira - Bacharel em Direito, formada pela Faculdade de Direito de Santa Maria – FADISMA. Advogada na cidade de Santa Maria-RS. Pós-graduanda em Direito Público pela Escola Superior da Magistratura Federal (ESMAFE-RS). *E-mail:* <advamandadias@gmail.com>, <amandadiasvieira@live.com>.

Andréa Evangelista Lavinsky - Mestra em Enfermagem. Professora Assistente do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento/DFCH-UESC. *E-mail:* <aelavinsky@uesc.br>.

Ariadne Nascimento Santos Enfermeira. Residência em cardiovascular no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Rio de Janeiro, RJ. *E-mail:* <ariinascimento@hotmail.com>.

Aline Ângela Victoria Ribeiro - Mestranda em Estudos Culturais na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). *E-mail:* <aline.avribeiro@gmail.com>.

Benedita Edina da Silva Lima Cabral - – Pós-doutora em Ciências Sociais, professora associada da Universidade Federal de Campina Grande (PB), Fundadora e membro do Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade da UFCG, autora de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais, capítulos de livros e artigos em anais de eventos. Parecerista *ad hoc* em periódicos das ciências

humanas e envelhecimento. *E-mail:*
<beneditaedina@yahoo.com.br>.

Cristiane Redin Freitas - Professora Dra. do Departamento de Psicologia da UNISC. Integrante dos grupos de pesquisa: “Realidade, Exclusão e Cidadania na Terceira Idade” e “Ideologia, Comunicação e Representações Sociais”. *E-mail:*
<cristianefr@unisc.br>.

Claudia Ribeiro Santos Lopes - Graduação em Ciências Contábeis. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). *E-mail:* <clopesuesb@gmail.com>.

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba - Assistente social, professora da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. *E-mail:* <cmgoul@gmail.com>.

Flávia Oliveira Alves da Silva - Advogada. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas. Doutoranda em Ciências Jurídicas da UBA. Coordenadora do Curso de Direito da Faculdade União. *E-mail:*
<flasoliveira@uol.co.br>.

Hernane Borges de Barros Pereira - Bacharelado em Desenho Industrial. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). *E-mail:* <hernanebbpereira@gmail.com>

Ivone Félix de Sousa - Professora. Mestre em Psicologia, Universidade Católica de Goiás (UCG). Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Psicopatologia Clínica e Psicologia e Saúde (NPPS) do Departamento de Psicologia da PUC/Goiás. *E-mail:* <ivonefelixsousa@gmail.com>.

Juliana Eisenhardt - Acadêmica do Curso de Psicologia da UNISC. *E-mail:* <julianaeisenhardt@hotmail.com>.

Josiane Bonvolini - Educadora Física. Aluna do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento e Saúde do Idoso da UCS. *E-mail:* <josibovoline@gmail.com>.

Kátia Ramos Silva - Doutora em Sociologia – PPGS/ UFPB. *E-mail:* <katya6@gmail.com>.

Larissa Cole - Aluna do curso de Psicologia da PUC Goiás. *E-mail:* <cissacolle@gmail.com>.

Lucas Silveira Sampaio - Bacharel em Fisioterapia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). *E-mail:* <lucaosampaio@hotmail.com>.

Marli Bueno de Castro - Professora. Mestre em Psicologia (UCG). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Psicopatologia Clínica e Psicologia e Saúde (NPPS) no Departamento de Educação e de Psicologia da PUC Goiás. *E-mail:* <marlibueno@hotmail.com>.

Miguel Arturo Chamorro Vergara Sociólogo e Antropólogo. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Pesquisador do Núcleo de Estudos do Envelhecimento. *E-mail:* <mikevergara@hotmail.com>.

Monique Borba Cerqueira - Doutora em Políticas Sociais e Movimentos Sociais, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC/SP; Mestre em Sociologia, UNICAMP; Pesquisadora Científica do Instituto de Saúde/ SP. *E-mail:* <moniqueb@terra.com.br>.

Silvia Virginia Coutinho Areosa -. Professora, Dra. do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional da UNISC. Líder do grupo de pesquisa “Realidade, Exclusão e Cidadania na Terceira Idade”. *E-mail:* <sareosa@unisc.br>.

Raimunda Silva d’ Alencar - Profa. Assistente do DFCH. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento.

Universidade Estadual de Santa Cruz. *E-mail:*
<r_alencar2@yahoo.com.br>.

Wanny Carolie Teixeira Nunes - Aluna do curso de Psicologia da PUC Goiás *E-mail:* <wannycaroline123@gmail.com>

Paola Andressa Scortegagna - Mestre e Doutora em Educação. Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *E-mail:* <paola_scotergagna@hotmail.com>.

Rita de Cássia da Silva Oliveira - Pedagoga e Gerontóloga. Doutora em Educação. Coordenadora da Universidade Aberta para a Terceira Idade na UEPG. Professora do mestrado e doutorado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Pesquisadora Produtividade do CNPq. *E-mail:* <soliveira13@uol.com.br>.

Talita Machado Levi - Doutora em Medicina em Saúde Humana. Professora Assistente do Departamento de Ciências da Saúde. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento/DFCH. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, Bahia. *E-mail:* <talita_uesc@hotmail.com>.

Talita Santos Oliveira Sampaio - Bacharel em Fisioterapia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). *E-mail:* <talitafisio@gmail.com>

Vania Herédia - Doutora em História Econômica pela Universidade de Gênova. Professora Titular no Centro de Ciências Humanas e da Educação. Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul, RS. *E-mail:* <vheredia@terra.com.br>.

Wagner Augusto Hundertmarck Pompéo - Bacharel em Direito, especialista em Ciências Penais, pós-graduado em Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Maria (RS). Mestre na área de concentração em Direitos Emergentes na Sociedade Global, professor de graduação e do Programa de pós-graduação da

Faculdade de Direito de Santa Maria FADISMA, RS. *E-mail*:
<wagner@fadisma.com.br>.

Notas

Apresentação

1. TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da C. Apresentação – Velho outro? In: _____ (Org.). **Nós e o outro:** envelhecimento e reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. 290p.



Semânticas do envelhecimento – modos de envelhecer nos anos 70

1. Fonte: PubliAbril, disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>>. Acesso em: 4 set. 2016.
2. Entre janeiro de 1970 e dezembro de 1979 foram publicadas 514 edições. Aqui utilizamos 10 reportagens de 10 edições diferentes, representando cerca de 5% das edições da revista na década em questão (ANEXO A). Ressalta-se que o que se publicou sobre velhos, velhice, envelhecimento e terceira idade foi pouco representativo na comparação com o número de edições publicadas na década de 70.
3. O sonho da realização e satisfação pessoal tem passado por uma série de desafios, como a pedagogização do envelhecimento que tem tentado conduzir a questão de “como deve ser a experiência de ser velho e o que fazer depois dos sessenta”, o que tem levado à uniformização de condutas, atitudes e comportamentos, além do controle e monitoramento de vícios, estéticas corporais, sexualidade, consumo e saúde.



4. Fonte: <<http://gerovital-online.com/ro/content/15-ana-aslan>>. Acesso em: 14 set. 2016.

Representações sociais de idosos sobre a adaptação em uma instituição de longa permanência

1. A pesquisa cumpriu todas as normas éticas, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob a CAEE 57477416.0.0000.5343.
2. As informações sobre a instituição de longa permanência foram escritas a partir das observações realizadas no local, pois não havia nenhum histórico documentado sobre o local.

Imagens de si, imagens do outro: construção de identidades e alteridade entre idosas

1. Este trabalho é uma versão do terceiro capítulo da dissertação de mestrado apresentada em fevereiro de 2012, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFPB.
2. Doutora em Ciências Sociais – UNICAMP. *E-mail*: <beneditaedina@yahoo.com.br>
3. Doutoranda em Sociologia – PPGS/UFPB. *E-mail*: <katya6@gmail.com>

Ancoragem das representações sociais: o lugar do velho na percepção de estudantes de enfermagem

1. Aqui compreendida, como quer Alves-Mazzotti (2008, p. 24), como a *constituição de uma rede de significações em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais*.

↩

2. Parte de uma pesquisa mais ampla intitulada Significado da Velhice para Acadêmicos da UESC (cursos de Pedagogia, Direito, Engenharia e Enfermagem) cadastrada na PROPP e financiada pela UESC, encerrada em 2015.

↩

3. Processo de separação ou fragmentação dos grupos sociais, sejam em subgrupos ou em novos grupos, pelos motivos mais diversos possíveis.

↩

4. Palavra que vem do latim *educare, educere*, traduzida em sentido literal como “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”.

↩

Representação social e terceira idade: aspectos e (novas) perspectivas

1. População brasileira em 10 de agosto de 2016, às 10h58.

↩

Idosas no contexto da vida cotidiana: como percebem o corpo

1. Vinculadas à Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Santa Cruz (UnATI – UESC), nas seguintes faixas de idades: 32,4% entre 60 e 65 anos, 22,7% entre 66 e 70 anos e 45,5% a partir de 71 anos.
↩
2. Etimologicamente, o termo ‘representação’ provém da forma latina ‘repraesentare’ – ‘fazer presente’ ou ‘apresentar de novo’. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, mesmo uma ideia, por intermédio da presença de um objeto (FALCON, 2000). Já para Jovchelovitch (1997), a noção de ‘representação’ era sinônimo de cópia, de espelho do mundo. Representar era copiar ou reproduzir o social. Essa ideia influenciou, por longo tempo, as ciências sociais e a psicologia, dando a ilusão da coincidência perfeita entre o psíquico e o mundo.
↩
3. Filósofo, professor da Universidade de Lisboa.
↩
4. “É feio, é triste mesmo ver-se uma pessoa obesa, principalmente se se tratar de uma senhora; toca às vezes as raias da repugnância” (apud PRIORE, 2000, p. 75)
↩

Representações da velhice no olhar dos jovens

1. DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999. PY, Ligia. **Velhice nos arredores da morte**: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. MORAGAS, Ricardo Moragas.

Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.



Representações sociais da intergeracionalidade no boi brilho do sesc de são luís/ma

1. No Maranhão, é comum e correto denominar essa forma de manifestação cultural como: boi, bumba boi, bumba, bumba meu boi. Utilizarei aqui todos esses termos, que apenas se encontram em maiúsculas quando compreendem nomes próprios e se referirem a um grupo específico e outros casos semelhantes. Também é correto, como utilizo aqui, para me referir ao bumba meu boi – festa, brincadeira, brincar, expressão cultural, manifestação cultural, folguedo, dança de/do boi.



2. Ludovicense é a denominação de quem nasceu ou reside em São Luís, capital do Maranhão.



3. Boieiros são pessoas que integram o grupo de bumba meu boi e que apreciam essa festa.



4. ABBAGNANO op. cit., p. 21.



5. Esta seção é ilustrada com relatos de idosas, participantes da pesquisa de Doutorado.



6. MEIRELES, op. cit.



7. Na pesquisa de Doutorado na UNITI/UFMA, denominamos os idosos alunos pela letra da Turma a qual pertencem: A1, B2, C5 por exemplo. E os ex-alunos, que agora fazem parte de

associações, denominamos ASO1, ASO2, ASO3 e assim por diante.

8. Neste texto, vou me deter mais ao boi de sotaque de orquestra, mais conhecido como Boi de Orquestra, pela aproximação do Boi Brilho do SESC com esse grupo.
9. “Nome das moscas que voam em torno dos bois nos currais do nordeste, por isso o mesmo nome para as mulheres acompanhantes dos boieiros” (ALBERNAZ, 2010, p. 81).
10. Os outros grupos são: Tambor de Crioula, grupo de Percussão intitulado Percussiva Idade, Banda Sesc Retratos e Canções, Grupo Teatral Pastor do Menino Jesus e Coral Sesc Vozes da Sabedoria.
11. Cofo é um cesto bojudo e de boca estreita confeccionado com uma fibra própria, a embira, e serve para guardar diversos produtos, sendo também usado por pescadores. É chamado também de samburá (FERREIRA, 2008).
12. Ele sugeriu seu próprio nome para constar na pesquisa, além desse, que é como é chamado pelas idosas do grupo, dizendo que gosta de ser chamado assim. Por isso, usei esse.
13. Os nomes das crianças, das adolescentes e das idosas foram trocados para evitar a identificação.
14. É a parte superior da indumentária das índias.
15. Nomes trocados para evitar a identificação.

A representação socioeducativa da velhice precavida

1. Cujá preocupação central é conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais.

